



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA

MARIA DO CARMO SÁ TELES DE ARAÚJO ROLO



APAGAMENTO DAS VOGAIS ÁTONAS FINAIS [ɪ] E [ʊ] EM ÁREAS DA BAHIA E DE MINAS GERAIS: ASPECTOS HISTÓRICOS, GEOSOCIOLINGUÍSTICOS E ACÚSTICOS

Salvador

2016

MARIA DO CARMO SÁ TELES DE ARAÚJO ROLO

**APAGAMENTO DAS VOGAIS ÁTONAS FINAIS [ɪ] E [ʊ] EM ÁREAS DA BAHIA E
DE MINAS GERAIS: ASPECTOS HISTÓRICOS, GEOSOCIOLINGUÍSTICOS E
ACÚSTICOS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia – UFBA, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Língua e Cultura.

Área de concentração: Linguística Histórica

Orientadora: Prof^a Dr^a Jacyra Andrade Mota

Salvador

2016

TERMO DE APROVAÇÃO

MARIA DO CARMO SÁ TELES DE ARAUJO ROLO

**APAGAMENTO DAS VOGAIS ÁTONAS FINAIS [ɪ] E [ʊ] EM ÁREAS DA BAHIA E
DE MINAS GERAIS: ASPECTOS HISTÓRICOS, GEOSOCIOLINGUÍSTICOS E
ACÚSTICOS**

Tese aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, pela seguinte banca examinadora:

Prof^a. Dr^a. Jacyra Andrade Mota – Orientadora _____
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Prof^a. Dr^a. Suzana Alice Marcelino Cardoso _____
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Prof^a. Dr^a. Vera Pacheco _____
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

Prof^a. Dr^a. Cláudia de Souza Cunha _____
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Prof^a. Dr^a. Marcela Moura Torres Paim _____
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Salvador, 27 de julho 2016.

Às

Minhas filhas, Carolina e Gabriela, das quais foram roubados importantes momentos de convivência.

*“Que se fiquem os manuscritos, não importa;
o que, sim, importa, é salvar o que daqui a
pouco já não poderá salvar-se. As tradições
regionais são testemunhos da história de um
país, que devem respeitar-se como qualquer
documento histórico de valor. Daí a
necessidade e, mais do que isso, a urgência da
recolha dos traços culturais que são, a bem
dizer, o retrato de um povo, a sua
personalidade coletiva”.*

(KRÜGER citado por SILVA NETO, 1977. *Manual de Filologia Portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro: Presença. p.77-78)

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela força e coragem para trilhar caminhos novos. Presença fortalecedora em todos os momentos dessa batalha.

Aos meus pais, que me deram a vida e me ensinaram a vivê-la com dignidade.

Ao meu querido Paulo, com quem compartilho minha família, meu tempo escasso, minha vida; agradeço por ser parceiro em todos os momentos desta pesquisa.

Às minhas filhas, Carolina e Gabriela, por compreenderem as ausências impostas pela missão da pesquisa e por tornarem mais suave essa jornada.

À minha irmã, Alcina, ausência sentida, mas que deixou em meu coração sua alegria e incentivo para que eu alcançasse meus objetivos.

À professora Jacyra, por sua orientação precisa e eficiente, pela capacidade de passar conhecimentos de forma esperançosa, pela rigidez metodológica e pelo carinho.

À professora Suzana, pelo incentivo constante e por sempre ter uma palavrinha animadora, fazendo a tese parecer mais leve.

Aos meus informantes que se desviaram de outros afazeres para conversar, transformando suas experiências em um rico material para o benefício da pesquisa.

Aos meus colaboradores Linda, James Jesuíno, Ceíça, Aldilene, Rosane, Ivoneide, Lita, Gilvan e Celeste, pelo apoio na pesquisa de campo.

Ao professor Ático Vilas-Boas da Mota, pela acolhida e por partilhar comigo o seu vasto conhecimento.

À professora Ana Regina, pelo apoio cartográfico e pela motivação constante.

À Claudia Santos de Jesus, pela revisão cuidadosa e por ter me ajudado a desatar muitos nós na construção desse trabalho.

À amiga Ana Luiza, grande incentivadora que me ajudou a levantar nos momentos difíceis desse empreendimento.

À Gilce Almeida, pelo amparo imprescindível no final da tese.

À Profª Drª Vera Pacheco por acreditar em mim e fazer-me crer que é possível fazer fonética acústica, mesmo quando as evidências provam o contrário.

Aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, especialmente a Ricardo Luiz, pela atenção, pela presteza e pela qualidade dispensadas no atendimento sempre que necessário.

Ao Programa CAPES, pelo incentivo financeiro que me possibilitou a realização do estágio doutoral no exterior.

À Banca Examinadora que leu, pacientemente, todas as páginas desta tese.

Ao Professor João Saramago, pela acolhida e disponibilidade amiga em todas as fases da pesquisa no Centro de Linguística, da Universidade de Lisboa.

À Gabriela Vitorino, Luisa Segura e Fernando Brissos pela enorme contribuição que deram a este trabalho.

À Maria Helena Mira Mateus que, tão carinhosamente me acolheu em território português.

A todos os amigos que me acompanharam nessa jornada, os agradecimentos são tantos e tão especiais; a todos o meu abraço ao fim dessa etapa com um profundo sentimento de gratidão.

ROLO, Maria do Carmo Sá Teles de Araujo. **Apagamento das vogais átonas finais [ɪ] e [ʊ] em áreas da Bahia e de Minas Gerais: aspectos históricos, geossociolinguísticos e acústicos.** Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

RESUMO

Esta tese investiga o apagamento das vogais [ɪ] e [ʊ] átonas em finais de vocábulos paroxítonos, por meio de análise da fala, de quatro comunidades, sendo duas delas situadas na parte central da Bahia – Bom Jesus da Lapa e Macaúbas –, e duas situadas no Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais – Almenara e Itaobim. O objetivo da pesquisa é apresentar uma análise geossociolinguística e acústica com vistas a identificar os fatores condicionadores do apagamento tanto no aspecto linguístico, quanto no social e acústico. A análise dos resultados foi feita à luz dos postulados teórico-metodológicos da Dialetoologia Pluridimensional Contemporânea e da Sociolinguística Variacionista (LABOV (2008 [1972])), fazendo-se um estudo fonético-fonológico, correlacionando fatores linguísticos e extralinguísticos que possam condicionar as ocorrências. Os dados coletados foram submetidos à análise quantitativa e qualitativa. Utilizou-se o programa estatístico *Goldvarb 2001* para obtenção dos pesos relativos e percentuais. Contou-se com o suporte de tabelas e gráficos na exposição destes índices, além de representar alguns resultados em cartas linguísticas. Do ponto de vista acústico, fez-se a análise através do *Praat*, com o intuito de examinar se os padrões entonacionais exercem alguma interferência no apagamento. Para implementação da análise quantitativa, foi utilizado um *corpus* formado por 6.901 ocorrências, incluindo presença e ausência da vogal átona final. Dentre essas, 5.288 foram da vogal [ʊ] (77%) e 1.613 da vogal [ɪ] (23%). A amostra analisada é constituída de 32 inquéritos: oito em cada localidade, realizados pela própria pesquisadora. Como variáveis linguísticas, consideram-se as consoantes pré-vocálicas (agrupadas quanto ao modo e à zona de articulação), a vogal da sílaba antecedente, a dimensão do vocábulo e o contexto fonético seguinte. Como variáveis extralinguísticas consideram-se o sexo, a faixa etária, o tipo de questionário e a localidade dos informantes. Os dados revelaram que as consoantes pré-vocálicas fricativas e nasais favorecem o apagamento da vogal [ʊ] e as consoantes oclusivas e laterais favorecem a vogal [ɪ]. A dimensão do vocábulo mostrou-se relevante com vocábulos polissílabos favorecendo a regra para a vogal [ʊ] e trissílabos para a vogal [ɪ]. O contexto fonético seguido de consoante se revelou favorecedor do apagamento tanto para [ʊ] quanto para [ɪ]. Apresentam-se evidências de que está ocorrendo uma mudança em curso nas localidades, com falantes mais velhos apagando mais a vogal átona final. O apagamento ocorre majoritariamente no discurso semidirigido. Há indícios de que Itaobim, em Minas Gerais, é a área em que os falantes realizam mais apagamentos tanto para a vogal [ʊ] quanto para a vogal [ɪ]. Evidencia-se uma maior incidência desse apagamento no ápice da curva melódica ascendente de cada frase fonológica. Esses dados são confrontados com os de Portugal, obtidos através da consulta ao banco de dados do *ALEPG (Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza)*. Os dados de Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim analisados mostram o apagamento das vogais finais na variação dialetal brasileira e levam a crer que esse apagamento é relacionado ao que se observa em Portugal, trazido pelos colonizadores.

Palavras-chave: Dialetoologia. Sociolinguística. Prosódia. Apagamento. Variação fônica.

ROLO, Maria do Carmo Sá Teles de Araujo. **Apagamento das vogais átonas finais [ɪ] e [ʊ] em áreas da Bahia e de Minas Gerais: aspectos históricos, geossociolinguísticos e acústicos.** Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

ABSTRACT

This dissertation investigates the deletion of the unstressed vowels [ɪ] and [ʊ] in the final paroxytone words through speech analysis, from four communities, two of which are located in the central part of Bahia – Bom Jesus da Lapa and Macaúbas – and two others located in the Jequitinhonha Valley in Minas Gerais – Almenara and Itaobim. The objective of the research is to present a geossociolinguistic and acoustic analysis identifying the conditioning factors of deletion processes. The analysis was made in the light of the theoretical-methodological of the Contemporary Multi-dimensional Dialectology and of the Quantitative Sociolinguistics (Labov (2008 [1972])), making it a phonetic-phonological study correlating linguistic and extra-linguistic factors that may affect occurrences. Data were submitted to quantitative and qualitative analysis. We used the statistical program *Goldvarb 2001* to obtain the relative and percentage weights. We have developed tables and charts in the exposition of these rates, as well as representing some results in linguistic maps. From the acoustic point of view, the *Praat* mode of analysis was used in order to observe whether the phrasal accent would or would not favor deletion. In the quantitative analysis, we used a *corpus* formed by 6.901 occurrences, including the presence and absence of unstressed final vowel. Among these, 5.288 were of the vowel [ʊ] (77%) and 1.613 of the vowel [ɪ] (23%). The analyzed sample consists of 32 surveys: eight in each locality, conducted by the researcher herself. As linguistic variables, considered as prevocalic consonant (grouped as to the mode and the articulation zone), the preceding vowel of the syllable, dimension of the word and the size of the next phonetic context. The extralinguistic variables we considered relate to the sex, age, type of questionnaire and the geographical location of informants. The data revealed that the fricatives and nasal prevocalic consonants favor the deletion of the vowel [ʊ] and stop consonants and lateral consonants favor the vowel [ɪ]. The size of the word seemed to be relevant with polysyllables words favoring the rule for the vowel [ʊ] and trisyllable to the [ɪ] vowel. The phonetic context followed by a consonant revealed favoring the deletion for both [ʊ] as to [ɪ]. There is evidence that a change is taking place in certain locations with older speakers erasing more unstressed final vowels. The deletion occurs mostly in a less monitored speech. There are indications that Itaobim, in Minas Gerais, is the area in which speakers perform more deletions of both the vowel [ʊ] and [ɪ] vowel. There is evidence of a higher incidence of the deletion of vowels at the peak of the ascending melodic curve of each phonological phrase. This data were compared with that of Portugal, by consulting the *ALEPG (The Linguistic-Ethnographic Atlas of Portugal and of Galiza)* database. The data of Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara and Itaobim shows the deletion of the final vowels in Brazilian dialectal variation and they suggest that this deletion is related to what is observed in Portugal, brought by the colonizers.

Keywords: Dialectology. Sociolinguistics. Vowel deletion. Phonic variation.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Caracterização articulatória das vogais tônicas no português do Brasil	60
Quadro 2	Vogais pretônicas no português do Brasil	62
Quadro 3	Vogais postônicas não-finais no português do Brasil	63
Quadro 4	Vogais postônicas finais no português do Brasil	64
Quadro 5	Sistema das vogais orais no português europeu	69
Quadro 6	Ocorrências de apagamento em localidades do APFB	128
Quadro 7	Ocorrências de apagamento em localidades do ALS	133
Quadro 8	Ocorrências de apagamento em localidades do ALERS	135
Quadro 9	Ocorrências de apagamento em localidades do ALECE	139
Quadro 10	Ocorrências de apagamento no português do século XIX	141
Quadro 11	Ocorrências de apagamento em regiões de Portugal no ALPI	153
Quadro 12	Ocorrências de apagamento em localidades do ALLP	154
Quadro 13	Ocorrências de apagamento em localidades do ALEAç	157
Quadro 14	Distribuição das formas padrão e não-padrão da variante micaelense	168
Quadro 15	Ocorrências de apagamento da vogal final [u] no banco de dados do ALEPG, em regiões de Portugal Continental e Insular	179
Quadro 16	Ocorrências de apagamento da vogal final [i] no banco de dados do ALEPG, em regiões de Portugal Continental e Insular	183
Quadro 17	Estratificação da amostra em Bom Jesus da Lapa	192
Quadro 18	Estratificação da amostra em Macaúbas	193
Quadro 19	Estratificação da amostra em Almenara	193
Quadro 20	Estratificação da amostra em Itaobim	193
Quadro 21	A variável dependente	207

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Representação da organização hierárquica de consoantes e vogais, segundo a Teoria Autossegmental	74
Figura 2	Representação arbórea dos contínuos da hierarquia prosódica	77
Figura 3	Mapa do Parque Nacional da Chapada Diamantina – BA	98
Figura 4	Mapa de parte do Vale do Jequitinhonha – MG	103
Figura 5	Localização de Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim	106
Figura 6	Santuário do Bom Jesus da Lapa – BA	107
Figura 7	Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Macaúbas – BA	110
Figura 8	Vista parcial do povoado de Beco	112
Figura 9	Catedral de São João Batista, Almenara – MG	116
Figura 10	Entrada principal da cidade de Itaobim – MG	118
Figura 11	Localidades em que o APFB documenta o apagamento de [ɪ] e de [ʊ] finais	127
Figura 12	Localidades em que o EALMG documenta o apagamento de [ɪ] e de [ʊ] finais	130
Figura 13	Localidades em que o ALS documenta o apagamento de [ɪ] e de [ʊ] finais	131
Figura 14	Localidades em que o ALERS documenta o apagamento de [ɪ] e de [ʊ] finais	134
Figura 15	Localidades em que o ALECE documenta o apagamento de [ɪ] e de [ʊ] finais	138
Figura 16	Áreas em que os atlas linguísticos e os estudos documentam o apagamento de [ɪ] e de [ʊ] finais, em Portugal Continental e Insular	151
Figura 17	Rede de pontos do ALEPG em território continental e insular	173
Figura 18	Área de conservação de [ɪ] final inacentuado, segundo dados de Segura da Cruz (1987)	181
Figura 19	Carta com a distribuição diatópica do apagamento das vogais finais átonas [ɪ] e [ʊ], em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim	225

Figura 20	Carta com a distribuição diatópica do apagamento da vogal átona final [u], em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim	243
Figura 21	Carta com a distribuição diatópica e diageracional do apagamento da vogal átona final [u], em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim	247
Figura 22	Carta com a distribuição diatópica do apagamento da vogal átona final [u] e o tipo de questionário, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim	250
Figura 23	Carta com a distribuição diatópica do apagamento da vogal átona final [i], em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim	267
Figura 24	Carta com a distribuição diatópica e diageracional do apagamento da vogal átona final [i], em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim	271
Figura 25	Carta com a distribuição diatópica do apagamento da vogal átona final [i] e o tipo de questionário, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim	274
Figura 26	Espectrograma da palavra <i>caroço</i> [ka'rosu] (Itaobim, inf. fem., f. 2)	287
Figura 27	Espectrograma da palavra <i>caroço</i> [ka'ros] (Itaobim, inf. masc., f. 2)	287
Figura 28	Espectrograma da frase “começa <i>brincano</i> [brĩ'kã̃] termina <i>brigano</i> [bri'gã̃]” (Itaobim, inf. fem., f. 2)	288
Figura 29	Espectrograma da palavra <i>nove</i> [ˈnɔvi] (Itaobim, inf. masc., f. 2)	289
Figura 30	Espectrograma da palavra <i>nove</i> [ˈnɔv] (Itaobim, inf. fem., f. 2)	290
Figura 31	Espectrograma da frase “ <i>Es come</i> [ˈkõm] <i>bem</i> ” (Itaobim, inf. fem., f. 2)	291
Figura 32	Espectrograma de “ <i>Em Belo Horizonte</i> [belɔri'zõt] (Itaobim, inf. fem., f. 2)	291
Figura 33	Espectrograma de “ <i>Gontijo</i> [gõt'iʒ]” (Itaobim, inf. masc., f. 2)	292

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Distribuição da presença/ausência de [ɪ] e [ʊ] finais no <i>corpus</i> a partir do banco de dados do ALEPG	184
Tabela 2	Apagamento das vogais átonas finais [ɪ] e [ʊ], em função da consoante pré-vocálica quanto ao modo de articulação, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim	221
Tabela 3	Distribuição das ocorrências de [ɪ] e [ʊ] finais no <i>corpus</i>	222
Tabela 4	Distribuição da presença/ausência de [ɪ] e [ʊ] finais no <i>corpus</i>	222
Tabela 5	Distribuição do apagamento das vogais finais [ɪ] e [ʊ] por localidade na Bahia e em Minas Gerais	223
Tabela 6	Distribuição do apagamento da vogal átona final [ʊ] por localidade na Bahia e em Minas Gerais	227
Tabela 7	Apagamento da vogal átona final [ʊ], em função da consoante pré-vocálica quanto ao modo de articulação, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim	230
Tabela 8	Apagamento da vogal átona final [ʊ], em função da dimensão do vocábulo, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim	232
Tabela 9	Apagamento da vogal átona final [ʊ], em função do contexto fonético seguinte, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim	233
Tabela 10	Apagamento da vogal átona final [ʊ], em função da consoante pré-vocálica, quanto à zona de articulação, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim	235
Tabela 11	Apagamento da vogal átona final [ʊ], em função da vogal da sílaba antecedente, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim	237
Tabela 12	Apagamento da vogal átona final [ʊ], em função da faixa etária, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim	239
Tabela 13	Apagamento da vogal átona final [ʊ], em função do tipo de questionário, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim	240
Tabela 14	Apagamento da vogal átona final [ʊ], em função das localidades	242
Tabela 15	Apagamento da vogal átona final [ʊ], em função da diatopia e do sexo, em	244

Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim

Tabela 16	Apagamento da vogal átona final [u], em função da diatopia e da faixa etária, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim	245
Tabela 17	Apagamento da vogal átona final [u], em função da diatopia e do tipo de questionário, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim	248
Tabela 18	Distribuição do apagamento da vogal átona final [ɪ] por localidade	253
Tabela 19	Apagamento da vogal átona final [ɪ], em função da consoante pré-vocálica, quanto ao modo de articulação, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim	256
Tabela 20	Apagamento da vogal átona final [ɪ], em função da vogal da sílaba antecedente, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim	258
Tabela 21	Apagamento da vogal átona final [ɪ], em função da consoante pré-vocálica, quanto à zona de articulação, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim	260
Tabela 22	Apagamento da vogal átona final [ɪ], em função do contexto fonético seguinte, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim	261
Tabela 23	Apagamento da vogal átona final [ɪ], em função da dimensão do vocábulo, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim	262
Tabela 24	Apagamento da vogal átona final [ɪ], em função da faixa etária, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim	264
Tabela 25	Apagamento da vogal átona final [ɪ], em função das localidades	265
Tabela 26	Apagamento da vogal átona final [ɪ], em função da diatopia e do sexo, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim	268
Tabela 27	Apagamento da vogal átona final [ɪ], em função da diatopia e da faixa etária, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim	270
Tabela 28	Apagamento da vogal átona final [ɪ], em função da diatopia e do tipo de questionário, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim	272

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Apagamento da vogal átona final [ʊ], em função da consoante pré-vocálica quanto ao modo de articulação, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim	231
Gráfico 2	Apagamento da vogal átona final [ʊ], em função da dimensão do vocábulo, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim	233
Gráfico 3	Apagamento da vogal átona final [ʊ], em função do contexto fonético seguinte, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim	234
Gráfico 4	Apagamento da vogal átona final [ʊ], em função da consoante pré-vocálica quanto à zona de articulação, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim	236
Gráfico 5	Apagamento da vogal átona final [ʊ], em função da vogal da sílaba antecedente, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim	238
Gráfico 6	Apagamento da vogal átona final [ʊ], em função da faixa etária, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim	239
Gráfico 7	Apagamento da vogal átona final [ʊ], em função do tipo de questionário, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim	241
Gráfico 8	Apagamento da vogal átona final [ʊ], em função da diatopia e do sexo, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim	245
Gráfico 9	Apagamento da vogal átona final [ɪ], em função da consoante pré-vocálica quanto ao modo de articulação, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim	257
Gráfico 10	Apagamento da vogal átona final [ɪ], em função da vogal da sílaba antecedente, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim	259
Gráfico 11	Apagamento da vogal átona final [ɪ], em função da consoante pré-vocálica quanto à zona de articulação, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim	260
Gráfico 12	Apagamento da vogal átona final [ɪ], em função do contexto fonético seguinte, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim	262
Gráfico 13	Apagamento da vogal átona final [ɪ], em função da dimensão do	263

	<p>vocábulo, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim</p> <p>Gráfico 14 Apagamento da vogal átona final [ɪ], em função da faixa etária em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim</p> <p>Gráfico 15 Apagamento da vogal átona final [ɪ], em função da diatopia e do sexo, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim</p> <p>Gráfico 16 Curva de F₀ em contexto de apagamento: [brĩ'kẽn] [bri'gẽn]</p> <p>Gráfico 17 Curva de F₀ em contexto de apagamento: [brĩ'kẽn]</p> <p>Gráfico 18 Curva de F₀ em contexto de apagamento [bri'gẽn]</p> <p>Gráfico 19 Curva de F₀ em contexto de apagamento: [ʒɛ'rawdu] [gõ't'iʒ]</p> <p>Gráfico 20 Curva de F₀ em contexto de não-ocorrência de apagamento: [ʒɛ'rawdu]</p> <p>Gráfico 21 Curva de F₀ em contexto de apagamento: [gõ't'iʒ]</p> <p>Gráfico 22 Elevação da curva de F₀ em contexto de apagamento: [ĩ'kɔst] lá</p> <p>Gráfico 23 Curva de F₀ em contexto de apagamento: [,bɛlɔri'zõt]</p>	<p>265</p> <p>269</p> <p>294</p> <p>295</p> <p>295</p> <p>296</p> <p>297</p> <p>297</p> <p>298</p> <p>299</p>
--	---	---

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADDU	Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay
AIS	Atlas Ítalo Suízo
ALE	Atlas Linguarum Europae
ALEAç	Atlas Lingüístico-Etnográfico dos Açores
ALEPG	Atlas Lingüístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza
ALERS	Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil
ALECE	Atlas Lingüístico do Estado do Ceará
ALF	Atlas Linguistique de La France
ALiB	Atlas Lingüístico do Brasil
ALIR	Atlas Linguistique Roman
ALS	Atlas Lingüístico de Sergipe
ALS II	Atlas Lingüístico de Sergipe II
ALISPA	Atlas Lingüístico Sonoro do Pará
ALLP	Atlas Lingüístico do Litoral Português
ALPb	Atlas Lingüístico da Paraíba
ALPI	Atlas Lingüístico de la Península Ibérica
ALPR	Atlas Lingüístico do Paraná
APFB	Atlas Prévio dos Falares Baianos
EALMG	Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INF.	Informante
INQ.	Inquiridor
IPA	International Phonetic Alphabet
LANE	Linguistic Atlas of New England
QFF	Questionário Fonético-Fonológico
QSL	Questionário Semântico-Lexical
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
VARBRUL	Variable Rules (Regras variáveis)
VARISUL	Varição Lingüística Urbana do Sul do País

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	23
1	REFERENCIAL TEÓRICO	30
1.1	A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA	30
1.1.1	Variável dependente	32
1.1.2	Variáveis independentes	32
1.1.2.1	<i>Fatores linguísticos</i>	33
1.1.2.2	<i>Fatores extralinguísticos</i>	33
1.1.2.2.1	Variável sexo	34
1.1.2.2.2	Variável idade	37
1.1.2.2.3	Variável nível de instrução	38
1.1.2.2.4	Variável diatópica	39
1.1.3	Variação e mudança	40
1.2	A DIALETOLOGIA	49
1.2.1	Dialetologia e Sociolinguística: diálogos possíveis	52
1.2.2	A dialetologia no Brasil	55
1.3	DESCRIÇÃO DAS VOGAIS ÁTONAS NO PORTUGUÊS DO BRASIL E NO PORTUGUÊS DE PORTUGAL	59
1.3.1	As vogais no português do Brasil	59
1.3.1.1	<i>Posição tônica</i>	60
1.3.1.2	<i>Posição átona</i>	61
1.3.1.2.1	Posição átona pretônica	61
1.3.1.2.2	Posição átona postônica não-final	63
1.3.1.2.3	Posição átona postônica final	63
1.3.2	As vogais inacentuadas do português de Portugal	66
1.4	TEORIAS: MODELOS PARA ANÁLISE DAS VOGAIS	70
1.4.1	O estruturalismo	70
1.4.2	Fonologia Autossegmental	72
1.4.3	Fonologia Prosódica	75
1.5	ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	79
2	ASPECTOS HISTÓRICOS DO PORTUGUÊS DO BRASIL	81
2.1	A FORMAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DO PORTUGUÊS DO	81

	BRASIL	
2.1.1	A imigração no final do século XIX e início do século XX	87
2.1.2	Os açorianos na formação sócio-histórica do português do Brasil	90
2.1.2.1	<i>Algumas marcas linguísticas dos Açores no português do Brasil</i>	93
2.2	ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	95
3	LOCALIDADES: ASPECTOS HISTÓRICOS DO POVOAMENTO	96
3.1	CONTEXTUALIZAÇÃO DAS LOCALIDADES	96
3.1.1	Chapada Diamantina	98
3.1.2	O Vale do Jequitinhonha	103
3.2	AS LOCALIDADES SELECIONADAS	106
3.2.1	Bom Jesus da Lapa	107
3.2.2	Macaúbas	110
3.2.3.	O povoado de Beco	112
3.2.4.	Almenara	116
3.2.5	Itaobim	118
3.3	ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	120
4	UM BREVE OLHAR SOBRE O APAGAMENTO DE VOGAIS FINAIS EM ÁREAS DO BRASIL E DE PORTUGAL	121
4.1	APAGAMENTO: CARACTERIZAÇÃO DO FENÔMENO	121
4.2	APAGAMENTO DAS VOGAIS ÁTONAS FINAIS [ɪ] E [ʊ] NO PERÍODO ARCAICO DO PORTUGUÊS	123
4.3	APAGAMENTO DAS VOGAIS ÁTONAS FINAIS [ɪ] E [ʊ] NO PORTUGUÊS DO BRASIL	125
4.3.1	Registro de apagamento das vogais átonas finais [ɪ] e [ʊ] nos atlas linguísticos brasileiros	125
4.3.1.1	<i>No Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)</i>	127
4.3.1.2	<i>No Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais (EALMG)</i>	129
4.3.1.3	<i>No Atlas Linguístico de Sergipe (ALS)</i>	131
4.3.1.4	<i>No Atlas Lingüístico Etnográfico da Região Sul (ALERS)</i>	134
4.3.1.5	<i>No Atlas Lingüístico de Sergipe II</i>	136
4.3.1.6	<i>No Atlas Linguístico do Estado do Ceará (ALECE)</i>	138
4.3.1.7	<i>Apagamento das vogais átonas finais [ɪ] e [ʊ] no Brasil:</i>	140

considerações sobre os atlas regionais

4.3.2	Apagamento das vogais átonas finais [ɪ] e [ʊ] no Brasil: análises de outros corpora	141
4.3.2.1	O apagamento das vogais átonas finais [ɪ] e [ʊ] no Brasil no século XIX em documentos escritos	141
4.3.2.2	O apagamento das vogais átonas finais [ɪ] e [ʊ] no Brasil: alguns registros a partir de dados de fala espontânea	142
4.3.2.2.1	Pagel (1993) – Região Sul	142
4.3.2.2.2	Correa (1998) – Dialeto Mineiro	144
4.3.2.2.3	Oliveira, A. J. (2006) – Minas Gerais	145
4.3.2.2.4	Oliveira (2012) – Minas Gerais	146
4.3.2.2.5	Rolo (2010) – Bahia	148
4.4	APAGAMENTO DAS VOGAIS ÁTONAS FINAIS [ɪ] E [ʊ] NO ESPAÇO DIALETAL PORTUGUÊS	150
4.4.1	Registro de apagamento das vogais átonas finais [ɪ] e [ʊ] nos atlas linguísticos portugueses	152
4.4.1.1	<i>No Atlas Linguístico de la Península Ibérica (ALPI)</i>	152
4.4.1.2	<i>No Atlas Linguístico do Litoral Português (ALLP)</i>	154
4.4.1.3	<i>No Atlas Linguístico-Etnográfico dos Açores (ALEAç)</i>	155
4.4.2	Apagamento das vogais átonas finais [ɪ] e [ʊ] em Portugal: análises de outros corpora	157
4.4.2.1	<i>Apagamento das vogais átonas finais [ɪ] e [ʊ] em Portugal a partir de dados do continente</i>	157
4.4.2.1.1	Carrancho (1969)	158
4.4.2.1.2	Lindley Cintra (1983 [1971])	159
4.4.2.1.3	Maia (1975)	160
4.4.2.1.4	Segura da Cruz (1987)	161
4.4.2.1.5	Ferreira et al. (1996)	162
4.4.2.1.6	Segura da Cruz e Saramago (2001)	162
4.4.2.1.7	Brissos (2012)	163
4.4.2.2	<i>Apagamento das vogais átonas finais [ɪ] e [ʊ] em Portugal a partir de dados das ilhas</i>	164

4.4.2.2.1	Medeiros (1964)	165
4.4.2.2.2	Bernardo (1991)	166
4.4.2.2.3	Ferreira et al. (1996)	167
4.4.2.2.4	Silva (1998, 2007)	167
4.4.2.2.5	Bernardo (2003)	169
4.4.2.3	<i>Banco de dados do ALEGP: continente e ilhas (ROLO, 2015)</i>	170
4.4.2.3.1	Projeto <i>Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG)</i>	171
4.4.2.3.2	O apagamento das vogais átonas finais [i] e [u] nos dados do ALEPG	175
4.4.2.3.2.1	<u>Breves considerações sobre a vogal átona final [u]</u>	178
4.4.2.3.2.2	<u>Breves considerações sobre a vogal átona final [i]</u>	181
4.4.2.3.3	Apagamento das vogais átonas finais [i] e [u]: o que dizem os dados do ALEPG	184
4.5	CONFRONTO DE DADOS: O APAGAMENTO DAS VOGAIS ÁTONAS FINAIS [i] E [u] NO PORTUGUÊS DO BRASIL ESTARIA RELACIONADO AO QUE SE OBSERVA AO SUL DE PORTUGAL E NOS AÇORES?	185
4.6	ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	186
5	METODOLOGIA	187
5.1	<i>CORPUS</i> PARA A ANÁLISE GEOSOCIOLINGUÍSTICA	187
5.2	AS ENTREVISTAS	188
5.3	OS QUESTIONÁRIOS	190
5.4	OS INFORMANTES	191
5.4.1	Os informantes em Bom Jesus da Lapa	194
5.4.2	Os informantes em Macaúbas	196
5.4.3	Os informantes em Almenara	198
5.4.4	Os informantes em Itaobim	200
5.5	A CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i>	202
5.5.1	A realização dos inquéritos	202
5.5.2	A transcrição dos inquéritos	203
5.5.3	O levantamento dos dados	205

5.6	AS VARIÁVEIS	206
5.6.1	A variável dependente	206
5.6.2	As variáveis independentes	207
5.6.2.1	<i>Variáveis linguísticas</i>	207
5.6.2.2	<i>Variáveis sociais</i>	212
5.6.2.3	<i>Variáveis discursivas</i>	213
5.6.2.4	<i>Variáveis geolinguísticas</i>	214
5.7	O SUPORTE QUANTITATIVO	214
5.8	CODIFICAÇÃO DOS DADOS	216
5.9	CORPUS PARA A ANÁLISE ACÚSTICA	217
5.9.1	Aspectos teórico-metodológicos	217
5.9.2	A amostra selecionada	218
6	ANÁLISE GEOSOCIOLINGUÍSTICA DOS DADOS	220
6.1	DESCRIÇÃO E APRESENTAÇÃO GERAL DOS DADOS	222
6.1.1	Apagamento da vogal átona final [ʊ] em localidades da Bahia e de Minas Gerais	226
6.1.1.1	<i>Variáveis linguísticas selecionadas pelo Goldvarb 2001</i>	229
6.1.1.1.1	Consoante pré-vocálica quanto ao modo de articulação	230
6.1.1.1.2	Dimensão do vocábulo	232
6.1.1.1.3	Contexto fonético seguinte	233
6.1.1.1.4	Consoante pré-vocálica quanto à zona de articulação	234
6.1.1.1.5	Vogal/semivogal da sílaba antecedente	237
6.1.1.2	<i>Variáveis extralinguísticas selecionadas pelo Goldvarb 2001</i>	238
6.1.1.2.1	Faixa etária do informante	238
6.1.1.2.2	Tipo de questionário	240
6.1.1.2.3	Diatopia	242
6.1.1.2.4	Diatopia e sexo do informante	244
6.1.1.2.5	Diatopia e faixa etária do informante	245
6.1.1.2.6	Diatopia e tipo de questionário	248
6.1.1.3	<i>Algumas considerações – vogal átona final [ʊ] em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim</i>	251
6.1.2	Apagamento da vogal átona final [ɪ] em localidades da Bahia e de Minas Gerais	252

6.1.2.1	<i>Variáveis linguísticas selecionadas pelo Goldvarb 2001</i>	255
6.1.2.1.1	Consoante pré-vocálica quanto ao modo de articulação	255
6.1.2.1.2	Vogal/semivogal da sílaba antecedente	257
6.1.2.1.3	Consoante pré-vocálica quanto à zona de articulação	259
6.1.2.1.4	Contexto fonético seguinte	261
6.1.2.1.5	Dimensão do vocábulo	262
6.1.2.2	<i>Variáveis extralinguísticas selecionadas pelo Goldvarb 2001</i>	263
6.1.2.2.1	Faixa etária do informante	264
6.1.2.2.2	Diatopia	265
6.1.2.2.3	Diatopia e sexo do informante	268
6.1.2.2.4	Diatopia e faixa etária do informante	270
6.1.2.2.5	Diatopia e tipo de questionário	272
6.1.2.3	<i>Algumas considerações sobre o apagamento da vogal átona final [ɪ] em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim</i>	275
6.2	APAGAMENTO DAS VOGAIS ÁTONAS FINAIS [ɪ] E [ʊ] EM BOM JESUS DA LAPA E MACAÚBAS (BA), ALMENARA E ITAOBIM (MG): CONFRONTANDO RESULTADOS COM OS DA LOCALIDADE RURAL DE BECO (BA)	276
6.2.1	Apagamento da vogal átona final [ʊ]: confrontando os dados obtidos da análise na Bahia e em Minas Gerais com os do povoado de Beco (ROLO, 2010)	277
6.2.2	Apagamento da vogal átona final [ɪ]: confrontando os dados obtidos da análise na Bahia e em Minas Gerais com os do povoado de Beco (ROLO, 2010)	281
7	ANÁLISE ACÚSTICA DOS DADOS	286
7.1	CARACTERIZAÇÃO ACÚSTICA DA VARIÁVEL: ANÁLISE ESPECTROGRÁFICA	286
7.1.1	Presença e ausência da vogal átona final [ʊ]: análise espectrográfica	286
7.1.2	Presença e ausência da vogal átona final [ɪ]: análise espectrográfica	289
7.2	A CURVA ENTOACIONAL EM CONTEXTOS DE	292

	APAGAMENTO DAS VOGAIS ÁTONAS FINAIS [i] E [u]	
7.3	ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	299
8	APAGAMENTO DAS VOGAIS ÁTONAS FINAIS [i] E [u]:	
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	301
	REFERÊNCIAS	308
	APÊNDICE A – FICHA SOCIAL DO INFORMANTE	318
	APÊNDICE B – AUTORIZAÇÃO DO INFORMANTE	320
	APÊNDICE C – ROTEIRO PARA ENTREVISTAS: QFF	321
	APÊNDICE D – ROTEIRO PARA ENTREVISTAS: TEMAS	328
	APÊNDICE E – ALGUMAS TRANSCRIÇÕES: QFF DE BOM JESUS DA LAPA	329
	APÊNDICE F – ALGUMAS TRANSCRIÇÕES: TEMAS DE MACAÚBAS	330
	APÊNDICE G – ALGUMAS TRANSCRIÇÕES: QFF DE ALMENARA	331
	APÊNDICE H – ALGUMAS TRANSCRIÇÕES: TEMAS DE ITAOBIM	332
	APÊNDICE I – CHAVE DE CODIFICAÇÃO DO GRUPO DE FATORES	333

INTRODUÇÃO

O apagamento de vogais em final de vocábulos é um processo antigo na língua portuguesa e encontra-se documentado desde o latim (*amare*>amar) até a atualidade (povo ~ ['pov]). Esse fenômeno em posição final de sílaba é um processo relativamente pouco estudado na variação linguística do português do Brasil, embora existam estudos como os de Oliveira A. J. (2006, 2012), Viegas e Oliveira (2008) e Rolo (2010) que tratam do assunto. O apagamento em foco, no presente estudo, ocorre em sílaba átona postônica final, especificamente com as vogais [i] e [u], diante de consoante “Cachorro [ka'ʃox] quente ['kễt] com suco ['suk] que eles gosta” ou pausa “Caroço [ka'ros]” e “Bifi ['bif]”.

O estudo aqui proposto pretende dar continuidade ao tema já desenvolvido na dissertação de Mestrado, que investigou duas localidades da Bahia: o povoado de Beco e a cidade de Seabra. O desenvolvimento desse tema relaciona-se ao conhecimento da existência do fenômeno de apagamento em grandes proporções na localidade de Beco, registrada majoritariamente com 77% de ocorrências, o que justificou a investigação para observar os motivos que condicionam as ocorrências. Esse povoado é marcado pelo fato de “engolir” a vogal final das palavras e, por isso, estigmatizado linguisticamente e socialmente. A localidade de Seabra, ponto de rede do ALiB, nº 89, com apenas 3% de ocorrências, não se revelou como área de apagamento.

Por ser natural da área, essa particularidade linguística de Beco despertou-me um grande interesse que resultou na dissertação de mestrado intitulada, *A apócope das vogais átonas finais em duas localidades do Centro-Sul Baiano: Beco e Seabra* (ROLO, 2010). Nesse estudo, dentre as motivações mais produtivas para o fenômeno, encontram-se, no campo fonético, a incidência de algumas das consoantes pré-vocálicas como favorecedoras do apagamento e, do ponto de vista social, a faixa 2, portanto, os falantes mais velhos. A partir daí, surgiu a necessidade de se ampliar o campo de estudo, estendendo a outras áreas da Bahia, de Minas Gerais e até de Portugal, tornando, assim, pertinente conhecer e descrever os fatores que a condicionam.

Na concepção sociolinguística, a língua como fenômeno social está intimamente relacionada a atitudes sociais dos falantes dentro de uma comunidade. Os indivíduos são socialmente diversificados, tanto em função dos vários papéis sociais que a sociedade lhes impõe quanto nas expectativas de padrões de comportamento que são criados para cada um

deles, indicando que a língua falada, de um modo geral, é heterogênea e diversificada, posto que o sistema linguístico da fala se configura como um sistema de possibilidades.

Tendo em vista as contribuições que os estudos dialetais e sociolinguísticos podem proporcionar ao conhecimento da língua portuguesa falada no país, focaliza-se, neste trabalho, à luz da Dialectologia Pluridimensional e da Teoria Variacionista (LABOV, 2008 [1972]), uma análise da variação na sílaba final átona de quatro localidades, sendo duas baianas – uma situada na Chapada Diamantina (Macaúbas) e outra no Vale do São Francisco (Bom Jesus da Lapa); e duas mineiras, situadas no Vale do Jequitinhonha (Almenara e Itaobim). O aspecto investigado no presente estudo refere-se apagamento das vogais átonas finais [ɪ] e [u] em vocábulos paroxítonos, na realização de falantes das localidades explicitadas. Estudar a história linguística dessas comunidades significa contribuir com a pesquisa linguística do português do Brasil.

É relevante destacar que a área mais central do Estado da Bahia, onde se encontra o Parque Nacional da Chapada Diamantina, tem sua história ligada ao ciclo do ouro e do diamante. A sua ocupação está associada à expansão territorial promovida pela Coroa Portuguesa em busca de metais e pedras preciosas. Bandeira (2013) registra que a notícia do aparecimento das jazidas espalhou-se de tal modo que atraía gente de todas as procedências que atravessavam o São Francisco adentro ou a Serra do Espinhaço, buscando caminhos mais curtos até as lavras recém-descobertas. Além da busca de metais preciosos, os primórdios de ocupação da Chapada Diamantina vinculam-se também à extensão dos currais da Bahia também denominados currais de São Francisco.

Conforme se observa em Antunes (2013), a formação histórica do Vale do Jequitinhonha está associada à corrida do ouro no século XVII, desencadeada por desbravadores baianos e paulistas. O Vale do Jequitinhonha tem o início do seu povoamento ligado ao ciclo das bandeiras, dando origem à fase do ouro e se consolida no século XVIII com o ciclo do diamante. A partir daí, atrai grandes deslocamentos da população para a região em função da procura desenfreada pelo metal precioso. Além disso, há o desenvolvimento da pecuária de modo extensivo nos Vales do Jequitinhonha e do São Francisco.

É possível observar que a história do povoamento da Chapada Diamantina não foge à formação histórica de Minas Gerais com a exploração de recursos naturais e o deslocamento de rebanhos em que se via o gado curraleiro.

Sendo assim, este trabalho se propõe ampliar a investigação linguística do espaço geográfico, iniciado na dissertação de mestrado, por outras áreas cujas histórias de

povoamento estivessem ligadas pelas mesmas razões e motivações históricas. Selecionaram-se duas localidades da Bahia (Bom Jesus da Lapa e Macaúbas) e duas de Minas Gerais (Almenara e Itaobim), com o intuito de verificar se o fenômeno do apagamento observado em Beco estaria ocorrendo em outras áreas baianas e em áreas mineiras, uma vez que o povoamento dessa região contou com a presença de grande número de aventureiros mineiros que se dirigiram para a Chapada em busca do diamante e trouxeram não só a coragem e a determinação, mas também o seu modo de falar.

As localidades da Bahia e de Minas Gerais foram escolhidas por serem rotas das tropas na época do Garimpo, por estarem inseridas nos veios diamantíferos por onde circulavam as riquezas naturais, por estarem em sintonia com os currais de gado que atravessavam os sertões da Bahia rumo ao gerais e por compartilharem a mesma história impregnada de passagens ligadas à exploração de riquezas, ao povoamento do território por colonizadores portugueses e à propagação da língua.

Por se tratar de áreas em que algumas pesquisas e os próprios atlas linguísticos regionais, *Esboço de Atlas Lingüístico de Minas Gerais* (RIBEIRO et al., 1977) e *Atlas Prévios dos falares Baianos* (ROSSI, 1963), assinalam casos de redução e apagamento da vogal final, espera-se que o estudo desses registros possa ajudar na compreensão e descrição das tendências atuais de fala nas localidades. A opção por estudar o apagamento de vogais em posição átona final na linha variacionista justifica-se pela constatação de que, nessas áreas, está ocorrendo o desaparecimento das vogais átonas finais [ɪ] e [ʊ], tornando, assim, pertinente conhecer e descrever os fatores que os condicionam.

Câmara Jr. (2004 [1970]) descreve o sistema vocálico brasileiro como um sistema triangular, formado por sete vogais tônicas e cinco átonas. Quanto às átonas, há um sistema de três vogais em posição final de vocábulo – as duas altas /i/ e /u/ e a baixa /a/ e um sistema de cinco elementos em posição não-acentuada não-final, em que as vogais altas e a baixa estão presentes, mas em que a oposição entre as médias, tanto as anteriores quanto as posteriores, se neutralizam, decorrendo daí realizações fonéticas variáveis.

Câmara Jr. (2008 [1953]) ressalta que a posição átona final torna a articulação diferente da átona pretônica e que os sons vocálicos classificados como surdos ou reduzidos são consequência da posição átona da vogal. Nessa posição, o autor afirma que “as sílabas finais átonas são as mais débeis, em vocábulos de acento tônico na penúltima sílaba, ditos paroxítonos” (CÂMARA JR., 2008 [1953], p. 47). Essa debilidade máxima da sílaba átona final provoca o seu enfraquecimento, a sua redução e até a sua queda em decorrência da

variação dialetal. Nas comunidades baianas (Bom Jesus da Lapa e Macaúbas) e mineiras (Almenara e Itaobim), observa-se uma forte tendência ao desaparecimento da vogal átona em final de palavras paroxítonas.

O presente estudo teve como objetivo principal verificar a presença ou ausência das vogais altas finais [i] e [u] na realização da fala de quatro localidades: Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim, bem como definir as condições que favorecem ou restringem o apagamento.

A esse objetivo, juntam-se outros mais específicos, quais sejam: a) fazer um levantamento da forma como vem ocorrendo o apagamento do segmento fonético na última sílaba das palavras; b) traçar um quadro comparativo do apagamento nas localidades analisadas; c) definir as condições que favorecem ou restringem a variação; d) discutir a relação entre variação e mudança, abordando a relação existente entre fatores internos e externos; e) confrontar a relação Brasil e Portugal com vistas a observar apagamento das vogais átonas finais nos dois países; f) por último, acrescenta-se um objetivo inovador no panorama dos estudos geossociolinguísticos que é fazer uma análise acústica dos dados com o intuito de verificar se os padrões entoacionais exercem alguma influência no apagamento das vogais.

Com o desenvolvimento deste trabalho, pretende-se dar resposta a algumas questões: a) tendo em vista a debilidade da vogal átona final, a variação documentada na fala de habitantes do Centro-Sul Baiano (ROLO, 2010) ocorre em outras áreas da Bahia (Bom Jesus da Lapa e Macaúbas) e em áreas de Minas Gerais, especificamente Almenara e Itaobim? b) com que extensão e frequência esse fato ocorre nas localidades? c) que contextos – linguísticos e extralinguísticos – regulam a escolha do falante? d) qual a importância do valor social das formas apocopadas (é estigmatizada, marca de formalidade ou informalidade)? e) está-se diante de uma variação estável ou de uma mudança em curso em cada localidade? f) o apagamento na Bahia e em Minas Gerais estaria relacionado aquele observado em Portugal e trazido pelos colonizadores?

Com base em estudos anteriores e análise preliminar dos dados, na tentativa de responder aos questionamentos que norteiam esta pesquisa, o trabalho será pautado em algumas hipóteses iniciais, a saber:

1. O desaparecimento do segmento fonético átono no final das palavras nas comunidades de Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Itaobim e Almenara é um fato linguístico marcante na caracterização dessas localidades.

2. Há influência de fatores externos tais como: povoamento, faixa etária, sexo e escolaridade dos informantes.
3. Há fatores linguísticos internos como as consoantes pré-vocálicas em sílaba final que favorecem o apagamento.
4. Trata-se de um enfraquecimento maior (desaparecimento), considerando que o enfraquecimento nessa posição é geral.
5. O apagamento está relacionado ao que se observa nas regiões de Beira Baixa, Alto Alentejo, Barlavento e nos Açores, em Portugal.
6. Está ocorrendo um processo de mudança nas comunidades.
7. O apagamento observado nas localidades sofreu a influência histórica das tropas que, em função do garimpo, acabavam fazendo uma intercomunicação dos traços linguísticos entre as localidades.
8. O apagamento das vogais átonas finais estaria associado ao ápice da curva entoacional.

Considerando a necessidade de se ampliar a investigação sobre o apagamento até o português de Portugal, continental e insular, realizou-se o estágio doutoral no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, Portugal, por um período de seis meses, sob a orientação do Professor João Saramago. Tal investigação teve como ponto de partida a utilização dos inquéritos do *Projeto Atlas Lingüístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza* (ALEPG) e a constatação de que as amostras utilizadas têm um volume de dados suficiente para permitir o confronto quanto à realização do apagamento em Portugal e no Brasil.

Tendo em vista que na análise quantitativa existem programas estatísticos especialmente elaborados para o tratamento de dados linguísticos e sabendo que uma das principais características da Sociolinguística Variacionista é a quantificação das ocorrências de cada variante em relação às variáveis analisadas, adotou-se, para a análise quantitativa do banco de dados desta pesquisa, o *Goldvarb 2001* e resultados obtidos em pesos relativos.

Levando em consideração a necessidade de se analisarem mais detalhadamente as propriedades presentes no contínuo sonoro, utilizou-se o *software Praat 5.0* a fim de comprovar acusticamente a presença ou ausência das vogais átonas finais. Utilizou-se esse recurso para buscar evidências a respeito da ocorrência do apagamento em contextos de frase fonológica a partir de análises espectrográficas dos enunciados para observar o acento frasal em relação à curva da frequência fundamental (Fo).

Para implementação da análise quantitativa dos dados das localidades de Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Itaobim e Almenara, foi utilizado um *corpus* formado por 6.901 ocorrências, incluindo presença e ausência da vogal átona final. Dentre essas, 5.288 foram da vogal

[u] (77%) e 1.613 da vogal [i] (23%). A amostra analisada é constituída de 32 inquéritos, sendo realizados oito em cada localidade, realizados pelo próprio pesquisador. Foram utilizados quatro temas para a documentação de um discurso semidirigido sobre assuntos do cotidiano e um questionário fonético-fonológico específico com 115 perguntas. Como variável linguística, consideram-se as consoantes pré-vocálicas, a vogal/semivogal da sílaba antecedente, a dimensão do vocábulo e o contexto fonético seguinte. Como variáveis extralinguísticas consideram-se o sexo, a faixa etária, o tipo de questionário e a localidade dos informantes.

Por questões de natureza metodológica, a presente tese, além da Introdução, encontra-se subdividida em outros oito capítulos resumidos a seguir.

No capítulo 1, são apresentados os pressupostos teóricos em que se baseia este trabalho. São abordados os postulados da Sociolinguística Quantitativa de William Labov, segundo o qual as línguas humanas são inerentemente variáveis e sujeitas a mudanças, bem como a Dialetoologia Pluridimensional e o seu método, a Geolinguística. Do mesmo modo, são discutidos aspectos da proposta estruturalista de Câmara Jr. (2004 [1970]), quanto à descrição das vogais átonas no português do Brasil, bem como aspectos relevantes de modelos fonológicos não estruturalistas.

No capítulo 2, tem-se uma breve abordagem sobre aspectos sócio-históricos do português do Brasil, levando em consideração as diferentes etnias que entraram em contato para a sua formação. Acrescenta-se a este capítulo a imigração do final do século XIX e início do século XX, assim como a influência açoriana na formação sócio-histórica e linguística do português do Brasil.

No capítulo 3, são apresentados aspectos histórico-geográficos das localidades de Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Itaobim e Almenara, com ênfase no processo de formação e suas bases de ocupação. Através do panorama histórico do povoamento das localidades, espera-se que as histórias se completem dando um tom coerente e lógico às escolhas realizadas.

No capítulo 4, encontra-se um panorama geral do apagamento observado no Brasil e em Portugal, partindo do século XIII, passando pela documentação em atlas linguísticos nos dois países até a sua documentação em estudos realizados atualmente em Portugal, continental e insular, e no Brasil.

O capítulo 5 aborda os aspectos metodológicos utilizados na realização da investigação científica. Descreve-se a metodologia adotada, explicitando todos os passos da pesquisa, desde a escolha do fenômeno a ser estudado, passando pela constituição do *corpus*,

o perfil dos informantes, a transcrição dos dados até os *softwares* utilizados para análise: *Goldvarb 2001* e *software Praat 5.0*. Neste capítulo, são explicitados os fatores que foram selecionados para análise bem como os motivos pelos quais foi feita essa seleção.

No capítulo 6, são apresentados e discutidos os resultados da análise geossociolinguística, especificando os fatores linguísticos e extralinguísticos selecionados pelo programa estatístico, como favorecedores da ausência ou presença das vogais átonas finais [ɪ] e [ʊ]. Serão apresentadas as inferências e as tentativas de justificativas para os resultados, expondo os dados numéricos (peso relativo e percentual) com auxílio de gráficos, tabelas e cartas linguísticas. A amostra da Bahia e de Minas Gerais será apresentada conjuntamente, exibindo os resultados obtidos para [ʊ] e para [ɪ] separadamente haja vista que se trata de contextos favorecedores diferentes para cada vogal.

No capítulo 7, serão discutidos os resultados da análise acústica onde se investiga a interferência da curva entoacional na ocorrência do apagamento em Itaobim, Minas Gerais. Essa escolha deve-se ao fato de essa localidade revelar-se como favorecedora do apagamento em todos os fatores controlados nesta análise.

No capítulo 8, serão apresentadas as considerações finais e algumas indicações de pesquisas futuras que possam contribuir para uma descrição mais aprofundada do fenômeno em análise neste estudo.

A seguir, encontram-se as referências e apêndices. Nos apêndices, estão reunidos dados referentes aos informantes (APÊNDICE A), o termo de autorização dos informantes (APÊNDICE B), os questionários utilizados nas entrevistas – QFF (APÊNDICE C) e Temas (APÊNDICE D) – e alguns trechos de transcrições das localidades (APÊNDICES E, F, G, H).

1 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, serão apresentados os pressupostos teórico-metodológicos nos quais se fundamentam esta tese. Assim, tratar-se-á da Sociolinguística Variacionista, destacando a questão da variação e da mudança linguística, da Dialetologia e de seu método, a Geolinguística, e do aporte teórico de base fonético-fonológica sobre o qual se sustentou o eixo da pesquisa. Nesta seção, serão discutidos aspectos da proposta estruturalista de Câmara Jr. (2004 [1970]), bem como aspectos relevantes dos modelos fonológicos não estruturalistas com ênfase na fonologia prosódica que pode complementar a descrição através de esclarecimentos sobre questões relacionadas ao ritmo, acento e entoação. Respalhando-se nessas teorias, buscam-se explicações para descrever o fenômeno em estudo.

1.1 A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

A Sociolinguística é uma ciência que estuda a língua sob a perspectiva de sua estreita ligação com a sociedade onde se origina, tendo como principal objetivo relacionar a heterogeneidade linguística com a heterogeneidade social. Nesse modelo, a língua existe enquanto interação social, criando-se e transformando-se em função do contexto sócio-histórico.

A abordagem sociolinguística se concentra na língua em uso dentro da comunidade de fala e tem como foco o estudo dos padrões linguísticos observáveis, como enfatiza Labov (2008 [1972], p. 21) “Não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre”. Sendo assim, a Sociolinguística concentra-se na investigação dos fenômenos linguísticos em seu contexto social, analisando-os sistematicamente através de um sistema heterogêneo constituído por regras variáveis.

As bases metodológicas da pesquisa variacionista foram lançadas por William Labov, linguista norte-americano, com seu importante estudo na ilha de Martha's Vineyard, no Estado de Massachusetts, EUA. Embora não tenha sido o primeiro a se ocupar da dimensão social da linguagem, Labov destaca-se por ser o principal formulador da teoria sociolinguística na qual busca entender a língua em seu contexto social, estabelecendo relações entre contextos sociais e fenômenos linguísticos.

A Teoria Variacionista dá ênfase à variabilidade linguística e tem por objetivo descrever os processos de variação e mudança, tendo em vista fatores linguísticos (variáveis internas) e fatores sociais (variáveis sociais). Esses fatores atuam de maneira probabilística na variação da língua, tornando possível definir as condições que favorecem ou restringem a variação em uma determinada comunidade de fala.

Sendo a comunidade de fala o eixo norteador dos estudos sociolinguísticos, Labov (2008 [1972]) a entende como um grupo de falantes que compartilha a mesma língua e um conjunto de normas linguísticas e atitudes sociais frente à língua. Essas atitudes sociais para com a língua são extremamente uniformes dentro de uma comunidade de fala, pois os falantes comunicam-se relativamente mais entre si do que com outros grupos externos à comunidade. É pela utilização da língua dentro da comunidade de fala que o indivíduo constrói seus valores, sua relação com o outro e sua identidade. Apesar de o objeto da Sociolinguística não ser a fala do indivíduo, o estudo dos aspectos individuais da fala dentro da comunidade é importante, pois é ele quem sinaliza processos essenciais de inovação ou mudança no seio da comunidade.

Tendo em vista que a linguagem é um fator eminentemente social, as normas sociolinguísticas tornam-se como condição necessária para o pertencimento à comunidade de fala e marca distintiva entre os diferentes grupos. Os membros de uma mesma comunidade são integrados quanto ao uso da fala, às normas e aos valores compartilhados.

As formas em variação dentro de uma comunidade de fala recebem o nome de “variantes linguísticas” que se entende como diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade, como observa Labov (2008 [1972], p. 313): “A variação social e estilística pressupõe a opção de dizer ‘a mesma coisa’ de várias maneiras diferentes, isto é, as variantes são idênticas em valor de verdade ou referencial, mas se opõem em sua significação e/ou estilística”.

A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística. Essas variáveis subdividem-se em variáveis linguísticas dependentes e independentes. A variável dependente corresponde ao fenômeno que se objetiva estudar como, por exemplo, o apagamento das vogais átonas [ɪ] e [ʊ], as variantes seriam então as formas que estão em competição: a presença ou a ausência da vogal átona final em vocábulos paroxítonos. O uso de uma ou outra variante é influenciado por fatores linguísticos (estruturais) ou sociais (extralinguísticos) que constituem as variáveis independentes.

1.1.1 Variável dependente

A variável dependente deve estar ligada a três propriedades úteis para que sirva de foco para o estudo de uma comunidade de fala: em primeiro lugar, ela deve ser frequente, ocorrendo espontaneamente no curso da conversação; segundo, que seja estrutural, ou seja, quanto mais integrado o item estiver num sistema maior de unidades funcionais, maior será o interesse linguístico; e, em terceiro lugar, a distribuição do traço deve ser altamente estratificada, ou seja, uma distribuição por estratos na sociedade como faixa etária, classe social, sexo, entre outros (LABOV, 2008 [1972]).

A variação linguística está presente em todos os níveis da língua, desde o mais concreto (fonético-fonológico) ao mais amplo (discurso), passando pela gramática e pelo léxico. Neste estudo, por exemplo, observa-se um caso de variação fonético-fonológica que é o apagamento das vogais átonas [ɪ] e [ʊ] nas localidades de Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim e cuja variável dependente é a presença ou ausência da vogal átona final.

1.1.2 Variáveis independentes

Os parâmetros postulados por Labov (2008 [1972]) dizem que “toda variação linguística é condicionada por fatores estruturais e/ou por fatores sociais ou externos”. Isso mostra que não existe variação livre, ela é impulsionada por fatores condicionadores. Se não é o contexto linguístico que determina sempre o emprego de uma das formas, parece que sempre se interpõem fatores externos para decidir qual forma irá ocorrer numa dada situação de fala. Tendo em vista que a variação linguística não é aleatória, a variável concebida como dependente é influenciada por variáveis independentes de natureza social e estrutural.

Todos os fatores sociais estão subordinados aos imperativos do sistema linguístico. As variáveis sociais influenciam na escolha das variantes, mas nem sempre essa escolha é condicionada apenas por estes fatores. Existem certos fenômenos de variação regulados por pressões do próprio ambiente linguístico em que se realizam.

Sendo assim, as variáveis independentes podem ser as linguístico-estruturais, que se encontram na estrutura dos sistemas linguísticos e levam em conta os aspectos fônicos, morfossintáticos, semântico-lexicais ou discursivos presentes no contexto, ou sociolinguísticas, que podem ser aquelas inerentes ao próprio indivíduo – sexo, idade, naturalidade, etnia – ou relacionadas ao contexto sociocultural em que ele vive – classe

socioeconômica, grau de escolaridade, atividade ocupacional etc. – e ainda as ligadas ao tipo de interação linguística, tais como grau de formalidade, tensão ou descontração no momento da fala, número e tipo de participantes da interação. Esses dois tipos de variáveis independentes estão intimamente ligados e agem conjuntamente favorecendo, ou não, as variantes utilizadas pelos falantes.

Os diversos tipos de variação ocorrem motivados pelos mais diferentes fatores que os condicionam ou os restringem dentro de uma determinada comunidade de fala.

1.1.2.1 Fatores linguísticos

Sabe-se que os fatores linguísticos são de natureza interna e que exercem pressões sobre os usos da língua. Nesse conjunto de variáveis internas, encontram-se os fatores de natureza fonético-fonológica, morfossintática, semântico-lexical e os linguístico-discursivos. Tais fenômenos referem-se a características da língua em várias dimensões, levando-se em conta o significante e o significado, bem como os diversos subsistemas de uma língua.

Considerando esse conjunto de variáveis internas, Fernández (1998) adverte para o fato de que a variação fonético-fonológica é, sem dúvida, a mais estudada, a mais conhecida, e a que apresenta menos problemas teóricos na hora da exemplificação e interpretação. Isso ocorre porque as variantes de um fonema não implicam alternâncias entre formas com mudança de significados. Exemplo desse tipo de fenômeno ocorre nas comunidades em estudo, onde há presença e ausência da vogal átona final como em *desejo* [de'zeʒ] ~ [de'zeʒu]; *novo* ['nov] ~ ['novu]; *naquele* [na'kel] ~ [na'kelɪ]. Ao contrário da variável fonético-fonológica, todas as outras variáveis sofrem algum tipo de alteração.

1.1.2.2 Fatores extralinguísticos

Em uma comunidade heterogênea de fala, os fatores sociais que atuam sobre a variação ocorrem de maneiras diferentes e exercem de alguma forma pressões contínuas sobre a língua, conforme afirma Labov (2008 [1972], p. 21): “As pressões estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto no passado, mas como uma força social imanente, agindo no presente vivo”. Esses fatores motivam a evolução linguística e encontram-se presentes em situações naturais de interação social.

Os fatores sociais não atuam da mesma forma em todas as comunidades. Alguns fatores tendem a exercer uma maior influência no processo de variação. Alguns grupos sociais são mais influenciados pela idade, outros têm na escolaridade um maior poder de determinação, outros, o nível socioeconômico, e, ainda, em outros grupos, o sexo pode ser um importante fator condicionador da variação. Tudo isso faz com que o uso social da língua seja cada vez mais heterogêneo.

Considerando essas características sociais da linguagem, Fernández (1998), adverte:

Las investigaciones sociolingüísticas deben ir precedidas de un análisis sociológico de la comunidad y de estudios exploratorios que permitan comprobar cuáles son las variables realmente importantes en la estructura social y cuáles son las que previsiblemente pueden influir más en el uso social de la lengua¹. (FERNÁNDEZ, 1998, p. 40)

Levando em consideração a afirmação de Fernández (1998) sobre a investigação linguística, serão detalhados os fatores sociais que, possivelmente, devem exercer uma maior influência sobre a variável nas comunidades em análise como o sexo e a idade.

Sabe-se que os fatores sociais não têm porque funcionar da mesma maneira em todas as comunidades. Podem ter maior poder de determinação sobre a língua: a idade, o nível econômico, o sexo, o nível de instrução, o nível sociocultural, a procedência, a localidade ou a etnia. Todos eles, isolados ou combinados, influenciam de alguma forma a variação linguística.

1.1.2.2.1 Variável sexo

Os gêneros masculino e feminino são categorias procedentes de uma construção histórica, cultural e social, e, na Sociolinguística, a fala de homens e mulheres é objeto de permanente discussão. Homens e mulheres não falam da mesma maneira. Essa diferenciação é tida como possível fator condicionante de heterogeneidade linguística. Tendo em vista que gênero é um conceito cultural e necessitaria de convivência com cada informante para poder ter uma avaliação desse ponto de vista (masculino ou feminino), adotou-se, para este estudo, o termo sexo, visto que possui um conceito biológico que distingue homens e mulheres.

¹ As investigações sociolingüísticas devem ser precedidas de análise sociológica da comunidade e de estudos exploratórios que permitam comprovar quais são as variáveis realmente importantes na estrutura social e quais são as que podem influir mais no uso social da língua. (tradução nossa).

Considerando o aspecto regular da estratificação social, Labov (2008 [1972], p. 281) defende que “na fala monitorada, as mulheres usam menos formas estigmatizadas do que os homens e são mais sensíveis do que os homens ao padrão de prestígio”. Pressupõe-se que as mulheres são mais sensíveis aos valores sociais que condicionam o uso da língua.

Fernández (1998), com base em diversos estudos sociolinguísticos relativos ao sexo dos falantes, como variável social, salienta que:

La mujer, generalmente, es más sensible a las normas prestigiosas que los hombres; dicho de otra forma, las mujeres muestran una actitud más positiva que los hombres hacia los usos que se ajustan a la norma, a la vez que los hombres suelen ceñir sus usos a los llamados «vernáculos» y a las variedades locales con más intensidad que las mujeres². (FERNÁNDEZ, 1998, p. 37)

O registro desses usos distintos por homens e mulheres, de acordo com esse autor, se tem feito a propósito de todos os níveis da língua, desde o fonético até o discursivo.

Para Chambers e Trudgill (1994), não existe uma única explicação que seja amplamente aceita para a diferença na fala de homens e mulheres, mas existem alguns fatores que apontam para esta diferença. Homens e mulheres são socialmente diferentes, pois a sociedade lhes confere papéis distintos e espera que utilizem padrões de comportamento também distintos. Deste modo, sendo o gênero uma dimensão sociocultural que o indivíduo adquire ao ser socializado, este refletirá acentuadas diferenças linguísticas na fala de homens e mulheres.

Para os autores essa tendência se justifica pelo fato de que as pressões sociais são mais fortes sobre as mulheres para que usem formas linguísticas mais “corretas” do que sobre os homens.

Labov (2008 [1972]), baseando-se nos resultados do estudo de Trudgill em Norwich, sobre a diferenciação de sexo, comenta:

Aqui, como em toda parte, fica claro que as mulheres são mais sensíveis do que os homens aos valores sociolinguísticos explícitos. Mesmo quando usam as formas mais extremas de uma variável sociolinguística em avanço em sua fala casual, as mulheres se corrigem mais nitidamente do que os homens nos contextos formais. (LABOV, 2008 [1972], p. 282)

² A mulher, geralmente, é mais sensível às normas prestigiosas que os homens; dito de outra forma, as mulheres mostram uma atitude mais positiva que os homens na direção dos usos que se ajustam à norma, uma vez que os homens costumam restringir seus usos aos chamados «vernáculos» e às variedades locais com mais intensidade que as mulheres. (tradução nossa).

A variável sexo nem sempre se comporta assim. Contrapondo os resultados apresentados até agora, os estudos de Lucchesi (2009, p. 313), na comunidade de Helvécia, no interior da Bahia, apontam resultados em que os homens tendem a usar mais as formas padronizadas, em oposição às mulheres. “São homens que estão à frente da fixação da concordância de gênero em Helvécia”. Neste estudo, os homens superam as mulheres no uso da forma padrão, com peso relativo de 0,56 para a realização da regra, contra 0,45 entre as mulheres. O autor explica que, no contexto cultural da comunidade, o fato de os homens terem mais contato com o mundo exterior e uma maior integração no processo produtivo e social da comunidade, coloca-os numa situação de maior exposição aos padrões linguísticos, enquanto as mulheres limitam-se aos afazeres domésticos, ficando, com isso, mais restritas à vida isolada da comunidade.

Oliveira e Lopes (1995) reúnem diversos trabalhos sobre dados do Projeto NURC-RJ a fim de observar a existência de diferenças no comportamento linguístico de homens e mulheres. Na maioria dos estudos, não foram encontradas diferenças significativas. Algumas pesquisas encontraram tendências para cada sexo, que não são absolutas. Em outras, as autoras optaram por utilizar o termo *preferências* como o fez Oliveira (1995):

Levando em conta o que encontramos nesta pesquisa, seria arriscado falar de estilos conforme o sexo do falante. Melhor que falar sobre diferenças seria usar o termo preferências, as mulheres tendendo a preferir certas formas, os homens, outras formas. (OLIVEIRA, 1995, p.16)

Para Almeida e Campoy (2005), tem-se dado grande destaque ao estudo sociolinguístico das relações entre a linguagem e o sexo. Advertem os autores que esta linha de investigação sociolinguística tem estado sujeita a controvérsias, especialmente como consequência das suscetibilidades de seus conteúdos. Isso em decorrência do movimento feminista e com um correspondente desenvolvimento da conscientização por fenômenos tais como o sexismo e o estereótipo do papel a desempenhar segundo o sexo.

Apesar de existirem estudiosos que estabelecem uma distinção entre linguagem e gênero e linguagem e sexo, caracterizando o gênero como uma categoria mais social que biológica e o sexo como uma categoria essencialmente biológica, Almeida e Campoy (2005), defendem o estudo do gênero com uma dimensão tanto social quanto linguística. Sobre essa relação, advertem:

Conviene distinguir, pues, el tratamiento dado al sexo con una dimensión tanto social como lingüística – la forma en que el lenguaje refleja y ayuda a mantener las actitudes sociales ante el hombre y la mujer, el sexismo en la lengua –, conocido como estudios de género, frente al tratamiento del sexo como un parámetro socio-demográfico independiente más, además del estatus social, la edad, la etnia, el estilo, etc., en la correlación de variables sociolingüísticas, lo cual sería puramente lingüístico en su propósito³. (ALMEIDA; CAMPOY 2005, p. 63)

Fernández (1998) argumenta que nem a interpretação sociocultural, nem a biológica estão isentas de problemas. A primeira está ligada às comunidades concretas onde as condutas sociais mudam de uma comunidade a outra e evoluem de forma muito rápida. Não são, pois, razões universais. Na interpretação biológica há um problema de base: conseguir uma demonstração universal.

Percebe-se que o comportamento lingüístico dos homens e das mulheres é um fator instigante. Estudos sobre esta temática têm-se ampliado cada vez mais. Como fator sociolingüístico, o sexo tem sido frequentemente observado nas pesquisas implementadas, mas não se mostra muito relevante quando analisado isoladamente. Vale ressaltar que esse comportamento lingüístico de homens e mulheres não é sempre o mesmo nos diferentes segmentos da sociedade, pois há de se considerar a interação entre sexo e outras categorias sociais.

1.1.2.2 Variável idade

Sabe-se que a idade do falante pode ser tomada como parâmetro social importante, implicado na diferenciação de comportamentos sociolingüísticos.

Na perspectiva do tempo aparente, é possível realizar um estudo da mudança mediante a observação do comportamento lingüístico de falantes em diversas faixas etárias em um determinado tempo, como afirma Labov (2008 [1972], p.163): “A abordagem à mudança se fará através das comprovações internas, na distribuição do comportamento lingüístico através das várias faixas etárias da população”. Essa distribuição permite observar que a idade, ao longo do tempo, vai transformando os hábitos sociais, permitindo distinguir na vida lingüística de um indivíduo, distintas etapas.

³ Convém distinguir, pois, o tratamento dado ao sexo com uma dimensão tanto social quanto lingüística – a forma em que a linguagem reflete e ajuda a manter as atitudes sociais entre o homem e a mulher, o sexismo na língua –, conhecido como estudos de género, frente ao tratamento do sexo como um parâmetro sócio-demográfico independente, além do *status* social, a idade, a etnia, o estilo, etc., na correlação de variáveis sociolingüísticas, o qual seria puramente lingüístico em seu propósito. (tradução nossa).

Labov (2008 [1972]) esclarece que para se observar a existência de uma mudança linguística é importante considerar o conjunto de observações de duas gerações sucessivas de falantes. Essas gerações devem apresentar características sociais comparáveis que representem estágios na evolução da mesma comunidade de fala. Investigar a mudança em tempo aparente significa que, ao escolher para estudo uma determinada comunidade, compara-se a fala das pessoas mais idosas com a de pessoas mais jovens e as diferenças entre elas são indícios de uma mudança linguística.

Em Martha's Vineyard, na análise dos ditongos /ay/ (*right, pride, wine*) e /aw/ (*now, out, round*), Labov (2008 [1972], p. 41) observa um índice maior de centralização da vogal nos mais jovens, sobretudo com relação ao ditongo /aw/: “a centralização de /ay/ e /aw/ parece exibir um aumento regular em faixas etárias sucessivas, alcançando um pico no grupo de 31 a 45 anos”. Esse grupo apresenta índices de 81 para /ay/ e 88 para /aw/. Os mais velhos, no entanto, preservam a forma original não centralizada, pois apresentam índices de 25 para /ay/ e 22 para /aw/. A relação entre os índices de centralização e a faixa etária conduziu a uma melhor visualização do processo de mudança.

Os grupos geracionais e as etapas de aquisição do socioleto podem determinar o uso de certas variáveis que servem para marcar diferenças linguísticas entre crianças e jovens, entre jovens e adultos. São elementos que funcionam como indicadores de pertencimento a um determinado grupo geracional e podem proceder de qualquer nível linguístico – fonético, léxico, morfossintático – influenciados pelo fator idade. Para Labov (2008 [1972]), existem usos linguísticos que se consagram como verdadeiros símbolos geracionais e que vão se renovando à medida que chegam as novas gerações.

1.1.2.2.3 Variável nível de instrução

Sabe-se que a escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas que a frequentam e das comunidades discursivas. A escola atua como preservadora de formas de prestígio, face à tendência de mudança em curso na comunidade. Veículo de propagação da norma “cultura”, a escola incute padrões estéticos e morais, gostos e normas. Nesse contexto, a variável escolaridade tem grandes consequências como fator de resistência à mudança, pois o ensino prescritivo interfere no domínio das formas de prestígio e no abandono parcial ou total das formas estigmatizadas. A escola trabalha o sistema ideal de valores que, não raro, é imposto dentro de uma comunidade, conhecido como norma padrão da língua. Sendo assim, a norma padrão neutraliza a variação, controla a mudança e está ligada à cultura letrada.

Vale ressaltar que, em sua análise tripartida da língua, Lucchesi (2004, p. 87) propõe os termos norma-padrão, norma culta e norma popular, chamando, assim, atenção para a natureza polarizada da realidade sociolinguística do português do Brasil. Segundo a caracterização desse autor, de um lado está a norma padrão que regula o comportamento linguístico, e do outro a variação linguística que se subdivide em dois outros polos igualmente heterogêneos: a norma culta “constituída pelos padrões de comportamento linguístico dos cidadãos brasileiros que tem formação escolar, atendimento médico-hospitalar e acesso a todos os espaços da cidadania”. E a norma popular que se define pelos “padrões de comportamento linguístico da grande maioria da população alijada de seus direitos elementares e mantida na exclusão e na bastardia social”.

Sabe-se que o nível educativo dos falantes determina de forma direta e clara a variação linguística. Pessoas mais instruídas têm acesso às variantes que são consideradas de prestígio ou que mais se aproximam da norma. O fator escolaridade é importante na determinação da variação linguística e deve ser considerado como variável independente junto a outros fatores como idade, sexo e classe.

Na investigação sociolinguística se oferecem distintas possibilidades para o trabalho com a escolaridade, mas, é importante considerar categorias mais gerais, tais como analfabetismo, ensino primário, ensino secundário e ensino universitário. Desta forma, poderá se tornar mais fácil o confronto entre comunidades diferentes. Na verdade, a divisão de níveis de instrução deve refletir a realidade de cada comunidade de fala estudada.

1.1.2.2.4 Variável diatópica

As dimensões gigantescas e a diversidade sociocultural do Brasil têm grandes implicações na sua realidade linguística. Há peculiaridades que permitem identificar o falante como pertencente a determinado espaço geográfico. Assim falantes de diferentes regiões do Brasil, mostram diferentes usos linguísticos. Isso ocorre porque a língua varia de um local para outro, possibilitando o estabelecimento de fronteiras linguísticas, constituindo área de interesse da Dialectologia.

Embora se fale a mesma língua, cada falante guarda peculiaridades que identificam seu dialeto. Sendo a variação, como diz Labov (2008 [1972]), “um requisito ou condição do próprio sistema linguístico”, esses traços característicos de uma determinada área geográfica revelam uma variação diatópica da língua. Considerando essa variação no português

brasileiro, por exemplo, é possível verificar a abertura das vogais pretônicas no Nordeste, o *r* retroflexo no interior paulista como fenômenos que identificam os falares dessas áreas.

A variação diatópica pode manifestar-se nos diferentes níveis da língua. No nível lexical, tem-se *macaxeira* no Sul e *aipim* ou *mandioca* no Norte-Nordeste. No nível da estrutura frasal, podemos nos referir ao uso de *tu* em áreas como Maranhão e Rio Grande do Sul e às particularidades quanto à colocação dos pronomes átonos no português brasileiro e no português europeu. No nível fonético, temos, por exemplo, a semivocalização da consoante lateral em final de sílaba ou de palavra, fenômeno característico do português do Brasil e que, por isso, constitui um traço distintivo em relação ao português europeu.

Desta forma, observa-se que falantes de diferentes regiões do país mostram diferenças no uso da língua que são consideradas como variação geográfica ou diatópica, bem como falantes que ocupam diferentes lugares na estrutura social, ou que pertencem a gerações diferentes, ou mesmo falantes que são de sexo diferente.

Considera-se nesta pesquisa, a diatopia como fator geolinguístico a ser analisado, uma vez que serão ampliadas as áreas de investigação do apagamento, se estendendo às cidades de Bom Jesus da Lapa e Macaúbas, na Bahia; Almenara e Itaobim em Minas Gerais, como propõe este estudo.

1.1.3 Variação e mudança

A mudança faz parte da realidade heterogênea das línguas. A própria concepção de língua implica na existência de mudança. Coseriu (1979) afirma que é a partir dessa característica de mutabilidade, de refazimento constante, que a língua existe. A mudança é imperceptível para o falante porque está dentro das possibilidades oferecidas pelo sistema como explica o próprio autor:

O sistema é sistema de possibilidades, de coordenadas que indicam os caminhos abertos e os caminhos fechados de um 'falar' compreensível numa comunidade; a norma, em troca, é um sistema de realizações obrigatórias, consagradas social e culturalmente: não corresponde ao que se pode dizer, mas ao que já se disse e tradicionalmente se diz na comunidade considerada. (COSERIU, 1979, p. 51)

Na perspectiva desse autor, o sistema representa as possibilidades no aspecto abstrato da língua e se concretiza na realização individual pelo uso de cada falante. As diferentes formas linguísticas que se comprovam no falar concreto dentro de uma comunidade

manifestam o saber linguístico dos falantes que consiste em um saber claro e seguro que permite falar e entender o que se fala. Esse saber linguístico, enquanto saber tradicional, é revestido de características históricas e culturais que se manifestam individual ou socialmente.

Sabe-se que, na história da língua, as mudanças não ocorreram instantaneamente, mas se processaram de maneira gradual e contínua, em várias dimensões e impulsionadas por fatores condicionadores.

Historicamente, os estudos linguísticos partiram da simples descrição com fins prescritivos, passando pelo comparativismo entre línguas e pela análise do sistema em si, da abstração desse objeto de estudo, até chegar a dar atenção à língua sob um ponto de vista mais amplo e contextualizado, no qual não apenas os aspectos formais devem ser levados em conta, mas também a configuração histórica do processo de mudança. É a Sociolinguística, desenvolvida na segunda metade do século XX, que reescreve o conceito tradicional de língua que passa a ser entendida como objeto heterogêneo e complexo, porém não arbitrário, sujeita a regras totalmente explicáveis. A mudança surgiria em decorrência de fatores internos e externos ao sistema linguístico.

Na teoria sociolinguística, a variação linguística é o que efetivamente pode ser observado num dado momento numa determinada língua e constitui-se de variantes linguísticas que duelam entre si que por sua vez constituem as variedades linguísticas. Pode-se dizer que a mudança se dá quando uma variante se sobrepõe à outra.

A variação é o primeiro estágio pelo qual a forma linguística passa para se transformar em mudança. Isso é possível devido ao caráter heterogêneo da língua. Essa heterogeneidade reflete a variabilidade social e as diferenças no uso das variantes linguísticas no seio de uma comunidade. Numa dada língua, um mesmo vocábulo pode ser pronunciado de formas diferentes, seja conforme o lugar – variação diatópica – seja conforme a classe social – variação diastrática –, ou seja, conforme a situação (mais formal, menos formal) em que se está falando – variação diafásica. Os modos de uma língua variar vão refletir a sua heterogeneidade.

Pode-se observar que, para Labov (2008 [1972]), somente se atribui valores sociais às regras linguísticas, quando existe variação. Isso porque os falantes não aceitam facilmente o fato de que duas expressões distintas signifiquem a mesma coisa, existindo, pois, uma forte tendência a atribuir-lhes significados diferentes. Se um determinado grupo utiliza uma variante particular, então as conotações sociais atribuídas a esse grupo se transferem à variável linguística. Labov (2008 [1972] p. 291) adverte que “não se pode fazer nenhum

avanço importante rumo ao entendimento do mecanismo da mudança linguística sem o estudo sério dos fatores sociais que motivam a sua evolução linguística”.

Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) defendem que nem toda variabilidade e heterogeneidade implica em mudança, no entanto, para que a mudança ocorra são necessárias a variabilidade e a heterogeneidade. Isso significa que a covariação sociolinguística, que implica maior ou menor frequência no uso de certas variantes, é necessária para produzir a mudança que reflete em trunfo ou derrota de uma das formas em competição sobre as demais. É importante ressaltar que a análise sociolinguística das variantes indica uma variação estável quando há coexistência das variantes ou uma mudança em progresso quando há disputa entre as variantes com tendência de desaparecimento de alguma e favorecimento de outra.

Na variação estável, o quadro de variação tende a se manter ainda por um longo período. Essa variação é identificada por uma curvilínea em forma de U, que indica maior incidência de uma determinada variante (a não-padrão) entre os mais jovens e os mais velhos e maior frequência da variante padrão entre os indivíduos adultos, da faixa intermediária.

Na mudança em progresso, compreende-se que o processo de variação caminha para a sua resolução em favor de uma das variantes identificadas, que deve se generalizar, tornando-se o seu uso praticamente categórico dentro da comunidade de fala. A representação desse quadro é linear, com maior incidência da variante inovadora entre os mais jovens, com decréscimo progressivo em direção aos indivíduos mais velhos.

Existem formas alternantes que perduram por muito tempo sem que se possa dizer que uma delas vai desaparecer ou se transformar. No português do Brasil, o grupo consonantal formado por uma consoante seguida de /l/ pode alternar com outro grupo em que a consoante seguinte é /r/ como em *placa* [ˈprakə]; *blusa* [ˈbruzə]; *flagelo* [fraˈʒelʊ]. Trata-se de uma variação estável, que distingue socioletos e da qual não se deve esperar nenhum processo de mudança.

Em contrapartida, toda mudança, primeiro, passa pelo processo da variação na qual convivem as formas rivais. Observam-se, no percurso da linguística, modelos que se opõem na discussão sobre como se implementa a mudança.

O modelo neogramático tem como princípio fundamental a regularidade da mudança fonética na qual a direção da mudança é a mesma para todos os membros da comunidade. Todas as ocorrências do som no contexto em que se dá a mudança são atingidas do mesmo modo. Não há exceções. A alteração fonética por interferência de outras formas era explicada através da analogia.

O modelo estruturalista, surgido no século XX com o *Curso de Lingüística Geral* de Ferdinand de Saussure (1916), tem como base a distinção entre dois eixos: a) eixo das simultaneidades ou sincrônico (lingüística estática ou sincrônica) que representa as relações coexistentes em um sistema, sem a intervenção do fator tempo; b) eixo das sucessões ou diacrônico (lingüística evolutiva, histórica ou diacrônica) que inclui o fator tempo e as mudanças que afetam os elementos de um sistema. Para este modelo, o princípio fundamental é que a mudança é condicionada pelo sistema linguístico em que ela se insere e deve ser tratada em função do sistema.

Para o modelo Gerativo-transformacional, que se inicia com os trabalhos de Noam Chomsky na década de 50, e tem como objeto de estudo a competência linguística dos falantes/ouvintes, a descrição se desloca para as regras que regem os “*corpora* representativos”. O termo *gerativo* se explica porque se pretendia, a partir de um número limitado de regras, gerar um número infinito de frases. Em lugar de teorias descritivas, as teorias passam a ser explicativas. As semelhanças entre as línguas passam a ser vistas como mais importantes do que as diferenças: implementa-se a busca da “gramática universal”. Para este modelo, a mudança no sistema passa a ser através da adição e subtração de regras.

Em oposição ao conceito estruturalista de língua como sistema monolítico, uniforme e homogêneo, e opondo-se à ausência do componente social e ao tratamento idealizado da língua por parte dos gerativistas, surge, na década de 60, o modelo sociolinguístico que tem como princípio básico o entendimento da língua como um sistema inerente e ordenadamente heterogêneo e variável. Weinreich, Labov e Herzog, em seu texto “*Empirical Foundation for a Theory of Language Change*” (2006 [1968], p.100-101), destacam “[...] numa língua que serve a uma comunidade complexa (isto é, real) a ausência de heterogeneidade estruturada é que seria disfuncional”. Esse texto é considerado o marco definidor de caminhos para o estudo da mudança a partir da aceitação do axioma da heterogeneidade ordenada como uma realidade inerente às línguas.

Variedade e mudança estão, pois, intimamente unidos até o ponto de serem as duas faces – sincronia e diacronia – do mesmo fato de língua. O estudo dos padrões de variação sincrônica existentes em uma comunidade ajuda a analisar não só as mudanças em curso, mas também as mudanças históricas.

Nesse sentido, Labov (2008 [1972]) aceita o princípio do uniformitarismo segundo o qual as pressões que motivam e controlam a evolução linguística hoje são as mesmas do passado. Sendo assim, a observação dos processos em curso, em uso no presente, permitem inferir o passado. É esse princípio que está na base da aceitação de que os estudos em tempo

aparente fazem afirmações confiáveis acerca do rumo que toma a mudança linguística e permitem conjecturar um estado dessa mudança em um estágio anterior, ainda que não tenha sido possível acompanhá-la em tempo real.

Para investigar a mudança linguística que está acontecendo em uma determinada comunidade são realizados estudos comparativos basicamente em duas formas distintas: o estudo no tempo aparente, que consiste em um recorte transversal da amostra sincrônica em função da faixa etária dos informantes; e o estudo em tempo real, que consiste no estudo feito em épocas diferentes na história. Desta forma, através do tempo aparente e do tempo real, acrescenta-se uma dimensão histórica à análise linguística. As mudanças observadas em tempo aparente podem ser ratificadas com a pesquisa em tempo real, como recomenda Tarallo (2005, p. 71): “Especialmente quando a mudança tiver sido evidenciada em tempo aparente, é fundamental que o investigador procure dar à variável a dimensão histórica do tempo real”.

No estudo em tempo aparente, as gerações devem apresentar características sociais comparáveis que representem estágios na evolução da mesma comunidade de fala. Nessa perspectiva, é possível realizar um estudo da mudança mediante a observação do comportamento linguístico de falantes em diversas faixas etárias em um determinado tempo, como afirma Labov (2008 [1972], p. 163): “A abordagem à mudança se fará através das comprovações internas, na distribuição do comportamento linguístico através das várias faixas etárias da população”. Essa distribuição permite observar que a idade, ao longo do tempo, vai transformando os hábitos sociais, permitindo distinguir na vida linguística de um indivíduo, distintas etapas.

Por outro lado, o estudo em tempo real envolve a observação de uma variável particular em um tempo previamente selecionado e a duplicação desta pesquisa muitos anos depois para observar a variável estudada anteriormente. Esse estudo pode ser de longa duração, quando se analisa o percurso da língua ao longo de séculos, ou de curta duração, em que se considera o percurso da língua ao longo de décadas. Para este último sugere-se que se faça um intervalo de cerca de 20 anos para a realização de uma nova pesquisa.

Um dos critérios para o estudo em tempo real é que a nova amostra, seja com os mesmos informantes ou novos, siga exatamente a metodologia da pesquisa anterior, para que o resultado obtido nesse novo grupo seja comparado com o grupo original com um alto nível de confiança e permitir que qualquer diferença de significante entre eles seja considerada como o resultado de uma mudança linguística em progresso.

Labov (2008 [1972]) observa que uma mudança linguística começa quando uma variante se generaliza em um subgrupo de uma comunidade e adquire certa direção e

significação social. A difusão ocorre de forma inconsciente, dentro do grupo mais baixo. A variável se configura como um indicador que são traços que se limitam a assinalar uma diversificação social sem interferência da avaliação subjetiva ou da alternância estilística. Os falantes parecem ter menos consciência da variável como ocorre com o uso de *nós/a gente* no português brasileiro.

Se a mudança atinge toda a comunidade pode passar a ser um marcador que pode produzir reajustes estruturais que podem dar origem a novas mudanças. Os marcadores são traços que apresentam também uma distribuição social e estilística ou diafásica. Embora possam permanecer abaixo do nível de controle consciente, costumam fornecer respostas regulares em testes de reação subjetiva e ser tema de comentários desfavoráveis na comunidade. São variações devidas à classe social do falante que se distinguem dos indicadores por apresentarem variação estilística sistemática.

Se o grupo mais escolarizado não aceita a mudança, o resultado pode ser o estereótipo que são formas linguísticas socialmente marcadas (estigmatizadas) e rotuladas pelos membros adultos da comunidade. Labov (2008 [1972]) observa que, já que a variação linguística pressupõe a valoração social, as variantes empregadas por falantes dos estratos mais baixos da população em grande parte são estigmatizadas. O autor adverte que o preconceito é tanto mais forte quanto maior for a identificação da forma com a classe discriminada. São elas que recebem maior carga de preconceito e rejeição por parte do conhecedor do português-padrão.

Partindo da influência das forças sociais sobre as formas linguísticas, a depender do grau de consciência da variação que os falantes manifestam e da ocorrência das formas inovadoras nos diversos estratos sociais, Labov (2008 [1972]) apresenta dois tipos de mudanças em curso: mudanças acima do nível da consciência social do fenômeno ou mudanças de cima para baixo (*from above*) e mudanças abaixo do nível de consciência social do fenômeno ou mudanças de baixo para cima (*from below*).

As mudanças de cima para baixo (*from above*) são introduzidas pela classe social dominante, em geral, conscientemente. Normalmente, representam empréstimo à outra comunidade de fala que tem maior prestígio, segundo a classe dominante. Como diz Labov (2008 [1972], p.152): “Pressões sociais vindas de cima, que representam o processo explícito de correção social aplicado a formas linguísticas individuais”. Esses empréstimos não atingem imediatamente o padrão vernáculo da classe dominante ou de outra classe social, mas aparecem em princípio, no discurso cuidado, refletindo um dialeto superposto aprendido após a aquisição do vernáculo. Exemplo desse tipo de mudança pode ser observado na pronúncia chiente de [s] e [z] em final absoluto, realizados como [ʃ] no Rio de Janeiro que é tido como

consequência da “relusitanização” do Rio de Janeiro por ocasião da vinda da família real para o Brasil em 1808.

As mudanças de baixo para cima (*from below*) aparecem inicialmente no vernáculo e representam a ação de fatores linguísticos internos. Durante a maior parte do tempo de seu desenvolvimento, elas se processam sem que os falantes tenham consciência da inovação, como diz Labov (2008 [1972], p.152): “abaixo do nível da percepção consciente”. Somente quando as mudanças estão quase completas é que os membros da comunidade as percebem. O uso de *nós* e *a gente*, que tem sido objeto de diversos estudos no Brasil, é um exemplo desse tipo de mudança.

As variáveis, que são a evidência de que a língua está em constante transformação, são o resultado das escolhas determinadas por fatores extralinguísticos conforme sua densidade e difusão. Pode-se concluir que nem toda variação é mudança, pois nem todas as formas são adotadas pelos falantes. Em contrapartida, toda mudança, primeiro, passa pelo processo de variação. Se a mudança for avaliada positivamente, a mudança se completa; caso seja avaliada negativamente, a mudança é rechaçada. Os trabalhos atuais admitem, em geral, que a mudança linguística não acontece de forma repentina. Há, geralmente, um período de transição no qual ela se estende, gradualmente, ao longo do léxico até se completar como bem assinala Coseriu (1986, p. 100): “a mudança linguística nunca é geral ou simultânea. Começa sempre como um ato linguístico, em uma palavra e se difunde por imitação a outros atos linguísticos e se aplica também a outras palavras”.

Na tentativa de resolver a questão da mudança linguística, ou seja, os mecanismos que estão por trás do processo de mudança, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) salientam que é preciso dar conta de cinco problemas essenciais que norteiam esse tipo de estudo. São esses problemas para os quais uma teoria da mudança deve fornecer respostas a partir de análises empíricas, haja vista que as mudanças devem ser explicadas e não apenas descritas.

Sendo assim, cinco problemas foram reunidos em sua totalidade e sistematizados por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) e têm sido, assim, denominados: o *problema das restrições ou condicionadores*, o *problema da transição*, o *problema do encaixamento*, o *problema da avaliação* e o *problema da implementação*. Através desses cinco problemas, os autores defendem que é possível reconhecer os pontos em que a explicação sociolinguística supera a explicação estrutural-funcionalista. Os dois primeiros podem ser observados em mudanças já ocorridas no passado e os três últimos requerem análises de dados empíricos quando a mudança está em curso.

Os problemas que norteiam a mudança linguística são:

i. *O problema das restrições* – Esse problema remete à questão fundamental de determinar o conjunto de mudanças e condições possíveis para a mudança acontecer. Assim, defende-se a ideia de que nem toda mudança é possível e de que há restrições também quanto à possibilidade de fatores condicionantes. Esse processo dificilmente é um movimento de um sistema inteiro para outro. É, pois, o movimento de um conjunto limitado de variáveis de um sistema que muda gradualmente seus valores.

ii. *O problema da transição* – Consiste em definir e analisar o percurso através do qual cada mudança se realiza. Esse é um problema linguístico interno, já que propõe verificar como se deu a transição, como a estrutura A passou para a estrutura B. Ajuda a verificar de que forma a mudança acontece, quais são os caminhos e etapas trilhadas, se o sistema linguístico do indivíduo muda ao longo de sua vida, como as mudanças são difundidas na comunidade de fala, de que maneira as mudanças se movem de uma comunidade a outra e como uma mudança é transmitida de uma geração a outra. Para Lucchesi (2004), quanto mais acurada for a resposta ao problema da transição, maior será a compreensão dos linguistas sobre o processo através do qual a mudança linguística acontece.

iii. *Problema do encaixamento* – a teoria variacionista propõe uma interação entre os sistemas linguísticos e a estrutura social da comunidade de fala, buscando determinar todos os condicionadores linguísticos e sociais que interferem na mudança. Sendo assim, esse problema consiste na identificação da matriz social e da matriz linguística em que se verifica a mudança. Conforme observa Labov (2008 [1972]) esse problema é encontrar a matriz contínua de comportamento social e linguístico em que a mudança é levada a cabo. Além disso, o autor salienta que o melhor caminho para a solução deste problema está na descoberta das correlações entre elementos do sistema linguístico e entre esses elementos e o sistema não-linguístico de comportamento social.

iv. *Problema da avaliação* – Esse processo baseia-se no papel do indivíduo frente à mudança linguística e frente à própria língua. Esta questão busca saber como membros de uma determinada comunidade linguística avaliam a mudança e quais são os efeitos dessa avaliação sobre o processo de mudança. Busca-se saber de que forma as avaliações negativas e o estigma social afetam o curso e desenvolvimento da mudança. Os testes de avaliação social são apontados como importantes recursos que podem explicitar a avaliação social por parte dos falantes no seio de uma comunidade de fala. Nas últimas etapas de uma mudança, quando

a sociedade já é capaz de percebê-la, começam a aparecer os estereótipos relacionados a características sociais negativas. Surge, então, a reação do falante que se manifesta através da correção, rejeitando as formas inovadoras.

v. *Problema da implementação* – O problema da implementação está estritamente ligado à direção que a mudança toma na estrutura social. Evidências empíricas mostram que a instalação de uma nova variante é progressiva e que, entre dois estágios de uma língua, podem ser percebidos sistemas de transição que despertam questões sobre a forma como uma variante passa de um indivíduo a outro e de um contexto estrutural a outro. Nesse sentido, são esses estágios intermediários que vão contribuir para uma formulação da mudança. Na verdade, trata da identificação dos fatores linguísticos e sociais que motivaram a mudança. Visa a identificar em que parte da estrutura social e linguística a mudança se originou, como se espalhou para outros grupos e que grupos mostram maior resistência a ela.

Em Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), observa-se que a questão da implementação constitui o verdadeiro cerne de uma teoria da mudança, pois remete necessariamente para a teoria dos fatores condicionantes da variação. Na medida em que se identificam os condicionamentos que favorecem a mudança, adianta-se uma explicação da forma como a mudança vai se expandindo por diferentes contextos estruturais.

A mudança, no entanto, não envolve apenas motivações estruturais, mas também motivações sociais, ou seja, mudança observada no comportamento social. Labov (2008 [1972]) considera que o processo de mudança linguística implementa-se em três estágios: no primeiro estágio, um processo de mudança se dá na sua *origem* como uma das inúmeras variações ligadas ao uso de algumas pessoas; a mudança se inicia em um determinado grupo social, associada a um determinado valor social; no segundo estágio, o processo se dá na sua *propagação* quando a mudança é adotada por um grande número de falantes e, gradativamente, se expande para outros grupos sociais até se completar. Passa, então, a contrastar com a forma mais antiga ao longo da interação social. As variantes em competição são investidas de uma significação social, avaliando-se negativa ou positivamente a variante inovadora; no seu *término*, que corresponde ao terceiro estágio, a mudança alcança a regularidade pela eliminação de variantes concorrentes.

1.2 A DIALETOLOGIA

A Dialetoлогия é um dos ramos da Linguística que reconhece e busca considerar a variação linguística em seus estudos. Como observa Cardoso (2010, p. 15), esse ramo “tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica”. Sendo assim, a Dialetoлогия procura descobrir e descrever as variedades que a língua assume de uma região para outra, tentando identificar áreas mais ou menos coesas assim como determinar os fatores que levaram à sua formação.

Na pesquisa dialetal, a variedade que a língua assume é contemplada, primariamente, na sua distribuição espacial. No entanto, visto haver uma relação intrínseca entre língua e sociedade, é de se esperar que a pesquisa dialetal envolva conhecimentos de outros campos do saber, tais como da História, da Sociologia. Essa percepção pode ser notada nas palavras de Rossi (1974) quando afirma que a Dialetoлогия “se propõe a inventariar, sistematizar e interpretar as variantes de uma língua, ou de um grupo de língua definido por qualquer afinidade entre elas, com especial atenção à distribuição – espacial, cronológica, sociocultural etc. – dos traços linguísticos depreendidos” (ROSSI, 1974, p. 3298).

A história dos estudos dialetais tem seus primórdios fincados no final do século XIX e início do século XX. Sabe-se que as diferenças dialetais tem sido tema de discussões desde que o homem começou a comunicar-se reciprocamente; no entanto, o início da sistematização dos dialetos só ocorreu a partir da segunda metade do século XIX. Naquela época, as descrições eram realizadas de forma intuitiva, sem muita sistematicidade. Em decorrência das afirmações teóricas dos neogramáticos, cuja crença era de que as mudanças fonéticas não admitiam exceções, nasceu a Geografia Linguística, que se consagrou como uma metodologia, ou mais precisamente, um método para reunir de uma forma sistemática os testemunhos das diferenças dialetais.

A Geografia Linguística pressupõe o registro em mapas especiais de um grande número de formas linguísticas (fônicas, léxicas, morfológicas ou sintáticas), registradas com as respectivas variações, documentadas em uma rede de pontos, mediante um questionário previamente elaborado. Oferece a possibilidade de visualização da distribuição geográfica de determinado fenômeno linguístico e permite também isolar áreas dialetais.

A metodologia da Geolinguística baseia-se na elaboração de cartas geográficas, mapas ou atlas linguísticos que têm por finalidade mostrar os dados obtidos *in loco* de um ou mais

fenômenos linguísticos para poder traçar isoglossas que determinem a extensão de cada traço dialetal.

A primeira pesquisa da Geografia Linguística foi realizada na Alemanha por George Wenker, em 1876. Com o objetivo de cobrir todo o país, foram enviados 50.000 questionários por correspondência com 40 frases cada um deles. A riqueza dos dados recolhidos se converteu em um problema para Wenker que se viu forçado a restringir a uma área muito limitada o campo de análise em função das variantes de certas palavras. Apesar da gigantesca área de cobertura, os dados compilados por Wenker mostraram-se escassos com poucas variantes lexicais. Mesmo assim, a pesquisa dialetal havia sido implementada e a Geografia Linguística havia começado e logo se estendeu.

No início do século XX, nasce a Geografia Linguística como disciplina autônoma, com a publicação do *Atlas Linguistique de la France* (ALF) – (1902-1910) de J. Gilliéron e E. Edmont. Publicado em fascículos, esse atlas nasceu com a tarefa de melhorar os métodos que Wenker havia empregado. Gilliéron implementa uma pesquisa com questionário e um entrevistador que registra a resposta em cada situação de entrevista. Eleito pela agudeza do seu ouvido, Edmond Edmont percorreu em bicicleta os campos franceses, selecionando informantes e levando a cabo as 700 entrevistas em 639 pontos diferentes. Desse total, apenas 60 eram mulheres e 200 teriam uma educação superior à média da população rural da época. Consolida-se, definitivamente, o método de investigação diatópica. A partir daí, a investigação dialetal toma novo rumo e conduz à realização de atlas de grandes dimensões, em diferentes localidades.

O *Atlas Ítalo Suíço* – (AIS), publicado entre 1928 e 1940, teve como coordenadores Karl Jaberg e Jacob Jud, discípulos de Gilliéron, que fizeram para a Itália e parte da Suíça o mesmo que havia sido feito para a França. O AIS apresenta vantagens em muitos aspectos como, por exemplo, no questionário, no inquérito, na transcrição, na densidade da rede, entre outros. Foi o primeiro atlas que buscou retratar peculiaridades etnográficas (Rossi, 1974), incluindo em sua base de estudos 933 ilustrações por meio de desenhos e gráficos e mais de 4.000 fotografias, utilizados com o rigor da pesquisa e caráter sistemático. Foi selecionado, em geral, um informante por ponto, embora na presença de outras pessoas, cujos depoimentos foram também considerados. Jaberg e Jud usaram um inquiridor especialista em suas pesquisas. Na época da sua publicação foi considerado como uma obra gigantesca e de grande valor metodológico. Como observa Rossi (1974, p. 3298), esse atlas “[...] representou a consagração do método nos estudos dialetais e, praticamente todos os atlas linguísticos

projetados depois dele concedem aos aspectos etnográficos das áreas que abrangem a maior atenção”.

O *Linguistic Atlas of New England* – LANE – foi realizado sob a orientação de Jakob Jud (um dos autores do AIS) e Paul Scheuermeier (um dos inquiridores do AIS) e coordenado pelo filólogo norte-americano Hans Kurath. A primeira região inquirida foram os estados da Nova Inglaterra da qual saiu o LANE que foi publicado entre 1939 e 1943, em três volumes de cartas e um de introdução. Esse atlas utilizou questionários nas sondagens preliminares e nos inquéritos definitivos. Foram inquiridos 413 informantes em 213 localidades. O LANE foi o primeiro atlas a introduzir sistematicamente a variável social, considerando três estratos socioculturais e duas gerações.

A partir daí, surgiram atlas de diferentes áreas, embora nem sempre com a inclusão de variáveis sociais. Grandes projetos atuais são o *Atlas Linguistique Roman* – ALIR, dirigido por Michel Contini, com o objetivo de apresentar uma visão de conjunto da situação linguística dos domínios românicos da Europa (íbero-românico, galo-românico, italo-românico, reto-românico, romeno) através de uma análise lexical, fonética, fonológica e morfo-sintáctica conducente à realização de mapas interpretativos de símbolos. Outro grande projeto é o *Atlas Linguarum Europae* (ALE), que engloba todas as línguas da Europa e a maioria dos respectivos dialetos, tendo como presidente Nicolae Saramandu. Esses atlas são considerados supranacionais – de famílias de língua e continental.

O próprio Labov, juntamente com Sharon Ask e Charles Boberg publicou, em 2006, *The Atlas of North American English: phonetics, phonology and sound change*. Esse atlas é amplamente baseado em material fonológico, faz uso da Fonética Acústica e realiza entrevistas por telefone – TELSUR ATLAS PROJECT –, com o objetivo de representar a maior população possível, com especial atenção para palestrantes que, segundo os autores, se espera que sejam os mais avançados nos processos de mudança linguística. A seleção das localidades obedeceu às características de interseção dos três níveis: 1) zona de influência; 2) central city; e 3) área urbanizada. O atlas apresenta também versão em CD-ROM, além de ser acessível através da internet⁴.

Na evolução dos estudos dialetológicos, percebe-se, através dos procedimentos adotados, a intersecção entre o tradicional e o novo. Sendo assim, na recolha e apresentação dos dados parte-se de duas perspectivas: uma *monodimensional* que prioriza a informação

⁴ Disponível em: <http://www.ling.upenn.edu/phono_atlas/home.html>.

diatópica; e outra, *pluridimensional* que agrega, além desse aspecto, outras variáveis como faixa etária, sexo, escolaridade, grupos étnicos, entre outras.

Os fatores linguísticos sempre se constituíram em uma preocupação central dos grandes atlas linguísticos nacionais da primeira metade do século XX. Nesses trabalhos, os pesquisadores davam uma especial atenção aos aspectos linguísticos e se preocupavam com a distribuição espacial das variantes. Mergulhados nos princípios da Geografia Linguística Monodimensional, esses trabalhos baseavam-se em fatos obtidos, em geral, de um único estrato social, tradicionalmente o de pessoas rurais e mais velhas.

A investigação desses grupos de fatores linguísticos veio a se ampliar com o advento da Geolinguística Pluridimensional, que inclui em suas pesquisas a variação social. Essa nova fase coincide com a incorporação dos princípios implementados pela Sociolinguística a partir da década de 60. Os aspectos sociolinguísticos dos atlas, na visão da Geolinguística Pluridimensional contemporânea, recobrem questões que acrescentam ao parâmetro diatópico as considerações diagenéricas, diastráticas, diageracionais, diafásicas, diarreferenciais, entre outras, com vistas a entender o processo de variação, conduzindo a uma maior compreensão da realidade.

Pode-se perceber, então, que o enfoque dialetal e sociolinguístico tem surgido com grande frequência atualmente e que os rumos atuais da Dialetologia têm ampliado de forma significativa os estudos dialetais, baseado nas relações que surgem entre língua e características sociais, diferente da Dialetologia tradicional que se firmou na diferenciação espacial da língua.

1.2.1 Dialetologia e Sociolinguística: diálogos possíveis

A Dialetologia e a Sociolinguística são duas ciências que reconheceram a heterogeneidade linguística desde cedo, tendo como foco os aspectos espaciais, sociais e estilísticos da língua, como destaca Silva-Corvalán (1988):

Este reconocimiento se refleja en la existencia de conceptos tales como los de *diasistema*, que implica la coexistencia de «sistemas» en toda lengua, y naciones afines: 1) *diatopia*, diferenciación dialectal *horizontal*, de acuerdo con la dimensión geográfica o espacial; 2) *diastratia*, diferenciación dialectal *vertical*, correlacionada con factores socioculturais, y 3) *diafasia*, diferenciación según el tipo de relación entre los interlocutores, según la situación u ocasión del hablar, según el tópico del que se habla, etc., parámetros todos que se correlacionan con variaciones de modalidad

expressiva o de estilo, llamadas también diferencias diafásicas.⁵ (SILVA-CORVALÁN, 1988, p. 8)

Apesar de ambas trabalharem com a diversidade de usos da língua, atribuem um caráter particular no tratamento do seu objeto de estudo. A Dialectologia tem como objeto de estudo os diversos dialetos da língua através dos espaços geográficos, enquanto a Sociolinguística tem como seu principal objeto o estudo da língua em seu contexto social. Pode-se observar que essas duas disciplinas, embora tenham propósitos diferentes, complementam-se, dialogam porque ambas estudam a língua dentro da sociedade.

Tanto a Dialectologia quanto a Sociolinguística, como observam Ferreira e Cardoso (1994), pressupõem o estudo da diversidade da língua dentro de uma perspectiva sincrônica e concretizada nos atos de fala. Entretanto, distinguem-se na forma de tratar os dados e na perspectiva que imprimem à abordagem dos fatos linguísticos, como observa Cardoso (2010):

A Dialectologia nada obstante considerar fatores sociais como elementos relevantes na coleta e tratamento dos dados, tem como base de sua descrição a localização espacial dos fatos considerados, configurando-se, dessa forma como eminentemente diatópica. A sociolinguística, ainda que estabeleça a intercomparação entre dados diferenciados do ponto de vista espacial, centra-se na correlação entre os fatos linguísticos e os fatores sociais, priorizando, dessa forma, as relações sociolinguísticas. (CARDOSO, 2010, p. 26)

Essas duas diretrizes da Dialectologia na perspectiva diatópica e no enfoque sociolinguístico, estão contempladas na visão pluridimensional que permite agregar os dois fatores: diatópico e o social. Um aspecto relevante a ser considerado com essa visão pluridimensional dos atlas, é o fato de poderem identificar o grupo que está à frente dos processos de mudança, relacionando características sociais e linguísticas à diatopia.

Tendo em vista que a fala utilizada em diferentes regiões possui características próprias, partindo-se da visão pluridimensional, Cardoso (2006) observa que a Dialectologia atual:

⁵ Esse reconhecimento se reflete na existência de conceitos tais como o de diassistema, que implica na coexistência de sistemas em toda a língua e nações afins: 1) diatopia, diferenciação dialetal horizontal, de acordo com a dimensão geográfica ou espacial; 2) diastratia, diferenciação dialetal vertical, correlacionando com fatores socioculturais, e 3) diafasia, diferenciação segundo o tipo de relação entre os interlocutores, segundo a situação ou ocasião da fala, segundo o tópico de que se fala, etc. e todos os parâmetros que correlacionam com variações de modalidade expressiva ou de estilo chamadas também de diferenças diafásicas. (tradução nossa).

Vem buscando estabelecer relações entre as variáveis diatópicas e as variáveis sociais, sejam elas diageracionais, diagenéricas, diastráticas, ou diafásicas, com vistas a entender o processo de variação, tomado na sua plenitude, o que conduz a uma melhor compreensão da realidade e à busca de caminhos de maior embasamento para o aprendizado sistemático da língua. (CARDOSO, 2006, p. 66)

Esse estudo de natureza Geolinguística vem dando uma significativa contribuição para o conhecimento da realidade linguística dos países em geral, através dos atlas linguísticos que documentam e registram a variação em todas as suas modalidades.

As coincidências entre a Dialetoлогия e a Sociolinguística são tão fortes que têm dado margem à denominação de Dialetoлогия Social ou Dialetoлогия Urbana para a Sociolinguística. Radke e Thun (1991) observam que a Dialetoлогия Urbana conta com a contribuição da Sociolinguística para o seu desenvolvimento, ampliando os pontos verticais e realizando uma análise horizontal e vertical, tornando mais abrangente, assim, o campo de estudo. Atlas como o ADDU (*Atlas Linguístico Diatópico y Diastrático del Uruguay*), o ALISPA (*Atlas Linguístico Sonoro do Pará*) são exemplos desse tipo de estudo, pela ampliação de seu campo de investigação e pela própria apresentação dos dados.

Necessário se faz, então, distinguir a Dialetoлогия da Sociolinguística, esclarecendo-se que a Dialetoлогия estabelece as fronteiras geográficas de certos usos linguísticos, e, no passado, concentrava sua investigação em setores rurais onde acreditava encontrar variedades *mais puras* de língua. No decorrer do tempo, passou a abarcar também aspectos de ordem social (Dialetoлогия Urbana). Já a Sociolinguística tem como preocupação central a identificação de processos de variação e mudança em andamento, estabelecendo as fronteiras sociais de certos usos linguísticos, permitindo observar que a heterogeneidade faz parte integrante da economia linguística da comunidade e é necessária para satisfazer as exigências linguísticas da vida cotidiana.

A respeito da Geografia Linguística, Chambers e Trudgill (1994, p. 45) comentam que “A investigação dialetal tem tomado novo rumo. Essa nova direção se centra na Dialetoлогия Urbana mais que na Rural e na análise de interações entre variáveis linguísticas e variáveis independentes”. Quanto à Sociolinguística tem alcançado avanços significativos nos estudos da fala. Pode-se perceber, então, que o enfoque dialetal e sociolinguístico tem surgido com grande frequência atualmente e que os rumos atuais da Dialetoлогия têm enriquecido de forma significativa os estudos dialetais no âmbito das pesquisas linguísticas no Brasil.

Delimitam-se, assim, duas disciplinas que não se excluem: uma que se ocupou e que tem se ocupado do estudo linguístico no que se refere ao espaço, considerando também as

questões sociais; e outra que tem dado conta de esclarecer as variáveis, num enfoque social, e que pode também estudar questões de ordem espaciais.

1.2.2 A Dialetoologia no Brasil

A Dialetoologia no Brasil se inicia em um período que vai de meados do século XIX e se estende até a primeira metade do século XX. De acordo com Ferreira e Cardoso (1994), esse período corresponde à primeira fase dos estudos dialetais no Brasil que se iniciou com a publicação de um capítulo que tratava da língua no novo mundo de autoria de Domingos Borges de Barros, Visconde de Pedra Branca. Essa fase caracteriza-se pela ausência de trabalho de campo.

Diversos estudos marcaram os estudos dialetais no Brasil na segunda fase que vai de 1920 a 1950. Dentre eles, destacam-se o *Dialeto caipira*, em 1920, de Amadeu Amaral (1955) que nasceu da preocupação do autor com o processo de dialeção do português do Brasil sobre o qual pouco se tinha sistematizado naquela época. Em 1922, é publicado outro estudo que já alerta para a importância da fala em contexto social, de Antenor Nascentes na primeira edição de *O linguajar carioca*. Nesse livro o autor apresenta em linhas gerais o entendimento do falar brasileiro e procura situar o linguajar carioca no conjunto desses falares. Outro importante estudo e que também marca o início dos estudos dialetais é *A língua do Nordeste* de Mário Marroquim, publicado em 1934. Essas obras debruçam-se sobre o falar das diferentes regiões que abordam, examinando a língua nos mais variados aspectos. Nessa fase, observa-se a ausência do trabalho de campo, mas já existe uma preocupação com uma metodologia voltada para o exame da realidade.

A terceira fase, como observa Ferreira e Cardoso (1994), caracteriza-se pela produção de trabalhos com base em *corpus* constituído de forma sistemática e é marcado pela implementação dos estudos da Geografia Linguística no Brasil. Nesta fase, manifesta-se a intenção de elaborar-se o atlas linguístico do Brasil (Decreto 30.643, de 20 de março de 1952). Alguns nomes se destacam pelo trabalho realizado e pelo empenho em defesa da questão dialetal e implantação dos estudos da Geografia Linguística: Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha, Nelson Rossi.

Sobre a Dialetoologia no Brasil, Ferreira e Cardoso (1994) esclarecem ainda que é uma ciência que tem demonstrado até então seu maior interesse pelos dialetos regionais, rurais, sua distribuição e intercomparação, tanto que pode ser identificada como a linguística diatópica horizontal. Tendo a Sociolinguística surgido na década de 60, propondo estudar a variação à

luz de causas sociais, profissionais, de nível de instrução, de idade, de sexo, etc., a inserção desses fatores não representou grande novidade para a Dialetoлогия que já se preocupava, embora de modo assistemático, com as questões sociais.

Exemplo bastante claro do que foi exposto encontra-se no *Atlas Prévio dos Falares Baianos* – (APFB), publicado em 1963, como mostram Ferreira e Cardoso (1994), tendo à frente Nelson Rossi. É um trabalho pioneiro na aplicação da Geografia Linguística que se constitui como primeiro atlas linguístico do Brasil. Este trabalho figura entre os que, com rigor científico e precisão metodológica, se envolveram na implantação dos estudos dialetais. Inclusive com informações de natureza etnográfica nos desenhos de armadilhas, lugar onde guarda rapé, por exemplo, e nas descrições feitas pelos informantes.

Outros importantes trabalhos seguiram-se a este. Dentre eles: *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais* (EALMG) de Ribeiro et al., em 1977; *Atlas Lingüístico da Paraíba* (ALPb) de Aragão e Menezes em (1984); *Atlas Lingüístico de Sergipe* (ALS) de autoria de Ferreira et al., publicado em 1987; *Atlas Lingüístico do Paraná* de Aguilera, publicado em 1994; *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS*, que envolve três estados do Sul do Brasil – Rio Grande do Sul, Santa Catarina, e Paraná – coordenado por Walter Koch e publicado em 2002.

A Dialetoлогия no Brasil continua a se expandir qualitativa e quantitativamente, incluindo em seus estudos os aspectos diastráticos e diafásicos. Os atlas linguísticos mais recentes incorporam novos conhecimentos e novas metodologias. A Geolinguística no Brasil, a partir da publicação do APFB, alcançou um desenvolvimento bastante significativo e passou a ocupar um lugar de destaque no cenário dos estudos linguísticos. O projeto para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), em 1996, concretizando um sonho de Antenor Nascentes, deu novo impulso aos estudos dialetológicos no país. O ALiB estrutura-se como um atlas pluridimensional, pautando-se pelos princípios da geolinguística contemporânea.

O Projeto Atlas Linguístico do Brasil é a primeira tentativa, em nível nacional, de descrição do português brasileiro com base em dados coletados *in loco*, nas diversas regiões geográficas a partir da investigação em uma rede de pontos que se estende de Norte a Sul do país. É um empreendimento de grande amplitude, de caráter nacional, no que diz respeito à língua portuguesa, priorizando a variação espacial ou diatópica e atento às implicações de natureza social.

Trata-se, portanto, de um projeto que se desenvolve no campo da variação linguística, mais especificamente no campo da Dialetoлогия e com base no método da Geolinguística Contemporânea.

Com os volumes 1 e 2, dá-se início à publicação do *Atlas Linguístico do Brasil*, em 2014 (CARDOSO et al., 2014). O ALiB é a concretização de um compromisso firmado em 1996, por ocasião do *Simpósio Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*, atendendo um desejo de que o Brasil tenha seu atlas linguístico nacional, no tocante à língua portuguesa. Sobre o objetivo maior desse empreendimento, Cardoso (2012), grande entusiasta do ALiB, elucida:

[...] é a produção de um atlas linguístico do Brasil no tocante à língua portuguesa. Um atlas que vai oferecer a descrição da realidade linguística do Brasil fundamentada na pesquisa *in loco*, na recolha de dados orais coletados de forma sistemática e seguindo uma metodologia única. São dados da realidade diatópica, permitindo uma descrição geográfica e o traçado de linhas divisórias ou aproximantes de áreas que fornecerão, sem dúvida, o mapeamento de regiões dialetais do português brasileiro. Mas são também dados recolhidos com controle de variáveis sociais – gênero, faixa etária, escolaridade –, informações que se juntarão às de ordem espacial para que se trace com uma visão geo-sociolinguística, os caminhos do português brasileiro. (CARDOSO, 2012, p. 26)

No volume 1, consta parte significativa da própria história da construção do *Atlas Linguístico do Brasil* (CARDOSO et al., 2014), apresentando a metodologia seguida, com destaque para a rede de pontos, os questionários e os informantes a que se junta a informação sobre a cartografia dos dados. O volume 2 traz resultados das 25 capitais brasileiras, objeto da pesquisa espelhados em mapas linguísticos com dados fonéticos morfossintáticos e semântico-lexicais que exibem a realidade estudada. O terceiro volume está previsto e apresentará estudos sobre os diferentes temas refletidos nas cartas linguísticas.

O *Atlas Linguístico do Brasil* (CARDOSO et al., 2014) é resultado do trabalho de vários pesquisadores. Em razão de seu caráter multi-institucional, o projeto conta com a participação de pesquisadores de instituições federais e estaduais de ensino, provenientes das diferentes áreas geográficas do território nacional que compõem o Comitê Nacional: Suzana Alice Marcelino Cardoso (Universidade Federal da Bahia), Jacyra Andrade Mota (Universidade Federal da Bahia), Vanderci de Andrade Aguilera (Universidade Estadual de Londrina), Maria do Socorro Silva de Aragão (Universidade Federal do Ceará e Universidade Federal da Paraíba), Aparecida Negri Isquierdo (Universidade Federal do Mato Grosso do

Sul), Abdelhak Razky (Universidade Federal do Pará) e Felício Wessling Margotti (Universidade Federal de Santa Catarina).

A rede de pontos do ALiB é constituída de 250 localidades, que se estende por todo o território nacional – do Oiapoque ao Chuí –, contemplando capitais e cidades do interior. Na constituição da rede, levou-se em consideração a extensão de cada região, os aspectos demográficos, culturais, históricos e a natureza do processo de povoamento da área.

O perfil dos informantes contempla as novas orientações que se imprimiam na área, sobretudo por influência da Sociolinguística, sem desconsiderar toda a experiência anterior da pesquisa geolinguística. Sendo assim, estabeleceu na sua metodologia para seleção dos informantes variáveis outras, além da diatópica: a diageracional, a diagenérica e a diastrática. Desse modo, os 1.100 informantes estão estratificados conforme o sexo (homens e mulheres); a faixa etária (faixa I: 18 a 30 anos e faixa II: 50 a 65 anos), sendo quatro, em cada faixa, nas capitais, e dois, nas demais localidades; o nível de escolaridade (da 1ª à 8ª série do ensino fundamental incompleto⁶ e, nas capitais de Estado, também os de nível universitário, com quatro informantes em cada nível); além de serem naturais de cada área pesquisada, filhos de pais também da mesma área, com pouco tempo de afastamento da cidade (menos de um terço da vida), não apresentarem problemas de fala (gagueira, fala fanhosa) e ausência de dentes que interfira na articulação de alguns sons.

Fazem parte dos inquéritos do ALiB três tipos de questionários: a) o Questionário Fonético-Fonológico (QFF); b) o Questionário Semântico-Lexical (QSL); e o Questionário Morfossintático (QMS). Acrescentam-se questões referentes à pragmática, assim como sugestões de temas para o registro de discursos semidirigidos e questões de natureza metalinguística e texto para leitura (COMITÉ..., 2001). Todas as questões têm uma formulação inicial, de modo a assegurar a intercomparabilidade dos dados obtidos. Em alguns casos, faz-se uso de gravuras que visam a auxiliar o desenvolvimento do inquérito, cabendo, ao inquiridor, fazer as adequações necessárias.

O Projeto ALiB, como observam Mota e Cardoso (2006), inicia uma nova fase na história da Dialectologia brasileira, pois hoje há um interesse por atlas que não havia antes. Essa nova fase se faz notar:

- i) pela ampliação do campo de estudo que não se restringe mais aos dados fonético-fonológicos e léxico-semânticos, como, em geral, nos atlas

⁶ Constatou-se a dificuldade, em diversas localidades, de encontrar informantes da faixa I que tenham cursado até no máximo a 4ª série, tendo sido, então, flexibilizado o critério inicial, ampliando-se a faixa aceitável de escolaridade até o final do ensino fundamental incompleto.

tradicionais, incorporando dados morfossintáticos, pragmático-discursivos, metalinguísticos, etc., tal como previsto na metodologia do ALiB; ii) pela própria apresentação dos dados que nos atlas atuais, ditos ditos de 2ª e 3ª gerações, se fazem acompanhar de comentários linguísticos e de CDs que reproduzem a voz do informante, na localidade em que ela foi registrada, como, por exemplo, no ALISPA. (MOTA; CARDOSO, 2006, p. 23)

Acrescenta-se a esse aspecto da geolinguística contemporânea a preocupação etnolinguística que, mesmo presente nos atlas tradicionais, desde o começo do século XX, passa a figurar com maior sistematicidade nos projetos atuais. Essa nova fase coincide com a incorporação dos princípios implementados pela Sociolinguística a partir da década de 60, adotando, a partir daí uma visão pluridimensional.

1.3 DESCRIÇÃO DAS VOGAIS ÁTONAS NO PORTUGUÊS DO BRASIL E NO PORTUGUÊS DE PORTUGAL

1.3.1 As vogais no português do Brasil

Vogais são segmentos em cuja produção a corrente de ar passa livremente pela cavidade bucal, distinguindo-se-lhe o efeito acústico pela forma assumida por essa cavidade, que assim atua como caixa de ressonância (CÂMARA JR., 2007 [1964]). As vogais distinguem-se das consoantes por: i) serem sons periódicos complexos; ii) constituírem núcleo de sílaba e sobre eles poder incidir acento de tom e/ou intensidade. O autor afirma que “As nossas consoantes não têm função silábica e o núcleo da sílaba é sempre uma vogal”. Adiante acrescenta: “As vogais são os elementos fônicos suscetíveis de funcionar sós.” (CÂMARA JR., 1977, p. 52).

As vogais do português do Brasil, considerando a forma da cavidade bucal, podem ser classificadas de acordo com três parâmetros articulatórios: elevação da língua, zona de articulação e arredondamento dos lábios.

i) em função da elevação gradual da língua, na parte anterior ou na parte posterior, dá-se a classificação articulatória de vogais em baixa, médias de 1º grau ([ɛ]) e ([ɔ]) ou médias baixas, médias de 2º grau ([e]) e ([o]) ou médias altas e altas ([ɪ]) e ([ʊ]).

ii) em função do arredondamento ou distensão dos lábios a vogal pode ser arredondada e não-arredondada.

iii) o último parâmetro, zona de articulação, depende do avanço ou recuo da língua, fazendo com que a vogal seja classificada como anterior, central e posterior.

Partindo dessa concepção sobre vogais, ainda nos idos de 1950, Câmara Jr. descreveu o sistema vocálico do português brasileiro com ênfase na redução vocálica como resultado do processo de neutralização. Na descrição desse autor, é apresentada uma sequência triangular em que 7 vogais orais na posição tônica, se reduzem a 5 na sílaba pretônica e, depois a 3 na sílaba átona final.

1.3.1.1 Posição tônica

Do ponto de vista estrutural, a primeira análise abrangente que há das vogais portuguesas é a de Câmara Jr. (2004 [1970]) tendo como base o sistema vocálico triangular proposto por Trubetzkoy (1929 apud Câmara Jr., 2004 [1970]). Sendo assim, o autor descreve as vogais do português do Brasil na posição tônica, como se pode observar no Quadro 1.

Quadro 1 – Caracterização articulatória das vogais tônicas no português do Brasil

VOGAIS				
Altas	/u/		/i/	
Médias	/ô/		/ê/	(2º grau)
Médias	/ò/		/è/	(1º grau)
Baixa		/a/		
posteriores		central		anteriores

Fonte: Câmara Jr. (2004 [1970], p. 43)

Conforme mostra o Quadro 1, o sistema vocálico do Brasil apresenta um contraste fonêmico de 7 vogais orais na sílaba tônica. A partir deste quadro é feita a dedução das vogais distintivas do português em outros tipos de contextos silábicos. O autor observa que, nas posições átonas, “[...] certas oposições que, em posição tônica, têm valor distintivo se suprimem ou desaparecem” (CÂMARA JR., 2004 [1970] p. 43). É por este motivo que a classificação geral dos fonemas vocálicos do português, segundo esse autor, deve partir da posição tônica e esclarece a razão pela qual toma essas vogais como ponto de partida para a sua descrição:

Para as vogais portuguesas a presença do que se chama, “acento” ou particular força expiatória (intensidade), associada secundariamente a uma ligeira elevação de voz (tom) é que constitui a posição ótima para caracterizá-las. A posição tônica nos dá em sua plenitude e maior nitidez os traços distintivos vocálicos. (CÂMARA JR., 2004 [1970], p.40-41)

Observa-se que, somente em sílaba tônica podem realizar-se todas as vogais portuguesas, uma vez que nas demais posições silábicas o quadro vocálico fica bastante reduzido em face da supressão ou da neutralização do valor distintivo de determinados fonemas.

1.3.1.2 Posição átona

As vogais átonas no português do Brasil apresentam um quadro reduzido de cinco vogais em decorrência da neutralização que se observa com o desaparecimento da oposição das médias entre primeiro e segundo grau. Essas vogais podem ser pretônicas e postônicas. Dentre as postônicas, existem ainda as postônicas não-finais e as postônicas finais já que os fatos fonológicos que aí se manifestam não são os mesmos. De acordo com Câmara Jr. (1976 [1972]), as sílabas pretônicas apresentam uma enunciação menos fraca. As demais sílabas átonas não-finais são ainda mais fracas sem ter a debilidade das átonas finais.

Com a perda do traço distintivo entre as médias, se reduzem a cinco as vogais átonas pretônicas, documentando-se o desaparecimento da oposição entre as médias de 1º e 2º graus na posição pretônica. Na posição postônica não-final (em proparoxítonas), o autor admite a neutralização entre /o/ e /u/, mas não entre /e/ e /i/, rechaçando, assim, a pronúncia *númiro* em vez de *número* para *número*. Em posição final de vocábulo reduz-se o sistema a três vogais átonas finais seguidas ou não de /s/, há a neutralização de /e/ - /i/ e de /o/ - /u/. Assim, três quadros de vogais átonas surgem na descrição de Câmara Jr., (2004 [1970]) para o português do Brasil: vogais pretônicas, vogais postônicas dos proparoxítonos e vogais átonas finais. Esses quadros de vogais serão detalhados nas seções, a seguir.

1.3.1.2.1 Posição átona pretônica

No Quadro 2, Câmara Jr. (2004 [1970]), apresenta a descrição das vogais pretônicas no português do Brasil:

Quadro 2 – Vogais pretônicas no português do Brasil

VOGAIS PRETÔNICAS		
Altas	/u/	/i/
Médias	/o/	/e/
Baixa	/a/	

Fonte: Câmara Jr. (2004 [1970], p. 44)

Como se pode observar, o quadro das vogais pretônicas apresenta um conjunto de vogais com enunciação menos fraca, que condiciona o quadro de cinco vogais, com o desaparecimento da oposição entre as médias de 1º e 2º grau.

A realização das vogais pretônicas é um dos aspectos de que se têm servido vários autores para delimitar áreas regionais. No Brasil, a classificação dialetal mais conhecida é a de Antenor Nascentes, embora essencialmente organizada na base de impressões de viagens. Segundo Nascentes (1953), o país se divide em duas grandes áreas dialetais, a do Norte com os subfalares que neutralizam em /ɔ/ e /ɛ/ e os contrastes [o]:[ɔ] e [e]:[ɛ], e a do Sul com os subfalares que neutralizam em [o] e [e]. Para o autor, os subfalares do Norte possuem duas grandes divisões: o amazônico (Pará, Amazonas, Acre e noroeste de Goiás) e o nordestino (Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Nordeste de Goiás). Os subfalares do Sul, por sua vez, compreendem quatro subdivisões: o baiano (Bahia, Sergipe, Norte de Minas Gerais e Leste de Goiás), o fluminense (Espírito Santo, Rio de Janeiro, parte do Leste de Minas Gerais), o mineiro (maioria do estado de Minas Gerais) e o sulista (São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, além do Sul de Minas, Sul de Goiás e Mato Grosso).

A variação no âmbito das vogais médias pretônicas constitui uma das características marcantes do português do Brasil. Em alguns dialetos, como, por exemplo, da região Nordeste, as vogais [ɛ, ɔ] ocorrem em posição medial em qualquer estilo como em *pecado* ['pɛkadu], *coragem* [kɔ'razẽỹ]. De uma forma geral, diz-se que o falar do Sudeste/Sul apresenta uma tendência para o fechamento das vogais, enquanto o falar do Nordeste, apresenta tendência para a abertura.

1.3.1.2.2 Posição átona postônica não-final

No Quadro 3, é apresentada a descrição das vogais postônicas dos proparoxítonos, ou vogais penúltimas átonas, segundo Câmara Jr. (2004, [1970]).

Quadro 3 – Vogais postônicas não-finais no português do Brasil

VOGAIS POSTÔNICAS NÃO-FINAIS		
Altas	/u/	/i/
Médias	/../	/e/
Baixa	/a/	

Fonte: Câmara Jr. (2004 [1970], p. 44)

Conforme se observa no Quadro 3, as vogais postônicas mediais ocorrem entre a vogal tônica e a vogal átona final em palavras proparoxítonas. Nessa posição, a neutralização só existe entre as médias e altas posteriores /o/ e /u/, mas não entre /e/ e /i/, que mantêm a oposição, como em número ['numeru] e não ['numiru], o que configuraria um quadro de quatro segmentos fonológicos.

Brandão e Santos (2009) ressaltam que a proposta mattosiana para a vogal átona não-final das palavras proparoxítonas não é aceita pacificamente, entre os pesquisadores, em decorrência da baixa produtividade de vocábulos proparoxítonos, bem como da ausência de pares mínimos que confirmem a oposição entre /e/ e /i/, de acordo com a própria tradição estruturalista.

1.3.1.2.3 Posição átona postônica final

No Quadro 4, Câmara Jr. (2004 [1970]) apresenta a descrição das vogais átonas finais diante ou não de /s/.

Quadro 4 – Vogais postônicas finais no português do Brasil

VOGAIS POSTÔNICAS FINAIS		
Altas	/u/	/i/
Baixa	/a/	

Fonte: Câmara Jr. (2004 [1970], p. 44)

Conforme indica o quadro, o sistema de vogais postônicas finais fica reduzido a três vogais /i/, /a/, /u/. O /i/ representa toda a série anterior e o /u/, a posterior, como em *ponte* [ˈpõti], *ponto* [ˈpõtu] e *ponta* [ˈpõtɐ].

Câmara Jr. (2004 [1970]) ressalta que a posição átona final torna a articulação diferente da átona pretônica e que, numa classificação fonêmica, o que importa é que os sons vocálicos classificados como surdos ou reduzidos são consequência da posição átona da vogal. Nessa posição, o autor (1976 [1972], p. 47) afirma que “as sílabas finais átonas são as mais débeis, em vocábulos de acento tônico na penúltima sílaba, ditos paroxítonos”. Essa debilidade máxima da sílaba átona final provoca o seu enfraquecimento, a sua redução e até a sua queda em decorrência da variação dialetal.

No português do Brasil, do ponto de vista fonológico ocorre, pois, uma neutralização entre a vogal alta e a média de segundo grau em posição átona final, com claro proveito da alta, de que decorrem as realizações [i] e [u] como diz Câmara Jr. (2004, [1970]):

Todos os fonemas vocálicos, em termos fonéticos, apresentam variação articulatória e auditiva, então. Mas o que essencialmente caracteriza as posições átonas é a redução do número de fonemas. Isto é, mais de uma oposição desaparece ou se suprime, ficando para cada uma um fonema em vez de dois. É o que Trubetzkoy tornou um conceito clássico em fonologia com o nome de «neutralização». (CÂMARA JR., 2004 [1970], p. 43)

A neutralização não é um fenômeno novo. Os textos antigos já registram esse fenômeno como parte da evolução da língua. Datam do século XIII as primeiras fusões entre /e/, /i/ e /o/, /u/. Isso mostra que a debilidade das vogais átonas finais está associada a processos diacrônicos. Em análise dos textos galego portugueses, Maia (1986) já documenta a ocorrência de uma fusão entre as vogais médias e altas:

O certo, porém, é que desde muito cedo, /i/ e /e/ finais se fundiram num único fonema, uma vez que a oposição não tinha, neste contexto, qualquer valor distintivo. [...] O fonema resultante dessa fusão admitiria diferentes

realizações fonéticas, ora [e], ora [i], ora timbre intermediário entre as duas vogais. Atestam essa fusão dos dois fonemas e a realização como /i/ na zona estudada a grafia de algumas formas que, de acordo com a sua proveniência etimológica, deveriam terminar em -e e aparecem na grafia com -i: *fiquy*, *fiqui*, *fyqy*, *dissi*, *firmy*, *nommj*. (MAIA, 1986, p. 523)

A autora explica que a instabilidade observada nas posições átonas é o reflexo das profundas flutuações fonéticas que podiam sofrer as vogais átonas no antigo galego-português.

No que diz respeito ao fenômeno da neutralização, Câmara Jr. (1976 [1972]), descreve:

Em certas condições do ambiente fonético, uma oposição de fonemas, em geral depreensível na língua, se anula e a realização física passa a ser uma só, quer sob o aspecto de um dos fonemas, quer sob um terceiro aspecto em que só se mantêm os traços comuns a ambos. (CÂMARA JR., 1976 [1972], p. 37)

Câmara Jr. (1976 [1972], p. 59) ressalta que “o triângulo reduzido de três vogais (abrimento máximo mediano, abrimento mínimo anterior e abrimento mínimo posterior, ou sejam, /a, i, u/) é o das sílabas inteiramente átonas na posição mais débil qual é a átona final”. O autor explica que essas sílabas tornam-se mais fracas não só nos vocábulos pouco relevantes da frase, mas também generalizadamente, na pronúncia articulatória relaxada da fala familiar.

Estudos realizados sobre as vogais postônicas finais mostram que a neutralização nem sempre ocorre da mesma forma em todas as áreas brasileiras.

O artigo de Bisol (2003), que trata da neutralização das átonas, mostra os resultados estatísticos, extraídos de Vieira (2002), com base em dados do Projeto VARSUL sobre a neutralização das átonas finais, em especial, a vogal /e/. Esses dados revelam, através de seus índices, o uso variável da vogal alta. Bisol (2003) observou que há capitais que realizam essa vogal opcionalmente ou escassamente como Curitiba, por exemplo, com um percentual de 37%, enquanto há outras, como Porto Alegre, que a realizam categoricamente com um índice de 81% de uso. Análises revelam que o processo de neutralização, nesta posição, apresenta flutuações em muitas variedades do português brasileiro, indicando que não se chegou a uma completude: *verde* ~ *verdi*; *solo* ~ *solu*. Além disso, tais flutuações sinalizam um processo de mudança em direção ao subsistema vocálico mais simples /i, a, u/, como já dissera Câmara Jr. (1976 [1972]), tomando por base o dialeto carioca.

Com base nesses dados, Bisol (2003) observa que a neutralização da vogal átona final no português brasileiro é um processo em andamento no que diz respeito à opção pela vogal alta, uma vez que a variação permanece em certas comunidades e nota que:

A neutralização, entendida como perda do traço distintivo entre vogais médias e altas, é uma regra geral nesta posição, e a preferência para realização da alta tende a generalizar-se. O contraste fonológico fica restringido a três vogais, independentemente do alofone que se realiza. (BISOL, 2003, p. 278)

Os resultados de Bisol (2003) sobre a neutralização da vogal átona em posição final ajustam-se ao que observa Câmara Jr. (1976 [1972]):

No Brasil houve um cerramento variável do /e/, que no Rio de Janeiro, por exemplo, deu francamente /i/. Podemos considerar esta a articulação normal do português brasileiro em simetria com /u/, que, como vimos, substituiu muito cedo em português o /o/ átono final. Dialetalmente, no Sul o timbre é mais aberto e pode chegar a /ɛ/; nestas condições, há uma precária oposição distintiva com /i/ átono final de algumas palavras. (CÂMARA JR., 1976 [1972], p. 45)

Como se pode ver tanto nas observações de Câmara Jr. (1976 [1972]) quanto nas de Bisol (2003), a neutralização das vogais átonas em posição final /i/ e /u/ é vista como uma articulação normal no português do Brasil. É relevante destacar que as áreas, em que foram verificados casos de apagamento são áreas de neutralização de /i/ e /u/ no português do Brasil e de Portugal que, como observa Câmara Jr. (1976 [1972], p. 45), “em todas as posições átonas, aliás, há para contar em Portugal como uma violenta redução da vogal”.

1.3.2 As vogais inacentuadas do português de Portugal

Sobre o processo de redução das vogais átonas no português de Portugal, após as transformações sofridas, Teyssier (2004 [1982]) diz que:

Por volta de 1800 este sistema já havia sofrido uma modificação importante no que se refere às vogais realizadas como [ɐ] e [ɔ] em posição átona, tanto pretônica (*meter*, *morar*) como final (*passo*, *passo*). Em lugar de [ɐ], ter-se-á uma vogal central fechada que transcrevemos por [ë]; ex.: [mëtër], [pásë]; e, em vez de [ɔ], ter-se-á [u]; ex.: [murár], [pásu]. É esta transformação que chamaremos de “redução”. (TEYSSIER, 2004 [1982], p. 69)

O autor explica, ainda, que tal redução se reveste de extrema importância na história da língua. Elas são próprias da língua oral, jamais vem transcrita na ortografia oficial, que continua a escrever *e* e *o* para as vogais que se pronunciam hoje [ê] e [o]. O autor adverte que essa realização ocorre em Portugal, mas não no Brasil.

Considerando o aspecto histórico da evolução das vogais na posição final átona no português de Portugal, pode-se observar que, segundo Teyssier (2004 [1982]), nos séculos XVI e XVII as vogais escritas *-e* e *-o* eram realizadas foneticamente [e] e [o]. Essa realização, no entanto, se modifica no século XVIII, como afirma o autor (2004 [1982], p. 70): “Só no século XVIII é que aparecem as primeiras indicações a atestarem que naquela época *-e* se pronunciava [i] e que *-o* era pronunciado [u].” O primeiro documento em que se comprova esse fato é a *Grammática Italiana* de D. Luis Caetano de Lima (1734 apud TEYSSIER 2004 [1982]). Nesse trecho o autor recomenda não pronunciar da maneira portuguesa o *-e* final italiano:

Note-se que as palavras que acabam em *-e* se devem pronunciar com um som escuro, mas não tão escuro, como fazem os portugueses, os quais mudam quase o *-e* final em *-i*, e em lugar de pronunciarem *anche*, *pure*, *rumore*, *parlare*, *sentire*, pronunciam *anchi*, *puri*, *rumori*, *parlari*, etc. (LIMA, 1734 apud TEYSSIER, 2004 [1982], p. 70)

Mais adiante, a propósito do *-o* final italiano, escreve: “Note-se que a vogal *o* geralmente no fim das palavras tem som aberto, e não fechado ou escuro, como lhe dão ordinariamente os portugueses, equivocando-o com *u*.” (TEYSSIER, 2004) [1982], p. 70).

Apesar de essas observações não se referirem ao português, mas ao italiano falado pelos portugueses, elas se revestem de singular importância pelo fato de revelarem que “a pronúncia [i] e [u] das vogais finais *e* e *o* era, para os portugueses, um hábito articulatorio instintivo”. (TEYSSIER (2004) [1982], p. 70).

Posteriormente, em 1746, Luis Antonio Verney (apud TEYSSIER 2004) em comentário sobre a pronúncia do português faz a seguinte descrição fonética:

Finalmente devo advertir a V. P. que estes seus nacionais, ainda falando, pronunciam mal muitas letras no meio, mas principalmente nos fins das dicções. V.g. *e* final, pronunciam como *i*, como em *dê-me*, *pôs-me*, etc. Todo o *o* final acaba em *u*, v. g. em *tempo*, *como*, *buxo*, etc., cujos nomes quem quer pronunciar à portuguesa deve acabar em *u*. (VERNEY, 1746 apud TEYSSIER, 2004 [1982], p. 70)

Pode-se constatar que o registro da passagem do *-o* final a [u] data da primeira metade do século XVIII, e, daí em diante, a realização de [u] para a vogal escrita *-o* é definitiva como mostra Teyssier (2004 [1982]):

A passagem de *-o* final a [u], atestada como se viu já na primeira metade do século XVIII, é desde então um fato consumado. A realização [u] para tudo o que se escreve *-o* final (átomo) é de regra no conjunto do território português da Europa e também do Brasil. Encontra-se na base de todos os crioulos portugueses. (TEYSSIER, 2004 [1982], p. 71)

O mesmo não ocorre com a vogal final escrita *e*. Tomando por base as anotações de Teyssier (2004 [1982]), esta vogal apresenta um processo mais complexo de transformação. Na primeira metade do século XVIII, ela era pronunciada [ɪ]. O português atual transformou-a em uma vogal central muito fechada e muito breve que se transcreve [ë]. Este [ë] é pronunciado hoje de forma tão breve em Portugal que se torna quase inaudível: *passé* [ˈpas]; *ponte* [ˈpõt], como observa Teyssier (2004 [1982]):

Tal [ë] não veio, com toda a evidência, diretamente do antigo [ɛ], realização primitiva do *-e* final átomo, mas sim do [i] atestado na primeira metade do século XVIII, tendo-se processado a evolução de acordo com o seguinte esquema: [ɛ] > [i] > [ë]. Há, de resto, vários pontos do território europeu da língua em que este [i] intermediário sobreviveu nos falares contemporâneos (Minho, Beira Baixa, Algarve, Madeira, Açores). (TEYSSIER, 2004 [1982], p.72)

Adiante, o autor adverte “Foi, pois, esse [i] geral que se reduziu a [ë] no português europeu, e só nele” (TEYSSIER (2004 [1982], p.72).

Sobre as vogais escritas *-e* e *-o*, no português europeu, Teyssier (2004 [1982]), resume que:

A realização [u] para a vogal escrita *-o* é definitiva. Mas, a realização [i] para a que se escreve *-e* será, em Portugal, na língua comum, uma simples etapa intermediária para o [ë] contemporâneo que deve ter aparecido na segunda metade do século XVIII. (TEYSSIER, 2004 [1982], p.73)

Levando em consideração as transformações sofridas pela língua em seu processo natural de evolução, Teyssier (2004 [1982], p.77) apresenta o quadro das vogais orais do português europeu:

Quadro 5 – Sistema das vogais orais no português europeu

Posição tônica		Posição pretônica		Posição átona final
/i/	/u/	/i/	/u/	/u/
		/è/		/è/
/ɛ/	/ɔ/		/ɔ/	
	/ä/	/ä/		/ä/
/ɛ/	/ɔ/	/ɛ/	/ɔ/	
	/a/	/a/		

Fonte: TEYSSIER, 2004 [1982], p. 77.

Pode-se ver demonstrada, no Quadro 5, a situação da língua contemporânea. Preserva o número de unidades distintivas que havia no século XVI, mas com nova distribuição.

Sendo assim, de acordo com Câmara Jr. (1977[1953]), as maiores discrepâncias entre as subnormas de Portugal e do Brasil, encontram-se nos quadros das vogais átonas. Em relação às átonas finais o autor explica:

Os arquifonemas átonos do triângulo reduzido de três vogais pertencem ao tipo do /i/ e do /u/, enquanto em Portugal há complementarmente o /e/, dito neutro com muito menos elevação e posição central da língua em qualquer posição átona. Fonemicamente, é um alofone do /e/ átono, que no Brasil em posição final absoluta ou diante de /z/ passa a /i/ (salvo em certas regiões do Sul do nosso País, onde /e/ anterior aí se mantém (como no Paraná). (CÂMARA JR., 1977 [1953], p. 64)⁷

Teyssier (2004 [1982]) salienta que é justamente na pronúncia das vogais que o português do Brasil se distancia, tanto pelo seu conservadorismo como pelas suas inovações, do português europeu. O sistema vocálico brasileiro é simétrico e equilibrado. As átonas finais são realizadas de forma mais nítida que no português europeu.

⁷ Apesar da ciência de que existe a edição de 2008, que inclusive foi utilizada neste trabalho, manteve-se a citação da edição de 1977, haja vista o texto ter sido modificado significativamente.

1.4 TEORIAS: MODELOS PARA ANÁLISES DAS VOGAIS

1.4.1 O estruturalismo

Sabe-se que o principal legado de Saussure encontra-se no reconhecimento de que a língua é uma estrutura, um sistema e descrevê-la significa revelar a organização de suas unidades constituintes e os princípios que orientam tal organização.

Em Saussure, a linguagem deve ser tomada como um objeto duplo, apresentando duas faces que se correspondem e das quais uma não vale sem a outra. Para esse pensador, a linguagem tem um lado social que compreende a língua (*langue*), e um lado individual que compreende a fala (*parole*). Como dito em Saussure (2006 [1916], p.16) “A linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro”. A cada instante a língua é, ao mesmo tempo, um sistema estabelecido e uma evolução. Ao mesmo tempo em que ela é organizada, estruturada, ela também oferece um sistema de possibilidades que vão alterando-a e modificando-a através do tempo. Desse modo, torna-se impossível conceber uma sem a outra. As teorias desse pensador podem ser explicadas por meio de quatro dicotomias. Duas delas serão explicitadas, uma vez que constituem abordagens.

A partir dos estudos de Saussure, outras propostas teóricas tiveram um caráter importante na elaboração e desenvolvimento da proposta estruturalista. Uma destas propostas é a corrente do Círculo Linguístico de Praga. Essa escola destaca-se como uma das escolas estruturalistas mais importantes da Europa, não apenas pela presença de Jakobson, que é um capítulo essencial na história do estruturalismo, mas pela sua importância para a linguística, a partir dos estudos nela desenvolvidos principalmente em parceria com o russo Nicolae Trubetzkoy, já que é dela que surgem os estudos em fonologia.

Com a teoria saussuriana, passou-se a ter uma nova visão a respeito do componente fonológico. Através da delimitação deste objeto de estudo começam a serem estabelecidos procedimentos metodológicos e teóricos para a investigação do componente sonoro. Surge, então, nessa corrente estruturalista da fonologia, inspirada nos princípios expostos por Trubetzkoy, a unidade mínima da língua: o fonema.

O fonema constitui uma unidade mínima distintiva na estrutura de uma determinada língua que tem um papel contrastivo e concreto na investigação linguística. Essa determinação do caráter fonêmico dos sons é conseguida através das operações de segmentação dos itens lexicais em unidades fonicamente indivisíveis e de comutação dessas unidades. Sempre que a partir desta comutação haja uma alteração do significado das palavras resultando em pares

mínimos, prova-se que estes sons são fonemas da língua em questão. O principal critério para demonstrar o estatuto fonêmico de um som é a distintividade (SAUSSURE, 2006 [1916]).

A maior contribuição do Círculo de Praga para a Teoria Linguística foi o estabelecimento da fonologia como uma disciplina propriamente linguística. A fonologia nasce assim no enquadramento das teorias estruturalistas do Círculo Linguístico de Praga onde são produzidos trabalhos exponenciais como os de Trubetzkoy e Jakobson. Sabe-se que o Estruturalismo clássico de Praga, escola que surgiu em 1926, teve seu auge em 1930 com o Congresso de Fonologia e durou até meados de 1937.

Com base nas distinções realizadas por Saussure (2006) – língua e fala, sincronia e diacronia, signo linguístico – os linguistas da Escola de Praga proclamaram a necessidade de se fazer distinção entre fonologia e fonética, dois termos usados até então para definir a ciência dos sons. Segundo esses estudiosos, a fonologia estuda as funções linguísticas dos sons, os fonemas da língua enquanto a fonética se preocupa com a produção e as características dos sons da fala.

Uma reflexão ampla de caráter exaustivo para a época de formulação é a análise do componente sonoro do português formulada por Câmara Jr. 2008 [1953]. Inicialmente vale destacar o pensamento desse autor que, tomando por base as orientações de mestres como Trubetzkoy, no que diz respeito ao conceito de fonologia:

A nova fonologia vê nos sons da língua elementos de constituição das palavras com uma função gramatical nítida, e procura estudá-la neste sentido, destacando da fonética uma disciplina integralmente linguística e contrastando-a com aquela, que estuda os sons da fala como meros produtos de física acústica e fisiologia articulatória (CÂMARA JR., 2008 [1953], p. 15)

É possível observar que a nova visão da fonologia contrapõe o pensamento de foneticistas dos fins do século XIX que viam no estudo dos sons da língua uma ciência natural, que contemplava apenas a sua face fonética. Surge o termo fonologia “usado para o estudo dos sons e da elocução de uma determinada língua, enquanto a fonética é entendida como a ciência geral dos sons da fala” (CÂMARA JR. 2008 [1953], p. 14).

A análise proposta por Câmara Jr. (2008 [1953]) assume procedimentos estruturalistas clássicos de análise fonêmica como justifica o próprio autor:

A natureza dos estudos que aqui se teve em mira, com aplicação à língua portuguesa, foi formulada, exposta e estabelecida na Europa, principalmente a partir de 1926, por um grupo de linguistas associados em Praga num

Círculo Lingüístico, sob a orientação de mestres russos emigrados, entre os quais N. S. Trubetzkoy. (CÂMARA JR. 2008 [1953], p. 13)

A proposta de análise desse autor conta com as contribuições adicionais das noções assumidas pelo Círculo de Praga, como as noções de neutralização e arquifonema que irão respaldar a sua descrição do sistema vocálico triangular do português do Brasil.

A partir do estruturalismo, muitos modelos teóricos foram implementados, conforme citados pelos autores Bisol (2005) e Magalhães (2009): o modelo da Fonologia Gerativa Padrão (CHOMSKY; HALLE, 1968), da Teoria autosegmental (GOLDSMITH, 1976), da Fonologia Métrica (PRINCE, 1993, 1995; Halle; Vergnaud, 1987); Fonologia de Uso (BYBEE, 2001), além da inovadora Teoria da Otimidade (MCCARTHY; PRINCE, 1993). Essas teorias surgem para ampliar o campo de pesquisa e oferecer outras possibilidades de explicações para os diversos fenômenos fonético-fonológicos existentes nas línguas naturais.

1.4.2 Fonologia Autosegmental

Uma das propostas mais inovadoras dos últimos anos, que procura responder à necessidade de revisão das hipóteses tradicionais referentes à estrutura segmental, encontra-se na Fonologia Autosegmental. Essa teoria surge como alternativa ao modelo gerativo tradicional (CHOMSKY, HALLE, 1968 apud BISOL, 2005) e tem como objeto de estudo o segmento e sua estrutura interna, caracterizando por integrar o conjunto de teorias fonológicas denominadas não-lineares como defende Goldsmith (1985, p. 299) “A fonologia autosegmental rejeita uma imagem estritamente linear das representações fonológicas”.

A fonologia autosegmental configura-se como uma análise fonológica multilinear segundo a qual a organização fonológica pode ser colocada em níveis distintos, sendo os vários níveis organizados por linhas de associação e por uma condição de boa formação.

Diferente do modelo gerativo, o modelo autosegmental manipula os segmentos não como elementos em sua totalidade, mas como autosegmentos com estrutura interna, em que um processo fonológico pode atingir, não o segmento inteiro, mas apenas parte dele. Ao operar com autosegmentos, esse modelo permite a segmentação independente de partes dos sons das línguas, pois entende que não há uma relação “bijetiva” (de um para um) entre o segmento e o conjunto de traços que o caracteriza. Nesse modelo, os traços podem estender-se além ou aquém de um segmento e o apagamento de um segmento não implica necessariamente o desaparecimento de todos os traços que o compõem.

O modelo autosegmental defende também que o segmento apresenta uma estrutura interna, por meio da qual os traços que compõem determinado segmento da língua organizam-se de forma hierárquica. Segundo Matzenauer (2005), esse aspecto da teoria tem como primeira consequência uma nova representação formal que compõe o segmento. Outra consequência apresentada é a exigência de que essa representação revele que, nas regras fonológicas, os traços podem tanto funcionar isoladamente, como podem funcionar como um conjunto solidário. Sendo assim, tal estrutura permite representar o comportamento independente de cada traço, bem como seu funcionamento em conjuntos solidários.

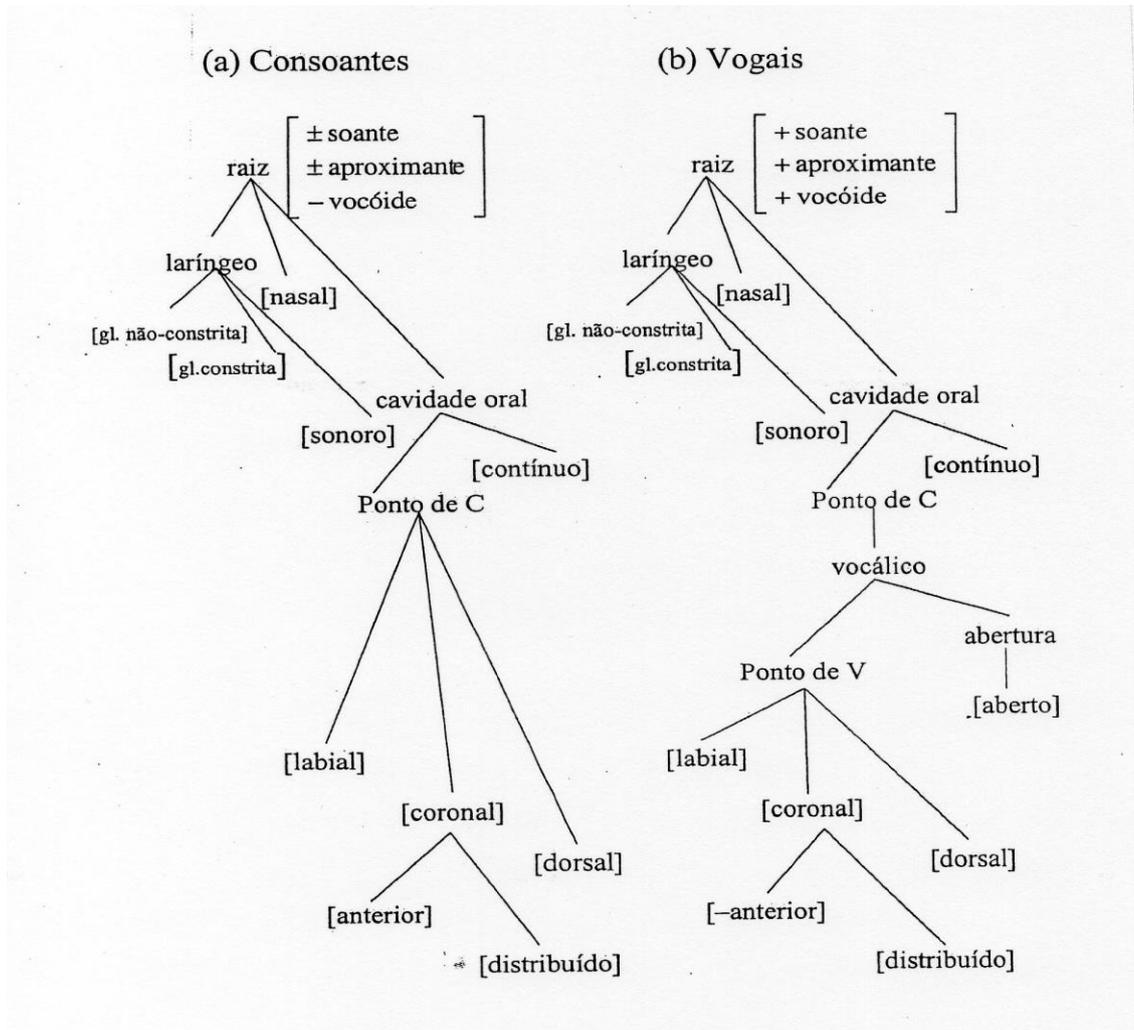
Pode-se resumir, destacando que a fonologia autosegmental postula: a) uma representação subjacente para cada forma a ser analisada; b) níveis organizados hierarquicamente; c) princípios gerais que atuam autonomamente em cada nível e regras particulares, selecionadas e ativadas diferentemente em cada língua.

Tendo como finalidade representar a hierarquia existente entre os traços fonológicos e o fato de que os traços podem ser tanto manipulados isoladamente como em conjuntos solidários, Clements (1985 apud BISOL, 2005) desenvolve um modelo que, na acepção do autor, é um prolongamento da fonologia autosegmental, a geometria de traços.

Na geometria de traços, os segmentos, consoantes e vogais, são representados com uma organização interna a qual se mostra através de configurações de nós hierarquicamente ordenados, em que os nós terminais são traços fonológicos e os nós intermediários, classes de traços. Nessa teoria, vogais e consoantes apresentam estrutura paralela. Matzenaur (2005) se reporta a Clements (1991) e Clements e Hume (1995), para esclarecer que, em relação ao ponto de articulação, esses autores utilizam o mesmo conjunto de traços para caracterizar todos os segmentos, ou seja, atribuem as vogais os mesmos pontos de constricção atribuídos às consoantes. A autora explica que, com o estabelecimento desse conjunto único dos traços articulatorios, foi possível não só caracterizar claramente as classes naturais exemplificadas, como também explicar a interação entre consoantes e vogais, o que é um fato observado em muitas regras de assimilação.

A representação da organização hierárquica de consoantes e vogais, de acordo com Clements (1989, apud MATZENAUER, 2005) pode ser observada na Figura 1:

Figura 1 – Representação da organização hierárquica de consoantes e vogais, segundo a Teoria Autossegmental



Fonte: Matzenauer (2005, p. 50).

Segundo essa teoria, um traço pode espriar-se, ligando-se, de forma não-linear, a mais de um segmento.

Nesse modelo, o nó de abertura domina os traços referentes à altura da vogal. Nas observações de Matzenauer (2005), o modelo gerativo de Chomsky e Halle (1968), distinguia a altura das vogais através dos traços binários [alto] e [baixo], definidos com base na altura do corpo da língua. Diferentemente, Clements (1989, apud MATZENAUER, 2005) propôs, para caracterizar a altura das vogais, um único traço: [aberto]. Desse modo, altura é entendida como o tom, correspondente a um único parâmetro articulatorio e acústico e pode ser representado através de um traço, organizado hierarquicamente em *tiers*, a cada um dos quais deve ser atribuído o valor + ou -.

Goldsmith (1985) chama atenção para dois aspectos fundamentais que distinguem a proposta da Fonologia Autossegmental e a proposta da Fonologia Gerativa:

- i. O desenvolvimento de uma análise fonológica multilinear, segundo a qual diferentes traços podem ser colocados em níveis distintos, sendo os vários níveis organizados por linhas de associação e por uma Condição de Boa-Formação.
- ii. A análise de fenômenos fonológicos não tanto em função das regras de alteração de traços, como acontecia, mas antes em termos de regras que suprimem e reorganizam os vários autossegmentos, pelo reajuste das linhas de associação. (GOLDSMITH, 1985, p. 297)

No que concerne à representação fonológica na fonologia autossegmental, Goldsmith (1985, p. 298) “considera a existência de formas subjacentes e de superfície que consistem em cadeias de segmentos paralelas, dispostas em dois ou mais níveis. Os traços estão distribuídos pelos vários níveis, de tal modo que nenhum traço aparece em mais do que um nível”. Esta representação fonológica, algo mais rica, serve de base a uma análise fonológica formal mais empreendedora, e, em última instância, mais simples.

1.4.3 Fonologia Prosódica

A fonologia prosódica é o ramo da fonologia que trata da organização do enunciado em unidades fonológicas hierarquicamente organizadas. Nesse modelo, a relação entre fonologia e sintaxe ocorre por intermédio de uma estrutura de constituintes prosódicos, construídos pelo mapeamento de informações dos vários módulos da gramática na fonologia e por isso não são necessariamente isomórficos aos constituintes sintáticos conforme defende Bisol (2005), valendo-se da proposta de Nespor e Vogel (1986):

[...] o constituinte prosódico, que conta com informações de diferentes tipos, fonológicas ou não-fonológicas para a sua definição inicial de domínio, não apresenta compromisso de isomorfia com os constituintes de outras áreas da gramática. As diferenças basicamente provêm do fato de que as regras que constroem a estrutura prosódica não são recursivas por natureza, pois o sistema fonológico é finito, enquanto as regras sintáticas são recursivas, isto é o sistema sintático não é finito. (BISOL, 2005, p. 243)

Tais constituintes não possuem uma relação direta com os constituintes sintáticos, apesar de serem formulados a partir deles. Bisol (2005), citando Nespor e Vogel (1986), mostra que os domínios prosódicos se colocam como um aparato necessário na descrição dos

fenômenos fonológicos que, por ocorrerem além do nível da palavra, são candidatos a sofrerem influência de informações de ordem sintática.

A construção da hierarquia prosódica respeita quatro princípios universais, listados em Bisol (2005) tendo por base o que dizem Nespor e Vogel (1986):

- i) cada unidade da hierarquia prosódica é formada de uma ou mais unidades da categoria imediatamente mais baixa;
- ii) cada unidade está exhaustivamente contida na unidade imediatamente superior de que faz parte;
- iii) os constituintes são estruturas n-árias;
- iv) a relação de proeminência relativa que se estabelece entre nós irmãos, é tal que a um só nó se atribui o valor forte (s) e a todos os demais o valor fraco (w). (BISOL, 2005, p. 245)

Considerando os princípios universais apresentados, em Nespor e Vogel (1986) e referenciados por Bisol (2005), a hierarquia prosódica é constituída por sete unidades, a partir de uma regra geral que diz (BISOL, 2005, p. 245): “Construção do constituinte prosódico. Incorpore em X^p todos os X^{p-1} incluídos em uma cadeia delimitada pelo domínio de X^p ”. Vale ressaltar que nessa regra, X^p corresponde a um constituinte (pé, palavra fonológica, grupo clítico, frase fonológica, frase entoacional e enunciado) e X^{p-1} corresponde ao constituinte imediatamente inferior na hierarquia.

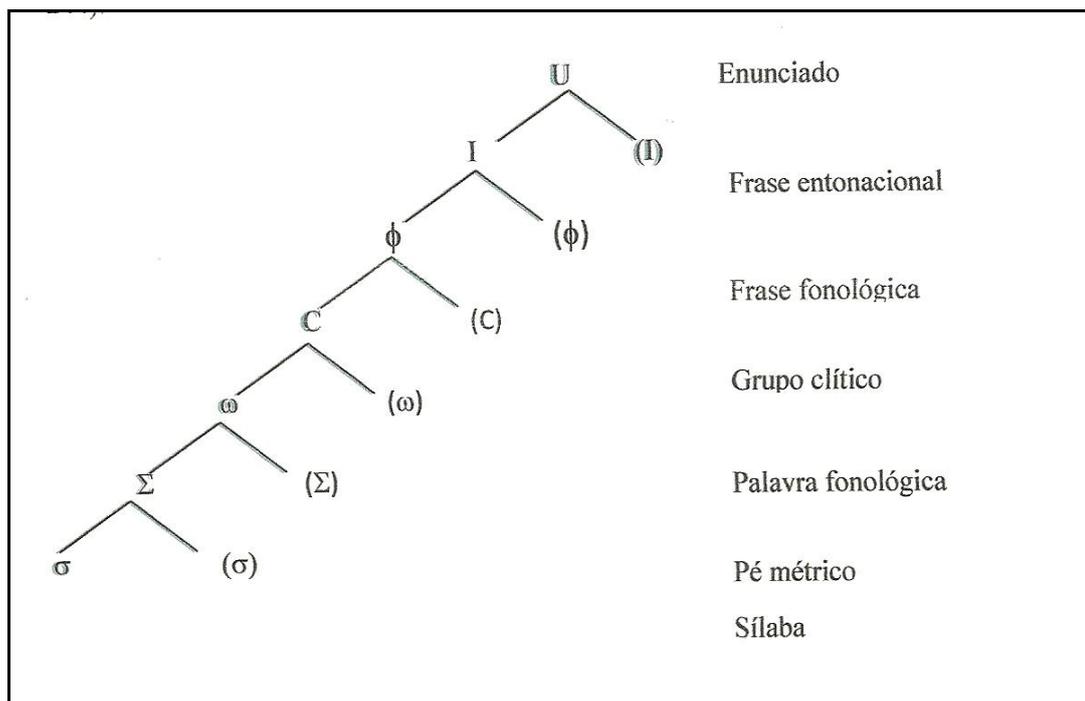
Partindo da aplicação dessa regra de constituintes, Nespor e Vogel (1986) propõem uma hierarquia prosódica composta de sete unidades:

Hierarquia Prosódica:

Enunciado	U
Frase entonacional	I
Frase fonológica	ϕ
Grupo clítico	C
Palavra fonológica	ω
Pé	Σ
Sílaba	σ

Essa hierarquia também pode ser representada por um diagrama arbóreo como se pode observar na Figura 2 que se segue:

Figura 2 – Representação arbórea dos contínuentes da hierarquia prosódica



Fonte: Bisol (2005, p. 244).

Abousalh (1997) explica que, nessa hierarquia prosódica, cada constituinte, como dito acima, é caracterizado pelo tipo de informação utilizada na sua construção e pelas diferentes regras fonológicas que o tomem como domínio de aplicação. Convém notar que a seleção das informações que são utilizadas na construção dos domínios obedece a uma ordenação específica.

Segundo a teoria de Nespor e Vogel (1986), citados por Bisol (2005), a relação entre os componentes fonológico e sintático se dá na criação dos domínios prosódicos relevantes por regra de mapeamento. Para as autoras, desses constituintes prosódicos, o que mais se presta a sofrer reestruturação é, especificamente, a frase fonológica, seguida da frase entonacional.

Bisol (1996) define a frase fonológica como uma unidade prosódica constituída de um X, cabeça lexical, N, V, ou A, que congrega todos os elementos do seu lado recursivo, palavras fonológicas ou grupos clíticos. Nele exerce um papel particular a proeminência relativa, com que o acento frasal está diretamente relacionado. A frase fonológica corresponde a constituintes sintáticos, mas não integralmente.

Na concepção de Nespor e Vogel (1986 apud BISOL, 2005), a frase entonacional possui características particulares e tem como regra básica de formação o domínio de um contorno de entoação e que os fins de frases entonacionais coincidem com posições em que as

pausas podem ser introduzidas. Em Bisol (2005) a frase entonacional é vista como o conjunto de frases ou apenas uma frase fonológica que porte um contorno de entonação identificável.

Conforme observam Nespor e Vogel (2007), um dos aspectos centrais da Fonologia Prosódica diz respeito à interação entre fonologia e outros componentes da gramática. Como observam as autoras, é possível notar que não há uma estrutura prosódica responsável pela interação entre a entoação e a estrutura sintática. Sendo assim, a entoação não reflete diretamente uma estrutura sintática, não havendo, portanto, correspondência entre os constituintes sintáticos e os domínios prosódicos.

Sabe-se que a entoação é um dos meios pelos quais a hierarquia prosódica se manifesta. Exemplo disso é a análise da entoação adotada por Tenani (2002) em que apresenta um estudo comparativo entre a estrutura prosódica do português brasileiro e do português europeu. Nessa investigação, a autora se propõe a pesquisar evidências de natureza entonacional, segmental e rítmica de três constituintes da hierarquia prosódica: a frase fonológica, a frase entonacional e o enunciado fonológico.

Nessa busca de evidências entoacionais da estrutura prosódica, Tenani (2002) destaca a frase fonológica como o domínio cujo elemento proeminente sempre é candidato a carregar eventos tonais. A autora encontra também evidências da relevância do domínio da frase entonacional em português brasileiro. Mas encontra uma diferença entre o português brasileiro e o europeu no que diz respeito aos domínios prosódicos relevantes para caracterização do modo pelo qual se associam os contornos entoacionais à cadeia segmental.

Tomando por base os processos de sândi externo para identificar evidências segmentais de domínios prosódicos, Tenani (2002), considera, dentre outros processos, a elisão, a degeminação e a ditongação. Nessa análise, verifica que o sândi externo em português brasileiro ocorre entre todas as fronteiras prosódicas inclusive entre enunciados. Nas constatações da autora, somente a pausa inibe o sândi, uma vez que ela desfaz a adjacência entre os domínios e, conseqüentemente, o contexto de aplicação de regras de sândi externo.

Dentre as constatações de Tenani (2002), destacam-se:

- i. as evidências encontradas indicam que a estrutura prosódica é relevante para explicar as características prosódicas das duas variedades do português estudadas;
- ii. pode-se afirmar que, no português brasileiro, não foram encontradas evidências segmentais, mas apenas evidências entoacionais dos três domínios prosódicos investigados;

- iii. encontram-se evidências da importância da frase fonológica para a organização entoacional em português brasileiro;
- iv. em contextos de bloqueio da degeminação e da elisão constatou-se que nas duas variedades do português há restrições que atuam no domínio da frase fonológica de modo a bloquear a configuração de estruturas rítmicas mal formadas;
- v. encontraram-se indícios de que o português do Brasil seja predominantemente de ritmo silábico do que o português europeu.

Outro estudo em que os constituintes prosódicos assumem especial relevância é o de Serra (2009) que trata da *Realização e Percepção de Fronteiras Prosódicas no Português do Brasil*. Observa-se que a Teoria Prosódica é de particular interesse para o estudo da autora e a frase fonológica e a frase entoacional admitem interesse especial para a análise.

O estudo de Serra (2009) teve como proposta maior relacionar a percepção e a produção, indo além da fala controlada de laboratório e investigar a função da prosódia de fraseamento da fala de estilo espontâneo e na leitura de textos provenientes da fala espontânea. Essa observação do fraseamento prosódico é toda feita a partir da percepção por parte dos usuários da língua do que seja uma ruptura.

Em suas conclusões, Serra (2009) observou que a presença da pausa revelou-se como a principal pista para a percepção de uma ruptura no *corpus* nos dois estilos de fala. Além disso, concluiu que a leitura espontânea (LE) e a fala espontânea (FE) apresentam a mesma gramática prosódica realizada pelo mesmo tipo de pistas fonético-fonológicas; todavia estas são usadas de modo mais consistente em LE e de modo mais disperso em FE, contribuindo para maior dificuldade na percepção sistemática de fronteiras prosódicas em FE relativamente a LE.

Nesta tese, pretende-se buscar evidências a respeito da ocorrência do apagamento das vogais átonas finais em contextos de frase fonológica a partir de análises espectrográficas dos enunciados para observar esse apagamento em relação à curva da frequência fundamental. A hipótese a ser examinada é que o apagamento estaria ocorrendo com mais frequência no ápice da curva entoacional (tom ascendente).

1.5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Como pode ser visto, apresentou-se, neste capítulo, uma síntese do arcabouço teórico de base variacionista, que percebe a variação como requisito ou condição do próprio sistema linguístico. De acordo com essa teoria, a ausência de heterogeneidade estruturada é que seria

disfuncional. O modelo laboviano permitiu compreender que as estruturas variantes dentro de uma comunidade de fala não são aleatórias, mas condicionadas por regras. A Dialectologia Pluridimensional é uma disciplina muito próxima da Sociolinguística; embora possuam distintos enfoques de análise, ambas defendem a variação como condição do próprio sistema linguístico, condicionada por fatores de natureza interna e externa. A base fonético-fonológica parte de uma concepção tradicional em que se observa a descrição vocálica do português do Brasil como um sistema vocálico de 7 vogais orais que se reduz a 3 na posição átona final. No tocante à pronúncia das vogais átonas finais, o português do Brasil inova ou conserva alguns aspectos fonéticos do português de Portugal. O falante brasileiro conserva o [u] como o português europeu de hoje, mas inova quanto à realização de [ɐ], que passa a [ɪ] em posição átona final. Tendo em vista uma melhor explicação do fenômeno em estudo, foram discutidos, aspectos considerados básicos nos modelos fonológicos mais modernos como a Fonologia Autossegmental e a Fonologia Prosódica.

2 ASPECTOS HISTÓRICOS DO PORTUGUÊS DO BRASIL

Esta seção tenciona situar as observações acerca do apagamento no panorama sócio-histórico do português do Brasil. Para tanto, serão apresentados alguns aspectos da sua constituição histórica, levando em consideração as diferentes etnias que entraram em contato para a sua formação e pontuando alguns fatos que se configuram como relevantes para o seu desenvolvimento. Será destacada a influência do europeu no processo de colonização bem como a sua preocupação em propagar o meio de comunicação vigente, incluindo a imigração no final do século XIX e início do século XX, assim como a influência açoriana na formação sócio-histórica e linguística do português do Brasil.

2.1 A FORMAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DO PORTUGUÊS DO BRASIL

A formação do português do Brasil envolve o claro contato com povos indígenas, portugueses e africanos que constituíram sua base histórica desde o século XVI até o século XVIII. Desde o início da colonização, o país foi marcado pelo intenso contato com populações indígenas que já habitavam no Brasil e possuíam mais de mil línguas diferentes; o europeu, elemento dominante que impunha sua cultura e sua língua nas diversas situações de contato; e, em fins do século XVI, a presença africana trazida para o Brasil à força para o trabalho escravo. Há que se considerar esses três elementos presentes no panorama histórico do português do Brasil para explicar a dinâmica da sua multiplicidade e diversidade linguística.

O século XVI foi marcado inicialmente pelo encontro dos primeiros portugueses com os homens indígenas, habitantes da costa brasileira, e suas várias línguas. No início da colonização portuguesa, existiam mais de mil línguas indígenas de vários troncos e famílias linguísticas (RODRIGUES, 1996). Esse número foi reduzido drasticamente em função do genocídio indígena nos primeiros cem anos de colonização. Com a chegada dos jesuítas para os trabalhos de catequese dos índios, observou-se certa homogeneidade cultural e linguística ao longo do litoral em que predominavam povos indígenas de tronco tupi, tupinambá e tupiniquim de família linguística tupi-guarani. Esse contato possibilitou a gramaticalização da *língua mais falada na costa do Brasil* que veio a ser o título da gramática de Pe. Anchieta, publicada em 1595.

Segundo Rodrigues (1996), a miscigenação em larga escala de homens europeus e mulheres indígenas teve como consequência a rápida formação de uma população mestiça

cuja língua materna foi a língua indígena das mães e não a língua europeia dos pais. No início da colonização, para cobrir uma variedade de situações especiais de contato entre europeus e povos indígenas surgiram as línguas gerais. A língua geral surgida numa região é a língua indígena perpetrada pela mãe e seus familiares com os acréscimos, reajustes, modificações e alterações proporcionadas pela situação de contato com o europeu.

Usada para cobrir uma vasta diversidade de situações linguísticas, a língua geral era o veículo de comunicação usado nas diversas situações de contato entre europeus e povos indígenas no início da colonização. Rodrigues (1996) distingue duas línguas gerais faladas em situações especiais de contato: a língua geral paulista, de base tupiniquim e/ou guarani que terá sido a língua de intercomunicação entre colonizadores, colonos e índios nas bandeiras para o interior do Brasil; e a língua geral amazônica de base tupinambá que acompanhou a expansão portuguesa na Amazônia. Refere-se à língua dos mestiços portugueses e mães indígenas na área do Estado do Pará, marcada pela heterogeneidade, em função da inclusão, na comunidade, de falantes de índios de distintas línguas. A partir do Maranhão essa língua começou a avançar por todo o vale do Rio Amazonas, alcançando Venezuela e Colômbia. Como se pode perceber “a língua geral se tornou um recurso linguístico indispensável de comunicação entre colonizadores e indígenas” (RODRIGUES, 1996, p. 35).

Como observa Lucchesi (2009), o termo língua geral recobriria uma diversidade de situações linguísticas:

- (i) a *koiné* empregada na comunicação entre as tribos de línguas do tronco tupi da costa brasileira;
- (ii) a sua versão como língua franca usada no intercurso dos colonizadores portugueses e indígenas;
- (iii) a versão nativizada predominante nos núcleos populacionais mestiços que se estabeleceram no período inicial da colonização; e
- (iv) a versão “gramaticalizada” pelos jesuítas sob o modelo do português e utilizada largamente na catequese, até de tribos de línguas não tupi [...]. (LUCCHESI, 2009, p. 43)

Essa sujeição das tribos, explica Lucchesi (2009), foi fortemente disseminada pelos núcleos povoadores em São Paulo que organizaram expedições com o nome de Bandeiras que mobilizavam grandes contingentes a fim de colonizar e povoar. Vale ressaltar que, no Brasil Colonial, essas expedições adentravam os sertões de Minas Gerais e do Centro-Oeste com o intuito de capturar indígenas e descobrir novas jazidas minerais. A língua geral perdurou em São Paulo até o início do século XVIII, quando o advento do ciclo da mineração alterou esse estado de coisas.

Nos séculos XVI e XVII, como observa Rodrigues (1996), esse processo de mestiçagem foi mais intenso nos extremos da área de colonização portuguesa, que eram São Vicente ao sul e Maranhão e Pará ao norte, do que nas áreas centrais e mais próximas do centro administrativo que era Salvador. Essa diferença entre áreas centrais e áreas externas teve consequências importantes para a língua dos descendentes portugueses no Brasil: nas áreas centrais o português foi se tornando uma língua comum dos colonos marcado pela língua tupinambá. O processo de colonização nestas áreas foi agressivo, violento e invasor. Não houve condições sociolinguísticas para criação de uma língua geral nesta área tamanha foi a rapidez das mudanças nas proporções demográficas entre índios e não índios. Resultou o predomínio da língua portuguesa por toda a extensa área central.

Diante de todo esse quadro, vale destacar o fato de terem, essas línguas, ganhado ampla finalidade no Brasil Colônia sendo muito usadas em boa parte do território dominado, até então, pelos portugueses.

No que se refere aos africanos, cuja presença foi cada vez mais requerida em função das demandas apresentadas pela economia açucareira, já nos séculos XVI e XVII, sobretudo nas áreas da Bahia e Pernambuco e da substituição da mão de obra indígena, nos termos de Pessoa de Castro (1990), é possível observar que

[...] a inadaptabilidade do indígena para o trabalho escravo, agrícola e sedentário mais a proteção junto aos jesuítas contra sua escravidão resultaram no aumento do volume do tráfico com a África nos fins do século XVI, a fim de atender à demanda crescente de mão de obra nas plantações de cana de açúcar e nos trabalhos de engenhos estabelecidos sob o regime de casa grande e senzala (PESSOA DE CASTRO, 1990, p. 100)

Sendo assim, o outro conjunto que vem juntar-se ao português europeu, ao lado das línguas indígenas é a população africana e afrodescendente.

O tráfico negreiro tornou-se um negócio altamente lucrativo e de grande interesse dos senhores de engenho; além disso, representou a verdadeira força que impulsionou a economia açucareira como se pode observar nas palavras de Lucchesi (2009):

[...] o sequestro e transporte das populações africanas que passou à história com a denominação de *tráfico negreiro* - forneceu a força de trabalho para a implementação da cultura agroexportadora do açúcar, que viveria o seu apogeu durante o século XVII. E certamente, os fabulosos lucros proporcionados pelo tráfico de escravos africanos para servirem aos senhores de engenhos, ávidos por mão de obra para impulsionar o seu próspero empreendimento, falou mais alto do qualquer resistência cultural indígena. (LUCCHESI, 2009, p. 45)

Pessoa de Castro (1990) registra que os primeiros contingentes trazidos para o Brasil foram negros da Guiné, domínio banto. Foram mais de doze milhões de africanos de várias procedências étnicas que vieram para o Brasil num período de três séculos. Essa população africana e afrodescendente que chegou a ser majoritária por todo o período colonial foi o agente principal da difusão do português no território brasileiro, observa Mattos e Silva (2004).

Os escravos desde cedo passaram a ter contato com o português. Nas anotações de Pessoa de Castro (1990, p. 103), observa-se que “os escravos ladinos eram os preferidos para os trabalhos domésticos e da colonização”. Alguns já vinham da África falando português, outros aprenderam português no Brasil. Por serem bilíngues, esses escravos gozavam de grande prestígio sociológico. Podiam participar de duas comunidades linguisticamente diferenciadas: casa grande e senzala. Enquanto na primeira ele era preferido para trabalhos domésticos, na segunda, cuidava da disciplina, era capitão do mato ou guarda pessoal de seus proprietários.

Em consequência disso, a partir do século XVII, as línguas indígenas perderam a sua razão de ser como língua veicular nos estabelecimentos da costa, e começaram, sem dúvida nenhuma, a ser substituídas pelas línguas africanas nas senzalas, onde se misturavam africanos de diferentes procedências étnicas a um contingente de indígenas, a fim de evitar rebeliões que pusessem em perigo a vida de seus proprietários.

A massa africana escravizada, chegada ao Brasil, e seus descendentes tiveram de aprender outra língua, na oralidade, sem normatização escolar, a língua dominante da colonização, a portuguesa. Registra Mattoso (1990 [1979]):

O aprendizado do português, que se fez idioma vernáculo dos escravos incapazes de se comunicar entre eles nas suas línguas respectivas, não pôde ser absorvido muito depressa e a língua torna-se verdadeira barreira entre os recém chegados e os outros. (MATTOSO, 1990 [1979], p. 105)

A autora esclarece que o africano raramente encontra, em seu local de trabalho, outros do seu grupo linguístico. Cabe ao senhor ou com mais frequência ao feitor a missão de ensinar aos recém-desembarcados os rudimentos do idioma. O aprendizado também se dava com os companheiros de corveia ou com o capelão, que não era presença muito frequente nas fazendas. Eles adquiriam um conhecimento precário da língua, que permitisse a compreensão das ordens.

Havia uma preocupação do colonizador com a própria segurança, visto que a necessidade de criar estratégias de proteção se impunha, como observa Pessoa de Castro (1990):

Se misturavam africanos de diferentes procedências étnicas a um contingente de indígenas a fim de evitar rebeliões que pusessem seriamente em perigo a vida de seus proprietários numericamente inferiorizados e em áreas interioranas, isoladas e de difícil acesso sem grandes comunicações umas com as outras. Essa mistura étnica, numa mesma senzala era a principal salvaguarda dos proprietários contra as revoltas de escravos que não deixaram de eclodir em diferentes lugares e épocas [...]. (PESSOA DE CASTRO, 1990, p. 101)

Nesses ambientes, a necessidade de comunicação entre povos linguisticamente diferenciados provocou a emergência de uma espécie de língua franca ou dialeto das senzalas. Pessoa de Castro (1990) registra que, nos dois primeiros séculos, as línguas quibundo, quicongo e umbundo foram as predominantes na maioria das senzalas ou as de maior prestígio sociológico.

De acordo com Pessoa de Castro (1990), ao final do século XVII, a exportação de fumo no Recôncavo baiano e a descoberta das minas no Brasil provocaram um aumento no tráfico de escravos da Costa da Mina, região de língua kwa, do Golfo de Benin. Em decorrência disso surgiu, em uma comunidade sócio-economicamente diferente daquela da casa grande e senzala, o dialeto das minas, de base ewe. Esses escravos tinham mais chances de ascender socialmente e se tornarem livres. O dialeto das minas veio ao encontro dos falares africanos de base banto, já estabelecidos nas zonas rurais, e do padrão português colonial do Brasil que via seu vocabulário aumentado por empréstimos bantos e kwa.

Apesar de consideráveis contribuições linguísticas africanas, principalmente no campo da morfologia e do léxico, não se estabeleceu no Brasil uma língua geral africana. Pessoa de Castro (1990) ressalta que a influência mais forte das línguas africanas no português brasileiro se fez notar na morfologia, na simplificação e redução das flexões de plural e das formas verbais na fala popular. Há a possibilidade de ter havido língua geral banto nas áreas de mineração nos fins do século XVII, nagô ou iorubá, na Bahia, e quimbundo em outras áreas.

Tendo em vista as drásticas alterações sofridas pela língua portuguesa em sua fase essencialmente histórica, Lucchesi (2003), para explicar as mudanças induzidas pelo contato, defende o processo de transmissão linguística irregular que ocorre nas diversas situações de contato. O autor vale-se do conceito de transmissão linguística irregular para “designar os processos históricos de contato massivo e prolongado entre línguas, nos quais a língua do

segmento que detém o poder político é tomada como modelo ou referência para os demais segmentos” (LUCCHESI, 2003, p. 272). Tais processos podem levar à formação de uma língua historicamente nova, denominada *pidgin* ou *crioulo* ou a simples formação de uma nova variedade histórica da língua que predomina na situação de contato.

Nessas situações de transmissão linguística irregular, a criança não recebe dos pais um modelo razoavelmente completo. A faculdade da linguagem age livremente. O processo de reestruturação gramatical que caracteriza esse processo em todos os seus níveis apresenta duas faces que congregam a) a simplificação dos dispositivos morfossintáticos sobretudo em fases iniciais; b) incremento (recomposição) da estrutura gramatical erodida nas fases seguintes. (LUCCHESI, 2003)

Através do conceito de transmissão linguística irregular, Lucchesi (2003) busca explicar as características que hoje separam o português brasileiro do português europeu como resultado da aquisição imperfeita do português por falantes adultos das línguas indígenas brasileiras e por falantes adultos das línguas africanas – maior relevância – e da nativização desse modelo defectivo de segunda língua entre os seus descendentes.

São características fundamentais desse processo:

- (i) perda ou variação no uso de morfologia flexional e palavras gramaticais; Esta característica está na base de todas as línguas pidgins e crioulas. A morfologia flexional associada a regras de concordância é afetada em qualquer situação de contato maciço entre línguas.
- (ii) alteração dos valores dos parâmetros sintáticos em função de valores não marcados, que não implicam, entre outras coisas, movimentos aparentes na estruturação da sentença;
- (iii) gramaticalização de itens lexicais para preencher as lacunas na estrutura linguística. (LUCCHESI, 2003, p. 276)

As características apresentadas acima são imprescindíveis para avaliar com mais precisão as reais consequências linguísticas dos processos históricos do contato entre línguas que não resultam na formação de um crioulo típico, e que nem por isso deixaram de resultar em processos significativos de variação e mudança na estrutura linguística das variedades da língua alvo que surgiram nesse tipo de situação.

Se há inserção do elemento negro nesse contexto, há também a presença massiva dos portugueses atraídos pelo enriquecimento rápido. O ciclo do ouro provocou uma grande onda migratória vinda de Portugal favorecendo, assim, a difusão da língua portuguesa no Brasil. Por outro lado, o constante e massivo deslocamento de populações pobres e de colonos

dispersos que já havia sido verificado com o fenômeno das bandeiras, pode ser um veículo eficaz de disseminação do português popular, principalmente nas regiões em que as bandeiras adentraram como o caso particular de Minas Gerais cuja história é marcada não só pela mineração, mas também pela pecuária e pela agricultura de subsistência como diz Lucchesi (2009)

O avanço da língua portuguesa no território brasileiro – seja em sua variedade nativa, veiculada pelos colonos brasileiros, seja na variedade defectiva, falada pelos escravos africanos e seus descendentes crioulos – dá-se primacialmente sobre uma base socioeconômica, com expansão das lavouras de açúcar no século XVII e, sobretudo, no século XVIII, com o grande ciclo das minas, cujo manancial extraordinário de riqueza teve um impacto sobre a economia mundial. (LUCCHESI, 2009, p. 48-49)

O início do século XIX é marcado pelo impacto da chegada da Corte Portuguesa ao Rio de Janeiro em 1808, que constituiria a elite política e cultural da época. A vinda da Corte desencadeia todo um processo de mudanças políticas, econômicas e sociais que desembocará na independência política do Brasil em 1822.

Após a abolição da escravatura, inicia-se uma nova fase que é a escalada da imigração. A situação do país começa a se alterar com o início da imigração em largos contingentes principalmente de europeus e asiáticos. O Brasil reúne condições favoráveis à vinda de imigrantes, aspecto a ser considerado na próxima seção.

2.1.1 A imigração no final do século XIX e início do século XX

Sabe-se que a imigração no Brasil teve início em 1530 com a chegada dos colonos portugueses, que vieram para cá impulsionados pelos mais diferentes motivos, inclusive o enriquecimento fácil. Durante todo o período colonial e monárquico, a imigração portuguesa foi muito expressiva. Nas primeiras décadas do século XIX, imigrantes de outros países, principalmente europeus, se deslocaram para o Brasil em busca de melhores oportunidades de trabalho.

Mesmo que a vinda dos portugueses para o Brasil seja considerada um dos primeiros fluxos imigratórios recebidos no país, é possível dizer que um movimento bastante representativo foi o que aconteceu no século XIX com a independência do Brasil e com o fim da escravidão. Nesse período, foi necessário atrair uma nova mão de obra para o país. Esse

processo foi beneficiado pelos conflitos existentes na Europa e pelas perspectivas de progresso que estavam sendo divulgadas sobre o país.

Ao contrário dos negros africanos que vieram para o Brasil obrigados e para trabalhar em regime de escravidão, os imigrantes, que em sua maioria eram europeus, tiveram propostas como o recebimento de pequenas propriedades, localizadas principalmente na região sul. Sob essas condições os primeiros imigrantes que se estabelecerem no Brasil foram alemães e italianos, que se fixaram na região dos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Na segunda metade do século XIX, a estrutura econômica brasileira passou por grandes mudanças, que refletiram nas relações sociais e políticas existentes. Progressivamente, a mão de obra escrava negra foi perdendo espaço para o trabalho assalariado do imigrante nas lavouras agrícolas brasileiras. Como se encontra nos registros de Serpa (1978, p. 105): “Só em 1888 o Brasil pôs termo definitivo à escravatura, abrindo as suas portas a imigrantes de qualquer procedência que viessem a preencher as vagas deixadas pelo trabalho escravo”. O café foi se consolidando como principal produto brasileiro para a exportação, provocando uma onda de crescimento econômico como nunca havia aparecido no Brasil independente.

Desde a regência de D. João VI, o Brasil estimulava a vinda de imigrantes para a formação de núcleos coloniais. Eram trazidos dentro de uma política demográfica, com o propósito de ocupar regiões despovoadas. Foram constituídos vários núcleos em São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Eram principalmente imigrantes vindos do norte da Europa e de Portugal, que recebiam terras cuja finalidade era de povoamento. Entretanto, não era esse o tipo de colonização que interessava à lavoura do café na segunda metade do século XIX. O que queriam os fazendeiros eram braços para suas plantações como registra Scott (2001):

A cessação do tráfico negreiro em 1850 colocou os fazendeiros paulistas diante da questão da substituição da mão-de-obra escrava africana pela introdução do trabalhador livre. Este é o contexto que explica a massa de imigrantes das mais diversas nacionalidades acolhidos em território paulista. (SCOTT, 2001, p. 4)

Inicia-se, então, a escalada da imigração. Uma imigração que, segundo Scott (2001), era “composta em sua maioria por indivíduos de origem italiana, seguida à distância pelos imigrantes de origem portuguesa”. (SCOTT, 2001, p. 5). A autora adverte que esse crescimento da imigração está vinculado, obviamente, à política de subsídio aos imigrantes.

A imigração iniciou-se baseada em um sistema chamado “parceria”, idealizado pelo fazendeiro Vergueiro, na década de 1840. Entretanto, frustrada a experiência com os contratos de parceria⁸, o governo brasileiro incentivou a entrada de imigrantes europeus no país, como mostra Scott (2001, p. 7): “A imigração subsidiada teve início no ano de 1888 sendo suspensa no ano de 1928. Foi retomada posteriormente, a partir de julho de 1935”.

Entre os principais povos que chegaram ao Brasil e contribuíram para a construção dessa nação estão os portugueses. Esse grupo de imigrantes constituiu o segundo grupo que mais povoou o Brasil, atrás apenas dos negros africanos. Durante mais de três séculos de colonização, somada à imigração pós-independência, os portugueses deixaram profundas heranças para a cultura do Brasil e também para a etnicidade do povo brasileiro; entretanto, há poucos estudos que abordem esse fato.

Scott (2001) constata com certo estranhamento o baixo número de estudos em relação à imigração portuguesa. No trecho, a seguir, a autora observa que

O período compreendido entre meados do século XIX e primeiras décadas do século XX o Brasil foi palco de uma entrada maciça de imigrantes estrangeiros, italianos alemães, espanhóis, japoneses, além, obviamente de imigrantes naturais de Portugal, e que estas outras nacionalidades contam com um grande volume de estudos, ao contrário do que se dá com a imigração portuguesa. (SCOTT, 2001, p. 2)

Vale ressaltar que, a partir de 1870, a conjuntura internacional era bastante favorável ao Brasil, em razão das crises enfrentadas por Itália e Alemanha – que elevaram o desemprego e o custo de vida nesses países – além da política de restrição à imigração adotada pelos Estados Unidos. Com as novas vantagens oferecidas aos imigrantes, gradativamente, os cafeicultores substituíram a mão de obra escrava pela mão de obra livre.

A partir da década de 40, houve uma queda considerável no número de imigrantes; em contrapartida, aumentou a diversidade de etnias que chegavam ao país como é o caso de pessoas vindas de países vizinhos como Argentina, Paraguai, Uruguai, Chile, que buscaram o Brasil tanto por razões políticas quanto profissionais.

Diante do exposto, é possível observar que o Brasil, desde o quinhentismo, sempre acolheu o imigrante. Houve períodos de maior intensidade outros com intensidade menor, mas a verdade é que o Brasil sempre conviveu com a influência do imigrante, seja como elemento colonizador, seja como um substituto da mão de obra escrava. Esse contato,

⁸ Cada agricultor e sua família deveriam cultivar certa extensão de pés de café na fazenda que os acolhesse recebendo em pagamento uma percentagem do lucro líquido anual da venda do produto por ele gerado.

consequentemente, resultou em trocas culturais e linguísticas imprescindíveis para o entendimento dos diversos usos que os falantes fazem da língua.

2.1.2 Os açorianos na formação sócio-histórica do português do Brasil

O contato produz inevitavelmente a interação e daí resulta que todo indivíduo aprende e modifica a sua língua e convivência com uma série de outros indivíduos. Silva Neto (1979), chamando a atenção para um importante elemento colonizador, adverte:

Não se deve esquecer, por outro lado, um outro contingente apreciável de indivíduos que falavam português: trata-se dos habitantes das ilhas dos Açores. Depois de 1550, pelo menos, estimulou-se a vinda de habitantes das ilhas, dando-se preferências a casais. (SILVA NETO, 1979, p. 585)

Vale ressaltar a importância desempenhada pelos Açores na colonização do território brasileiro. Estas movimentações ocorreram em paralelo com outras registradas em várias partes do país. A emigração açoriana destaca-se pela particularidade de ser essencialmente colonizadora, de caráter definitivo, com base em movimentos familiares como registra Serpa:

Não se pode deixar de considerar a existência da tradição emigratória, que atua sobretudo através das relações familiares, amigos e conterrâneos, aliada à ideia de qualquer pessoa conhecida que conseguiu enriquecer. Tudo isso serve de substrato à decisão de emigrar logo que surja a primeira oportunidade. (SERPA, 1978, p. 139)

Diferentes fases da história açoriana fizeram com que parte da população tivesse que emigrar pela busca de um futuro melhor fora do campo insular. Motivados por fatores sociais, econômicos, políticos e naturais, o povo açoriano tornou-se eminentemente imigrante nos séculos XVII e XVIII e, atendendo aos apelos da Coroa Portuguesa e suas estratégias de povoamento, emigraram para o Brasil em função das péssimas condições de vida nos Açores, como mostram as passagens de Serpa (1978) transcritas a seguir:

A maior certeza do açoriano é duvidar das possibilidades da sua terra, onde nunca soube criar condições econômicas estáveis que o prendessem a ela. Assim, um ambiente de insatisfação econômica, aliado a outras circunstâncias, favorecem o clima de emigração e são as mais pesadas causas do êxodo açoriano (SERPA, 1978, p.120)

Calamidades de toda ordem, sobretudo sismos e vulcões, fizeram parte da sua história dolorosa. Por isso, desde as saídas do século XVI, forçados pelo

ideal de colonizar, que o rei com a nobreza e a burguesia impuseram ao resto da população, passando pelas clandestinas até as legalizadas, com passaportes, vistos e atestados médicos, sempre houve a injustiça e o egoísmo dos mais poderosos a forçar esta gente a abandonar as suas terras ou a violência da natureza e outros infortúnios a indicar o caminho: a emigração. (SERPA, 1978, p. 129)

Não há consenso entre os autores que se têm dedicado ao estudo dessa temática sobre o número concreto de açorianos que se deslocaram para o Brasil. Não havia listas de passageiros, o que dificulta uma abordagem segura sobre o problema. Sabe-se, no entanto, que eram açorianos provenientes de todas as ilhas do arquipélago: São Miguel, Terceira, São Jorge, Santa Maria, Faial, Pico, Graciosa e Flores.

Desde muito cedo, documenta-se a presença açoriana nas mais variadas partes do império. Em Cordeiro e Madeira (2003) há registros da emigração açoriana para o Brasil desde o quinhentismo. Essa movimentação populacional para o Brasil acentuou-se no século XVII, quase sempre organizada pelo estado com intuítos colonizadores ou como contributo militar para proteger os interesses da colônia, como se observa em Cordeiro e Madeira (2003, p. 101): “No século XVII, contudo, assistiu-se a uma movimentação mais intensa e numerosa, quase sempre organizada pelo Estado, com intuítos colonizadores ou como contributo militar, para salvaguarda dos interesses portugueses no Brasil.”.

Sabe-se que, nesta época, emigraram muitos casais para a capitania do Maranhão e do Pará. Também vieram jovens e alguns padres jesuítas para servirem no Brasil, na libertação da Bahia.

Serpa (1978) também faz referência à emigração açoriana para o Brasil desde o século XVII e destaca a vinda de homens jovens e de casais, motivados pelas promessas e esperanças, como registra o autor:

Se pretendia uma ocupação definitiva destas terras distantes, não partiam só os homens novos e aventureiros. Famílias inteiras, de preferência gente nova, eram empurradas para a nova terra. [...] para o Brasil, desde o início do século XVII, há notícia de casais açorianos que emigraram decididos a lá se fixarem definitivamente. (SERPA, 1978, p. 107-108)

Depois da forte efervescência colonizadora, a lei de 4 de julho de 1758 tenta limitar a emigração com base no argumento de que havia insuficiência de mão de obra para normalidade da vivência insular. Cordeiro e Madeira (2003) destacam que a lei conteve os movimentos oficiais dos açorianos, mas na verdade a emigração nunca deixou de se realizar.

Na clandestinidade ou com os mais diversos argumentos, a emigração permaneceu muito frequente entre os habitantes insulares.

Silva Neto (1979) registra dois tipos de emigração: uma oficialmente estimulada e outra espontânea. A emigração oficialmente estimulada foi constituída por famílias e destinava-se unicamente à agricultura. Tinha como objetivo principal povoar os territórios estratégicos pouco habitados, como Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Em meados do Século XVIII deu-se início à colonização dessas duas unidades, o que foi feito com açorianos, que vieram a compor o fundo principal de sua população.

Os açorianos que vieram espontaneamente não tiveram a mesma influência sobre a pronúncia normal brasileira: “eles entremearam-se com os trasmontanos, minhotos, alentejanos, algarvios, num denominador comum” (SILVA NETO, 1979, p. 586).

O pesquisador comenta que a origem social da grande massa de colonos, provenientes de classes humildes e da província, apresenta muito interesse do ponto de vista linguístico visto que a linguagem dos camponeses é bastante conservadora. Sendo assim, Silva Neto (1979 [1952]) a caracteriza como se fosse reflexo de uma vida essencialmente tradicional:

Corresponde, pois, ao aspecto estagnante de todos os outros traços culturais, tendo semelhança com uma vida onde os hábitos predominam, onde o horizonte mental é reduzido; os trabalhos cotidianos são sempre os mesmos, as relações limitadas abrangendo pessoas ocupadas pelos mesmos problemas. (SILVA NETO, 1979 [1952] p. 587)

Observa-se que a emigração açoriana, inicialmente destinada à colonização do Brasil, passa a ter motivações e interesses diversos. Existiam os interesses individuais, impulsionados por estratégias familiares de nobres ou de simples populares, conjugados com interesses estatais, além das perspectivas das autoridades locais sobre a realidade social e econômica das ilhas.

Isso posto, é possível crer que descendentes de açorianos teriam se instalado em diferentes localidades, contribuindo não só com a força física para a colonização, mas também com a sua rica contribuição linguística.

Na seção seguinte será discutido o estudo de Furlan (1989) sobre a influência linguística açoriana no português do Brasil.

2.1.2.1 Algumas marcas linguísticas dos Açores no português do Brasil

Incentivados pela Coroa Portuguesa ou por iniciativa própria a verdade é que os açorianos espalharam-se por quase todo Brasil, desempenhando as mais diversas atividades. Esse contingente teve, assim, uma participação significativa na colonização do Brasil, desde o século XVII até as duas primeiras décadas do século XX, quando emigrou para as regiões de Santa Catarina e Rio Grande do Sul não mais com o objetivo de consolidar as fronteiras do Sul do Brasil, mas de suprir a mão de obra escrava liberta. Os sinais evidentes da presença açoriana nesta área encontram-se impregnados não só na arquitetura, mas também nos usos, costumes e tradições.

No que concerne aos usos linguísticos, a influência açoriana encontra-se documentada no estudo de Furlan (1989), cujo objetivo é determinar as vertentes de sete traços fônicos típicos do açoriano-catarinense numa perspectiva diacrônica e étnica. Esses traços são: 1) pronúncia álveo-palatal de /s/ travante; 2) absorção de iode por /s/ palatalizado; 3) pronúncia velar/uvular do fonema /r/; 4) resíduo de apoio paragógico a oxítonos em -/w, r, s/; 5) africacão ou palatalização de /t/ entre iode e vogal recuada átona; 6) ênfase da tônica e rapidez de ritmo; 7) elevação entoacional da parte final das assertivas enfáticas. O autor observa que esses traços constituem elementos mais sólidos e adequados de análise, pois “estão em uso ou em toda a sua área ou em parte dela, mas não o estão nos demais falares do Estado” (FURLAN, 1989, p. 101).

Dentre esses traços fônicos típicos tomados para a análise do autor, é interessante apresentar os resultados relativos à ênfase da tônica e a rapidez do ritmo, considerada por próprio autor como um dos traços mais característicos do açoriano-catarinense. Na contextualização do tema, o autor destaca características próprias do açoriano-catarinense que podem estar associadas ao ritmo e à sílaba tônica.

O traço em questão é o fato de a vogal tônica receber uma intensidade especial, provocando uma redução na intensidade das vogais átonas. Furlan (1989) observa que esse fenômeno aproxima-se muito do português micalense quanto às átonas finais “sobretudo as precedidas de vogal oclusiva; ex: *tudo* [ˈtudu], *pouco* [ˈpoku]. Paralelamente, em situação de informalidade, o açoriano catarinense apresenta em geral uma articulação pouco nítida dos fonemas” (FURLAN, 1989, p. 139).

Tendo em vista a necessidade de determinar as vertentes dos traços típicos do açoriano-catarinense, Furlan (1989) examina o modo como são pronunciadas as vogais átonas /e/, que em amplas áreas de Portugal é pronunciada [ë]⁹; e [o] que nas mesmas áreas soa [u].

O autor explica que o açoriano-catarinense apresenta um quadro bastante diferente do atual quadro do português europeu. Em posição final de palavra, /e/ soa predominantemente [ɪ] como em *penete, noite, come*. Quanto ao /o/ pretônico, quando inicial, soa [o] predominantemente a [u] como em *orelha, ovelha*; quando medial, geralmente [o], como em *correia, colégio*; em posição final soa [u] como em *torno, tenso*.

O quadro observado por Furlan (1989, p. 141-142) apresenta-se diferente do atual quadro do português europeu que, na análise de Teyssier, por volta de 1800, já havia sofrido modificações quanto às vogais realizadas [e] e [o] em posição átona. Sobre essas modificações, o autor diz que “[e] passou a realizar-se como [ë] [passë]; [o] passou a realizar como [u] [pásu]”. A essa transformação Teyssier (2004 [1982]) chama de “redução” e acrescenta:

Tal redução é de extrema importância na história da língua, jamais vem transcrita na ortografia oficial, que continua a escrever e e o as vogais que pronunciam [ë] e [u]. Ela ocorre em Portugal, mas não ocorre no Brasil onde evoluiu de forma diferente. (TEYSSIER, 2004 [1982], p. 69, grifos do autor).

Feitas as pontuações divergentes na análise de Teyssier, Furlan (1989) apresenta algumas conclusões quanto às vertentes dos dois traços analisados no açoriano catarinense: a ênfase da tônica e a rapidez de ritmo.

- 1- O fato de que esses traços são propriedades do discurso (*parole*) mais do que do sistema (*langue*) torna impossível comprovar a filiação deles no açoriano catarinense a qualquer outro falar.
- 2- O autor considera improvável que a diferença de pronúncia entre as vogais [e] e [o] átonos no português europeu e no açoriano catarinense tenha origem na redução dessas vogais pelo português europeu continental e, mais ainda, pelo açoriano de 1748/56.
- 3- Embora o ritmo do açoriano de hoje e, mais ainda, o de 1748/56 seja mal conhecido, considerando o caráter estranho desse ritmo no contexto brasileiro e considerando que ele foi notado nos descendentes dos açorianos do Norte por Reis (1960: 269), não se pode excluir, de antemão e de todo, a possibilidade de ele haver sido trazido no falar dos açorianos que aqui o

⁹ A transcrição, tal como apresenta o autor deve corresponder ao que outros autores identificam como [ɔ].

teriam conservado em virtude de circunstâncias extralinguísticas similares às dos Açores. (FURLAN, 1989, p. 144-145)

Como observa o autor, se “a ênfase da tônica e a rapidez de ritmo” são característicos da fala açoriana, torna-se impossível comprovar a filiação deles a qualquer outro falar. Furlan (1989) não considera que a diferença de pronúncia entre as vogais [e] e [o] no açoriano catarinense tenha origem na redução dessas vogais pelo português europeu continental. Tal característica confirma a hipótese de que o apagamento ocorre nas áreas em que as vogais finais [e] e [o] são realizadas como [ɪ] e [ʊ], como ocorre nos Açores. Além disso, é destacado ainda, que o ritmo de fala do açoriano catarinense pode ter sido trazido no falar dos açorianos que o teriam conservado em terras brasileiras em virtude de circunstâncias extralinguísticas similares às dos Açores.

Partindo das considerações de Furlan (1989) sobre a fala açoriana, adota-se a hipótese de que poderia haver alguma relação entre a rapidez de ritmo e a elevação entoacional da parte final da frase fonológica, favorecendo o apagamento. Além disso, o fato de a vogal tônica receber uma intensidade especial, provocando uma redução das vogais átonas finais, poderia estar associado ao alongamento que se observa na vogal da sílaba tônica que antecede o apagamento.

2.2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Apresentou-se, neste capítulo, alguns aspectos da sócio-história do português do Brasil, caracterizado por uma grande diversidade que se observa desde a influência indígena, a infiltração africana até a contribuição do sistema do português europeu. Esses três elementos combinam-se num entrecruzar de contribuições linguísticas e culturais, em contextos diferenciados, para formar a base do português brasileiro que descende do europeu e, no Brasil, tomou forma diferente devido à interação entre a língua do colonizador e as diferentes situações de contato. Somam-se ainda a língua dos imigrantes que chegaram ao Brasil no final do século XIX e início do século XX. Dessa interação linguística, foi-se definindo ao longo do tempo o português do Brasil diversificado, polarizado e plural como bem delineou Lucchesi (2009) em sua caracterização da realidade linguística brasileira.

3 LOCALIDADES: ASPECTOS HISTÓRICOS DO POVOAMENTO

Este capítulo tem o propósito de apresentar a contextualização geral das localidades que estão inseridas numa proposta maior que compreende um estudo comparativo de um fato linguístico de duas localidades da Chapada Diamantina: Bom Jesus da Lapa e Macaúbas, e duas localidades de Minas Gerais, situadas no Vale do Jequitinhonha: Almenara e Itaobim. Tendo em vista uma maior compreensão sobre a escolha das localidades, necessário se faz descrever como se deram o seu processo de formação histórica e as suas bases de ocupação.

Para tanto, há que se fazer uma incursão histórica pelas localidades, não para retroceder, mas para conhecer a tradição e compreender as suas implicações atuais, como observa Barbosa (1996, p. 23): “A história não se repete, apenas reconstitui o passado cultural dos povos, deixando, atrás de si, rastros, sinais, às vezes, indeléveis, que resistem, uns mais, outros menos, à ação do tempo”.

O capítulo está dividido em três partes. A primeira trata da própria contextualização das localidades; a segunda apresenta os aspectos históricos e geográficos das localidades individualmente; a terceira irá caracterizar o povoado de Beco cujos dados (ROLO, 2010) servirão de confronto nesta análise. Através do panorama histórico do povoamento das localidades espera-se que as histórias se completem dando um tom coerente e lógico às escolhas realizadas.

3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DAS LOCALIDADES

No *Atlas das Representações Literárias de Regiões Brasileiras*, organizado pelo IBGE (2009), há uma passagem que diz:

Em História, uma região é bem mais do que o solo: é antes de tudo a história que sobre ele se desenrolou, o que requer considerar que sejam também considerados no jogo outras variáveis: o vocabulário, o sotaque, a culinária, as festas, os santos de devoção, a música. Numa palavra, tudo o que hoje consideraríamos a herança imaterial de uma dada sociedade. (IBGE, 2009, p. 23)

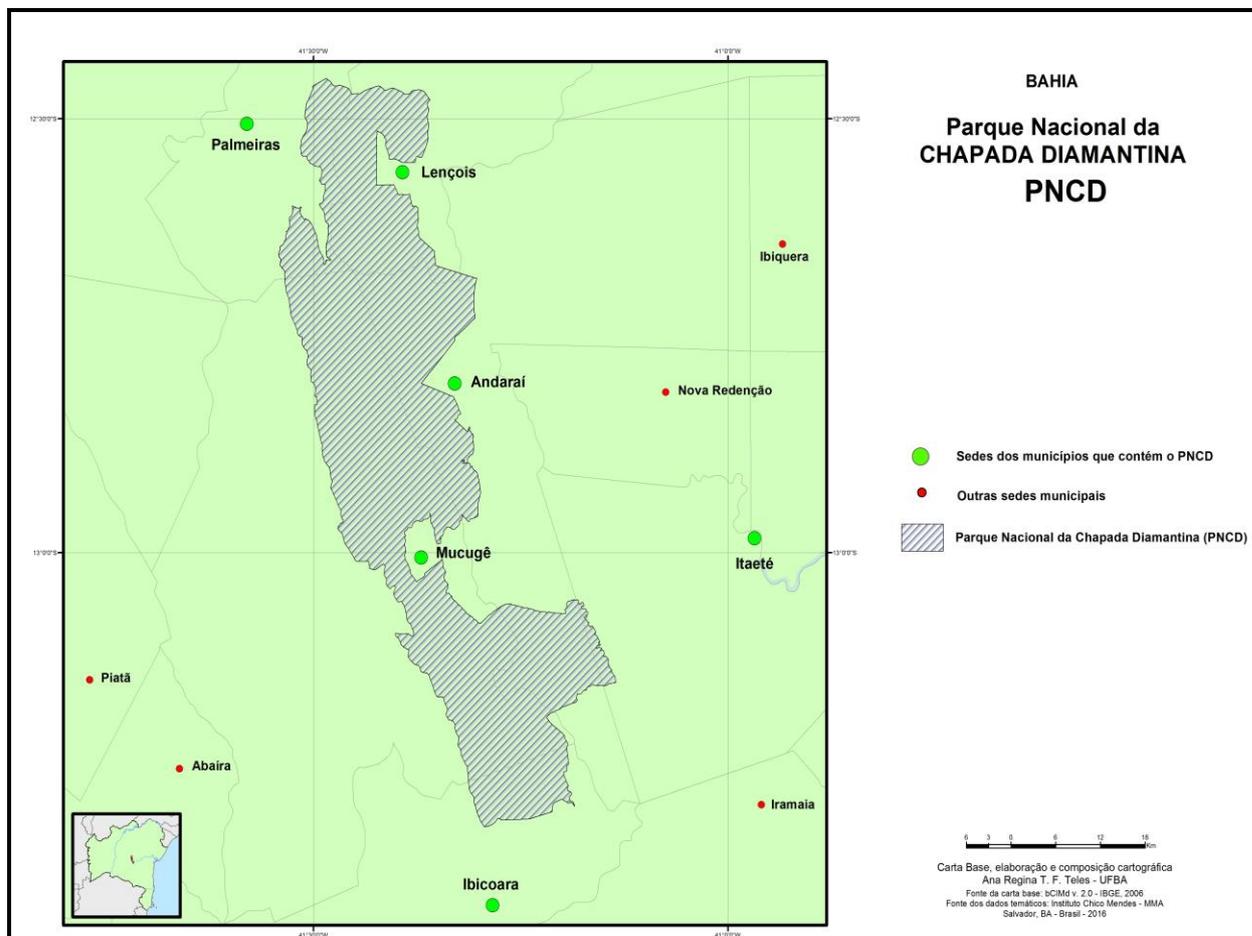
A região de Minas Gerais que se pretende contextualizar neste estudo extrapola os limites do solo e alcança uma afinidade imaterial refletida na história de povoamento das localidades baianas onde muitas vezes se confundem e se distinguem no desenrolar dos fatos.

As localidades partilham da mesma dinâmica de formação histórica, tendo como elenco o ciclo das bandeiras com pioneiros desbravadores, a exploração do ouro e do diamante em que a expansão descontrolada arrastou levas de homens imbuídos de ambição, os currais de gado com os caminhos que integram a própria história e o coronelismo cuja figura representava a própria lei. Essas localidades se distinguem pelas peculiaridades socioculturais de cada região, pelo agregado de valores e crenças que caracterizam cada comunidade isoladamente.

Em pesquisa sobre duas localidades do Centro Sul Baiano, Rolo (2010), investiga o apagamento das vogais finais em Beco e Seabra. Nesse estudo, a autora traça o perfil histórico-geográfico do povoamento das duas localidades que estão situadas na região da Chapada Diamantina. Podem-se reunir os fatos ligados à história do povoamento dessas localidades em três momentos que marcaram a própria história da Chapada Diamantina, a saber: i. o ciclo do ouro e do diamante; ii. os currais de gado (caminhos); e iii. o coronelismo. Nas próximas seções serão descritas, de forma sucinta a região da Chapada Diamantina, na Bahia e, em seguida, a região do Vale do Jequitinhonha em Minas Gerais.

3.1.1 A Chapada Diamantina

Figura 3 – Mapa do Parque Nacional da Chapada Diamantina – Bahia



Fonte: Elaboração e composição cartográfica por Ana Regina T. F. Teles.

A Chapada Diamantina é uma região de serras, situada no centro da Bahia, onde nascem quase todos os rios das bacias do Paraguaçu, do Jacuípe e do Rio de Contas. Localiza-se na Serra do Espinhaço que é uma cadeia montanhosa localizada no planalto Atlântico estendendo-se pelos estados da Bahia e Minas Gerais. Sobre a Chapada Diamantina, Moraes (1991) delinea a sua paisagem em um tom quase poético, chamando atenção para a sua constituição e riqueza:

Desdobrando-se sobre uma estrutura geológica arqueana e algonquiana – rica em *gnaises*, micaxistos, calcários, quartzitos e conglomerados –, o mais importante dos sistemas orográficos brasileiros domina o território das Minas Gerais com a Mantiqueira e suas diversas ramificações – e depois avança, ainda no mesmo sentido, em forma de esporões abertos para cima e em cujo meio, ao longo de uma forte depressão cenozóica, corre o São Francisco, engrossado pelos rios das vertentes. Para o lado oriental, porém, o

Maciço Atlântico, depois da formação da Serra do Espinhaço – ainda no grande estado montanhês –, penetra a fundo no coração geográfico da Bahia [...]. É a Chapada Diamantina. (MORAES, 1991, p. 25)

A essa descrição, Moraes (1991) acrescenta o rio que é o principal destaque neste cenário:

Mas aí é que o rio se torna o rei absoluto da paisagem. Onde quer que a vista alcance, há uma torrente descendo das serras, turrando, espumando, bravia. Pode ser o Santo Antônio, o São José, o Piranhas, o Lençóis, o Garapa, o Cochó, o Roncador, o Utinga, o Piçarras ou o Paraguaçu, dono daquele mundo que os reúne a todos numa só unidade a correr pelo vale imenso. É o rio – com o qual o garimpeiro mede forças – e, quando não vai tragado por ele, torna-se, depois, aliado, amigo, companheiro, na mais temerária e na mais sonhada de todas as aventuras: a busca do diamante. (MORAES, 1991, p. 27)

Foi nesse panorama, como observa o autor, que as Bandeiras transpuseram os degraus da serra do mar, entrando em luta com a paisagem, plantando comunidades à beira dos rios em busca do diamante.

No primeiro momento, é possível observar que o povoamento da Chapada Diamantina está intimamente ligado ao ciclo do ouro e ao ciclo do diamante. A sua ocupação está associada à expansão territorial promovida pela Coroa Portuguesa em busca de metais e pedras preciosas. Conforme dados do *Atlas das Representações Literárias de Regiões Brasileiras* (IBGE, 2009), as Lavras Diamantinas atraíram muitos exploradores, principalmente paulistas e mineiros, que desbravavam o sertão em busca de riquezas. Portanto, os primórdios de ocupação da Chapada Diamantina vinculam-se tanto à busca de metais preciosos, quanto à extensão dos currais da Bahia também denominados de currais de São Francisco.

Como observa Bandeira (1995), ocorreu, nesse momento, uma verdadeira corrida para a fortuna. Houve um deslocamento maciço de homens de todas as partes para a exploração do diamante em terras baianas. “Tanto em Minas Gerais quanto na Bahia despovoaram os primeiros centros de mineração do ouro, quando desertaram milhares de homens que, em verdadeiros comboios, chegavam de todas as regiões em busca do diamante”. (BANDEIRA, 1995, p. 41). Como se pode ver, nessa época, a cata do diamante se tornou a principal atividade econômica no interior do país.

A notícia da abundância de diamante na região atraiu muitos garimpeiros que acompanharam às margens do rio Mucugê, como diz Bandeira (1995, p. 44) “com suas tendas

de pano branco estendidos ao sol, que mais pareciam lençóis estendidos a secar”. As lavras multiplicaram-se rapidamente e não ficou leito de rio, córrego ou brejo que não fosse “escavacado” pelos garimpeiros numa busca desenfreada pelo diamante.

É oportuno registrar que a notícia do aparecimento das jazidas espalhou-se de tal forma que não tardou que gente de todas as procedências se abalasse pelo São Francisco adentro ou pela serra do Espinhaço buscando caminhos mais curtos até o enriquecimento fácil, como salienta Bandeira (2013):

As trilhas de Minas Gerais para a Bahia pareciam estar em ebulição. Milhares de pessoas disputavam as lavras recém descobertas, como se fosse a força de um vulcão que, cuspidando lavas incandescentes pelos costados das serras, corriam até os vales. (BANDEIRA, 2013, p. 28)

Sobre a Chapada Diamantina nessa época, o *Atlas das Representações Literárias de Regiões Brasileiras* (IBGE, 2009) registra que

A partir de então ela recebeu levas de migrantes de vários pontos do Território Nacional, mas principalmente das áreas diamantíferas de Minas – Grão Mongol, Tijuco e Serro – e, mais tarde, com a Abolição da escravatura e a decadência de muitos engenhos e fazendas, muitos escravos e vaqueiros para lá se dirigiram. (IBGE, 2009, p. 103)

Conforme se observa nesse atlas, a ocupação da Chapada foi fortemente marcada pela condição de área mineradora, mas também recebeu a influência de seu entorno, voltado para a criação de gado, e a produção de alimentos destinados ao abastecimento das áreas de mineração.

O segundo momento está vinculado aos caminhos pelos quais escoavam a produção diamantífera da época como, destaca Sá Teles (1990, p. 9) “Eram, sobretudo, caminhos que desde o século XIX levavam aos garimpos do ouro, diamante e carbonatos, que floresceram em Rio de Contas, Lençóis, Andaraí, Palmeiras, Mucugê, Jacobina e Morro do Chapéu”.

Os caminhos têm grande representatividade no povoamento daquela região e estão integrados ao contexto sócio-histórico do povoamento, seja na exploração de recursos naturais, seja na necessidade de prover de gado a mesma região, trazendo dos vales do Rio das Velhas e São Francisco as famosas boiadas, como destaca Santos (2001) sobre a finalidade dos caminhos:

Tanto a denominação “caminho do rio São Francisco” quanto “caminho da cidade da Bahia para minas do rio das Velhas”, bem como variações de

ambas, são encontráveis nos contextos contemporâneos da primeira fase da mineração. Já os historiadores referem-se ora ao “caminho do São Francisco”, “estrada do São Francisco”, “caminho dos currais do São Francisco”, “caminho dos currais”, ou por fim, “caminho da Bahia”. (SANTOS, 2001, p. 118)

Na verdade, esses caminhos eram rotas do homem a pé ou a cavalo, dos tropeiros, viajantes, boiadas ou cavalhadas que levavam dos principais centros distribuidores, através do “caminho da Bahia”, as mercadorias para Salvador. O caminho da Bahia funcionou durante longas décadas como a via de ligação das áreas mineradoras com o Recôncavo Baiano. Sobre essa dinâmica de escoamento da economia da época, Moraes (1991) salienta:

Vai gente do Alto sertão. Vai gente do litoral. A região continua sob a dinâmica do crescimento desordenado. Todos os caminhos são usados na busca dos garimpos. [...] Os caixeiros-viajantes, com as cavalhadas pomposas tinindo os cinerros e tirando faíscas com as ferraduras nos lajedões e nos pedregulhos, vão e vêm à meca, ao país das pedras preciosas. A burrama geme sob as cargas de mercadorias, vencendo à custo a serrania imensa. (MORAES, 1991, p. 37)

Também era via por onde escoava o gado dos rios das Velhas e do São Francisco, como observa Moraes (1991) em comentário sobre Cochó do Malheiro:

[...] zona magnífica em cujos campos a grande pecuária se desenvolve promissora, e centro comercial florescente na estrada real do sertão por onde passam as grandes boiadas e as caravanas para o São Francisco ou para o planalto central considerado uma das maiores fortunas regionais, pelo número avultado de fazenda e casas comerciais que possui. (MORAES, 1991, p. 51)

Não há muitas informações precisas sobre o caminho da Bahia. Sabe-se, entretanto, que constituía uma importante via que ligava a região do vale do Rio das Velhas ao recôncavo baiano, abastecendo de gado a zona mineradora. Mercadores, boiadeiros, viajantes, já antes do século XVIII, utilizavam essa extensa via que nascia na cidade da Bahia, seguia o curso do Paraguaçu até a vila do Rio de Contas para atingir as margens do São Francisco. O caminho da Bahia seguia a margem direita do Rio São Francisco para seguir, depois, pelo vale do Rio das Velhas até a Vila Real do Sabará.

Registra-se que, por esse caminho, formou-se, no final do século XVII, uma das mais amplas redes de circulação de mercadorias para a região das minas. Os criadores de gado dos rios São Francisco e das Velhas consolidam-se como responsáveis pelas reservas de mercadorias que abasteciam arraiais, povoados, vilas e mineradoras.

Na estrada Real da Bahia existiam postos para cobrar o “quinto” das tropas comerciantes. Por outro lado, esse controle da Coroa gerava certo contrabando feito por aqueles que burlavam o pagamento de “quintos” e outros tributos que pesavam sobre a população envolvida com a atividade mineradora.

A Estrada Real foi um importante caminho da Bahia, dotado de representatividade econômica e que liderou a circulação mercantil na fase da mineração. Além disso, é possível que tenha contribuído para a formação de núcleos de povoamento e desenvolvimento da riqueza linguística em que vestígios linguísticos são deixados através de alguns traços que vão ganhando força mais que outros nesse processo de povoamento.

O terceiro momento está vinculado ao coronelismo. A Chapada Diamantina teve sua história marcada pela “Guerra dos Coronéis”. Os sertões da Bahia eram áreas em que a ordem instituída era a dos coronéis, em geral latifundiários e ocupantes do topo na pirâmide social.

No final do século XIX, com o surgimento das cidades e a corrida pelo diamante, a Chapada Diamantina transformou-se numa disputa acirrada pelo poder. Nesta época, o que contava era a força. No sertão “a força é equipamento indispensável à sobrevivência e a coragem é o artigo de destaque no caráter dos homens” (IBGE, 2009, p. 100).

O poder do sertão era dividido entre as oligarquias locais quase sempre representadas por um coronel em uma facção política dominante. A figura do coronel era a própria lei como observa Bandeira (2013, p. 60) “A figura do coronel, num povoado, numa vila ou até mesmo numa cidade, era a própria lei incorporada numa só pessoa. Uma autoridade que jamais poderia ser desafiada, sob pena de castigo ou, no mínimo, uma severa repreensão ao desafiante”.

Acrescenta-se que o analfabetismo reinante, as precárias condições de vida, o desemprego e a falta de assistência são alguns fatores que, naquela época, fizeram do sertanejo um prisioneiro do coronel que quase sempre os acolhia em troca de “gratidão”. Eram todos transformados em jagunços para lutar quando o coronel sentisse o seu domínio ameaçado.

Nesta época, a Chapada Diamantina transformou-se em um palco de lutas e intensos conflitos, pois, como diz Lins (1983, p. 61-62), “o coronelismo é algo como a ‘instituição política’ que vem substituir o vazio de poder deixado pela falência da velha aristocracia rural”. A instabilidade era geral e a guerra entre coronéis só termina quando morre o coronel Horácio de Matos silenciando para sempre o mais destemido dos coronéis. Além disso, a Revolução de 1930 e o projeto centralizado de Getúlio Vargas contribuíram fortemente para o esvaziamento do poder dos coronéis (IBGE, 2009, p. 100).

Diante do exposto, é possível observar que a história do povoamento da Chapada Diamantina não foge à formação histórica de Minas Gerais com a exploração de recursos naturais e o deslocamento de rebanhos em que se via o gado curraleiro. Tavares (2001, p. 307) faz referência a esse deslocamento de rebanhos quando comenta “Todo o imenso sertão baiano era ocupado por currais de gado, propriedades que vinham das antigas sesmarias das casas da Torre e de Nizza”.

3.1.2 O Vale do Jequitinhonha

Figura 4 – Mapa de parte do Vale do Jequitinhonha – MG



Fonte: Elaboração e composição cartográfica por Ana Regina T. F. Teles.

● Indica as localidades investigadas: Almenara e Itaobim.

A formação do Vale do Jequitinhonha não foge à formação histórica de Minas Gerais. O Vale do Jequitinhonha tem o início do seu povoamento ligado ao ciclo das Bandeiras dando origem à fase do ouro, e se consolida no século XVIII com o ciclo do diamante, quando surgem os primeiros núcleos de povoamento. Sendo assim, o Vale participa da história econômica brasileira a partir da descoberta do ouro e do diamante quando atrai grandes deslocamentos da população para a região em função da procura desenfreada pelo metal precioso.

De acordo com as anotações de Pena (2003), a Coroa Portuguesa continuava a incentivar a exploração de pedras preciosas como mostra o trecho:

Em 1672, o grande bandeirante Fernão Dias Paes Lema recebeu ordem da Coroa para desbravar matas e procurar riquezas minerais, ordem vinda de uma carta da corte portuguesa, pois esta era muito ambiciosa e sua ganância não findava nunca. Saiu de São Paulo em 1674, veio até Minas Gerais, fundando povoados, escravizando índios, até que chegou ao Rio Araçuaí, depois ao Jequitinhonha, além de outros rios como o Rio das Velhas e o rio Sabará. (PENA, 2003, p. 16)

A corrida do ouro no século XVII, desencadeada por desbravadores baianos e paulistas, foi a principal causa da origem e do povoamento da bacia do Rio Jequitinhonha.

Em função de restrições impostas pela Metrópole que não permitia a diversificação de atividades na agricultura, a região manteve certa especialização produtiva, mesmo que as condições de acessibilidade e a longa distância do mar apontassem para a diversificação dessas atividades. Percebe-se que a renda gerada com a atividade mineradora era levada para fora, não consolidando, no Vale, atividades voltadas para o mercado interno, o que levou ao não desenvolvimento do local, como observam Silby, Abner e Martins (2011):

É o tempo das bandeiras paulistas e baianas, do quinto e do dízimo pagos à Coroa, dos escravos e da violência. A vida econômica em razão das características da atividade mineradora na qual a região se especializou esteve voltada para o mercado externo e a população se distribuiu, principalmente através de diversos centros urbanos que serviam de empórios comerciais e centros de prestação de serviços. (SILBY; ABNER; MARTINS, 2011, p. 4)

A pecuária se inicia mesmo durante a mineração e teve grande representatividade no desbravamento das novas terras. Consta no *Plano Diretor Participativo de Almenara*¹⁰ (F&F NACIF..., 2007) o registro dos currais de gado provenientes da Bahia, como se pode observar:

O abastecimento das populações mineradoras era realizado com o gado trazido do nordeste, principalmente da região da Bahia. Este abastecimento começou a ser feito em tão grande escala, que o governo português proibiu esse tipo de comércio, procurando evitar o contrabando do ouro. (F&F NACIF... 2007, p. 7)

¹⁰ O Plano diretor é um instrumento de gestão e desenvolvimento determinado como obrigatório pela Constituição Brasileira, para todos os municípios.

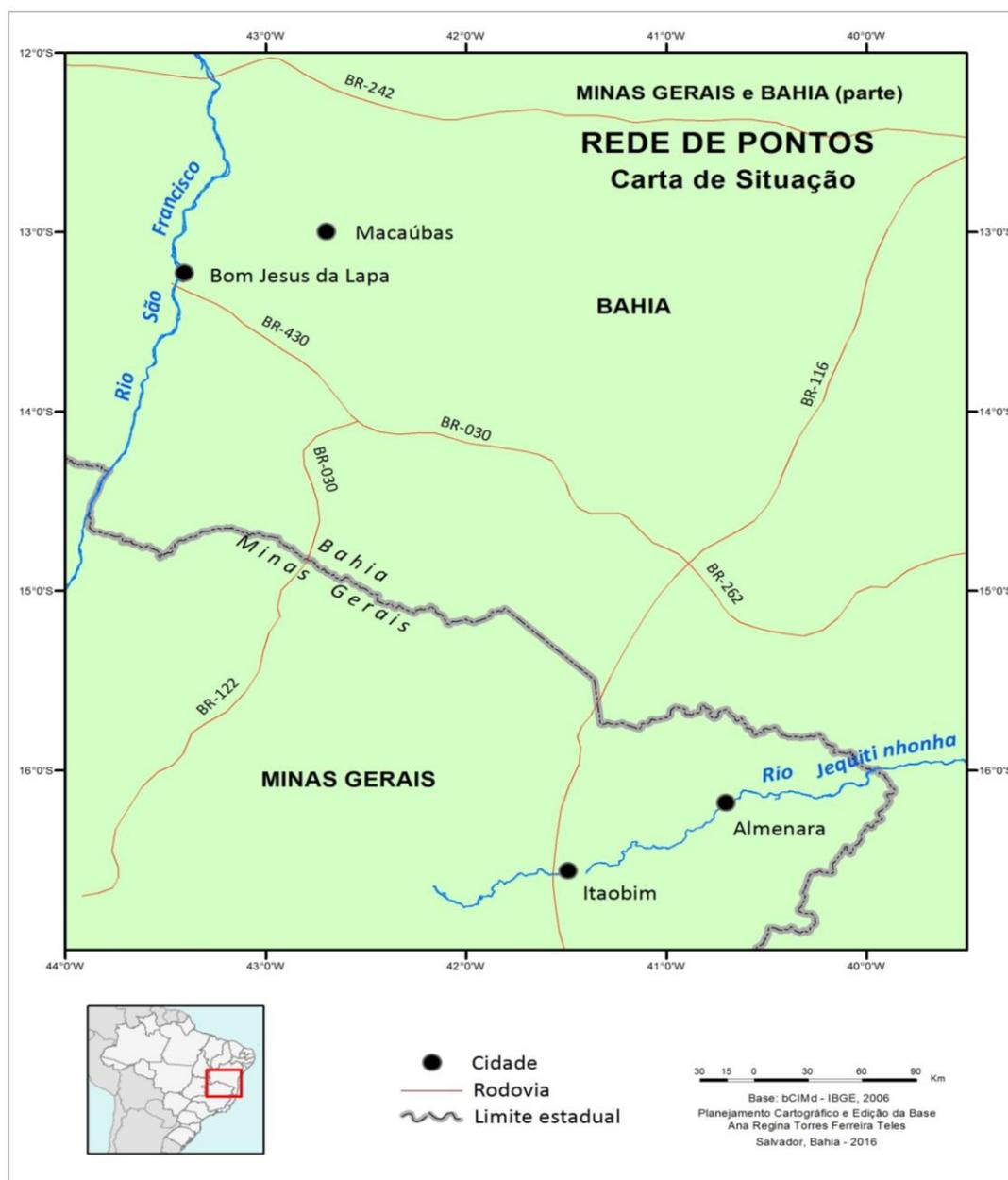
Dessa forma, impõe-se o desenvolvimento da pecuária de modo extensivo nos vales do Jequitinhonha e São Francisco.

A decadência da mineração na região proporcionou um duplo movimento populacional: a passagem para a agricultura de subsistência e uma pecuária voltada para o mercado externo da região, desenvolvida às margens do rio Jequitinhonha e Araçuaí, os quais forneciam condições favoráveis à pecuária. Vale ressaltar que a pecuária bovina de caráter extensivo e a agricultura de subsistência continuaram, todavia, a ser a base da economia regional.

O Vale do Jequitinhonha, região situada no Nordeste do Estado de Minas Gerais, caracteriza-se por dois aspectos que se contrastam. De um lado, a riqueza destacada pelas potencialidades do subsolo promissor em recursos minerais de seu patrimônio histórico e cultural, referência para Minas Gerais, de seu artesanato diversificado e de seus múltiplos atrativos turísticos. De outro lado, a extrema pobreza em que vive grande parte de sua população. Todos os municípios apresentam graves problemas nas áreas de saúde, saneamento e educação. O meio ambiente vem sendo sistematicamente agredido pela atividade mineradora, comprometendo de forma sistêmica seus recursos hídricos.

A região do Vale do Jequitinhonha é, em geral, dividida em Alto, Médio e Baixo Jequitinhonha. É uma região que apresenta elevado grau de subdesenvolvimento, marcado pelo analfabetismo, pela ocorrência de diversas doenças endêmicas e pelo baixo nível de renda. Além disso, o Vale apresenta uma integração frágil com a economia mineira, pois se localiza na região de transição entre a área de influência de Belo Horizonte e o Nordeste Brasileiro, estando à margem dos eixos de desenvolvimento. Entretanto, o Vale apresenta uma riqueza cultural, social, turística e humana que contrastam com todo o quadro histórico descrito.

3.2 AS LOCALIDADES SELECIONADAS

Figura 5 – Localização de Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim

Fonte: Elaboração e composição cartográfica por Ana Regina T. F. Teles.

Sabe-se que a necessidade de descrição histórico-geográfica das localidades em estudos resulta do tipo de análise adotada. Embora este seja um estudo que objetiva examinar se é possível, através das faixas etárias, identificar indícios de uma mudança linguística, busca-se observar se o apagamento verificado nas localidades sofreu a influência histórica das

tropas que, em função do garimpo, acabavam fazendo uma intercomunicação dos traços linguísticos entre as localidades.

3.2.1 Bom Jesus da Lapa

Figura 6 – Santuário do Bom Jesus da Lapa – BA



Fonte: Acervo fotográfico da pesquisadora, obtida em 28/05/2013.

O município de Bom Jesus da Lapa está localizado no Médio São Francisco¹¹, a 796 km de Salvador. Geograficamente, esse município faz parte da microrregião de Bom Jesus da Lapa, Bahia, e da mesorregião do Vale do São Francisco, na Bahia. Situado a 430 metros de altitude, o município possui 4.148,5 km² e uma população estimada em 69.526 habitantes, conforme dados do Censo Demográfico do IBGE (2010). Suas atividades econômicas fundamentais estão baseadas na agricultura, pesca, comércio e pecuária. Bom Jesus da Lapa possui as seguintes coordenadas geográficas: Latitude Sul: 13° 14' 52" e Longitude Oeste: 43° 24' 53".

Localizado no Centro-Oeste do Estado da Bahia, o município de Bom Jesus da Lapa situa-se numa vasta planície do sertão baiano como descreve Barbosa (1996):

Situado no Alto Sertão da Bahia, à margem direita do Rio São Francisco, na metade do caminho entre Juazeiro, na Bahia, e Pirapora, em Minas Gerais é,

¹¹ A grande dimensão territorial da bacia do Rio São Francisco motivou sua divisão por regiões fisiográficas, compreendendo o Alto São Francisco, o Médio São Francisco e o Baixo São Francisco, além do Submédio São Francisco.

por conseguinte um dos mais de cinquenta municípios que formam a chamada bacia do Médio São Francisco. (BARBOSA, 1996, p. 30)

Percebe-se, na história, que o Rio São Francisco compõe a própria identidade histórica de Bom Jesus da Lapa, tendo sido protagonista de diversos episódios na vida nacional como salienta Barbosa (1996) ao comprovar a eficiência do rio através de fatos como:

No auge da II Guerra Mundial, o Rio São Francisco provou sua eficácia estratégica, proporcionando absoluta garantia e segurança às tropas militares da Força Expedicionária Brasileira que por ele se transportaram, entre Pirapora, em Minas Gerais, e Petrolina, em Pernambuco, como recurso extremo para evitar os submarinos que estavam torpedeando nossos navios, em nossas próprias águas territoriais. (BARBOSA, 1996, p. 35)

Nessa época, o São Francisco configurava-se como um importante sistema viário cujo processo de integração remete à época das bandeiras, conforme observa Barbosa (1996, p. 36): “O sistema viário do Rio São Francisco, estrangulando-se o processo de integração sócio-cultural da região, iniciado na época das bandeiras”. O rio funcionava como verdadeira intercessão entre Minas e Bahia, entretanto, esse sistema começou a sofrer ameaça com a chegada dos grandes projetos de irrigação.

À margem direita do Rio São Francisco surge um imponente e vistoso bloco de granito e calcário cheio de grutas e fendas estreitas. É o morro da Lapa, em estilo gótico em torno do qual teve origem a dinâmica do povoamento de Bom Jesus da Lapa.

Conforme dados do IBGE ([ca. 2007a]), a região de Bom Jesus da Lapa era primitivamente habitada pelos índios tapuias.

O desbravamento do território iniciou-se no final do século XVII, pelas bandeiras organizadas pelo mestre de Campo Antonio Guedes de Brito, proprietário da sesmaria da Casa da Ponte. Penetrando no sertão baiano, os bandeirantes instalaram muitas fazendas de gado, entre elas a fazenda “Morro” que originou o povoado Bom Jesus.

O povoamento tomou impulso com a chegada do monge português Francisco Mendonça Mar ao local, em 1681. Encontra-se, nos dados do IBGE, documentado que:

Esse penitente chegou à Bahia em 1679, onde trabalhou como ourives e pintor. Depois, cumprindo penitência, despojou-se de todos os bens e saiu caminhando pelo sertão, conduzindo uma imagem do Senhor Bom Jesus, até encontrar uma aldeia de índios tapuias, situada entre o morro e o rio. Instalando-se na gruta mais oculta, Mendonça Mar foi encontrado por garimpeiros, que espalharam a notícia da existência de um homem santo que habitava uma gruta. Daí em diante, o morro passou a ser ponto de afluência

de peregrinos e aventureiros que ali se estabeleceram, formando o povoado. (IBGE [ca. 2007a])

A partir daí, a cidade de Bom Jesus da Lapa se desenvolveu em função do culto de veneração a essa imagem, o Milagroso Senhor Bom Jesus da Lapa. Sobre essa devoção, Barbosa (1996) esclarece:

A própria devoção surgiu e se desenvolveu no interior da fantástica e predestinada gruta, esculpida no mesmo calcário, pela mesma natureza, à base da qual desliza, mansamente, contrito, reverente, como que a banhar-lhe os pés, desde os tempos imemoriais, o caudaloso Rio São Francisco. (BARBOSA, 1996, p. 23)

Tudo isso deu um novo impulso ao povoado. A notícia da cura “milagrosa” de doentes aos pés do Bom Jesus se espalhou e a Gruta passou a ser procurada por todos aqueles que desejavam a cura de seus males, fato que se transformou numa eterna Romaria que se estende por longos anos. Em consequência disso, várias casas foram construídas nas proximidades do morro.

Conhecido pelo seu santuário e as constantes peregrinações que se transformaram em grandes e permanentes romarias, o arraial de Bom Jesus da Lapa, segundo dados do IBGE ([ca. 2007a]), foi elevado à condição de vila em 1890. Em divisão administrativa referente ao ano de 1911 é constituído do distrito-sede. Em 31/08/1923 foi elevado à condição de cidade, sede do Município, com a denominação de Bom Jesus da Lapa pela Lei Estadual nº 1682.

Ao longo do tempo, o município sofreu algumas alterações toponímicas até chegar ao nome definitivo. Bom Jesus da Lapa para Lapa, alterado pelos decretos estaduais nº 7455, de 23-06-1931. Lapa para Bom Jesus da Lapa, alterado pelo decreto estadual nº 9571, de 22-06-1935.

3.2.2 Macaúbas

Figura 7 – Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Macaúbas – BA



Fonte: Acervo fotográfico da pesquisadora, obtida em 23/05/2013.

O município de Macaúbas está situado na região central do estado da Bahia, na chamada Zona Fisiográfica da Serra Geral, Chapada Diamantina Meridional, a 682 km de Salvador. Geograficamente, esse município faz parte da Mesorregião Centro Sul Baiano e Microrregião de Boquira. Situado a 674 metros de altitude, o município possui 2.459,1 km² e uma população estimada em 50.262 habitantes. Tem como coordenadas geográficas: Latitude Sul 13°01' 08"; Longitude Oeste 42°41' 44"plano", conforme dados do IBGE ([ca. 2007c]).

O Município vive basicamente da agropecuária, sendo a sua agricultura composta quase que totalmente de lavouras de pequeno porte e de subsistência. Macaúbas, está sob a cobertura da bacia hidrográfica do Rio São Francisco e posteriormente da sub bacia hidrográfica do Paramirim e do Santo Onofre. Há algumas lagoas, sendo a de maior significação a que forma o Açude de Macaúbas que fica a 18 km da cidade e tem capacidade de 22 milhões de metros cúbicos de águas. Insere-se no alto Sertão da Bahia, conhecido como gerais que se caracterizam por campos abertos nos planaltos.

No setor de minerais é produtor de manganês, pedra e quartzito. Segundo consta no *Plano Diretor de Desenvolvimento de Macaúbas* (THEMA ASSOCIAÇÃO..., 2007), verifica-se o afloramento rochoso arqueano do Granito Azul nas serras de Macaúbas:

No Município existe uma grande mina de granito azul, chamado cientificamente de dumortierita, que é considerada a maior e mais pura do mundo. Outras jazidas semelhantes mais não iguais em tamanho e qualidade

só podem ser encontradas em Madagascar (África) e no Arizona (EUA). Além do Mármore Azul possui jazidas ricas em cristal de rocha. (THEMA ASSOCIAÇÃO..., 2007, p. 16-17)

O processo histórico e político da emancipação do município de Macaúbas obedeceu à lógica do desenvolvimento econômico e comercial (mineração, agricultura e pecuária), que tão fortemente marcou essa região.

Conforme dados IBGE ([ca. 2007c]), a localidade de Macaúbas, teve origem em um território primitivamente habitado por índios tuxás provenientes das regiões ribeirinhas do São Francisco há centenas de anos. Iniciou-se o povoamento no século XVIII, no lugar chamado “Coité”, com a fixação de bandeirantes que transitavam pelo Rio São Francisco, em busca de ouro e diamantes, como descreve a seguinte passagem extraída do Plano Diretor da cidade (THEMA ASSOCIAÇÃO..., 2007) em seus aspectos gerais e históricos:

O surgimento desse município está ligado à descoberta de ouro, de diamantes e de carbonatos abundantes nos limites da Chapada Diamantina. A exploração/extração de tais minérios, realizada inicialmente pelos bandeirantes (portugueses), provocou sérias alterações no quadro físico e humano da região. Uma das modificações deu-se com a expulsão de tribos indígenas como os Tuxás, que se espalhavam às margens do Rio São Francisco, e de outras tribos desconhecidas que inicialmente habitavam os arredores das jazidas. (THEMA ASSOCIAÇÃO..., 2007, p. 47)

Acrescenta-se que os índios pertencentes ao grupo dos tupinaé (ramo dos tupinambás) são considerados como primeiros habitantes da região, na qual se localiza o município de Macaúbas. Tais tribos indígenas deixaram suas marcas nas pinturas e inscrições em diversos pontos da região.

Do comércio que os seus fundadores mantiveram e desenvolveram resultou que o povoado se ampliou até a localidade conhecida por Estiva. Elevou-se à categoria de vila com a denominação de Macaúbas, pelo decreto de 06-07-1832, desmembrado do município de Urubu. Sede na antiga povoação de Macaúbas.

Distrito criado com a denominação de Macaúbas, pela lei provincial nº 124, de 19-05-1840. Nessa mesma época, criou-se a freguesia de Nossa Senhora da Imaculada Conceição de Macaúbas em torno da qual a cidade cresceu e se prosperou. Na formação do povo macaubense há forte presença da miscigenação indígena com branco de origem portuguesa.

Elevou-se à condição de cidade com a denominação de Macaúbas, pela lei estadual nº 1761, de 10-06-1925. O nome Macaúbas, como é designado o município, origina-se de uma

espécie de palmeira a qual os índios denominavam “macaúba” ou “macaíba” que existia em abundância no local, atualmente quase extinta.

É relevante destacar, com base no Plano Diretor da Prefeitura de Macaúbas (THEMA ASSOCIAÇÃO..., 2007, p. 47), que “as grandes minas e jazidas de ouro e de diamantes, que nos primeiros tempos geraram tanta riqueza, hoje encontram-se esgotadas”. Porém, atualmente é grande a quantidade de cristal de rocha, murion (cristal negro), quartzo e carbonatos explorados na microrregião que compreende o município.

Macaúbas recebeu grande influência das Lavras Diamantinas (Mucugê, Lençóis e Andaraí) para onde migraram muitos macaubenses em busca de fortuna.

A igreja de Nossa Senhora da Conceição de Macaúbas, na atualidade, é um patrimônio cultural do povo da cidade e representa um bem de excepcional valor histórico, artístico e cultural. Portanto, como se observa no *blog Inventário Arquitetônico de Macaúbas*¹², “É um espaço que concentra os modos de fazer e viver da cultura material e imaterial dos macaubenses ao longo da sua evolução histórico-cultural” (SOUSA, 2012, p. 1).

3.2.3 O povoado de Beco

Figura 8 – Vista parcial do povoado de Beco



Fonte: Acervo fotográfico da pesquisadora, obtida em 23/07/2009.

¹² SOUSA, J. A. **Expedição à Praça Imaculada Conceição (Igreja Matriz)**. 2012. Disponível em: <<http://inventariomacaubas.blogspot.com.br/2012/06/expedicao-praca-imaculada-conceicao.html>>. Acesso em: 02 maio 2016.

O povoado de Beco compõe o quadro de distritos pertencentes ao município de Seabra que é uma das Microrregiões da Chapada Diamantina e Mesorregião Centro Sul Baiano, como se pode observar na Figura 6.

O município de Seabra foi criado inicialmente com a denominação de Vila Agrícola de Campestre, elevou-se à condição de cidade com a denominação de Campestre, e passou a denominar-se Seabra em 1931. A cidade possui cerca de 115 povoados dentre os quais se destaca o Beco localizado às margens da BR 242, a 10 km da sede.

Conforme se observa na definição do IBGE, Povoado:

Localidade que tem a característica definidora de Aglomerado Rural Isolado e possui pelo menos 1 (um) estabelecimento comercial de bens de consumo freqüente e 2 (dois) dos seguintes serviços ou equipamentos: 1 (um) estabelecimento de ensino de 1º grau em funcionamento regular, 1 (um) posto de saúde com atendimento regular e 1 (um) templo religioso de qualquer credo. Corresponde a um aglomerado sem caráter privado ou empresarial ou que não está vinculado a um único proprietário do solo, cujos moradores exercem atividades econômicas quer primárias, terciárias ou, mesmo secundárias, na própria localidade ou fora dela. (IBGE, [ca. 2007d], p. 3)

Acrescenta-se que um povoado surge em função da sua localização, das atividades que se desenvolvem ou ainda em função de algum interesse econômico que atrai pessoas diferentes que ali se firmam e se estabelecem com seus papéis sociais e padrões de comportamentos diversificados. Como é o caso de Beco que tem sua história ligada à linha de rota dos antigos comerciantes e tropeiros, como destaca Sá Teles (1990):

Eram rotas trilhadas pelas tropas, pelas boiadas e cavalhadas, pelo homem a cavalo ou a pé, viajando em busca da interação social e econômica entre comunidades nascentes ou já consolidadas e outras que apenas despontavam, florescendo na incontida pujança dos sertões. (SÁ TELES, 1990, p. 9)

Sendo assim, o povoado pode evoluir ou permanecer como uma pequena localidade habitada, muitas vezes isolada, preservando resquícios de fala que lhe são próprios como é o caso de Beco.

Por outro lado, sabe-se que a cidade sofre influências linguísticas em função da sua dinâmica de desenvolvimento, da industrialização, do acesso aos meios de comunicação de massa, da escolarização, da cultura que promovem de alguma forma certo nivelamento

linguístico. Muitas vezes, as pressões sociais levam o falante a abandonar o que lhe é próprio, quase um bem linguístico em prol da aceitação e da inserção no ritmo urbano.

Ciente dessas particularidades e tendo em vista que, na presente análise, o povoado de Beco será a base para o confronto do apagamento observado em localidades baianas e mineiras, necessário se faz ter cautela ao comparar um povoado rural da Bahia com quatro cidades: duas da Bahia (Bom Jesus da Lapa e Macaúbas) e duas de Minas Gerais (Almenara e Itaobim). O fato é que o povoado mantém características linguísticas que lhe são peculiares, apesar de pertencer, geograficamente, a mesma área das cidades da Bahia inquiridas neste estudo.

Em meados do século XVII, como atestam os dados do IBGE ([ca. 2007e]), florescendo as minas de ouro de Jacobina e de Minas do Rio de Contas, Portugal determinou a abertura de uma estrada que ligasse os dois núcleos. Essa, que cortava as terras hoje pertencentes ao município de Seabra, atraiu os primeiros povoadores, constituídos na maior parte de portugueses que aí se fixaram, organizando fazendas de criatório e lavoura. Muitos portugueses, no entanto, foram atraídos pelo garimpo do ouro, mas, desiludidos com as exigências do Império vinculadas ao precioso metal, se fixaram naquela região, dedicando-se à agricultura e pecuária.

O povoado de Beco, por ser via de passagem, convivia com todo tipo de marchante em suas andanças pelo sertão baiano. Essa via de passagem vai contribuir para a explicação da origem do nome. Tendo à frente a rota dos viajantes e ao fundo, o rio Cochó, a localidade ficava recuada, sem outras saídas e com um único acesso que servia de entrada e saída da localidade. Segundo a tradição oral, daí surgiu a expressão: “Beco sem saída”, que resultou no nome atual Beco.

O povoado sempre esteve intimamente ligado à linha de rota dos antigos comerciantes, trilhas, carreiros, passagens que guiavam o homem por estradas rudimentares até o seu destino. A estrada de boiadeira, como era chamada a trilha por onde passavam as boiadas vindas do Alto São Francisco com destino ao leste do estado, era constantemente tomada por boiadas de, aproximadamente, 500 cabeças ou mais que passavam, oferecendo às comunidades circunvizinhas um espetáculo atraente, como mostra Sá Teles (1994):

A passagem das boiadas vindas do oeste era um fenômeno constante. Atravessando o rio Cochó desciam pela estrada do Santana e cruzavam o Beco onde entravam pelo corredor da Malhada e saíam na direção da Vereda, Saquinho, Cochó do Malheiro e Furados, tomando o rumo do leste. (SÁ TELES, 1994, p. 17)

Essas boiadas eram provenientes das fazendas de gado, ou currais, existentes no entorno do Caminho da Bahia, nos vales dos rios São Francisco e das Velhas. Devido ao longo percurso, o gado ficava estropiado e sem condições de seguir viagem. Os tropeiros, então, eram obrigados a fazer uma parada para descansar e para o gado pastar e se recompor. Passado o descanso, seguiam viagem rumo a Rui Barbosa, Baixa Grande, Recôncavo e outros estados do Nordeste.

O povoado tem sua história marcada pelos engenhos de cana de açúcar que era uma característica da região. Nos fins do século XIX e começo do século XX, predominava a economia canavieira em que sobressaía o plantio de cana e o fabrico da cachaça que era a economia da época. Sá Teles (1989, p. 30) afirma que “naquela época possuir um engenho dava *status* de “fabricante”. Os donos de oficina desfrutavam da consideração e respeito da comunidade, sobretudo da parte dos investidores e provadores de pinga”.

O comércio da cachaça dava um substancial impulso econômico à região com geração de empregos e o aquecimento no volume de negócios. O deslocamento dos marchantes com os seus burros carregados de cachaça trouxe para a comunidade até reflexos do progresso e da cultura de grandes pólos em consequência do intercâmbio com os comerciantes, como mostra Sá Teles (1990):

Neste fenômeno, o comércio da cachaça foi o conduto que trouxe até a vila reflexos da grandeza e da cultura que então se gozava profusamente em Palmeiras, Lençóis, Andaraí e Mucugê. [...] assim as idas e vindas de tropas carregadas de aguardente para aquelas cidades e o espírito de aventura dos jovens que iam tentar a vida nos garimpos das lavras foram elos intermediários daquele intercâmbio. (SÁ TELES, 1990, p. 30)

O povoamento de Beco seguiu a mesma lógica do surgimento de Seabra, já que sua localização também se encontra às margens do rio Cochó e era ponto estratégico nas trilhas por onde passavam os viajantes da época. Por ocasião dos conflitos entre os coronéis da Chapada, a comunidade sofreu os reflexos devastadores dos grupos e a população foi tomada pela insegurança, medo e pânico.

Na comunidade de Beco há o predomínio de produtos hortigranjeiros como tomate, pimentão, repolho, couve e hortaliças em geral. Além disso, há pouca produção pecuária, com pequenas propriedades rurais e uma agricultura de subsistência. Desenvolve-se, no povoado, a indústria caseira como, por exemplo, a do “avoador”¹³ que é uma prática constante entre os

¹³ Lexia não dicionarizada que significa biscoito salgado, muito leve, feito de polvilho e ovos, distribuído em formas quadradas com o auxílio de um coador de ponta fina para dar a forma desejada ao biscoito.

moradores. Não há escolas e as crianças se deslocam para estudar em Bebedouro, uma comunidade que fica a 3 quilômetros de Beco.

O povoado é caracterizado como uma comunidade fechada e, normalmente, os membros se ajudam mutuamente. Do ponto de vista das condições de saúde da população, há o predomínio do diabetes, independente da idade, provavelmente, em virtude dos casamentos endogâmicos.

Mineração, engenhos, boiadas, revoltosos, caminhos, tudo isso são elementos que constituem a história do povoamento da Chapada Diamantina e, conseqüentemente, refletem na história do povoado de Beco. Essa história sofre os reflexos dos “caminhos da Bahia” por onde transitava toda a economia da região. Com toda essa trajetória histórica, tão peculiar a esse povoado, é possível que os fatos ajudem a explicar a herança linguística observada nos dados de fala coletados na comunidade e que dialoga linguisticamente com as outras localidades analisadas através do mesmo fenômeno: o apagamento.

3.2.4 Almenara

Figura 9 – Catedral de São João Batista, Almenara – MG



Fonte: Acervo fotográfico da pesquisadora, obtida em 06/11/2012.

Almenara é uma localidade que integra a mesorregião do Jequitinhonha/Mucuri, sendo um dos 16 municípios da microrregião do mesmo nome, Almenara. Está localizada no

Normalmente é assado em forno à lenha, no entanto, o produto já é produzido também em fornos elétricos. O nome *avoador* já veicula comercialmente nas embalagens desse produto nos mais diversos supermercados.

Nordeste de Minas Gerais, no Baixo Jequitinhonha, a uma distância de 744 km de Belo Horizonte. Possui uma área de 2.308,6 km² e população total estimada em 38.775 habitantes, sendo 7.025 correspondentes à população rural e 31.750 correspondentes à população urbana, segundo dados estimados pelo Censo demográfico realizado em 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010). O município está situado a 205 metros de altitude e possui as seguintes coordenadas geográficas Latitude Sul: 16° 11' 19" e Longitude Oeste: 40° 41' 17".

Almenara está situada em uma região que teria sido habitada, primitivamente, por diversas tribos indígenas, entre as quais, os índios Botocudos que foram escravizados pelos colonizadores portugueses na busca desenfreada pelo enriquecimento fácil. Esses desbravadores sofreram forte resistência dos índios, como registra Pena (2012, p. 25), “As pessoas civilizadas entravam pela mata adentro, sofrendo ataques perigosos não só dos animais ferozes como também dos Boruns que eram bravios demais e que sabiam muito bem defender o terreno que a natureza lhes dera de presente”. A intenção da Coroa Portuguesa era domesticar esses índios, torná-los “civilizados” e colocá-los a serviço dos colonizadores.

A localidade tem sua origem relacionada à construção de um posto de vigilância à margem direita do rio Jequitinhonha, em 1811, por ordem do Alferes Julião Fernandes Leão. Esse rio era o único meio de transporte da época. Através dele, escoava toda a produção extrativa mineral de Tejuco (atual Diamantina) – ouro e diamante – até Belmonte, na Bahia. Foram estabelecidos quatro postos de vigia ao longo do seu curso para proteção contra os índios Botocudos, dentre os quais o chamado Quartel do Vigia ou simplesmente Vigia.

Em 1875, chegaram a Vigia duas numerosas famílias de José Branco e José Rodrigues, que João Antônio Cabacinhas enviou aos seus sócios, a fim de que fossem as mesmas hospedadas em sua fazenda. Com a construção das palhoças para abrigo desses colonos teve início a povoação, à margem esquerda do rio Jequitinhonha, toda cercada por esguios coqueiros. Ainda hoje é a cidade um dos mais belos recantos do Nordeste de Minas Gerais.

A localidade foi transformada em Distrito de Araçuaí, em 1877, com o nome de São João da Vigia, em homenagem ao seu padroeiro, São João Batista. O município sofreu algumas alterações toponímicas até chegar ao nome definitivo de Almenara: São João do Vigia para Vigia alterado pelo decreto-lei nº 58, de 12-01-1938 e Vigia para Almenara, alterado pela lei estadual nº 1058, de 31-12-1943.

Atualmente, conforme dados do Plano Diretor da Prefeitura (F&F NACIF..., 2007), Almenara conta com uma ampla rede de educação que inclui instituições municipais,

estaduais, particulares e federais. Além disso, possui como principais setores econômicos a pecuária, serviços, comércio e a indústria. A cidade foi designada “Princesa do Vale” desde a comemoração dos seus 50 anos em 1988.

3.2.5 Itaobim

Figura 10 – Entrada principal da cidade de Itaobim – MG



Fonte: Acervo fotográfico da pesquisadora, obtida em 11/11/2012.

O município de Itaobim está localizado no Médio Jequitinhonha, a 604 km da capital. Geograficamente, Itaobim faz parte da microrregião de Pedra Azul e da mesorregião do Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais. O município está situado a 249 metros de altitude e possui as seguintes coordenadas geográficas: Latitude Sul: 16° 34' 34" e Longitude Oeste: 41° 30' 14".

A extensa região do Nordeste de Minas onde se localiza o município de Itaobim teria sido habitada, primitivamente, por diversas tribos indígenas, entre as quais, os Botocudos e os Maxakalis, com presenças assinaladas no território do município de Araçuaí, célula mater de onde se criaram várias comunas. Particularmente com relação à história da fundação de Itaobim pouco, ou quase nada, se sabe, uma vez que as enchentes de 1928 e 1930, em Araçuaí, destruíram todos os registros históricos sem deixar quaisquer vestígios. Apenas o Cartório do Registro Civil tem elementos atestando que o distrito, com o nome de São Roque, foi criado em 1912.

Em janeiro de 1928, o Rio Jequitinhonha arrasou o distrito de Itaobim. Os habitantes, fugindo da fúria do grande rio, foram construir suas novas moradias logo acima do Porto do Cieba, nas proximidades das casas construídas pelos irmãos Fernandes Ribeiro, que haviam saído do Distrito antes da enchente. Ali, naquele local hoje denominado Praça Max Machado, nascia a nova Itaobim. Primeiro, chegaram os pioneiros desbravadores do território do Arraial, depois distrito de São Roque, hoje município de Itaobim.

A mudança de São Roque para Itaobim ocorreu porque havia nas cercanias da cidade uma serra formada de pedras com tonalidade verde, tendo os munícipes escolhido para seu topônimo o vocábulo indígena Itaobim: Ita = pedra + obim = verde. A povoação teria sido fundada na segunda metade do século passado, às margens do rio Jequitinhonha.

O povoado foi elevado à categoria de município com a denominação de Itaobim, pela lei estadual nº 2764, de 30-12-1962, desmembrando-se de Medina. Em divisão territorial datada de 31-XII-1963, o município é constituído do distrito sede, assim permanecendo em divisão territorial datada de 2007 (IBGE, ca. 2007b).

De acordo com o censo de 2010 (IBGE, 2010), a cidade possui um número de 20.001 habitantes com predomínio de jovens na faixa etária entre 10 e 19 anos. Esse número de habitantes contrapõe o censo de 1996 cuja população representava um total de 21.627 e o censo de 2000 com o total de 21.271 habitantes (IBGE, 1996; 2000). Conforme dados do IBGE (2010), a população estimada em 2015 foi de 21.564.

A BR 116 corta o município de Itaobim, configurando a cidade como ponto estratégico de logística para empresas e transportadoras. O município localiza-se no entroncamento das rodovias BR 116 (Rio Bahia), BR-367 (Norte de Minas) e BR 327 (Sul da Bahia). A localidade é marcada por grandes disparidades, regiões desenvolvidas e modernas com áreas sem infraestrutura e serviços básicos, expressando, nos campos econômico e social, esta mesma configuração.

Conhecida como a cidade da manga, todos os anos Itaobim recebe milhares de visitantes em virtude da “Festa da Manga” promovida pela Prefeitura com o objetivo de divulgar o seu principal produto. Considerada uma das maiores festas da região, a “Festa da Manga” atrai muita gente das cidades vizinhas. Durante o evento, acontecem atividades diversificadas como: exposição de artesanato, de produtos derivados da manga, concursos de paródias, barracas de alimentação com comidas típicas e shows com cantores e bandas de renome nacional e regional.

3.3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A história das localidades está intimamente ligada ao ciclo do ouro e do diamante, aos engenhos de cana-de-açúcar e aos currais de gado. As cidades da Bahia (Bom Jesus da Lapa e Macaúbas) e as cidades de Minas Gerais (Almenara e Itaobim) foram escolhidas por terem origens muito próximas à história da localidade de Beco, investigada em Rolo (2010), associada ao ciclo do ouro e do diamante com suas rotas por onde passavam as tropas em virtude do garimpo na época da mineração. Eram trechos por onde passavam também os colonizadores e desbravadores das novas terras. Seja atendendo aos apelos da Coroa Portuguesa, na busca desenfreada por metais preciosos, seja na busca pessoal pelo enriquecimento fácil, a verdade é que esses grupos parecem ter deixado suas marcas linguísticas e culturais impregnadas de alguma forma na rotina dessas localidades.

4 UM BREVE OLHAR SOBRE O APAGAMENTO DE VOGAIS ÁTONAS FINAIS EM ÁREAS DO BRASIL E DE PORTUGAL

Nesta seção serão apresentados alguns trabalhos que documentam o apagamento das vogais átonas finais desde o período arcaico¹⁴ do português, passando pelos registros no Brasil, através dos estudos realizados, bem como dos atlas linguísticos regionais publicados, até os registros do apagamento em Portugal, no continente e nas ilhas. A intenção é mostrar um panorama do que já se falou nos dois países a respeito do processo aqui investigado que é o apagamento das vogais átonas [I] e [U].

4.1 APAGAMENTO DE VOGAIS ÁTONAS FINAIS: CARACTERIZAÇÃO DO FENÔMENO

Apagamento é o desaparecimento, queda ou supressão de um segmento vocálico ou consonantal que ocorre na língua, como observa Silva (2011) em seu *Dicionário de Fonética e Fonologia*:

Apagamento *deletion* fenômeno fonológico em que um segmento consonantal ou vocálico é cancelado. Utiliza-se o símbolo Ø para indicar que houve o cancelamento ou o apagamento da vogal ou da consoante. Apagamento é sinônimo de **cancelamento** e **queda**. O apagamento de vogais ocorre, tipicamente, em sílaba átona. (SILVA, 2011, p. 59-60 grifos do autor)

O apagamento em sílaba final tem sido identificado como apócope, como aponta Câmara Jr. (2007 [1964]) em seu *Dicionário de Lingüística e Gramática*:

Apócope é o desaparecimento de um fonema em fim de vocábulo. Na evolução da língua portuguesa são muito importantes duas espécies de apócope: 1) a das consoantes finais, não sendo líquidas ou sibilantes: *amat* > *ama*; *ad* > *a*, etc.; 2) a do *-e* depois de consoante líquida, sibilante ou nasal dental; passando a consoante a formar sílaba com a vogal precedente: *amare* > *amar*; *legale* > *leal*, *mense* > *mês*, *sermone-* > *sermon*, arc., donde – *sermão*. (Câmara Jr. 2007 [1964], p. 66)

¹⁴ Embora haja discussões acerca dos limites do português arcaico, considerou-se, neste trabalho, a proposta de Mattos e Silva (1991, p. 15) “período histórico da língua portuguesa que se situa entre os séculos XIII e XV”. Em artigo publicado em 2004, a autora apresenta novos indicadores para novos limites do português arcaico sugerindo os meados do século XVI como forte candidato ao limite final do período arcaico.

Neste estudo específico, adota-se o termo *apagamento* para indicar o desaparecimento dos segmentos fonéticos finais [ɪ] e [u] na realização da fala de informantes da Bahia e de Minas Gerais, como em *pescoço* [pes'kos], com vistas a buscar evidências que motivam as ocorrências.

O apagamento de vogais átonas finais continua se manifestando na variação dialetal brasileira. No registro informal, podemos encontrar exemplos desse tipo de realização que demonstram a dinâmica da língua, como observa Viaro (2005, p. 225): “a apócope também ocorre na chamada fala rápida no português brasileiro como em [ˈpaxt] por parte, [ˈtẽp] por tempo”.

Em gramáticas do português brasileiro já se encontram registros do apagamento de vogais átonas, como se observa em Perini (2010), quando inclui a omissão das vogais [e] e [o] em final de sílaba átona. Em relação à omissão da vogal [e] o autor faz a seguinte consideração.

O *e* final átono, como sabemos, se pronuncia normalmente [i]. No entanto, quando a consoante precedente é uma fricativa ou africada palatal – ou seja, [tʃ, ʃ, dʒ, ʒ] – o [i] às vezes não se ouve, de modo que a palavra termina, foneticamente, em consoante. Por exemplo, *ponte* [ˈpõtʃ], *mexe* [ˈmɛʃ], *rende* [ˈrẽdʒ], *hoje* [ˈoʒ]. (PERINI, 2010, p. 348)

O autor adverte ainda que a pronúncia do [ɪ] final vai depender da posição da palavra na frase. “Quando em final de enunciado, a omissão do [i] geralmente ocorre; já no meio da frase o [i] muitas vezes é pronunciado; comparar *essa ponte* com *essa ponte verde*” (PERINI, 2010, p. 349).

Em relação à omissão de [o] final, Perini (2010) explica que ele é muito reduzido em certos ambientes e que em final de enunciados ele é frequentemente omitido.

O [u] átono final, grafado *o*, se pronuncia muito reduzido em certos ambientes. Em final de enunciado, isto é, antes de silêncio ou pausa, ele é frequentemente omitido. Dessa forma, uma frase como *eu vi um gato* muitas vezes se pronuncia como [ewˈviũˈgat], sem vogal final. (PERINI, 2010, p. 349)

Tal como Perini, Noll (2008) em sua descrição sobre as peculiaridades do português do Brasil em contraste com o português europeu, registra o apagamento da vogal final [ɪ] na africativização do /t/ e do /d/. Sobre este processo, o autor diz: “Com relação à africativização

do /t/ e do /d/ diante de [i] (noite [noitʃi]), a presença da pré-palatal motiva às vezes a queda do [-i] final (*noite* > [noitʃ], *cidade* > [si'dadʒ]). (NOLL, 2008, p. 57).

Sobre o território português, Cunha e Cintra ([2013]1984, p. 29), na *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, mencionam o fenômeno do apagamento numa extensa área da Beira Baixa, Alto Alentejo e no ocidente do Algarve. Os autores também se referem, dentre outros traços mais salientes, à “queda da vogal átona final –o ou sua redução ao som [ə], por exemplo: *cop* [ə], *cop* [ə]s, por copo; *tüd* (ə) por tudo”.

O fenômeno de omissão das vogais finais explicitadas em Perini (2010), registradas em Noll (2008) e mencionado em Cunha e Cintra (2013 [1984]) pode ser observado na realização da fala espontânea, observada em localidades do Brasil, como Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim, e de Portugal continental e insular. Sendo assim, observa-se, nas comunidades em análise, uma forte tendência ao desaparecimento da vogal átona em final de palavras paroxítonas como se pode observar nos trechos da fala de dois informantes:

(01) “Mandou uma carta explicano [ispli'kã̃n] pra ele [el]” (Bom Jesus Lapa, fem. f. 2).

(02) “Meu gado [gad] tava descendo [de'sẽn] pu asfalto [as'fawt]” (Almenara, masc., f. 2).

Ocorrências como as apresentadas em (01) e (02) sucedem com certa frequência nas comunidades baianas e mineiras selecionadas para este estudo. Daí a necessidade de descrever o fenômeno, explicitando os fatores linguísticos e extralinguísticos que motivam a realização do apagamento, sem perder de vista a trajetória histórica que marca cada uma das localidades.

Nas próximas seções, será delineado um panorama diacrônico do apagamento no contexto geral do português do Brasil e de Portugal, amparado nos estudos e documentações que descrevem o apagamento da vogal átona em final de vocábulos no português contemporâneo dos dois países.

4.2 APAGAMENTO DAS VOGAIS ÁTONAS FINAIS [ɪ] E [u] NO PERÍODO ARCAICO DO PORTUGUÊS

O fenômeno do apagamento é tão antigo na língua que se encontram registros desse processo desde os textos galego-portugueses. Maia (1986), em seus estudos sobre os textos

galego-portugueses do século XIII ao século XVI, faz alguns registros do apagamento como um fenômeno que de alguma forma marca as transformações sofridas pela língua. A autora registra uma ocorrência que acredita ser própria da língua falada:

Registei apenas, num documento galego (1281 O 55), a apócope de -a na palavra casa quando em próclise: “em caŕ de Fernã Truã”; “que seen em caŕ Maria Fernandez de Gimaraes”; “j. quarteyrode centeo em caŕ Munio Perez”. Tratava-se, certamente, de um uso próprio da linguagem falada, não só na área galego-portuguesa, mas noutras zonas peninsulares. (MAIA, 1986, p. 519-520)

A autora explica que “a forma apocapada *cas* é ainda usada actualmente na Galiza, na linguagem coloquial: em português perdeu-se o emprego dessa forma, mantendo-se apenas alguns pontos da zona fronteira transmontana”. (MAIA, 1986, p. 520).

O apagamento identificado em Maia (1986) está relacionada à vogal [a], o que não é o foco deste estudo; entretanto, é de suma importância o registro desse apagamento como uma possibilidade de realização na fala, observada já nessa fase da língua.

Nunes (1951 [1906], p. 235), em sua gramática histórica, na seção que trata dos pronomes, documentou a forma apocopada *el* na fala popular quando registrou que

[...] o latim vulgar empregou de preferência no masculino *ille*, que se acha representado em português por *ele* e *el*, que divergem entre si apenas em o primeiro conservar o *e* final, que no segundo, ainda em uso no povo, que lhe dá para o plural *eis*, caiu devido à próclise, embora depois se usasse mesmo em pausa. (NUNES, 1951 [1906], p. 235)

O autor comenta, em nota de rodapé, o uso da forma apocopada *el* em documentos notariais galegos do século XIV: “Afigura-se-me portanto que primeiro se disse *elos* e depois passou a usar-se *eles*, formado sobre o singular *ele* ou *el*”. O autor registra ainda a forma *aquel* e comenta que “Esta forma continua a viver no povo que, consoante a regra dos nomes em *-el* assim como ao simples, lhe dá para o plural *aqueis*” (NUNES, 1951 [1906], p. 246).

Coutinho (1976 [1938], p. 255-6), em sua *Gramática Histórica*, ao descrever as formas de pronomes pessoais de 3ª pessoa, registra que “no antigo português e na língua popular de além-mar aparece a forma apocopada *el*”. O autor registra ainda que “*eis*, plural popular, saiu da forma arcaica *el*”. Sobre os pronomes demonstrativos, o gramático afirma que “em próclise encontra-se *aquel* por *aquele* no português arcaico”.

Leite de Vasconcelos (1959 [1911], p. 47), ao descrever a classe dos pronomes pessoais registra “*ele*, arc. e pop. *el* <pronome demonstrativo *ille*”. Adiante, o autor comenta que a forma apocopada *el* está associada ao povo e tem como plural *eis* “na língua popular os pronomes tomam outras formas, de que não posso aqui ocupar-me detidamente: *el*, pl. *eis*”. (VASCONCELOS, 1959 [1911], p. 49).

Como se pode observar na descrição dos autores Nunes (1951 [1906]), Coutinho (1976 [1938]) e Leite de Vasconcelos (1959 [1911]), as formas apocopadas estão nos registros mais antigos da língua. Considerando uma perspectiva sociolinguística, todos esses registros de apagamento no pronome pessoal e demonstrativos estão relacionados à fala popular o que permite classificá-lo como uma forma não-padrão. Tal forma popular registrada nos compêndios torna-se ponto de referência quando se pretende resgatar dados linguisticamente estratificados.

4.3 APAGAMENTO DAS VOGAIS ÁTONAS FINAIS [ɪ] E [ʊ] NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Os estudos existentes, embora sejam escassos, permitem assegurar que o processo de apagamento de vogais finais é uma realidade no país. Sabemos que a variação está inscrita nos usos que são feitos da língua e que a linguística preocupa-se essencialmente com a descrição desses usos. Investigar o fenômeno linguístico presente nas comunidades e descrever os fatores que o condicionam significa contribuir com a pesquisa linguística do português do Brasil.

4.3.1 Registro de apagamento das vogais átonas finais [ɪ] e [ʊ] nos atlas linguísticos brasileiros

Como já comentado, o método da geografia linguística pressupõe, dentre outras etapas a serem observadas na investigação dialetal, a elaboração de atlas linguísticos.

Através do atlas, é possível visualizar a distribuição geográfica de determinado fenômeno linguístico e de delimitar a sua extensão. Além de uma grande coleção de dados linguísticos, os atlas oferecem informações sobre as zonas de uso, apontando áreas de difusão e vias de penetração. Permitem, ainda, isolar áreas dialetais definidas pela concentração de

fenômenos linguísticos idênticos, que, em determinados tipos de mapas, podem ser delineados por isoglossas.

Embora se reconheça essa grande contribuição, os atlas linguísticos contêm restrições, como observa Rossi (1967):

[...] padecem como qualquer outro instrumento de trabalho resultante de qualquer outro método, de suas limitações. Dizem muito, dizem mais do que seria possível dizer por outro processo conhecido, valem pelo que permitem dizer a partir deles com segurança e objetividade, mas não dizem tudo. Permitem ver muito em extensão, mas com sacrifício da profundidade e do pormenor, embora como inventário preliminar constituam um ponto de partida mais seguro para aprofundamento dos estudos mais exaustivos de áreas menores [...]. (ROSSI, 1967, p. 93)

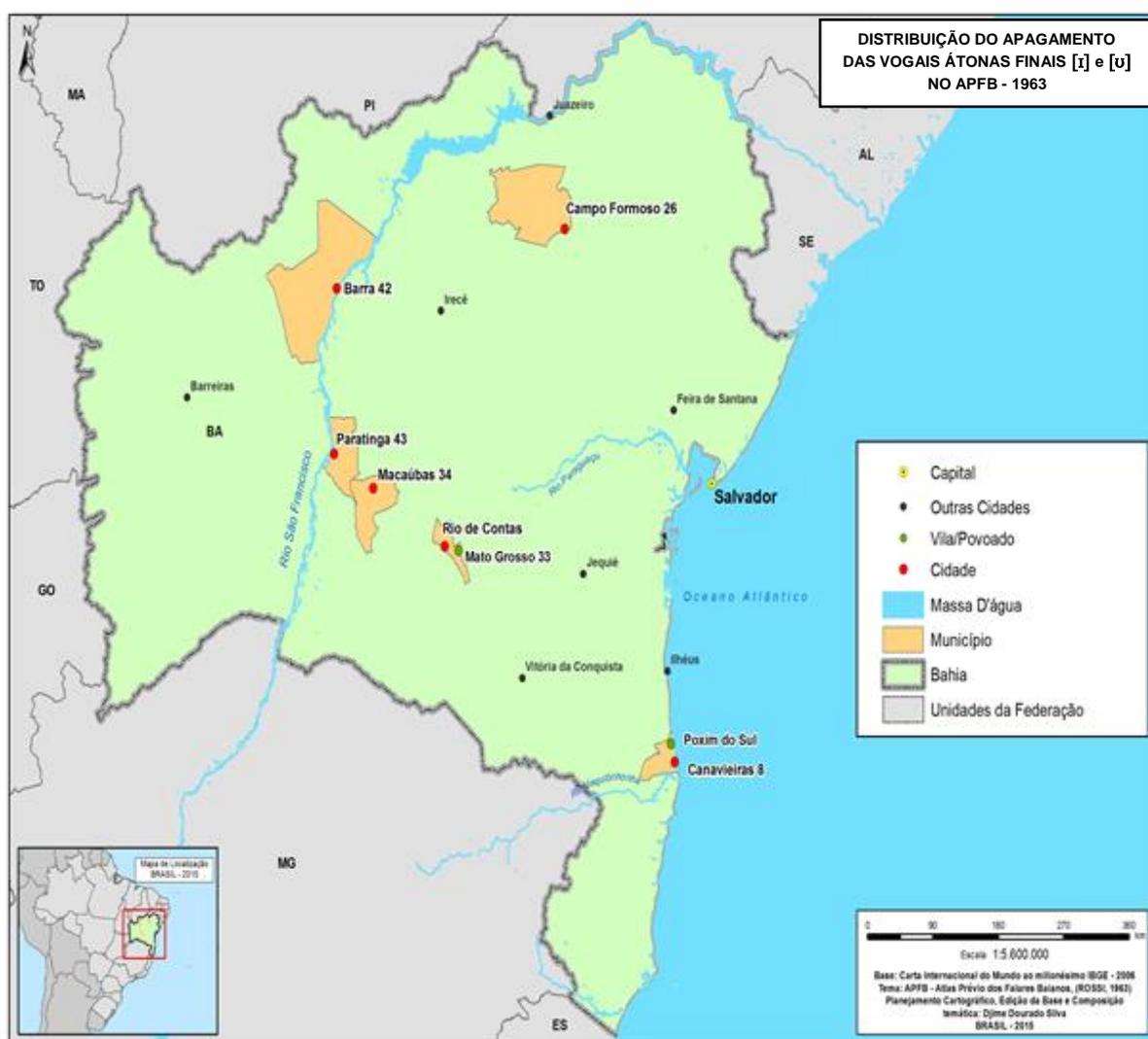
Além disso, Ferreira e Cardoso (1994, p. 20) salientam que: “[...] a publicação de um atlas significa o final de um estágio e o início de uma obra aberta aos estudos dialetais, os mais distintos; é documento irrefutável de uma realidade da língua, diversificada nos seus vários níveis.”. Sendo assim, a publicação de atlas regionais brasileiros tem proporcionado a descrição de uma área considerável, que abrange todas as regiões do país e fornecido rico material para análises posteriores e melhor conhecimento da realidade linguística do Brasil. No presente estudo, dentre outras localidades selecionadas, debruça-se sobre a investigação do apagamento documentado nos atlas linguísticos nas localidades de Almenara, em Minas Gerais, e Macaúbas, na Bahia.

A consulta aos atlas regionais mostra que o apagamento de vogais átonas finais encontra-se registrado nos atlas brasileiros tais como: *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB), *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais* (EALMG), *Atlas Lingüístico Etnográfico da Região Sul* (ALERS), que documentam casos de apagamento em diferentes áreas do Brasil. Na Bahia, em Minas Gerais e nos estados do Sul do Brasil, encontram-se registrados nos atlas casos de apagamento como, por exemplo, *caçote* [ka'sõt], em Campo Formoso-BA; *pique* ['pik], em Pirapora e em outras localidades de Minas; *dezessete* [dize'set], em Chapecó-SC; *sete* ['set], em Soledade-RS; e *americano* [æmeri'kẽn], em Ortigueira-PR. Apresenta-se, a seguir, detalhamento dessa documentação nos atlas.

4.3.1.1 No Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)

O primeiro atlas linguístico publicado no Brasil, O *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB), de autoria de Rossi e publicado em 1963, documenta alguns casos de apagamento e registra a pouca perceptibilidade da vogal átona final na realização da fala dos informantes em algumas regiões. Esse atlas constitui o primeiro *corpus* oral representativo de uma região do Brasil, sistematizado segundo os moldes da dialetologia tradicional. Os dados coletados pelo APFB registraram o apagamento da vogal átona final em seis localidades da Bahia com maior concentração na área da Chapada Diamantina. Essa distribuição no APFB pode ser visualizada na Figura 11:

Figura 11 – Localidades em que o APFB documenta o apagamento de [ɪ] e de [ʊ] finais



Fonte: Rossi (1963).

As localidades selecionadas para o APFB levaram em consideração a proposta de Antenor Nascentes para um atlas linguístico do Brasil. Foram selecionados 50 pontos, distribuídos pelas dezesseis zonas fisiográficas da Bahia, considerando proporções relativas à área de cada uma das zonas, o seu número de habitantes e sua densidade demográfica. Além disso, foram considerados na seleção critérios como antiguidade e aspectos histórico-culturais.

Foram entrevistados dois informantes, na maioria dos pontos escolhidos, em geral, perfazendo um total de 100 informantes, homens e mulheres, com idade variando entre 25 e 60 anos, e escolaridade variando entre analfabetos e semianalfabetos.

O questionário utilizado possuía 182 perguntas extraídas de um questionário mais amplo de 3.000 questões. Buscou-se o falante iletrado, de idade madura, considerado como representante legítimo da comunidade. Os inquéritos foram iniciados em 1960, concluídos em 1961.

As cartas seguem diferentes formas de apresentação: são fonético-lexicais, e se apresentam em transcrição ou em convenção (com dados identificados conforme legenda), algumas com ilustração e apresentação visual do objeto a que se reportam. São acompanhadas de notas que contêm os discursos dos autores ou dos informantes que são muito importantes, pois ampliam os dados linguísticos no nível léxico, fonético e morfológico, seja na perspectiva diatópica, diastrática ou diageracional. O atlas contém 209 cartas, 198 linguísticas e 44 resumo.

No Quadro 6, estão documentadas as ocorrências de apagamento registradas no APFB:

Quadro 6 – Ocorrências do apagamento em localidades do APFB

Vocábulo	Variante	Carta	Ponto	Localidade
Doca	[^h doç]	77	34	Macaúbas
cabo verde	[^h kabu ^h verç]	81	42	Barra
	[^h kabu ^h verç]	81	33	Mato Grosso (Rio de Contas)
	[^h kabu ^h verç]	81	34	Macaúbas
	[^h kabu ^h verç]	81	43	Paratinga
mabaço	[ma ^h bas:] ¹⁵	100	8	Poxim do Sul (Canavieiras)

¹⁵ [:] em seguida a um símbolo indica muito maior duração.

caçote	[ka'sɔt̚]	127	43	Paratinga
	[ka'sɔt̚]	127	26	Campo Formoso

Fonte: Rossi (1963).

O APFB revela também uma grande quantidade de palavras com a vogal átona final reduzida como em *entojo* ~ [ĩ'toj̥], *cabide* ~ [ka'bid̥], *mabaço* ~ [ma'bas̥]. Esse enfraquecimento acentuado é representado pelo diacrítico [̥] previsto na apresentação das cartas, na metodologia, como se lê nos trechos: “[̥] indica reduzido grau de perceptibilidade” e a letra elevada sem o diacrítico indica uma percepção menor “Um símbolo elevado indica que se julgou o sinal emitido com grau de perceptibilidade menos reduzido que no caso de a essa notação sotopor-se [̥]”. Essas ocorrências com alto grau de redução estão distribuídas por todo o estado.

4.3.1.2 No Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais (EALMG)

Em Minas Gerais, área onde, segundo estudos de Oliveira (2006, 2012) e de Viegas e Oliveira (2008), apresenta-se o apagamento da vogal átona final diante do /l/, encontra-se documentado o apagamento e um alto índice de redução da vogal átona final no *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais* (EALMG). Tendo como autores Mário Roberto Lobuglio Zágari, José Ribeiro, José Passini e Antônio Gaio, o EALMG teve seu primeiro volume publicado em 1977, sendo o segundo atlas linguístico publicado no Brasil.

O EALMG documenta dados linguísticos de 116 localidades do Estado de Minas Gerais, distribuídos por todo o estado, de modo a haver aproximadamente 70 km de distância entre um ponto e outro. Compreende 45 cartas analítico-sintéticas, fonéticas ou lexicais, e 29 sintéticas que resumem fatos fonéticos ou a distribuição diatópica das variantes lexicais.

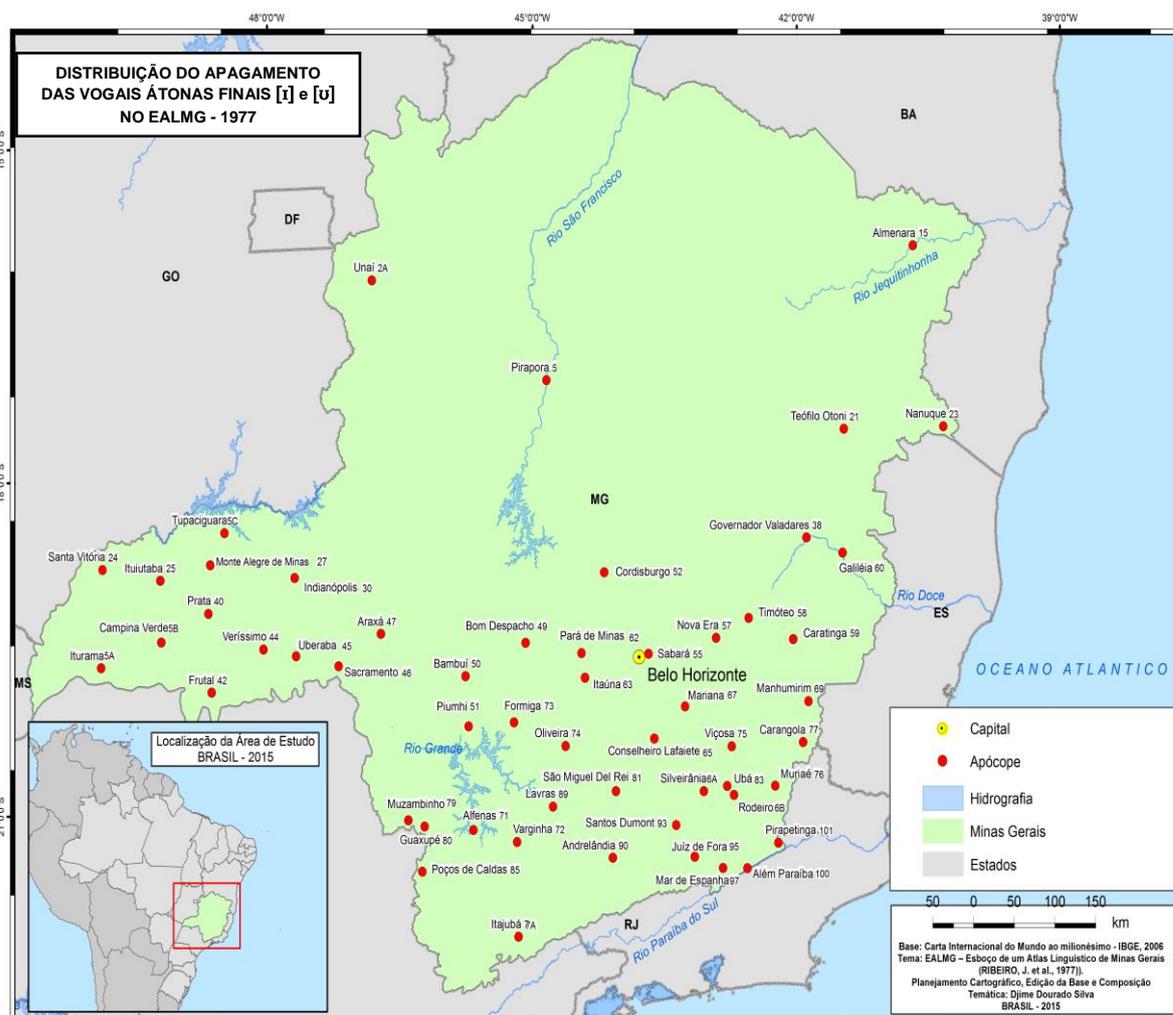
Compõe o seu quadro de informante: 83 informantes, homens e mulheres, com idade variável entre 30 e 50 anos, cuja escolaridade não ultrapasse a quarta série do primeiro grau. Fez-se a pesquisa direta, *in loco*, a fim de coletar dados de fala espontânea, utilizando-se um questionário de fácil manejo, porém capaz de dar uma imagem dos principais aspectos linguísticos da região. Também foi feita a pesquisa indireta através de questionário próprio por correspondência com finalidade exclusiva de teste e controle de respostas obtidas em determinadas áreas.

O questionário é composto de conversação semidirigida, com 415 perguntas, além do uso de um questionário da pesquisa indireta, com cerca de 20 perguntas e oito gravuras. O primeiro volume apresenta um total de 78 cartas, sendo cinco de identificação, 21 léxicas, 24 fonéticas, três isófonas e 25 cartas isoléxicas de fenômenos destacados.

Os resultados do atlas apontam para a confirmação da existência de três falares distintos no território mineiro: o falar baiano ao norte, o falar paulista no sul-sudeste e o falar mineiro no centro-leste.

Os dados coletados no EALMG revelaram somente um caso de apagamento da vogal átona, no entanto, mostram uma frequência alta de formas reduzidas de vogal átona final que podem indicar essa tendência. Na Carta 35, a variante *pique* ['pik] ocorre, sem a vogal final, em 55 localidades das 116 pesquisadas. A distribuição do apagamento nessas localidades pode ser visualizado na Figura 12:

Figura 12 – Localidades em que o EALMG documenta o apagamento de [i] e de [u] finais



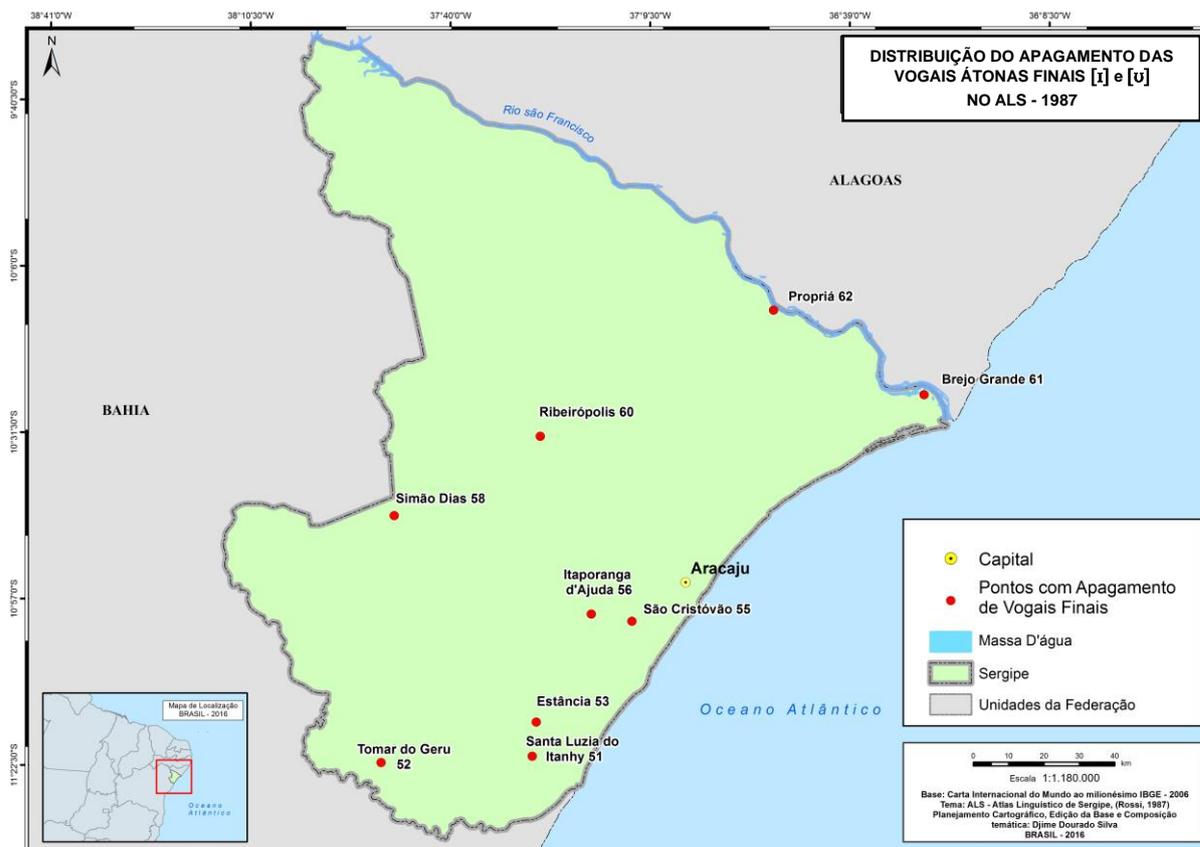
Fonte: Ribeiro et al. (1977). Adaptado por Djime Dourado.

As formas reduzidas estão documentadas em quase todas as cartas do atlas e há casos em que todas as ocorrências da variável nas cartas são de formas reduzidas, como se pode ver, por exemplo, na Carta 6, *serenu* [sɛ'ɾẽnu], na Carta 8, *mormaço* [mox'mas^u], na Carta 15, *verânico* [verã'nik^u] e na Carta 31, *gude* ['gudⁱ] em que as ocorrências refletem a variação com uma vogal átona final pouco nítida.

4.3.1.3 No Atlas Linguístico de Sergipe (ALS)

O apagamento das vogais átonas finais encontra-se documentado também no *Atlas Linguístico de Sergipe (ALS)* que é o quarto atlas linguístico regional publicado no Brasil. A distribuição do apagamento das vogais finais no ALS pode ser visualizada na Figura 13.

Figura 13 – Localidades em que o ALS documenta o apagamento de [i] e de [u] finais



Fonte: Ferreira et al. (1987). Adaptado por Djime Dourado.

Esse atlas é resultado do trabalho dos pesquisadores do grupo de Dialetologia da Universidade Federal Bahia, tendo como autores Carlota da Silveira Ferreira, Jacyra Andrade

Mota, Judith Mendes de Aguiar Freitas, Nadja Maria Cruz de Andrade, Suzana Alice Marcelino Cardoso, Vera Lúcia Sampaio Rollemberg e Nelson Rossi. Os inquéritos definitivos foram realizados nos anos de 1966 e 1967, mas a publicação só foi possível em 1987, em razão de uma série de problemas, principalmente, financeiros.

A rede de pontos do ALS contou com um total de quinze municípios: Santa Luzia, Tomar do Geru, Estância, Pedrinhas, São Cristóvão, Itaporanga D'Ajuda, Laranjeiras, Simão Dias, Divina Pastora, Ribeirópolis, Brejo Grande, Propriá, Nossa Senhora da Glória, Gararu e Curralinho.

A escolha das localidades buscou restringir-se a pontos tipicamente rurais, detentores das características requeridas tradicionalmente pela Dialectologia no que tange à fixação de uma rede de pontos para os atlas linguísticos. A seleção final das localidades resultou de um teste preliminar, no qual foi aplicado um questionário experimental reduzido.

Foram selecionados, como definitivos, 30 informantes, sendo uma mulher e um homem em cada ponto, com escolaridade variando entre analfabetos, semianalfabetos e alfabetizados. A idade dos informantes varia de 30 a 65 anos. Conforme prevê a metodologia dos estudos dialetais, tais informantes deveriam ser nascidos no local de estudo, filhos, preferencialmente, de pais da mesma localidade, com afastamento nulo ou por pouco tempo do ponto de residência.

Quanto à escolaridade, a maioria dos informantes, vinte e um, declara-se analfabeto, oito como semianalfabetos e apenas um como alfabetizado. A profissão predominante é a de lavrador(a), algo esperado dada a natureza da localidade e, quanto ao estado civil, há apenas um informante solteiro e uma viúva, sendo todos os demais casados.

O questionário definitivo, constituído nos anos de 1966 e 1967, é composto de 687 questões, todas as 182 do *Extrato de Questionário* aplicado para o APFB e as 505 selecionadas a partir dos inquéritos preliminares. As questões recobriram as mesmas áreas semânticas do APFB: terra, vegetais, homem e animais.

O atlas é composto de 182 cartas, sendo 171 cartas linguísticas, 12 cartas-duplas (Bahia-Sergipe) e 15 cartas-resumo que representam o exame, prioritariamente, da parte correspondente às cartas do APFB. Apesar desse volume de cartas, o primeiro volume do ALS utilizou apenas um terço dos dados linguísticos registrados.

As cartas numeradas de 1 a 156 são linguísticas e podem ser exclusivamente fonéticas, apenas lexicais ou fonético-semânticas. Em algumas cartas, em especial nas notas, encontram-se dados socioculturais ou etnográficos e também informações de natureza morfossintática.

O ALS teve as transcrições fonéticas dos dados feitas *a posteriori*, em ambiente acusticamente preparado e a partir da gravação integral de todos os inquéritos. Na transcrição fonética utilizou-se o sistema Lacerda-Hammarström para o português, com acréscimo de novos símbolos, conforme se revelou necessário, e contou com o recurso disponível à época – uma máquina elétrica de esferas removíveis.

Os dados coletados para o ALS documenta o apagamento das vogais átonas finais [ɪ] e [ʊ] presente na maioria das localidades e distribuídas por todo o Estado: São Cristóvão, Simão Dias, Propriá, Tomar do Geru, Estância, Ribeirópolis, Brejo, Santa Luzia e Itaporanga d'Ajuda, como se pode observar no Quadro 7.

Quadro 7 – Ocorrências do apagamento em localidades do ALS

Caso	Variante	Ponto	Carta	Localidade
Abóbora-de-leite	[d ⁱ lejt]	58	42	Simão Dias
Caçote	[ka ⁱ sɔt]	55	126	São Cristóvão
Estufado	[iʃtu ⁱ fa ^d]	62	79	Propriá
Garrote	[ga ⁱ pɔt]	52	137	Tomar do Geru
Garrote	[ga ⁱ pɔt]	53	137	Estância
Garrote	[ga ⁱ pɔt]	60	137	Ribeirópolis
Mamote	[ma ⁱ mɔt]	61	137	Brejo
Osso da fome	[os ^u da ⁱ fom]	51	59	Santa Luzia
Tabaco	[ta ⁱ bak]	56	53	Itaporanga d'Ajuda

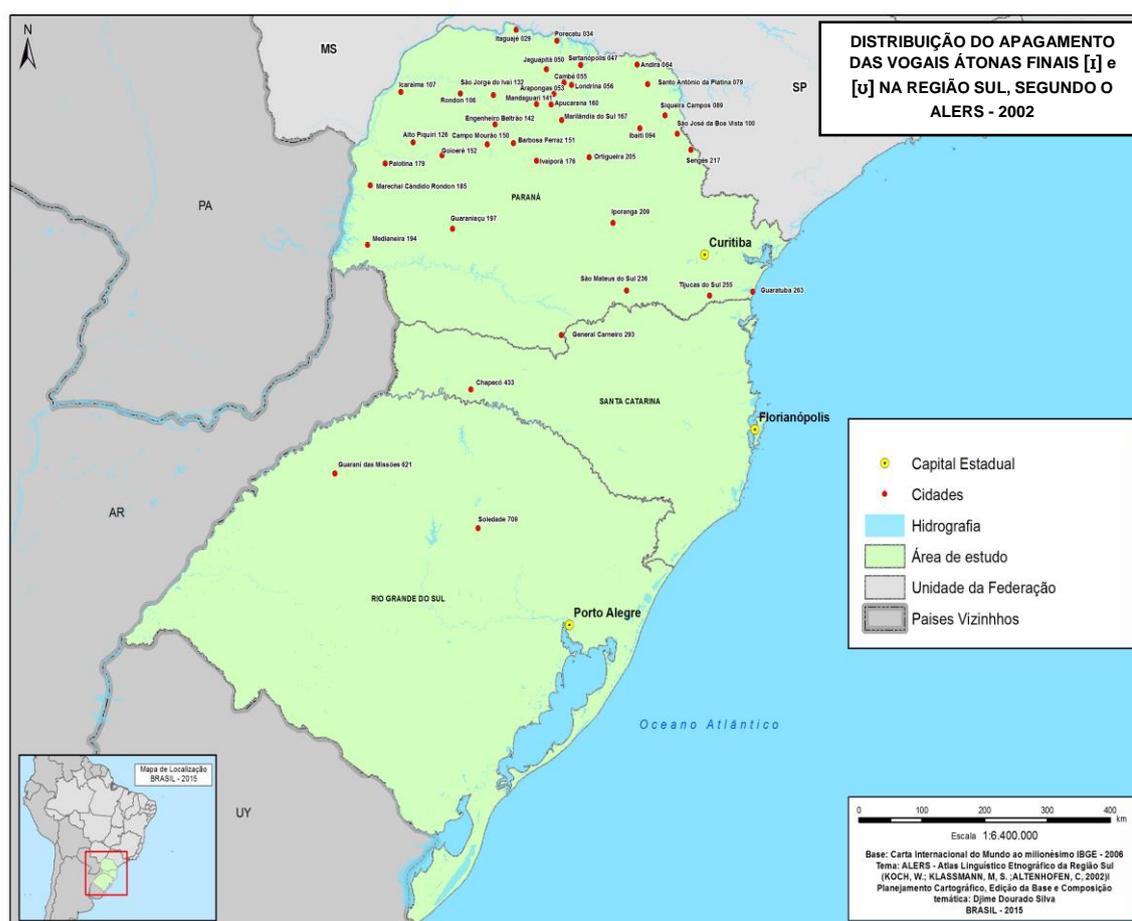
Fonte: Ferreira et al. (1987).

O ALS revela também um alto índice de formas com a vogal reduzida em posição átona final como em *pescoço* ~ [pesⁱ'kos^u], *cabide* ~ [kaⁱ'bidⁱ], *mabaço* ~ [maⁱ'bas^u]. Vale ressaltar que essas ocorrências com alto grau de redução estão distribuídas por quase todo o estado.

4.3.1.4 No Atlas Lingüístico Etnográfico da Região Sul (ALERS)

O apagamento de vogal átona em sílaba final está registrado, também, em ocorrências documentadas no *Atlas Lingüístico Etnográfico da Região Sul (ALERS)*, coordenado pelo professor Walter Koch, cujo primeiro volume foi publicado em 2002, com segunda edição publicada em 2011. A distribuição do apagamento nos três Estados da região Sul pode ser visualizada na Figura 14:

Figura 14 – Localidades em que o ALERS documenta o apagamento de [ɪ] e de [ʊ] finais



Fonte: Koch; Klassmann; Altenhofen (2002). Adaptado por Djime Dourado.

O ALERS abrange aspectos referentes aos três Estados da região Sul do país. Sua rede de pontos conta com 294 localidades, sendo 106 no Paraná, 86 em Santa Catarina e 102 no Rio Grande do Sul. Conta com três tipos de questionários: 26 questões no Questionário Fonético-fonológico (QFF), além de outras 24 questões para as áreas de colonização não-lusa; 75 no Questionário Morfossintático (QMS) e 610 no Questionário Semântico-lexical,

perfazendo um total de 711 questões. Os informantes têm idade entre 28 e 58 anos, homens e mulheres, e pouca escolaridade, sendo dois por localidade nas áreas rurais e três nas áreas urbanas. Apresenta um total de 174 cartas na primeira edição e, na segunda, 374 cartas e quadros suplementares das variantes linguísticas registradas.

O ALERS é o sexto atlas brasileiro publicado e traz como inovação o fato de ser o primeiro a não se limitar ao mapeamento de um Estado e abranger aspectos tanto linguísticos quanto culturais referentes aos três Estados da região Sul do país. Além disso, apresenta duas outras inovações que se concentram na utilização de um programa de cartografia digital e a apresentação de um glossário dos termos levantados no Questionário Semântico-lexical.

O apagamento foi documentado no ALERS nos três estados contemplados pelo atlas com a seguinte distribuição: Rio Grande do Sul (RS) – duas localidades, Santa Catarina (SC) – uma localidade e Paraná (PR) – 35 localidades, como se pode observar no Quadro 8.

Quadro 8 – Ocorrências do apagamento nas localidades do ALERS

Estado	Caso	Variante	Carta	Localidade/ponto
Rio Grande do Sul	sete	[¹ set]	08	Soledade (709)
Rio Grande do Sul	dezessete	[dize ¹ set]	32	Guarani das Missões (621)
Santa Catarina	dezessete	[dize ¹ set]	32	Chapecó (433)
Paraná	americano	[ɐmeri ¹ kãn]	07	Santo Antonio da Platina (079), Mandaguari (141), Itaguajé (029), Ortigueira (205)
Paraná	homem	[¹ om]	09	Londrina (056), Ibaiti (094) Ipiranga(209), Sengés (217)
Paraná	homem	[¹ om]	09	Andirá (064), Ivaiporã (176)
Paraná	compadre	[¹ kõ ¹ pad]	19	Cambé (055), Palotina (179)
Paraná	dezessete	[dze ¹ set]	32	Sertanópolis (047), Alto Piquiri (126), Barbosa Ferraz (151), Goio-Erê (152), Apucarana (160), Marechal Cândido Rondon (185), Medianeira (194)
Paraná	dezessete	[dize ¹ set]	32	Jaguapitã (050), São José da Boa Vista (100), São Jorge do Ivaí (132), Engenheiro Beltrão (142)

Paraná	dezesete	[d ^ɛ ze'ʃet]	32	General Carneiro (293)
Paraná	dezesete	[deze'ʃet]	32	Guaraniaçu (197)
Paraná	dezesete	[d ^ɛ zɐ'ʃet]	32	São Mateus do Sul (236)
Paraná	dezesete	[dez'ʃet]	32	Tijucas do Sul (255)
Paraná	vinte	[ˈvĩnt]	33	Arapongas (053), Marilândia do Sul (167), Guaratuba (263)
Paraná	advogado	[ˈɔdvo'gɔd]	35	Rondon (106)
Paraná	fervendo	[fer'vẽ̃n]	36	Siquiera Campos (089), Icaraíma (107)
Paraná	fervendo	[fer'vẽ̃n]	36	Porecatu (034)
Paraná	fervendo	[fer'vẽ̃n d]	36	Campo Mourão (150)

Fonte: Koch; Klassmann; Altenhofen (2002).

Diante do alto índice de apagamento no Estado do Paraná e da sua localização ao Norte, procurou-se investigar a frequência de tais ocorrências. Ao consultar o *Atlas Lingüístico do Paraná* (AGUILERA, 1994), observou-se que o Paraná é dividido em áreas dialetais bem distintas. As localidades mais ao norte pertencem às áreas que tem /i/ e /u/ final na realização da fala, como em *ponte* [ˈpõtʃi] (Carta 103) e *cravo* [ˈkravu] (Carta 110). As localidades mais ao Sul mantêm o /e/ final como em *ponte* [ˈpõte]. Diante de tais constatações, fica claro que as áreas mais ao Norte, onde há o predomínio da neutralização em favor de /i/, são áreas em que ocorre o apagamento. Além disso, sabe-se que é uma área povoada por paulistas e mineiros, o que leva a crer na forte influência dos falares desses povos na realização da fala dos informantes dessas localidades.

4.3.1.5 No Atlas Lingüístico de Sergipe II

Os dados de Sergipe, coletados em 1966 e 1967 e não cartografados em 1987, foram retomados por Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso, em sua tese de doutoramento, em 2002 e cartografados no *Atlas Lingüístico de Sergipe II*, publicado em 2005. Chama atenção nesse atlas, o alto índice de redução das vogais átonas finas, distribuídas por quase todas as localidades, não se observando, no entanto, nenhum caso de apagamento efetivo dessas vogais.

. O *Atlas Lingüístico de Sergipe II* utiliza a mesma base de dados do *ALS* volume I, e, portanto, os mesmos informantes, rede de pontos, questionário etc. Possui como objetivo tratar os dados que não tinham sido utilizados na produção das cartas do *ALS*, com a opção de centrar-se, assim, na área semântica homem. A escolha por essa área semântica resulta do objetivo de focalizar a informação e análise em área específica, tendo em vista que não foram abundantemente tratados no primeiro volume de 1987 e em razão da pluralidade e diversificação de itens que a constituem.

No que concerne às localidades, Cardoso (2005b) informa que estão apresentadas na ordem em que constam no volume I do *ALS*, exceto no que se refere à população, a que se acrescentaram os dados de 1991 e 1996.

Das 162 perguntas consideradas, apenas 105 tiveram os dados cartografados. Foram tomados por critérios: i) a frequência de uso das respostas consideradas (maior ou menor, por localidade/informante); ii) o interesse de caráter histórico dos itens destacados; iii) aspectos etimológicos relevantes; e iv) o caráter inovador ou conservador das lexias registradas.

O atlas está composto de 108 cartas, sendo três introdutórias e as demais contemplam informações de natureza semântico-lexical e fonético-fonológica. Cada uma apresenta-se em uma folha, com informações impressas no reto e no verso. Exibe-se a variação de sexo, com os percentuais de ocorrência das respostas registradas, apresentados em forma de gráfico. A esse respeito apresenta um diferencial em relação ao volume I do *ALS*.

No verso, encontram-se a transcrição fonética dos dados, notas que reproduzem falas dos informantes, comentários dos inquiridores ou informações resultantes da exegese dos dados, além de comentários fazendo referência a itens lexicais não identificados formalmente, não dicionarizados ou com uma realização peculiar por parte do informante.

Ante suas características, esse atlas se insere nos chamados atlas de segunda geração, já que, ao mesmo tempo em que fornece os dados espacialmente distribuídos, detêm-se na análise de fenômenos registrados, intentando uma interpretação, mediante os comentários às cartas.

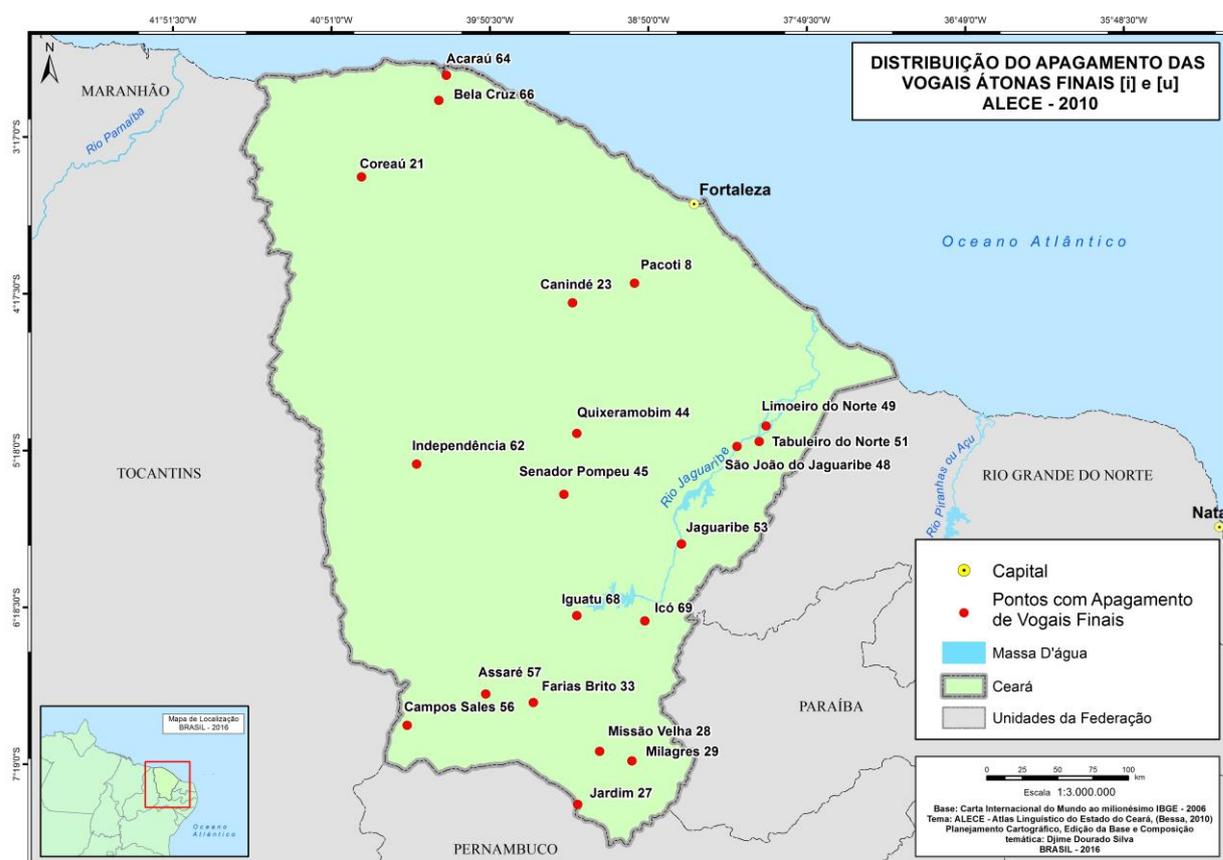
As formas reduzidas, tanto para a vogal [ɪ] quanto para a vogal [ʊ], estão distribuídas por quase todo o Estado e documentadas em grande parte das cartas do *ALS II*, como se pode ver, por exemplo, na carta 3, *banguelo* [bɛ̃¹gɛl^u], na carta 5, *bigode* [bɪ¹gɔdⁱ], na carta 11, *provoco* [prɔ¹vɔk^u], na carta 28, *tuberculose* [tubɛxkulɔzⁱ], na carta 37, *solução* [sɔlus^u] e na carta 101, *marinete* [marɪ¹netⁱ]. Essas ocorrências, observadas em falantes do sexo masculino e feminino, refletem a variação com uma vogal átona final pouco nítida. A alta frequência

dessas formas reduzidas pode indicar a tendência ao apagamento, observada no ALS, volume I.

4.3.1.6 No Atlas Lingüístico do Estado do Ceará (ALECE)

O apagamento de vogais átonas em posição final de vocábulos encontra-se documentado também no *Atlas Lingüístico do Estado do Ceará* (ALECE), publicado em 2010 e coordenado por José Rogério Fontenele Bessa. Como se pode visualizar na Figura 15, o ALECE registra o apagamento das vogais átonas finais, em diversas localidades, distribuídas por quase todo o estado.

Figura 15 – Localidades em que o ALECE documenta o apagamento de [ɪ] e de [u] finais



Fonte: Bessa (2010). Adaptado por Djime Dourado.

A história desse atlas se inicia em 1978 e atravessa cerca de três décadas. Constitui-se o ALECE de dois volumes – o primeiro volume contém a introdução, descrição dos procedimentos metodológicos e critérios de seleção das localidades e dos informantes; o

segundo apresenta as cartas lexicais e um glossário, a que se seguem a bibliografia geral e as fontes lexicográficas consultadas.

Tendo como objetivo mais geral “Apurar a realidade linguística do Estado do Ceará, para fornecer dados que possibilitem uma descrição dos traços fonológicos, gramaticais e lexicais da Língua Portuguesa” (BESSA, 2010, p. 65). O ALECE documenta dados linguísticos de 67 localidades distribuídas por todas as microrregiões homogêneas do estado do Ceará. Com exceção da microrregião homogênea nº 59, correspondente à Região Metropolitana de Fortaleza que, devido à sua grande heterogeneidade, serviu de centro principal de pesquisa sociolinguística específica, desenvolvida e concluída durante o andamento do Projeto-ALECE.

Compõe o seu quadro de informantes: 249 informantes, com escolaridade variando entre alfabetizado e não alfabetizado e idade de 30 a 60 anos. Foram selecionados quatro informantes por ponto da rede, observando-se, na composição, igual número de homens e mulheres. Conforme prevê a metodologia dos estudos dialetais, tais informantes deveriam ter residido sempre ou a maior parte do tempo na região; nunca fora do Estado.

O questionário divide-se em 16 partes, somando um total de 383 questões que correspondem a 583 itens. Fez-se uma pesquisa direta, *in loco*, utilizando-se questionário previamente elaborado. A entrevista, embora dirigida, caracterizou-se por ser, tanto quanto possível, espontânea, havendo preocupação dos pesquisadores em adaptar-se às condições psíquicas, intelectuais e ambientais do informante. A transcrição fonética do material gravado foi confiada ao encargo dos auxiliares de pesquisa, devidamente treinados para esse fim.

O produto cartográfico do ALECE é constituído de 256 cartas, sendo 108 lexicais e 132 fonéticas. Os dados do ALECE revelam o apagamento de vogais átonas finais em diferentes localidades como se pode visualizar no Quadro 9.

Quadro 9 – Ocorrências do apagamento em localidades do ALECE

Caso	Variante	Ponto	Carta	Localidade
Tempestade	[tẽpɛʃ ^h tad]	28, 44, 45, 68	003.F001	Missão Velha, Quixeramobim, Senador Pompeu, Iguatu
Tempestade	[tẽpɛʃ ^h tad]	23, 53, 64	006.F004	Canindé, Jaguaribe,

				Acaraú
Terremoto	[tɛxɛ'mɔt]	62, 69	006.F004	Independência, Icó
Vento forte	[,vẽtu'fɔxt]	62	010.F006	Independência
Vento forte	[,vẽtu'fɔxt]	51	011.F007	Tabuleiro do Norte
Tempestade	[tẽpɛʃ'tad]	27, 28,	027.F015	Jardim, Missão Velha
Chuva forte	[,ʃuva'fɔxt]	33, 68	027.F015	Farias Brito, Iguatu
Tempestade	[tẽpɛʃ'tad]	27, 48, 66	028.F016	Jardim, São João do Jaguaribe, Bela Cruz
Chuva grande	[,ʃuva'grãd]	53	032.F018	Jaguaribe
Orvalho	[,ɔx'vaʎ]	21	077.F043	Coreaú
Sereno da noite	[,serẽnu da 'nojt]	53, 57, 69	083.F047	Jaguaribe, Assaré, Icó
Arco-celeste	[,axku se'lest]	56	095.F055	Campos Sales
Anteontem	[õ'tõ]	49	113.F066	Limoeiro do Norte
Desprezado	[dʃɪsprɛ'zad]	8	164.F091	Pacoti
Desprezado	[dɪsprɛ'zad]	29	166.F093	Milagres
Ouvido	[,zu'vid]	45	184.F103	Senador Pompeu

Fonte: Bessa (2010).

4.3.1.7 Apagamento das vogais átonas finais [ɪ] e [ʊ] no Brasil: considerações sobre os atlas regionais

Tendo em vista o levantamento feito para a verificação do apagamento nos atlas brasileiros, constataram-se registros de apagamento no *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB), no *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* (EALMG), no *Atlas Linguístico de Sergipe* (ALS), no *Atlas Linguístico Etnográfico da Região Sul* (ALERS) e no *Atlas Linguístico do Ceará* (ALECE).

É válido comentar em relação aos atlas que não foi feita uma análise em tempo real, entretanto, os dados apresentados nesses atlas revelam que, nas localidades de Macaúbas (APFB) e Almenara (EALMG), há casos de apagamento. Observam-se nesses registros uma grande quantidade de palavras com a vogal final apagada. No APFB, a palavra *cabo verde*, por exemplo, ocorre como [ˈkabuˈveɾɔ] em Barra, Paratinga, e Mato Grosso; e como [ˈkabuˈveɾɔ], em Macaúbas. Os dados coletados no EALMG revelaram somente um caso de apagamento da vogal átona, no entanto, mostram uma frequência alta de formas reduzidas de vogal átona final que podem indicar essa tendência. Na Carta 35, a variante *pique* [ˈpik] ocorreu, sem a vogal final, em mais da metade das localidades pesquisadas.

O presente estudo mostra que o apagamento existe em Almenara e em Macaúbas, localidades em que o APFB e EALMG registraram alguns casos, no entanto não é a norma da maioria dos falantes.

4.3.2 Apagamento das vogais átonas finais [ɪ] e [ʊ] no Brasil: análises de outros *corpora*

4.3.2.1 O apagamento das vogais átonas finais [ɪ] e [ʊ] no Brasil no século XIX em documentos escritos

Os registros mais antigos de apagamento de vogais átonas finais no português do Brasil foram encontrados no estudo de Oliveira, K. (2006) em sua tese de doutoramento que analisa 250 documentos, cartas de escravos libertos e livres, pertencentes a uma irmandade negra do século XIX, a Sociedade Protetora dos Desvalidos. Nesse estudo, o autor constata 71 casos de apagamento nos textos. Essas ocorrências, no trabalho de Oliveira, K. (2006), estão registradas no item “outras apócope” e correspondem a 12,4% de ocorrências no *corpus*, como exemplifica o Quadro 10:

Quadro 10 – Ocorrências de apagamento no português do século XIX

GRAFIA	
des	(desse)
des	(dessa)
des	(desde)
nos	(nosso)
vis	(vice)
viz	(vice)

Fonte: Oliveira, K. (2006, p. 346-347, com adaptações).

O apagamento registrado pelo autor está associada às marcas de oralidade presentes nos documentos escritos no século XIX, como ressalta Oliveira, K. (2006, p. 324) “Para o século XIX, só se conta com os textos escritos pelos negros da SPD¹⁶ e observe-se que se está falando de um tempo em que uma ortografia oficial só mais tarde vai aparecer”. Diante desses registros, é possível notar que o apagamento é um fenômeno próprio da fala popular e presente na evolução do português do Brasil. Como observa Oliveira, K. (2006, p. 325) “Muito do que caracteriza a fala atual, na sua expressão sonora, encontrava já representantes no século referido e, muitas vezes, sob os mesmos condicionamentos”.

Considerando os registros dos autores, é possível observar que o fenômeno do apagamento não é novo no português. Desde o latim, passando pelos textos galego-portugueses, o apagamento é consolidado como um fenômeno que caracteriza a mudança e evolução da língua, pois tem se manifestado, obedecendo a uma regularidade permitida pelo sistema.

4.3.2.2 O apagamento das vogais átonas finais [i] e [u] no Brasil: alguns registros a partir de dados de fala espontânea

O apagamento, no português do Brasil, tem sido documentado por diferentes autores em diferentes áreas brasileiras. Com o propósito de complementar o percurso histórico, aqui se alistam alguns estudos que constataam o apagamento das vogais átonas na fala espontânea do português do Brasil, tomando por base a ordem cronológica. Os trabalhos analisados são da autoria de Pagel (1993), Corrêa (1998), Oliveira, A. J. (2006), Viegas e Oliveira (2008), Oliveira (2012) e Rolo (2010).

4.3.2.2.1 Pagel (1993) – Região Sul

Na região Sul do Brasil, Pagel (1993) documenta em seus estudos a não-realização das vogais /a/, /e/, /o/, em sílaba átona final absoluta, no português falado na região bilingue de Blumenau-SC, registrando realizações de fala como em *batuta* ~ [ba'tut], *boteco* ~ [bo'tek]; *porto* ~ ['poxt], em que o apagamento da vogal final em posição absoluta é substituído pela simples explosão da consoante nesta sílaba.

¹⁶ SOCIEDADE PROTETORA DOS DESVALIDOS (1851), inicialmente, *Irmandade de Nossa Senhora da Soledade Amparo dos Desvalidos* (1832) (cf. OLIVEIRA, K., p. 139). Para participar dessa sociedade o candidato deveria ser de cor preta e não podia haver a menor dúvida a esse respeito.

Sua pesquisa teve como principal objetivo fazer uma descrição acústica das vogais orais acentuadas e inacentuadas do português falado na região de Blumenau. O autor analisou um *corpus* formado por cinco informantes bilíngues português/alemão, sendo três informantes masculinos e dois femininos.

O sistema vocálico em final absoluto dos informantes de Blumenau, considerado por Pagel (1993), é diferente daquele indicado por Câmara Jr. (1977) para o português do Brasil, composto pelas vogais /i/, /a/, /u/. O autor considera em seus estudos a existência de um quadro vocálico final absoluto composto de /e/, /a/, /o/ realizado por seus informantes bilíngues, característico do falar específico de Blumenau.

Os principais resultados encontrados por Pagel (1993), ao analisar o comportamento do processo da não-realização das vogais /e/ e /o/ em sílaba inacentuada final absoluta foram:

- i. as vogais /o/ e /e/ estão mais sujeitas à não-realização em posição inacentuada final absoluta, enquanto a vogal /a/ permanece mais estável, o que pode se explicar pela sua própria constituição. A vogal a, por ser central e aberta, resiste mais à tendência da não-realização;
- ii. a queda da vogal inacentuada em sílaba final absoluta pode ser substituída por um sopro acompanhado igualmente de uma queda brusca de intensidade como em *poste* [ˈpɔstʰ], *resto* [ˈxɛstʰ]. Esse sopro que substitui a vogal, adverte o autor, se realiza sempre após uma consoante oclusiva surda, sendo /t/ a consoante mais frequente neste caso seguida por /k/;
- iii. a queda da vogal inacentuada em posição final absoluta também pode ser substituída pela simples explosão da consoante nesta sílaba. Para este caso têm-se exemplos tais como, *batuta* ~ [baˈtut], *porto* ~ [ˈpox̥t], *boteco* ~ [boˈtek]. O autor explica que é a vogal /o/ que sofre apagamento após as consoantes /k/, /t/, /d/ e /p/ e adverte que a vogal /e/ nunca é substituída por este tipo de realização;
- iv. em casos bastante expressivos a vogal átona final absoluta apresenta um espectro incompleto. Uma barra de sonoridade com uma importante queda do F₀ substitui a vogal nesta posição. Tal fato pode ser observado em *cidade* [siˈdad]; *resto* [ˈrest]; e *bolo* [ˈbol] . O autor explica que esse tipo de realização foi constatado para as três vogais do sistema, /a/, /e/ e /u/, em palavras paroxítonas e proparoxítonas e em todos os informantes, com uma leve acentuação em informantes femininos;

- v. as vogais inacentuadas /e/, /o/ e /a/ podem sofrer a queda após todas as consoantes, mas no fenômeno em questão ocorreu com mais frequência após as seguintes consoantes: [k, s, m, t, l, r], realizando-se apenas o elemento consonantal da sílaba inacentuada em posição final absoluto.

O autor conclui o trabalho destacando, dentre outras constatações, que este fenômeno se explica por estar na presença de dois sistemas: o alemão e o português que são as línguas dos informantes. Como se sabe, o alemão permite final de frase com consoante surda e o português, nesta posição, só permite /R, S, L/.

4.3.2.2.2 Corrêa (1998) – dialeto mineiro

Corrêa (1998), em seu estudo variacionista sobre as formas reduzidas de pronome de 3ª pessoa no dialeto mineiro, discute uma alternância entre a forma plena dos pronomes de 3ª pessoa *ele(s)*, *ela(s)* e formas reduzidas correspondentes a *el*, *eis*, *éa(s)* como, por exemplo, “*el vai voltar*”, pronunciada de forma dita reduzida. Um dos objetivos desse trabalho foi mostrar que essas formas reduzidas dos pronomes de 3ª pessoa se comportam como clíticos.

Após a realização dos testes propostos por Kayne (1985) e Zwicky (1975) que tiveram como propósito aplicá-los às formas reduzidas dos pronomes, a fim de avaliar seu estatuto clítico e, comparando os resultados, o autor constatou que as formas reduzidas dos pronomes de 3ª pessoa do Português Brasileiro têm um comportamento clítico. Para esse autor, as formas clíticas comparadas com as formas plenas são, em alguns casos, mais dependentes do contexto e mais gerais em significado. Em outros casos, podem ser entendidas como sendo variantes opcionais de uma forma plena.

O *corpus* para essa análise constitui-se de 1.359 dados, coletados em 27 entrevistas realizadas com falantes naturais de Belo Horizonte. A faixa etária considerada foi de jovens (14-25 anos), medianos (26-44 anos) e velhos (45-65 anos). Considera-se, ainda, a escolaridade dos informantes distribuída entre o 1º, 2º e 3º graus e o gênero (masculino e feminino). Além desses fatores externos, a pesquisa analisa fatores linguísticos, dentre eles, o ambiente fonológico subsequente que foi dividido em cinco fatores: nasais, oclusivas, fricativas-laterais-vibrantes, vogais e silêncio. Foram consideradas apenas as ocorrências com pronome pessoal de 3ª pessoa simples, não tendo sido incluídas, nesse contexto, as formas com contração como *dele*, *nele*, *aquela*, *aquela*.

Os resultados de Corrêa (1998) mostram que a escolaridade desfavorece (0,37) as formas reduzidas, enquanto o 1º grau apresenta um índice maior (0,57) dessas formas, o que mostra a força da escola no comportamento linguístico do indivíduo, comenta o autor. Em relação à faixa etária, a maior probabilidade de uso das formas reduzidas é entre os mais velhos (0,57). O índice de uso de formas reduzidas é maior nos informantes masculinos “O gênero masculino parece indicar a tendência dos falantes em usar, em maior possibilidade, a forma reduzida, numa proporcionalidade direta com a idade dos falantes” (CORRÊA, 1998, p. 65). A distribuição das variantes indicou variação estável.

Examinando o ambiente fonológico subsequente, os resultados encontrados pelo autor revelam que apenas dois ambientes favorecem as formas reduzidas: as nasais e as oclusivas:

- i. o ambiente seguido de nasais é o maior favorecedor de formas reduzidas (0,64) como em “*porque el não tinha condições de sair com a gente*”, “*eu acho que el nem chegou a terminar*”.
- ii. O ambiente seguido de oclusivas constitui a segunda condição favorecedora de formas reduzidas (0,60) como em “*el tá estudando*”, “*el teve um grande papel na minha vida*”. (CORRÊA, 1998, p. 72).

O autor esclarece que, dentre as oclusivas, as dentais parecem mais proeminentes. Em relação às nasais, a partícula negativa tem comportamento clítico e que outros clíticos, além das formas negativas, igualmente favorecem a forma reduzida como em “*e el de manhã fazia mingau pra mim*”, “*só el que dava ordens*”. (CORRÊA, 1998, p. 76).

4.3.2.2.3 Oliveira, A. J. (2006) – Minas Gerais

Em Minas Gerais, Oliveira, A. J. (2006), em sua dissertação de mestrado, documenta o apagamento da vogal átona em sílaba /l/ + vogal final, como em *amarelo* [ama'ɾelɔ] ~ [ama'ɾel] ~ [ama'ɾɛɫ]; *ele* ['eli] ~ ['el] ~ ['ɛɫ], na cidade de Itaúna-MG. Nesse estudo variacionista, o autor analisa dados de fala e de escrita e busca mostrar, dentre as variáveis analisadas, o apagamento da vogal átona final, bem como identificar e analisar os fatores linguísticos e sociais que influenciam a variabilidade na fala da comunidade pesquisada.

Para obtenção dos dados, o autor utilizou uma amostra composta por dados de fala recolhidos através de entrevistas na residência de cada informante e por textos escritos recolhidos através de edições de jornais de Itaúna. A opção por esta última coleta foi feita para que os dados pudessem refletir de forma mais concreta um universo dos itens mais

utilizados na cidade, mesmo que na escrita, destaca o autor. Utilizou também o banco de dados do Lael/PUC/SP¹⁷, com vistas a confrontar com o *corpus* coletado.

A seleção dos informantes foi realizada de forma bastante controlada. A amostra analisada foi constituída de 16 inquéritos realizados pelo próprio pesquisador. Considerou-se uma amostra socialmente estratificada em dois níveis: sexo (homens e mulheres) e faixa etária: oito jovens (15 a 20 anos) e oito adultos (30 a 40 anos).

Citam-se alguns resultados, encontrados por OLIVEIRA, A. J. (2006) para o apagamento da vogal:

- i. os homens apagam mais a vogal final do que as mulheres. A variável faixa etária não apresentou diferença significativa entre jovens e adultos. Na interação entre gênero e faixa etária, os homens jovens apagam mais, colocando-se, portanto, à frente dos processos;
- ii. quanto aos fatores internos, o processo de apagamento é favorecido pela altura da vogal da variável, corroborando a hipótese de que as vogais mais altas e mais reduzidas são as primeiras atingidas em um processo de redução e apagamento gradual das vogais;
- iii. o apagamento da vogal é favorecido pelo contexto vocálico seguinte, pois o encontro de vogais na junção favorece apagamento da vogal final, como em *belo* de *Belo Horizonte*, que apresenta uma porcentagem de 89% de apagamento da vogal;
- iv. o apagamento da vogal caracteriza-se como um processo mais geral, no qual não há atuação da classe da palavra;
- v. o fenômeno de apagamento da vogal não é socialmente estigmatizado, além disso, pode estar abaixo do nível de consciência social na cidade de Itaúna-MG.

4.3.2.2.4 Oliveira (2012) – Minas Gerais

Oliveira (2012) faz uma análise do processo de apagamento da vogal em vocábulos paroxítonos no falar do município de Itaúna-MG. Trata-se de uma ampliação da pesquisa desenvolvida em Oliveira A. J. (2006) que analisou a variação na sílaba formada por lateral alveolar mais vogal final átona, como em *ele* [ˈel], *pelo* [ˈpel]. O autor destaca que a cidade de Itaúna constitui um ponto de estudo importante para os falares mineiros e para o português brasileiro por estar em uma área de transição entre o falar sulista e o falar mineiro.

¹⁷ O LAEL é o banco de dados do português da PUC-SP (Oliveira, A. J., 2006).

A amostra utilizada reuniu dados de fala espontânea coletados de 16 informantes, em Itaúna, para a dissertação de mestrado. Além disso, foi constituída outra amostra de dados de testes experimentais composta de 30 informantes, para atender às questões as quais a amostra existente não respondia. Essa segunda amostra era composta de informantes do sexo masculino e do sexo feminino, distribuídos entre duas faixas etárias (15 a 18 anos e 33 a 40 anos). Controlou-se também, nesse estudo, a escolaridade considerando informantes com o segundo grau completo ou o segundo grau em curso. Como variáveis linguísticas, na análise geral, controlaram-se a vogal da sílaba CV, contexto fonético seguinte, peso da sílaba anterior e acento da sílaba seguinte.

Quanto ao apagamento da vogal, Oliveira (2012) verifica:

- i. a faixa etária não foi estatisticamente significativa, o que é interpretado pelo autor como “um indício de que estamos diante de processos de variação estável no qual não se observa tendência de substituição de uma forma pela outra” (OLIVEIRA, 2012, p. 270);
- ii. quanto ao gênero, o masculino favorece a elisão silábica e a elisão da vogal;
- iii. o apagamento da vogal é foneticamente motivado e está associado à redução do espaço na cavidade oral, sendo que vogais mais altas são mais apagadas;
- iv. antes de vogal, o apagamento chega a 91%, indicando que a degeminação é praticamente categórica. Para o autor, os processos de apagamento da vogal antes de pausa (apagamento) e consoante fazem parte de um mesmo processo de enfraquecimento de tais vogais que faz com que vogais mais reduzidas foneticamente sejam mais apagadas;
- v. há efeito compensatório entre as vogais tônicas e átonas. O autor identifica uma relação inversamente proporcional entre a duração da vogal tônica e a duração da vogal átona para todos os falares. Percebeu ainda que a velocidade de fala interfere de forma diretamente proporcional no apagamento da sílaba CV e constitui um indício de que o apagamento da vogal é um estágio intermediário do apagamento da sílaba; entretanto, verificou que Itaúna apresenta velocidades de fala mais lentas do que nas demais cidades e, ainda assim, não se verifica menor percentual de apagamento. Neste caso, a velocidade de fala não foi suficiente para explicar o fenômeno em Itaúna;
- vi. nos contextos seguidos de consoante ou pausa, há uma tendência ao apagamento da vogal, desde que a vogal seja alta. Para o autor, “há um indício de que existe relação entre o apagamento da vogal antes de pausa, e tal apagamento antes de consoante” (OLIVEIRA, 2012, p. 227);

- vi. o apagamento da vogal [ɪ] é favorecido pela consoante [tʃ];
- vii. o apagamento da vogal [ʊ] é favorecido pelas consoantes [p, t, k, g, z, h, n, ɲ r];
- viii. parece haver o favorecimento das consoantes oclusivas, especialmente as não vozeadas;
- ix. os contextos de apagamento da vogal [ʊ] são mais abrangentes do que as das demais vogais.

4.3.2.2.5 Rolo (2010) – Bahia

Na Bahia, um estudo que aborda o apagamento de vogais finais é a dissertação de mestrado de Rolo (2010), que trata da *Apócope das vogais átonas [i] e [u] em duas localidades do Centro Sul Baiano: Beco e Seabra*. É um estudo descritivo à luz dos postulados da Sociolinguística Variacionista em que a autora investiga o apagamento de vogais finais em duas localidades do interior da Bahia, a localidade rural de Beco, distrito de Seabra-BA, e a cidade de Seabra, situada a 470 km de Salvador. Ambas ficam à margem da rodovia BR 242.

Em sua pesquisa, Rolo (2010) observa que, em Beco, ocorre um distanciamento entre o português padrão e o português não-padrão com relação ao apagamento dos segmentos fonéticos átonos [ɪ] e [ʊ] na última sílaba das palavras. A vogal átona final, nesses contextos, encontra-se reduzida a zero fonético em final de palavra, como se pode ver nos exemplos: *alface* [aw'fas], *quiabo* [ki'ab], *pipino* [pi'pĩn] e *aquele* [a'kel].

Adotando a metodologia variacionista, Rolo (2010) busca verificar que fatores históricos, linguísticos e sociais condicionavam as ocorrências nas duas localidades. A amostra foi constituída de 16 informantes, sendo oito homens e oito mulheres, estratificados em duas faixas etárias: f1 (18 a 30 anos) e f2 (50 a 65 anos).

Os principais resultados encontrados por Rolo (2010) foram:

- i. o apagamento revela-se como um fenômeno característico da comunidade rural de Beco;
- ii. apesar da proximidade entre Beco e Seabra, as duas localidades mostram-se bastante demarcadas linguisticamente. O apagamento em Seabra não é significativo e o índice ali observado, provavelmente, é o característico de outras áreas brasileiras;

- iii. dentre os fatores linguísticos investigados, a consoante pré-vocálica revela-se como a maior favorecedora do processo de apagamento, tanto em Beco quanto em Seabra;
- iv. quanto aos resultados para a vogal [ɪ], as principais consoantes favorecedoras do apagamento foram a oclusiva dento-alveolar surda [t] e a consoante lateral alveolar sonora [l];
- v. quanto aos resultados para a vogal [u], as palavras que, na norma padrão do português, apresentam o grupo consonântico obstruinte + [r] precedente, como em *dentro*, *quadro* e *lembro* são aquelas em que mais se verifica o apagamento da vogal: *dentro* ~ [ˈdẽt], *quadro* ~ [ˈkwad], *lembro* ~ [ˈlẽb];
- vi. no que concerne ao contexto fonético seguinte, os dados mostraram que o contexto seguido de consoante é o que se mostrou mais favorável para a ocorrência do apagamento em Beco e em Seabra;
- vii. o processo de apagamento na comunidade de Beco representa uma variação diageracional, com falantes mais idosos usando-a significativamente e falantes do sexo feminino e mais jovens evitando as formas apocopadas, talvez por serem as mais escolarizadas do grupo. Esse baixo índice de apagamento, em mulheres jovens, sugere a rejeição de um traço estigmatizado, confirmando o que diz Labov (2008 [1972], p. 281) sobre a atuação das mulheres, nos processos de mudança “Na fala monitorada, as mulheres usam menos formas estigmatizadas do que os homens e são mais sensíveis do que os homens ao padrão de prestígio”.

O panorama do apagamento das vogais átonas finais, delineado através do registro nos atlas linguísticos regionais publicados, ajusta-se aos estudos que o documentam com base em dados de fala espontânea. A descrição desse fenômeno ainda é escassa, mas já conta com pesquisas que revelam o apagamento como uma variação que faz parte do português do Brasil.

4.4 APAGAMENTO DAS VOGAIS ÁTONAS FINAIS [i] E [u] NO ESPAÇO DIALETAL PORTUGUÊS

Desde os primórdios dos estudos dialetológicos em Portugal, o apagamento tem sido registrado como uma característica dos falares portugueses meridionais.

Leite de Vasconcelos (1896) é quem primeiro chama atenção para a individualidade que caracteriza o falar do Barlavento no conjunto dos dialetos do Algarve e do dialeto meridional em geral. Embora o autor não se refira diretamente ao apagamento, observa algumas especificidades características do Barlavento. Sobre essa questão, Leite de Vasconcelos (1896) registra que em Barlavento são encontradas particularidades que não se observam no centro do Alentejo, nem nas cabanas e, provavelmente nas regiões vizinhas.

Lindley Cintra (1983 [1971], p. 156-157) faz referência, a partir de outros trabalhos, ao apagamento das vogais finais, em nota de rodapé, e caracteriza a variedade dialetal no grande conjunto centro meridional: “[...] queda das vogais finais -u e -i (ou -e), outro dos fenómenos mais típicos desta região, mas cujos limites não coincidem perfeitamente com os dos primeiros” fenómenos citados: a palatalização e a labialização. Percebe-se que o fenómeno não era de primeira ordem para caracterizar a variedade.

No *Mapa dos Dialectos e Falares de Portugal Continental*, Manuel Paiva Boléo e Maria Helena Santos Silva (1962, p. 103) observam alguns registros de apagamento como característica da região do Algarve. Em suas anotações, salientam que “Muito característica do Algarve é a pronúncia descuidada, quase imperceptível da sílaba de algumas palavras. É o caso de [ˈmɛdik] ‘médico’ ou de *lã merina*, em que a segunda palavra é pronunciada aproximadamente como [meˈrĩn]”.

Em Ferreira et al. (1996, p. 496), há referências à ocorrência do apagamento em Portugal, nos dialetos centro-meridionais. Na variedade de Beira Baixa e Alto Alentejo, as autoras mostram que, dentre os traços mais salientes das variedades peculiares à região, destaca-se a “queda da vogal final não-acentuada -[u], grafada -o”. Esse fenómeno encontra-se registrado também na variedade do Barlavento do Algarve, região menos extensa que a anterior, como destacam as autoras, “a vogal final não-acentuada -[u] desaparece”.

Além dessas pesquisas, os atlas linguísticos têm registrado ocorrências do apagamento em Portugal, distribuídas pela região central: Montalvão e Alcains; e na área mais ao Sul de Portugal: Vila do Bispo, Sagres, Praia da Salema, Alvor e Lagos. Há registros de apagamento também no arquipélago dos Açores, conforme se pode observar na Figura 16:

Figura 16 – Áreas em que os atlas linguísticos e os estudos documentam o apagamento de [ɾ] e de [u] finais, em Portugal continental e insular



Ciente desses registros preliminares, decidiu-se fazer a investigação do apagamento em território português, inclusive na ilha de São Miguel, no arquipélago dos Açores, com o propósito de se estabelecer o confronto quanto à realização do fenômeno nos dois países. Para tanto, utilizaram-se os atlas linguísticos publicados, o banco de dados do *Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG)*¹⁸ e trabalhos de diferentes autores que registraram o apagamento em seus estudos. Assim sendo, busca-se, esclarecer a hipótese de que o apagamento observado nas áreas investigadas tanto na Bahia quanto em Minas Gerais pode estar associado àquele observado em Portugal (Açores) e trazido pelos colonizadores.

Quatro partes compõem esta seção: i) primeiramente, será discutido o apagamento em Portugal registrado nos atlas linguísticos do Continente e dos Açores; ii) na segunda, encontra-se o resumo de estudos que registram ocorrências de apagamento, por diferentes autores, em Portugal Continental e nas ilhas; iii) na terceira, o apagamento a partir do banco de dados do ALEPG em seis localidades do continente e das ilhas; iv) na última seção, o confronto de dados: o apagamento no português do Brasil estaria relacionado à que se observa no Sul de Portugal e nos Açores?

¹⁸ ALEPG. Disponível em: <http://www.clul.ul.pt/sectores/variacao/projecto_alepg.php>. Acesso em 18 dez. 2014.

4.4.1 Registro de apagamento das vogais átonas finais [i] e [u] nos atlas linguísticos portugueses

O fenômeno do apagamento das vogais átonas finais encontra-se documentado em regiões de Portugal a partir tanto dos atlas linguísticos quanto de estudos mais recentes. Os materiais analisados comprovam registros do apagamento em Portugal continental e nos Açores. As fontes de dados são: *Atlas Lingüístico de la Península Ibérica* (ALPI), *Atlas Lingüístico do Litoral Português: fauna e flora* (ALLP) e o *Atlas Lingüístico-Etnográfico dos Açores* (ALEAç).

4.4.1.1 No Atlas Lingüístico de la Península Ibérica (ALPI)

Através da consulta ao *Atlas Lingüístico de la Península Ibérica* (ALPI), publicado em 1962, foi possível observar que o apagamento da vogal átona encontra-se documentado em algumas regiões de Portugal como, por exemplo, Montalvão e Alcains, que compõem a rede de pontos do ALPI. Além disso, estudos comprovam a ocorrência do apagamento da vogal final no Arquipélago dos Açores, um território autônomo da República Portuguesa, como se observa no *Atlas Lingüístico dos Açores*, publicado em 2001.

A pesquisa para o ALPI foi realizada em todo Portugal de 1953 a 1954, com algumas investigações completadas em 1956. Figuram como colaboradores Aurélio M. Espinosa, Lorenzo Rodriguez Castelhana, Aníbal Otero, Manuel Sanches Guarner, Francisco de B. Moll, Luis F. Lindley Cintra e Armando Nobre de Gusmão. Em cada mapa, figuram as palavras portuguesas e castelhanas. O atlas foi publicado em 1962, sob a direção de Tomás Navarro.

Os pontos de inquérito contemplam sete setores da Península Ibérica: 1 – Galícia; 2 – Portugal; 3 – Astúrias; León e Estremadura; 4 – Las Castillas e a Província de Albacete; 5 – Andaluzia e La Província de Murcia; 6 – Navarra e Aragón; 7 – Andorra, Rosellon, Catalunha e Valencia, a cujo setor se tem acoplado as Ilhas Baleares. O atlas contempla 528 localidades, sendo 156 do domínio galego-português, 276 localidades do domínio espanhol e 96 do domínio catalão. A eleição das localidades é pouco simétrica, com predomínio de zonas de intensa diversidade dialetal. Priorizaram-se os povoados pequenos nas comunidades em que a fala e a cultura se mantêm.

Foram escolhidos informantes que refletissem espontaneamente a fala popular da localidade. Para isso, deu-se preferência ao sujeito pouco viajado e que não tivesse saído do lugar; analfabeto e muito pouco instruído, a fim de evitar a influência de dialetos de outras localidades. Quanto ao sexo, foram interrogados apenas homens, pois se pensava que revelassem uma fala mais arcaizante e menos influenciada por modernizações. Além disso, exigia-se que tivessem plena lucidez mental e não apresentassem defeitos dentais que pudessem afetar a articulação das palavras.

Na transcrição dos dados, adotou-se a transcrição fonética estrita. Além disso, pautou-se no modo de transcrição usado nas principais revistas de estudos linguísticos, no ALF e no AIS que haviam utilizado vários símbolos e diacríticos para a representação detalhada das variedades dialetais.

Nesta tese, o levantamento para a verificação do apagamento tomou como base os registros da região de Portugal cujos pontos de inquérito correspondem aos números que vão de 200 a 292. Nessa região, foram documentados apagamentos nas localidades de Montalvão, Sobreiro, Alcains, Castendo, Sagres e Moimenta da Beira, como nos exemplos, no Quadro 11.

Quadro 11 – Ocorrências do apagamento em regiões de Portugal no ALPI

Vocábulo	Variante fônica	Carta	Ponto	Localidade
Aço	[as ¹] ¹⁹	09	266	Montalvão
Ontem	[õnt ¹]	20	220	Sobreiro
Cavalo	[kaváɫ]	29	252	Alcains
Castelo	[kaʃtéɫ]	37	291	Sagres
Doze	[dóʒ]	71	239	Castendo
Doce	[dóʃ]	74	236	Moimenta da Beira

Fonte: Navarro, 1962.

¹⁹ Foi obedecida a transcrição fonética adotada pelo ALPI.

4.4.1.2 No Atlas Linguístico do Litoral Português (ALLP)

O *Atlas Linguístico do Litoral Português: fauna e flora* (ALLP), elaborado por Gabriela Vitorino para sua tese de doutoramento, é um atlas de interesse predominantemente lexical. O trabalho de investigação teve como objetivo o estudo da linguagem técnica dos pescadores do litoral continental português, na perspectiva da Geografia Linguística. A autora deteve-se a um léxico especializado e muito dependente de aspectos etnográficos locais e regionais.

Para a recolha dos dados, foi utilizado um questionário linguístico, com cerca de 1.200 perguntas, elaborado propositadamente para este fim. Para facilitar a recolha do material, foi igualmente elaborado um álbum de fotografias e de desenhos.

A rede de pontos é constituída por 23 localidades, distribuídas por 943 km de costa continental; 5 no arquipélago da Madeira e 12 no arquipélago dos Açores. A distância entre cada dois pontos consecutivos é, em média, de 41 km. Em 1984, foram aplicados os capítulos do questionário referentes à fauna e à flora marinhas nas 23 localidades continentais, totalizando cerca de 300 perguntas.

O perfil dos informantes foi estabelecido com base em alguns critérios: serem marítimos (pescadores, mestres), nascidos na localidade ou ali vivendo desde muito jovens, de idades compreendidas entre 40 e os 70 anos, sem defeitos de articulação e que mostrassem algum interesse em colaborar com o investigador. Preferiram-se grupos de informantes ao informante único. A abordagem dos informantes fez-se nos locais onde, habitualmente, os pescadores se reúnem: no porto, na lota, na marginal.

A transcrição fonética utilizada é impressionista, registrando todas as variantes fonéticas de um mesmo vocábulo, realizadas por um informante ou por vários, numa mesma localidade.

O trabalho de Vitorino (1987) confirma o apagamento documentado ao sul de Portugal, como se pode observar em alguns exemplos apresentados no Quadro 12.

Quadro 12 – Ocorrências do apagamento em localidades do ALLP

Vocábulo	Variante fônica	Mapa	Ponto	Localidade
Peixe branco	[p ¹ eʃ brẽk] ²⁰	10	17, 18,	Sagres, Salema,

²⁰ Foi obedecida a transcrição fonética adotada pelo ALLP.

			19, 20, 21	Ferragudo, Senhora da Rocha, Quarteira
Salmonete	[səlmn'et]	50	17, 18, 19, 20, 21, 22	Sagres, Salema, Ferragudo, Senhora da Rocha, Quarteira, Fusetas
Sargo bicudo	[s'arg bik'ud]	64	17, 18, 19, 20	Sagres, Salema, Ferragudo, Senhora da Rocha
Badejo	[bəd'eʒ]	89	17, 18, 19, 20	Sagres, Salema, Ferragudo, Senhora da Rocha
Linguado	[liŋw'ad]	105	17, 18, 19, 20	Sagres, Salema, Ferragudo, Senhora da Rocha
Choco	[ʃ'ok]	136	17, 18, 19, 20, 21	Sagres, Salema, Ferragudo, Senhora da Rocha, Quarteira
Percebe	[pəs'eb]	12	17, 18, 19, 20, 21	Sagres, Salema, Ferragudo, Senhora da Rocha, Quarteira
Caranguejo	[kərɐ̃g'eʒ]	175	18, 19, 20	Salema, Ferragudo, Senhora da Rocha, Quarteira
Casulo	[kəz'ut]	187	17, 18, 19, 20, 21	Sagres, Salema, Ferragudo, Senhora da Rocha, Quarteira

Fonte: Vitorino, 1987.

4.4.1.3 No Atlas Linguístico-Etnográfico dos Açores (ALEAç)

O Atlas Linguístico-Etnográfico dos Açores (ALEAç) insere-se no projeto mais amplo, o do Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG), sob direção do professor Luís F. Lindley Cintra, publicado em 2001. A descontinuidade geográfica dos Açores e a sua especificidade linguística levaram, porém, ao vislumbamento de uma

publicação independente dos materiais recolhidos para o ALEPG nas nove ilhas do Arquipélago, tendo as autoridades culturais insulares tomado a seu cargo essa publicação. O *Atlas Linguístico-Etnográfico dos Açores (ALEAç)*²¹, organizado por Manuela Barros Ferreira, João Saramago, Luisa Segura e Gabriela Vitorino, teve seu volume I de mapas publicado em 2001²². Esta publicação é a primeira de uma lista de nove volumes previstos.

O atlas atinge um número de 17 pontos de inquéritos nas nove ilhas investigadas. O questionário linguístico utilizado nas recolhas é o do ALEPG, publicado em 1974, pelo então Instituto de Linguística (atual CLUL). O questionário tinha inicialmente 4.000 perguntas, tendo sido, depois, reduzido à metade. O primeiro deslocamento do grupo de dialetólogos aos Açores ocorreu em 1979, mas só em 1995 e 1996 foram retomados e concluídos os inquéritos.

O perfil dos informantes é o seguinte: ser da localidade ou da zona do inquérito, idade superior a 40 anos e reduzido nível de escolaridade. Cerca de 80% dos informantes tinha idade entre 50 e 75 anos e mais da metade entre 60 e 75. Todos apresentavam boa capacidade de resposta.

A transcrição fonética foi feita, utilizando-se o alfabeto fonético do ALEPG que teve como base o Alfabeto Fonético Internacional (IPA), porém adotando uma série de diacríticos que permitiam uma adaptação às variantes fonéticas locais, utilizando uma notação estreita que reproduzisse de modo mais fiel possível cada uma das realizações sonoras dos informantes.

O levantamento para a tese baseou-se no volume I, publicado em 2001 – A criação de gado (bovino, ovino e caprino, leite e derivados; porco e a matança). A consulta ao atlas permitiu observar que o apagamento da vogal átona final está documentado no ALEAç nas nove ilhas investigadas. Há registros de apagamento nas ilhas de Corvo; Graciosa, em Carapacho; São Jorge, em Calheta e Rosais; São Miguel, em Mosteiros, Rabo de Peixe, Ponta Garça, Nordeste; Flores, em Fajâzinha e Ponta Ruiva; Santa Maria, em Santo Espírito; Pico, em São Roque e Terras; Terceira, em Altares e Fontinhas. Ocorrências, como as documentadas no Quadro 13, são comuns nestas localidades.

²¹ *Atlas Linguístico-Etnográfico dos Açores*. Disponível em: <<http://www.culturacores.azores.gov.pt/alea/>>. Acesso em: 03 jan. 2013.

²² O volume II foi publicado pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, em 2010 – A vinha e o vinho. Os trabalhos do linho e da lã, sob a coordenação de Luísa Segura e Gabriela Vitorino. O volume III – O cultivo dos cereais. A moagem e a panificação, sob a coordenação de João Saramago, Luísa Segura e Gabriela Vitorino está no prelo.

Quadro 13 – Ocorrências do apagamento em localidades do ALEAç

Vocábulo	Variante fônica	Carta	Ponto	Localidade
Gado	[g'ad̥] ²³	2	8	São Jorge
Rebanho	[Rəb'ẽɲ]	3	2	Flores
Rebanho	[r̥'b'ẽɲ]	5	1	Corvo
Rebanho	[Rβ'ẽɲ]	4	6	Pico
Mamote	[ma'mot̥]	24	10	Graciosa
Caminho	[kəm'ɦɲ]	11	12	Terceira
Pasto	[p'ast̥]	12	13	São Miguel

Fonte: Ferreira et al., 2001.

Além disso, diferentes pesquisas comprovam a ocorrência do apagamento da vogal final no Arquipélago dos Açores, um território autônomo da República Portuguesa.

4.4.2 Apagamento das vogais átonas finais [ɪ] e [ʊ] em Portugal: análises de outros corpora

Diversos autores têm documentado o apagamento em Portugal, apesar de se ter observado que este fenômeno não aparece como centro de suas pesquisas. O apagamento é um processo ainda pouco estudado geográfica e acusticamente, mas está consistentemente registrado como uma característica do falar da parte ocidental do Barlavento do Algarve.

4.4.2.1 Apagamento das vogais átonas finais [ɪ] e [ʊ] em Portugal a partir de dados do continente

Aqui se alistem alguns estudos que registram o fenômeno do apagamento em Portugal Continental, embora não tenha sido esse o foco dos autores. Tomando por base a ordem cronológica de publicação, os trabalhos analisados são da autoria de Carrancho (1969), Lindley Cintra (1983 [1971]), Maia (1975), Cunha e Cintra (2013 [1984]), Segura da Cruz (1987), Ferreira et al. (1996), Segura e Saramago (2001) e Brissos (2012).

²³ Foram obedecidos os sinais de transcrição adotados pelo ALEAç.

4.4.2.1.1 Carrancho (1969)

Em sua busca para compreender a linguagem dos pescadores de Lagos, Carrancho (1969), faz uma incursão histórica da localidade e explica que Lagos, cidade da província do Algarve e sede do Concelho, situa-se na parte Ocidental, denominada Barlavento, rodeada por uma série de praias aninhadas nos recortes das rochas cavadas pelo mar. A baía de Lagos é uma das mais amplas e mais bonitas da Costa Portuguesa e pode classificar-se como um porto comercial de pesca e cabotagem. A pesca na localidade desempenha um papel fundamental para a população da cidade.

Em seu estudo *A Linguagem dos Pescadores de Lagos*, Carrancho (1969) registra algumas particularidades sobre o vocalismo átono daquela localidade. Inicialmente, faz importantes observações sobre o vocalismo, ressaltando que as vogais átonas são muito instáveis e passíveis de modificações:

As vogais átonas apresentam uma grande instabilidade e estão sujeitas a diversas modificações que vão desde o seu desaparecimento até a sua transformação, o que se deve talvez ao modo rápido como os pescadores falam e se exprimem. (CARRANCHO, 1969, p. 105)

Em relação à vogal *e* [ə], a autora (1969, p. 117) documenta: “Verifica-se no entanto uma tendência à queda da vogal, ficando a consoante anterior mais fraca do ponto de vista da articulação”. Ex: *covarde* [kov'ãrd̥], *virose* [vi'roz̥]. A autora salienta que este apagamento do [ə] átono final está registrado em outras localidades como Escusa, Cedillo e Olhão.

Quanto à vogal [u] em posição final, Carrancho (1969, p. 118) observa: “O o átono final do ponto de vista acústico é inexistente, o que constitui um dos traços mais salientes do falar”, como exemplificam *ovo* ['ov], *barco* ['bark], *prego* ['preg]²⁴.

Antes de suas impressões linguísticas sobre o apagamento na localidade, Carrancho (1969) salienta que Hammarström, em *Étude de Phonétique*, registrara a queda do *u* final numa grande parte do Barlavento Algarvio. Nas palavras de Hammarstrom,

Comme les u finals comptent parmi les voyelles les plus frequentes de la langue, leur disparition répétée constitue un des traits les plus saillants des

²⁴ Transcrição adaptada para o alfabeto Fonético Internacional (IPA)

parlers de l'Algarve²⁵. (HAMMARSTROM, 1953, p. 142 apud CARRANCHO, 1969, p. 119)

Ao concluir as suas observações sobre o sistema vocálico átono do falar de Lagos, especialmente a vogal átona em posição final, a autora destaca:

- (i) – Redução das vogais átonas à vogal de timbre neutro [ə] e por vezes a queda ou desaparecimento das mesmas.
- (ii) – O desaparecimento de [ə] e [u] finais que constituem um dos traços mais típicos do vocalismo átono. (CARRANCHO, 1969, p. 124)

Sendo assim, dentre os fenômenos fonéticos gerais observados pela autora, o apagamento configura-se como um dos elementos mais característicos do falar de Lagos, pois é um fenômeno verificado em todas as palavras terminadas em -[ə] e -[u], como se observa em *traveseiro* [trəvə'ser]; *pulso* ['pułs]; *bode* [b'od] (CARRANCHO, 1969, p. 150).

4.4.2.1.2 Lindley Cintra (1983 [1971])

Tendo em vista várias tentativas de classificação dos dialetos portugueses continentais por diferentes autores, Lindley Cintra (1983 [1971]), após revisão crítica do que se havia publicado, apresenta uma nova proposta para a classificação desses dialetos. Nesse estudo, o autor delinea não só a oposição entre Norte e Sul, mas também a oposição entre o litoral e o interior.

Tomando por base traços verdadeiramente relevantes no consenso de um número representativo de pessoas, Lindley Cintra (1983 [1971]) apresenta uma subdivisão dialectal da faixa linguística galego-portuguesa, considerando nela apenas a existência de três grandes zonas ocupadas por três grandes grupos de dialetos: i) os dialetos galegos; ii) os dialetos portugueses setentrionais; iii) os dialetos portugueses centro-meridionais.

Nesse esboço, o autor expõe os traços fonéticos mais caracterizadores e sentidos pela maioria dos falantes para cada um dos grupos de dialetos apresentados. É relevante destacar os dialetos portugueses centro-meridionais. Dentre os traços mais típicos do português do sul, o autor registra a tendência à redução das vogais átonas como se pode observar:

²⁵ Como o u final está entre as vogais mais frequentes da língua, o seu desaparecimento é um dos traços mais salientes dos dialetos do Algarve. (tradução nossa)

[...] a pronúncia das vogais átonas – muito variável e, até hoje, geograficamente mal estudada e descrita, mas tendo como característica diferencial comum, perante a das portuguesas correspondentes de todas as regiões, o seu menor fechamento e grau de redução. (LINDLEY CINTRA, 1983 [1971], p. 142-144)

Na *Nova proposta da Classificação dos dialectos galego-portugueses*, Lindley Cintra (1983 [1971]) afirmou a necessidade de separar no português centro-meridional duas zonas dialetais de forte personalidade, uma delas corresponde aos falares da Beira-Baixa, e a outra aos do Barlavento algarvio, zona que, embora geograficamente restrita, se distingue nitidamente do Algarve oriental.

Dentro do mesmo grande conjunto de dialetos centro-meridionais, o autor chama atenção para a variedade dialetal do ocidente algarvio, muito menos extensa e também chamada Barlavento do Algarve, entendido como variedade dialetal individualizada e insolúvel do conjunto dos dialetos centro-meridionais.

Ressalta-se que essa caracterização feita por Lindley Cintra, quanto à classificação dos dialetos portugueses, teve o seu essencial confirmado no estudo de Segura da Cruz (1987), além da manifestação de aspectos até então desconhecidos.

4.4.2.1.3 Maia (1975)

Por sua vez, Clarinda Maia (1975), em seu estudo sobre *Os falares do Algarve*, tece importantes considerações sobre o apagamento das vogais finais em dialetos algarvios. Sobre o [e] final, a autora (1975, p. 26) observa que: “Em final de palavra, ouve-se normalmente [ə], embora este elemento se apresente, por vezes, bastante fraco e reduzido, podendo mesmo chegar a desaparecer: *longe* ~ [lõž]”.

Quanto ao [-u] em posição final de palavra, ressalta Maia (1975, p. 32): “Quando em final de palavra, -u, além da variante [u] comum em povoações do Alto Algarve Oriental, é realizada como uma vogal pouco clara, de timbre intermédio entre *u* e *ɔ* [ɯ] ou mesmo reduzida a [ə] que, com muita frequência, chega a desaparecer”.

Sobre o registro do apagamento na parte Ocidental do Algarve, a autora destaca:

[...] registei quase invariavelmente formas com [ə] ou mesmo com supressão da vogal. A perda da vogal ocorre, porém, com mais intensidade no litoral, atingindo o grau mais elevado em Vila do Bispo, Alvor, Lagos e Olhão.

Nota-se mesmo, à medida que se avança para a beira-mar, que a vogal –u se vai tornando cada vez mais frouxa e indistinta, chegando a deixar de ouvir-se. (MAIA, 1975, p. 32)

Essas localidades registradas em Maia (1975) como áreas de apagamento estão documentadas no ALEPG com alto índice de ocorrências de supressão da vogal final. A autora observa que essa região se destacou com maior nitidez do conjunto do falar algarvio que foi a zona do Barlavento, aproximadamente de Alvor para o ocidente. “É uma zona de forte personalidade dialetal, bem diferenciada da restante área algarvia”. (MAIA, 1975, p. 116).

4.4.2.1.4 Segura da Cruz (1987)

O estudo de Segura da Cruz (1987), *A Fronteira Dialectal do Barlavento do Algarve*, investiga o sistema vocálico acentuado, observando também alguns aspectos do vocalismo não acentuado que se mostraram pertinentes como, por exemplo, o comportamento das vogais finais [-ə] e [-u]. Essas vogais mostraram-se muito reduzidas chegando até ao apagamento total.

Dentre as localidades selecionadas pela autora para análise, quatro delas já se encontram documentadas nos atlas como área de apagamento: Sagres, Vila do Bispo, Salema e Alvor. Lagos não se encontra representado nos atlas, entretanto, configura-se como área de apagamento conforme os registros de Carrancho (1969).

Segura da Cruz (1987) chama atenção para o oriente e o ocidente algarvio em relação à não conservação de [-ɪ] , advertindo que a situação não é uniforme:

[...] a um oriente em que [-i] evoluiu para [ə], opõe um ocidente em que essa evolução foi mais longe, consumando-se na perda da vogal final. E talvez esse facto – a perda da vogal final que constitui um dos traços mais característicos do Barlavento – que explique que no Algarve ocidental, a isófona de permanência de [-i] recue mais “rapidamente” do que no Algarve central e oriental e que o Barlavento tradicionalmente considerado como mais conservador por oposição ao Sotavento, mais inovador. (SEGURA DA CRUZ, 1987, p. 73)

Sendo assim, a autora esclarece que o fenômeno do apagamento é uma característica do Barlavento Ocidental, considerado mais conservador e com especificidades próprias.

Embora o apagamento não tenha sido o foco do seu trabalho, Segura da Cruz (1987) reporta-se a Lüdtke (1957), pioneiro na interpretação das alterações verificadas no sistema

vocálico do Algarve Ocidental, para esclarecer coincidências geográficas que se verificam entre o fenômeno do apagamento e o vocalismo acentuado na região Sul de Portugal: “[..] a coincidência geográfica em que se verifica no Alto Alentejo e Beira Baixa entre a apócope das vogais finais *-[u]* e *-[i]* e as alterações significativas que também ali se verificam no vocalismo acentuado.” (LÜDTKE, 1957 apud SEGURA DA CRUZ, 1987, p. 93).

Ao resumir as conclusões do seu estudo sobre o sistema vocálico acentuado, em que estabelece a fronteira dialetal do Barlavento do Algarve, Segura da Cruz (1987) observa que o dialeto do Barlavento filia-se ao português meridional pela conservação de determinados traços. Dentre esses traços, destacam-se como específicos do Barlavento algarvio o apagamento de *-[ə]* final e de *-[u]* final não acentuado. Exemplos como *trigo* ~ *[ˈtrig]* (Carta 6), *marmelo* ~ *[mər̩mˈæɫ]* (Carta 39), *porco* ~ *[pˈork]* (Carta 68) podem ser amplamente comprovados no volume de mapas que compõe o seu trabalho.

A autora chama atenção para o cuidado que se deve ter com a consoante final após o apagamento da vogal. Acrescenta que estudos mais específicos poderiam elucidar as possíveis dúvidas quanto ao comportamento dessa consoante: se mantém um valor silábico ou se é integrada à sílaba anterior.

4.4.2.1.5 Ferreira et al. (1996)

No artigo intitulado *Variação linguística: perspectiva dialetológica* de Ferreira et al. (1996, p. 496), há referências à ocorrência do apagamento em Portugal, nos dialetos centro-meridionais. Na variedade de Beira Baixa e Alto Alentejo, as autoras mostram que, dentre os traços mais salientes dos falares peculiares à região, destaca-se a “queda da vogal final não-acentuada *-[u]*, grafada *-o*”. Esse fenômeno encontra-se registrado também no dialeto do Barlavento do Algarve, região menos extensa que a anterior, como destacam os autores “a vogal final não-acentuada *-[u]* desaparece”.

4.4.2.1.6 Segura da Cruz e Saramago (2001)

Segura da Cruz e Saramago (2001), em estudo que trata das *Varietades dialectais portuguesas*, complementam, em vários aspectos, o que está na nova proposta de Lindley Cintra (1983 [1971]) em relação à classificação dos dialetos continentais. O estudo dos

autores tomou como base os dados resultantes das recolhas efetuadas para o ALEPG, tornando-o, assim, mais atualizado.

Nesse estudo, os autores destacam os traços mais característicos da variedade da Beira Baixa e Alto Alentejo. Dentre os traços mais salientes, Segura da Cruz e Saramago (2001, p. 226-227) destacam: o “desaparecimento da vogal final não-acentuada [u], grafada [o], ou a sua redução a [i], ou seja, a uma vogal como a vogal final da palavra *monte*”.

Os autores registram não só a redução da vogal átona final, mas também o seu apagamento como se observa em: *lume* [l'yumi], *bordado* [burd'aõ], *cesto* [s'œʃt], *soube* [s'øb].

4.4.2.1.7 Brissos (2012)

Em sua tese de doutoramento, *Linguagem do Sueste da Beira no Tempo e no espaço*, Brissos (2012) expõe elementos para o conhecimento da história linguística do Sueste da Beira, considerada na descrição de Lindley Cintra (1983 [1971]), região de transição para demarcar os dois grandes grupos de dialetos do território português: dialetos portugueses setentrionais e dialetos portugueses meridionais.

Brissos (2012) observa que

[...] a linguagem do Sueste da Beira sofre de uma marcada falta de estudos e apresenta um conjunto importante de questões por resolver, quer no âmbito da mera descrição factual (ou seja, do conhecimento detalhado dos factos gramaticais que lá se verificam) quer no âmbito da interpretação desses factos. (BRISSOS, 2012, p. 8)

O autor observa que o Sueste da Beira é parte integrante de uma área dialetal com caracteres profundamente idiossincráticos, os quais dizem respeito ao sistema vocálico. Dentre as especificidades observadas, destaca-se a ocorrência do apagamento como característica do falar do Sueste da Beira. Em relação à vogal *o* final, Brissos (2012, p. 69) salienta que: “A apócope ou passagem à vogal neutra do *o* átono final, realizado [u] na Norma, é, conforme a tradição dos estudos dialetológicos, um dos fenômenos destacados na região”.

Além do apagamento de [u], Brissos (2012) destaca ainda outras realizações que são, pelo menos em certos casos, mais representativas da linguagem da região. Dentre elas, destacam-se: “Apócope ou realização como vogal neutra, ou ainda realização como [i] / [i̯]”. O autor ressalta que observou o fenômeno do apagamento ou passagem a [i] / [i̯], de forma

significativa somente nos inquéritos do ALEPG, nas localidades de Cardosa, Isna, Foz do Cibrão, Malpica do Tejo, Indanha-a-Nova.

Fica evidente que o apagamento é apontado no estudo de Brissos (2012) como um dos traços caracterizadores da variedade dialetal Centro/Oeste, o que revela o Sueste da Beira não somente como uma área de transição, mas também como uma área que se caracteriza por um sistema linguístico profundamente individualizado.

4.4.2.2 Apagamento das vogais átonas finais [ɪ] e [ʊ] em Portugal a partir de dados das ilhas

Os Açores, oficialmente designado por Região Autónoma, são um arquipélago transcontinental e um território autónomo da República Portuguesa, situado no Atlântico nordeste, dotado de autonomia política e administrativa consubstanciada no Estatuto Político-Administrativo da Região Autónoma dos Açores.

O arquipélago dos Açores, situado a 1.500 km a oeste de Lisboa e a 3.400 km a leste de Nova Iorque, é formado por nove ilhas: ao grupo oriental, pertencem as ilhas de Santa Maria e São Miguel; ao grupo central, Terceira, Graciosa, São Jorge, Pico e Faial; ao grupo ocidental, pertencem Flores e Corvo.

Todas as ilhas são de origem vulcânica, conhecendo-se erupções históricas nas ilhas de São Miguel, Terceira, São Jorge, Pico e Faial. Vale ressaltar que os Açores situam-se numa zona de forte atividade sísmica, tendo já sofrido vários abalos, o que faz do seu interior bastante acidentado.

Esse clima de instabilidade contribuiu para que parte da população tivesse que emigrar pela busca de um futuro melhor fora do campo insular. Motivados por fatores sociais, econômicos, políticos e naturais o povo açoriano tornou-se eminentemente imigrante nos séculos XVII e XVIII e, atendendo aos apelos da Coroa Portuguesa e suas estratégias de povoamento, emigraram, inclusive, para o Brasil, em função das péssimas condições de vida nos Açores.

Essa característica do povo açoriano reforça a hipótese defendida nesse estudo de que o apagamento observado no Brasil pode ter sido trazido pelos colonizadores. Diferentes autores têm registrado o apagamento nos Açores, especialmente na ilha de São Miguel. É um processo ainda pouco estudado, mas já se encontram sistemáticos registros do apagamento da vogal final como característica do falar micaelense.

Na próxima seção serão reunidos alguns trabalhos que revelam o apagamento nos Açores, especialmente na ilha de São Miguel. Tomando, novamente, por base a ordem cronológica, os trabalhos analisados são da autoria de Medeiros (1964), Bernardo (1991), Ferreira et al. (1996), Silva (1998, 2007), Bernardo (2003).

4.4.2.2.1 Medeiros (1964)

O trabalho de Medeiros (1964), intitulado *A linguagem Micaelense em alguns dos seus aspectos*, objetiva focar alguns aspectos da linguagem micaelense, e na medida do possível, a sua relação com a área continental. Para tanto, a autora percorreu a ilha de São Miguel, quase na totalidade de seus povoados, tendo sido escolhidos como informantes analfabetos de diferentes idades, vivendo segundo as tradições da terra.

Na descrição fonética sobre o vocalismo que caracteriza a linguagem micaelense, Medeiros (1964) observa aspectos marcantes sobre as vogais em posição final. Sobre o vocalismo átono final, a autora salienta que: “Um traço bem marcante da linguagem micaelense e que é também muito característico dos falares da Beira Baixa, Alentejo e Algarve é a tendência para a queda das átonas finais”. (MEDEIROS, 1964, p. 28).

Sobre o vocalismo átono final na ilha de São Miguel, a autora acrescenta, enfatizando que “as vogais finais [ə] e [u] (-o)” apresentam portanto uma forte tendência para a queda, mesmo nos vocábulos paroxítonos, com em *aguaceiro* [ɐɡuɐ'ser], *milho* ['miʎ] e *quente* ['kẽt], que se verifica também nos falares de Beira Baixa, Alto Alentejo e Algarve. Assim como Carrancho (1969), Medeiros (1964, p. 28) se reporta a Hammarström (1953, p. 151), que, se referindo ao tratamento das vogais átonas finais no Algarve, diz: “Leur disparition répétéé constitue un dos faits les plus saillants des parlers de l’Algarve”²⁶. Referência essa que a autora toma como válida também para os falares micaelenses.

Em nota, no item 160, Medeiros (1964) registra algumas localidades da ilha de São Miguel em que foi documentado um alto índice de apagamento, como se pode ver nas observações da autora:

As sílabas postônicas tem uma prolação muito tênue; com enorme frequência caem em algumas localidades como Capelas, Rabo de Peixe e Vila Franca, onde a frase é pronunciada só até a tônica. Em contrapartida, a sílaba pretônica goza de situação privilegiada nestas localidades, pois tem

²⁶ Seu desaparecimento repetido constitui um dos fatos mais proeminentes do Algarve. (tradução nossa)

uma intencionalidade quase igual a da sílaba tônica (MEDEIROS, 1964, p. 53)

A autora destaca que explorar o falar micaelense permitiu-lhe chegar a conclusões sobre um traço marcante que é “inferir que o vocalismo átono no falar ilhéu sofre profundos desgastes”, inclusive com o apagamento das vogais átonas [ə] e [u] (MEDEIROS, 1964, p. 33).

4.4.2.2.2 Bernardo (1991)

O estudo de Bernardo (1991), *O falar da Bretanha*, teve por objetivo fazer uma descrição do falar da Bretanha, privilegiando aspectos sincrônicos. A zona de Bretanha foi escolhida, levando-se em consideração um conjunto de características, sobretudo fonéticas, que lhe conferem alguma individualidade em relação a outras áreas. A maioria dos traços característicos dos dialetos micaelense atinge essa área.

Conforme relata Bernardo (1991), a Bretanha localiza-se na costa noroeste de São Miguel, na parte ocidental da ilha. A localidade possui longas pastagens e seus habitantes dedicam-se mais à terra úmida e fértil, atravessada por grotas de encostas verdejantes, onde exuberantes plantações de inhames são cultivadas. A localidade sofreu um decréscimo acentuado de sua população nas décadas de 30 e 40, em consequência da emigração.

Em seu estudo, inicialmente, a autora faz uma descrição do vocalismo acentuado da Bretanha. É possível notar nos exemplos que o apagamento é um fenômeno marcante na área investigada, pois os exemplos registrados quanto ao vocalismo tônico, como em *cidade* [sid'ɑ:d], *novidade* [nuvid'ɑ:d], trazem a marca do apagamento.

Sobre o vocalismo oral não acentuado na Bretanha, Bernardo (1991) observa que estas vogais sofrem uma série de alterações a depender da sua posição na frase. Em posição final, a autora observa que há queda ou articulação pouco perceptível do -u final, como em *rego* [x'eg], *cozido* [kuz'id] e *fundo* [fũd]”, e a substituição do -u final por um som neutro -[ə], tem por exemplos *costumo* [kuʃ'tumə], *tempo* [t'ẽpə].

Bernardo (1991) salienta ainda que essa tendência para o apagamento ou redução do *o* átono final é igualmente frequente no Alto Alentejo e Beira Baixa e foi também assinalada em Nisa, Escusa, Cedillo e Algarve.

Em suas conclusões sobre o falar da Bretanha, dentre os fenômenos apresentados, os quais aproximam a Bretanha daquelas áreas dialetais do grupo centro-meridional, Bernardo

(1991, p. 254) destaca: o “enfraquecimento das vogais átonas finais ou o seu desaparecimento” como característica do falar da Bretanha e que são comuns a outras localidades do continente português como Beira Baixa, Alto Alentejo e Barlavento Algarvio.

4.4.2.2.3 Ferreira et al. (1996)

Ferreira et al. (1996) destacam que os dialetos falados nos Açores e na Madeira apresentam maiores afinidades com os grupos dos dialetos Centro-Meridionais portugueses. Sobre o dialeto da ilha de São Miguel, nos Açores, salientam:

O dialeto de São Miguel apresenta, por sua vez, alguns dos traços que caracterizam as regiões da Beira Baixa – Alto Alentejo e do Barlavento: [...] desaparecimento da vogal átona final [u] grafada -o, como em [ˈgat] - gato – [ˈkop] - copo [ˈpok] – pouco (FERREIRA et al. 1996, p. 496)

A consulta ao *Atlas Lingüístico dos Açores* reforça as constatações de Ferreira et al. (1996) sobre os dialetos falados nos Açores que, dentre outras características linguísticas, apresentam afinidades quanto à queda da vogal final não-acentuada -[u] grafada -o.

4.4.2.2.4 Silva (1998, 2007)

Os estudos de Silva (1998, 2007), realizados sob a perspectiva da Sociolinguística Laboviana sobre o português falado na ilha de São Miguel, nos Açores, faz uma descrição do dialeto de São Miguel e comprova que esta variedade da língua apresenta um sistema vocálico consideravelmente diferente daquele do português padrão europeu.

O autor observa que uma das mais emblemáticas características do dialeto de São Miguel gira em torno do apagamento da vogal final [u]. Embora o apagamento da vogal átona final não tenha sido o centro dos estudos, foi registrada a queda da vogal átona final em palavras como *oito* [ˈsæt], *leite* [ˈlet], *pouco* [ˈpok], *noite* [ˈnot]. O autor apresenta esses casos em sua pesquisa, demonstrando que o apagamento é recorrente em São Miguel e os toma como parâmetro para suas comparações.

Em estudo intitulado *Vowel Lenition in São Miguel Portuguese* (1998), em que faz uma análise sobre o processo de apagamento no dialeto do Nordeste (Ilha de São Miguel), Silva (1998, p. 170) constata o apagamento da vogal em posição final pelos falantes da ilha:

“More specifically, a vowel is more likely, to be deleted in the context of an adjacent voiceless segment, particularly at the end of a word”²⁷ e se reporta a esse apagamento como um fator de relevância para a sua pesquisa, como se pode observar no fragmento: interessante

Given these segmental and prosodic conditions for vowel deletion, an interesting situation obtains: in those cases where word-final vowels are deleted, speakers produce words ending in voiceless obstruents (or clusters): *leite* – lejt_ ‘milk’; *porto* – port_ ‘port’; *carros* – carr_s ‘cars’ [...]²⁸ (SILVA, 1998, p. 170)

Silva (1998) adverte que esse apagamento viola a estrutura do português, mas é um processo linguístico que pode ser implementado como uma nova variedade padrão do português micaelense.

Em outro estudo, *The Persistence of Stereotyped Dialect Features among Portuguese-American Immigrants from São Miguel, Azores* de 2007, compara a variedade do português falado pelos imigrantes provenientes da Ilha de São Miguel, nos Açores, residentes na comunidade lusófona da Grande Boston, nos Estados Unidos, com a variedade do português falado pelos residentes na ilha. O autor constata em sua pesquisa que o apagamento da vogal [u] persiste nos falantes micaelenses residentes nos Estados Unidos. O Quadro 14 exemplifica esse apagamento, característico da ilha:

Quadro 14 – Distribuição das formas padrão e não-padrão da variante micaelense

Forma padrão	Variante Micaelense	Forma Ortográfica
[ˈditu]	[ˈdit]	Dito
[ˈlejt̪i] ~ [ˈlɛjt̪i]	[ˈlɛ:t]	Leite
[ˈdedu]	[ˈdɛd]	Dedo
[ˈpatu]	[ˈpat]~ [ˈpɔt]~ [ˈpɔt]	Pato

Fonte: Silva, 2007, p. 34, com adaptações.

Nesse estudo, o autor fez uma análise fonética de quatro falantes do dialeto micaelense que emigraram da vila do Nordeste para os Estados Unidos e viveram na comunidade

²⁷ Há mais probabilidade de uma vogal ser apagada em contextos em que há segmento não sonoro adjacente, particularmente no final de uma palavra.

²⁸ Dadas as condições segmentais e prosódicas para o apagamento vocálico, obtém-se uma situação interessante: nesses casos em que as vogais átonas em final de palavras são apagadas, falantes produzem palavras terminadas em obstruents (ou aglomerados): *leite* – lejt_ ‘milk’; *porto* – port_ ‘port’; *carros* – carr_s ‘cars’ [...].

portuguesa nos arredores de Cambridge, Massachussets, cada um deles com perfil sociolinguístico diferente, embora pertencentes a uma mesma família: a mãe, 70 anos e os três filhos adultos, 55, 53 e 42 anos, respectivamente. O material foi coletado durante o verão de 1997. Cada um apresentou diferentes comportamentos fonéticos. Os dados mostraram que, enquanto três informantes preservaram mais o dialeto característico da ilha, um apresentou uma variante vocálica mais aproximada à variedade padrão da língua. Esta variabilidade reflete a tensão entre o comportamento emblemático da identidade micalense e a necessidade de acomodação às pressões sociolinguísticas exercidas pela língua padrão que predomina para a maioria da comunidade de imigrantes portugueses.

Tais trabalhos reforçam o que já se encontra registrado no *Atlas Lingüístico dos Açores*: as vogais finais, na ilha de São Miguel, demonstram serem propensas ao apagamento.

4.4.2.2.5 Bernardo (2003)

A obra *O falar micalense* enfoca o dialeto micalense nos seus dois aspectos: fonético e lexical, o que é uma contribuição de grande valor para a Dialectologia Portuguesa, especialmente a Dialectologia Açoriana.

Nesse estudo, chama atenção a primeira abordagem, que é de cunho fonético, elaborada apenas por Bernardo, com base em seu trabalho *O Falar da Bretanha* (1991). Através do registro sonoro de falantes residentes em diversas localidades da ilha de São Miguel, Bernardo (2003) descreve as vogais no falar micalense, inclusive as vogais não-acentuadas finais.

Embora o foco do trabalho de Bernardo (2003) seja a descrição do sistema acentuado do falar micalense, a autora destaca o alto índice de ocorrência de apagamento como se pode observar em exemplos tais como: *leite* ['le:t], *peixe* ['pe:ʃ], *medo* ['med], *preto* ['pret], *verde* ['verd], *cesto* ['sɛʃt], *aquela* ['ɛkɛjl] ou ['ɛkejl], *cidade* [si'dad], *novidade* [nuvi'dad], *morte* ['mɔrt], *fogo* ['fog], *caroço* [kɐ'rɔs], *hoje* ['ɔʒ], *carocho* [kɐ'rɔʃ], *piolho* [pj'øʎ], *touro* ['tɔ:r], *couve* ['kø:v], *biscoito* [biʃ'kø:t], *oito* ['ø:t], *besouro* ['bzør]. (BERNARDO, 2003, p. 33, 46).

Quanto à descrição das vogais finais não-acentuadas, Bernardo (2003, p. 54) ressalta que essas vogais alteram a sua duração, reduzem a sua abertura e apresentam uma centralização mais avançada, chegando algumas a serem elididas, salientando que “as vogais orais micalenses sofrem na generalidade modificações quando deixam de ser acentuadas”.

A autora chama atenção para as vogais em sílaba não-acentuada, [i], [e], [ɛ], [a], [ɐ], [ɔ], [o], [ø], [y], [i̯], [u], salientando que, dentre as vogais deste grupo, [i̯] e [u], têm pouca realização:

No entanto as duas últimas têm uma realização relativamente rara nas localidades que foram objeto de análise, sendo omitidas frequentemente, com a consequente alteração da estrutura silábica das palavras em que se verifica o seu desaparecimento, acompanhada da ocorrência de sequências consonânticas inexistentes no português europeu ([pk] ou [prk] “porque”, [pkin̩n] “pequenino”). (BERNARDO, 2003, p. 54)

Fica evidente na análise de Bernardo (2003) a extrema complexidade do sistema vocálico micaelense. As recolhas efetuadas ao longo da ilha de São Miguel revelaram a variabilidade existente, no plano fonético, atestada através de estudo experimental que permitiram a confirmação dos dados percebidos auditivamente.

4.4.2.3 Banco de dados do ALEPG: continente e ilhas (ROLO, 2015)²⁹

O estudo desenvolvido em território português fundamenta-se nos pressupostos teóricos da Dialectologia, predominantemente a monodimensional, a partir dos dados linguísticos do ALEPG e a constatação de que as amostras utilizadas têm um volume de dados suficientes para permitir o confronto do apagamento com o português do Brasil

A consulta ao banco de dados do ALEPG, realizada de dezembro de 2014 a maio de 2015³⁰, teve como principal objetivo verificar o fenômeno do apagamento das vogais [i̯] e [u] átonas em posição final de vocábulo, em localidades que compõem a rede de pontos do Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG). Foram selecionadas três localidades na região do Algarve, ao Sul de Portugal: Praia da Salema, Vila do Bispo e Alvor; e três localidades na ilha de São Miguel, nos Açores: Mosteiros, Nordeste e Rabo de Peixe. Essa seleção tomou como referência, dentre outras pesquisas, o registro de ocorrência do apagamento em estudos como Carrancho (1969), Maia (1975), Segura da Cruz (1987) e Bernardo (1991).

Esse estudo pauta-se em elocuições de falantes nativos das diferentes áreas contempladas, vinculando-se aos critérios de seleção previstos na metodologia geral do

²⁹ No prelo.

³⁰ Estágio de Doutorado no exterior – Processo BEX: 9454-14-4

ALEPG. As ocorrências foram extraídas por meio de audição de seis inquéritos completos, considerando as respostas válidas fornecidas ao questionário. Havia uma resposta esperada que, durante a aplicação do questionário, os inquiridores deveriam fazer surgir dentro de um determinado contexto de fala.

Inicialmente, fez-se um levantamento confrontando as 115 respostas esperadas constantes no questionário elaborado para a tese, utilizado para a recolha de dados no Brasil, com as respostas esperadas no questionário linguístico do ALEPG. Do questionário do ALEPG, selecionaram-se as 51 respostas que se mostraram coincidentes com o questionário elaborado para a tese. Essas respostas foram devidamente recortadas e transcritas em arquivo específico. O programa utilizado para audição dos inquéritos foi o *Audacity 2.0*, que é um editor de áudio que permite o recorte de trechos de fala, marcações de tempo e manipulação de faixas.

Além disso, a consulta à base de dados do ALEPG permitiu o acesso aos relatórios gerados com todas as respostas dos inquéritos, tornando possível, deste modo, a comparação do fenômeno entre as localidades. Acrescenta-se ainda a consulta por conceitos relacionados, o que possibilitou a visualização do fenômeno nas localidades selecionadas tanto em Portugal continental quanto insular.

4.4.2.3.1 Projeto Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG)

O Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG) é um projeto nacional, iniciado em 1970 por uma equipe dirigida pelo professor Luís F. Lindley Cintra. Esta se encarregou, nos quatro primeiros anos, da elaboração do questionário linguístico cuja aplicação guiaria a recolha de dados para o ALEPG. Trata-se de um questionário essencialmente lexical, de base onomasiológica e é resultado de um trabalho coletivo.

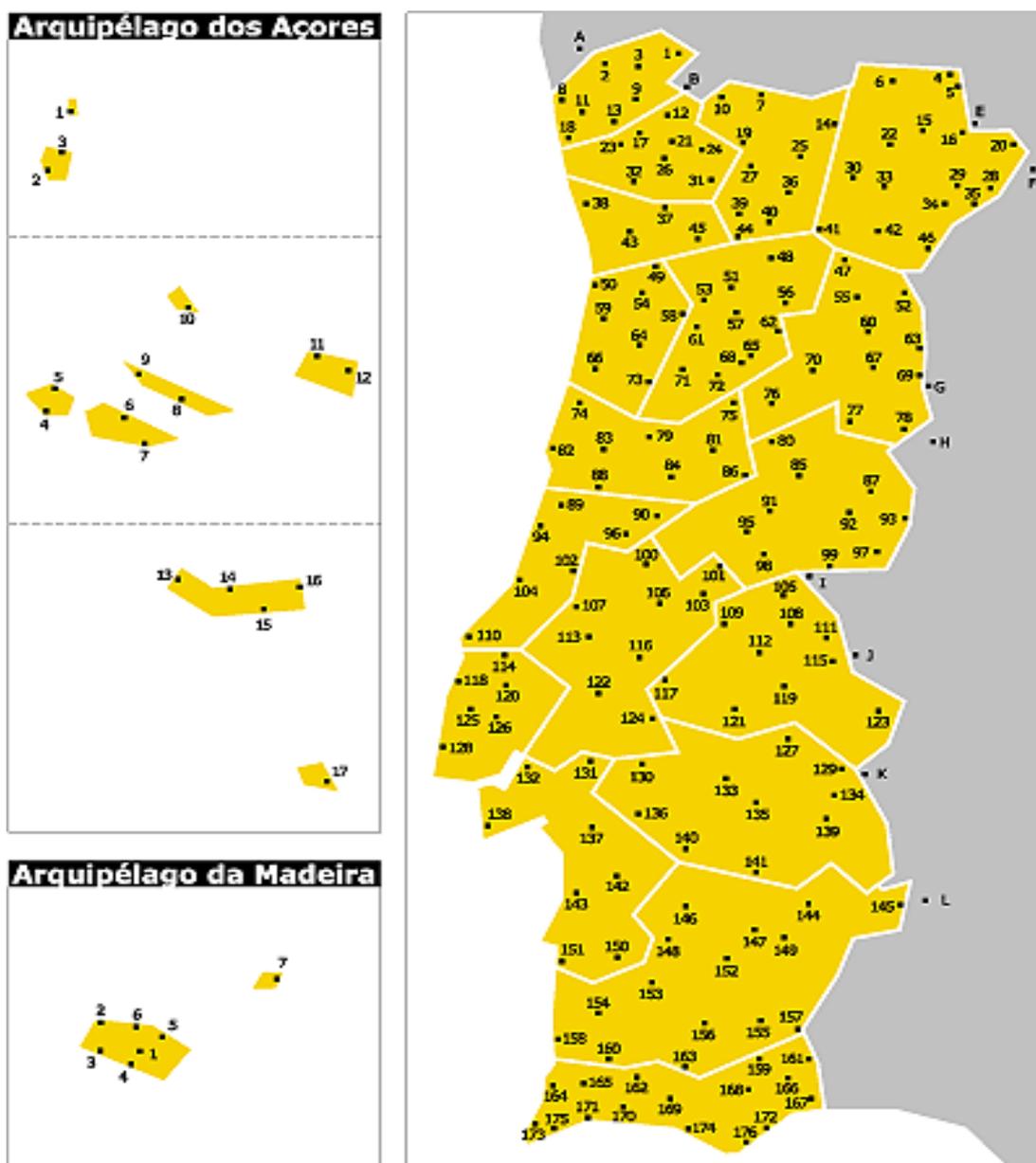
Esse atlas é um projeto que está sendo levado a cabo pela equipe de investigadores do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Tem como investigador principal João Saramago e como investigadoras auxiliares Gabriela Vitorino e Luisa Segura da Cruz. Trata-se de um projeto Geolinguístico cujas recolhas encontram-se finalizadas. Tendo em vista a sua publicação, a equipe ocupa-se com a transcrição fonética do material recolhido e da respectiva introdução no banco de dados.

i. Rede de pontos

A rede de inquéritos do ALEPG é constituída por um total de 212 pontos distribuídos da seguinte forma: 176 em território continental, 17 no arquipélago dos Açores, 7 no arquipélago da Madeira e 12 em território espanhol (zonas fronteiriças). O presente trabalho utilizou apenas 6 desses pontos. Três nos Açores (13, 14 e 16) e três no continente (171, 173 e 175).

A Figura 17 ilustra a distribuição da rede de pontos do ALEPG no continente e nas ilhas.

Figura 17 – Rede de pontos do ALEPG em território continental e insular



Fonte: Mapa dos pontos de inquérito do ALEPG³¹

ii. Seleção de informantes

O perfil dos informantes, como já mencionado no item 4.4.1.3, é o seguinte: nascido na localidade ou ser da zona do inquérito; possuir idade superior a 40 anos e reduzido nível de escolaridade. Todos apresentavam boa capacidade de resposta e boas características articulatórias (conforme registrado no questionário, volume 1.1, do ALPG). Acrescenta-se

³¹ Pontos de inquéritos ALEPG. Disponível em: <http://www.clul.ul.pt/sectores/variacao/projecto_alepg.php>. Acesso em: 14 jan. 2014.

que, como observa Saramago (2006, p. 283), “Em cada inquérito existe um informante principal para os capítulos mais genéricos do questionário e vários informantes secundários, em número variável para os capítulos mais específicos (moagem, tecelagem, olaria, cestaria)”. Considerou-se para este estudo sexo masculino e feminino, distribuídos em duas faixas etárias: faixa I (18-30 anos) e faixa II (50-65 anos), presente majoritariamente.

iii. Questionário

O questionário é essencialmente lexical, em que predomina a perspectiva onomasiológica. Embora este questionário contemple os níveis fonético e fonológico, não há capítulos dedicados especificamente ao nível fônico da análise da língua, tendo-se optado pela integração das perguntas, acompanhadas de sinais gráficos³², nos respectivos campos semânticos.

O questionário linguístico utilizado nas recolhas dos dados teve como colaboradores em sua elaboração: Maria Filipa de Carvalho Félix Gottschalk, Maria da Graça Appleton Themudo Barata e José Victor do Carmo Rodrigues Adragão. Esse questionário é composto de 2.077 respostas esperadas, distribuídas em três volumes e organizadas por campo semântico (A. O universo; B. O homem; C. O homem e o universo). As respostas eram obtidas através de perguntas indiretas realizadas pelos inquiridores na residência ou no local de trabalho do informante.

As perguntas de caráter etnográfico foram separadas do corpo do questionário. Foi elaborado um questionário complementar que era aplicado simultaneamente com o linguístico, tendo-se marcado com um sinal gráfico todas as perguntas que sugerem, em princípio, uma investigação etnográfica paralela. Os investigadores têm ainda à sua disposição um álbum de desenhos e, para os capítulos dedicados à flora e à fauna, listas de nomenclatura vulgar, oficialmente adotada acompanhadas da respectiva classificação científica.

Conforme salientado no item 4.4.1.3, o questionário aplicado nas etapas iniciais da pesquisa contém aproximadamente 3.500 perguntas (questionário integral), mas veio a ser reduzido para cerca de 2.000, como forma de acelerar a sua aplicação e de viabilizar a

³² Sinais gráficos utilizados no questionário: • interesse fonético e fonológico; ■ interesse morfo-fonológico; ▲ interesse etnográfico. (In: **Publicações do Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza**. Questionário Linguístico. vol. 1.1. Instituto de Linguística: Lisboa, 1974.

continuidade do projeto. Vale ressaltar que o atual questionário reduzido incide principalmente sobre o léxico ligado às tecnologias tradicionais, à agricultura e à agropecuária. Para este levantamento, considerou-se as 51 respostas do questionário do ALEPG coincidentes com o questionário elaborado para a tese.

iv. Os inquéritos

Os inquéritos foram realizados a partir de 1974 e finalizados em 2004, tendo sido aplicado o questionário integral em 70 localidades e o reduzido em 142.

Em cada ponto de rede foram realizados vários inquéritos, sendo um inquérito principal, feito a um informante com características tradicionalmente estabelecidas pela geografia linguística; e inquéritos parciais, a outros informantes de diferentes camadas etárias, de diferentes estratos sociais e sexos diferentes, que forneciam informações mais completas no que diz respeito ao vocabulário utilizado. A seleção dos inquéritos para este estudo, tomou como base os trabalhos referenciados e os atlas linguísticos publicados em Portugal.

v. A transcrição

A proposta era que a transcrição dos dados fosse realizada *in loco* pelos inquiridores, ao mesmo tempo em que procediam à gravação integral do inquérito. Essa transcrição fonética teve como base o Alfabeto Fonético Internacional (IPA), porém, adotando uma série de diacríticos que permitiam uma adaptação às variantes fonéticas locais, utilizando uma notação estreita que reproduzisse de modo mais fiel possível cada uma das realizações sonoras dos informantes.

A etapa de recolha de dados previstas para o ALEPG encontra-se finalizada. Entretanto, as tarefas de transcrição fonética do material recolhido e respectiva introdução numa base de dados, tendo em vista a sua publicação, estão em fase de andamento.

4.4.2.3.2 Apagamento das vogais átonas finais [ɪ] e [ʊ] nos dados do ALEPG

Tendo em vista os dados disponíveis provenientes das recolhas efetivadas para o ALEPG, o presente levantamento tomou como base os pontos de inquéritos realizados no Barlavento algarvio, ao Sul de Portugal: Alvor, Vila do Bispo e Praia da Salema; e os

inquéritos realizados nos Açores, na ilha de São Miguel: Rabo de Peixe, Mosteiros e Nordeste, descritos a seguir.

i. **Alvor** (171)

Localidade: Faro – Alvor – Portimão

Concelho de Portimão – Ponto 8 - nº de inquérito: 203

Informantes: Sexo: 2 homens e 2 mulheres

Faixa etária: 44 a 55 anos

Escolaridade: 2ª e 3ª classe³³ e pouca instrução

Profissões: pescadores e do lar

Data do registro: 1977

ii. **Vila do Bispo** (173)

Localidade: Faro – Vila do Bispo – Vila do Bispo

Concelho de Vila do Bispo – Ponto Aç 4 - nº de inquérito: 203

Informantes: Sexo: 2 mulheres e 1 homem

Faixa etária: 32 a 66 anos

Escolaridade: 4ª classe e sem instrução

Profissões: Trabalhador rural, pescador, auxiliar de escritório

Data do registro: 1976

iii. **Praia da Salema** (175)

Localidade: Faro – Praia da Salema – Vila do Bispo

Concelho de Vila do Bispo – Ponto 1 - nº de inquérito: 203

Informantes: Sexo: 4 homens

Faixa etária: 42 a 58 anos

Escolaridade: 3ª e 4ª classe e primária

Profissões: Pescadores

Esse inquérito teve a participação de uma criança de 8 anos que contribuiu com informações sobre jogos.

Data do registro: 1986

³³ A classe nesse estudo equivale à série.

iv. **Mosteiros** (13)

Localidade: Açores – São Miguel – Mosteiros

Concelho de Ponta Delgada – Ponto Aç 13 - nº de inquérito: 171

Informantes: Sexo: 5 mulheres e 10 homens

Faixa etária: 45 a 75 anos

Escolaridade: 3ª e 4ª classe

Profissões: Dona de casa e lavradores

Data do registo: 1979

v. **Rabo de Peixe** (14)

Localidade: Açores – São Miguel – Rabo de Peixe

Concelho de Ribeira Grande – Ponto Aç 14 - nº de inquérito: 171

Informantes: Sexo: 17 (homens e mulheres)

Faixa etária: 17 a 71 anos

Escolaridade: 3ª e 4ª classe e não informada

Profissões: pescadores, lavradores e dona de casa

Data do registo: 1981

vi. **Nordeste** (16)

Localidade: Açores – São Miguel – Nordeste

Concelho do Nordeste – Ponto Aç 16 - nº de inquérito: 171

Informantes: Sexo: 3 homens e 4 mulheres

Faixa etária: 50 a 67 anos

Escolaridade: 3ª e 4ª classe

Profissão: tecedeira, agricultor, carpinteiro, moleiro e dona de casa

Data do registo: 1995

Considerando as características de cada localidade, apresenta-se a seguir o levantamento do apagamento no ALEPG.

4.4.2.3.2.1 Breves considerações sobre a vogal átona final [u]

O [u] átono final, em grande parte do Barlavento algarvio, apresenta pronúncia quase imperceptível como observa Carrancho (1969, p. 118): “O o átono final do ponto de vista acústico é inexistente”. Essa realização caracteriza-se como um dos traços mais salientes do Barlavento algarvio.

Em posição final de palavra, o [u] átono configura-se como uma vogal muito reduzida como característica de todo falar meridional ou dentro deste, de todas as regiões algarvias, como observa Maia (1975, p. 26) “em grande parte da província -u aparece reduzido a [ɔ] que, por vezes, pode mesmo desaparecer”.

Pode-se observar que Segura da Cruz (1987), ao referir-se à debilidade articulatória com que [u] final é pronunciado no Algarve, chama atenção para as realizações palatalizadas dessa vogal que, características da região, estão restritas ao interior da palavra. Sobre o comportamento de [u] final, a autora destaca:

Quanto ao comportamento de [u] não acentuado em sílaba final, e uma vez que é característico da maior parte do Algarve, quer a perda da vogal final - [u], quer a sua frequente redução ao timbre -[ɔ], as realizações palatalizadas estão circunscritas a zonas de interior onde a vogal é articulada ou onde se regista oscilação. (SEGURA DA CRUZ, 1987, 261)

Ciente dessas particularidades sobre a vogal [u], o Quadro 15, explicita ocorrências extraídas do Banco de dados do ALEPG, mostrando que, quando o [u] final não sofre apagamento, transforma-se numa vogal neutra de timbre muito reduzido.

Quadro 15 – Ocorrências do apagamento da vogal final [u] no banco de dados do ALEPG em regiões de Portugal continental e insular

ALEPG						
Portugal Continental				AÇORES		
Questionário	Praia da Salema	Vila do Bispo	Alvor	Nordeste	Rabo de Peixe	Mosteiros
Forma ortográfica	Forma fonética			Forma fonética		
40 ³⁴ / 0015 TEMPO	[t'ɛp]	[t'æp]	[t'ɛp]	[t'ɛp]	[t'ɛp]	[t'ɛp]
34/0367 PIOLHO	[pj'oɫ]	[pj'oɫ]	[pj'oɫ]	[pj'øɫ]	[pi'ewɫus]	[pj'øɫ]
33/0380 GRILO	[gr'iɫ]	[gr'il]	[gr'il]	[gr'il ^u]	[gr'il ^u]	[gr'il ⁱ] [gr'iɫ]
90/0434 PESCOÇO	[p'k'os]	[p'k'os]	[p'k'os]	[p'k'os ⁱ]	[p'k'os ^u]	[p'k'os]
58/0677. MENTIROSO	[m'itir'oz]	[m'etir'oz]	[m'etir'oz]	[m'etir'oz ^u]	[m'itir'ozu]	[m'etir'oz]
77/0808 DOIDO	[d'ojd]	[d'ojd]	[d'ojd]	∅	[d'ød ^u]	[d'ød]
16/0894. CAROÇO	[kər'os]	[kər'os]	[kər'os]	∅	[kər'ø's]	∅
93/0579.. LENÇO	∅	∅	[l'ɛs]	∅	[l'ɛs]	[l'ɛs]
104/ 0597 NOVO	[n'ov]	[n'ov]	[n'ov]	[n'ov]	[n'ov ^u]	[n'ov ^v]
49/0645 BOLO	[b'ot]	∅	[b'ol]	∅	[b'ol]	∅
110/0814 CARRO	[k'ar ⁱ]	[k'ar]	[k'ar]	[k'ar]	∅	[k'ar]
62/0872. ALHO	[a ^u]	[aɫ]	[aɫ]	[a ^u]	[a ^u]	[a ^u]
3/0917. GOMO	[g'õm]	[g'õm]	[g'ãm]	[g'ỹm]	[g'õ ^w m ^u]	[g'õm]
100/1157. BEZERRO	[bz'er]	[bz'er]	[bz'er]	∅	[bz'ɛr ^u]	[bz'ɛr ^u]
25/1211. PORCO	[p'ork]	[p'ork]	[p'ork]	[p'ork ^u]	[p'ork ^u]	[p'ork]
30/1253 CAVALO	[kəv'al]	[kəv'al]	[kəv'al]	[kəv'al]	[kəv'al]	[kəv'al ^u]

³⁴ O primeiro número refere-se à identificação do questionário elaborado para a tese; o segundo, à identificação do questionário do ALEPG.

³⁵ Foi obedecida a transcrição fonética adotada pelo ALEPG.

29/1271. MACHO	∅	[m'ɔʃ]	[m'aʃ]	∅	[m'aʃ]	[m'aʃ]
72/1273. GALO	[g'aɫ]	[g'al]	[g'al]	[g'alu]	[g'alʷ]	[g'alʷ]
27/1278 FRANGO	[fr'ãg]	[fr'ãg]	[fr'ãg]	[fr'ãgʷ]	[fr'ãgʷs]	[fr'ãgʷ] [fr'ẽg]
35/1293 GALINHEIRO	[gəl'iŋ'er]	[gal'iŋ'er]	[gal'iŋ'er]	[gəl'iŋ'er]	[gəl'iŋ'erʷ]	[gəl'iŋ'er]
24/734. CABO	[k'ab]	[k'ab]	[k'ab]	[k'ab]	[k'ab]	[k'ab]
107/1408 SAPATEIRO	[səpət'er]	[səpət'e'r]	[səpət'ejr]	[səpət'ejr]	[səpət'e'r]	[səpət'ejr]
31/1433. CRAVO	[kr'av]	[kr'avʃ]	[kr'av]	[kr'ɐvʃ]	[kr'av]	[kr'avʷ]
60/1451. PREGO	[pr'æγ]	[pr'æγʃ]	[pr'æg]	[pr'æγ]	[pr'æγ]	[pr'εγʷ]
87/1712. CORPO	[k'orp]	[k'ɔrp]	[k'orp]	∅	[k'orp]	∅
37/1716. ENTERRO	[it'er]	[ẽt'er]	[ẽt'er]	[it'eri]	[it'ɣRʷ]	[it'ɣR]
99/1725. FILHO	[fi'ɫ]	[fi'ɫ]	[fi'ɫ]	[fi'ɫʷ]	[fi'ɫ]	[fi'ɫ]
98/1735. PRIMO	[pr'im]	[pr'im]	[pr'im]	[pr'im]	[pr'imʷ]	[pr'imʷ]
46/1738. GENRO	[ʒ'ɫr]	[ʒ'ẽr]	[ʒ'ẽr]	[ʒ'ẽri]	[ʒ'ẽrʷ]	[ʒ'ẽrʷ]
38/1885. PULO	[p'ɯɫ]	[p'ɯ]	[p'ɯ]	[p'y]	[p'yɫʷ]	[p'ɯɫʃ]
13/1903. ALTO	[a'ɫt]	[a'ɫtʰ]	[a'ɫt]	[a'ɫtʷ]	[a'ɫtʷ]	[a'ɫtʃ]
82/1933. OITO	[o'jt]	[o'jtʰ]	[o'jt]	∅	[o'tʷ]	[o'tʰ]
9/1993.1 MUITO	∅	[m'ɯjt]	[m'ɯt]	∅	[m'ýtʷ]	[m'ɯtʰi]
10/1993.2 POUCO	[p'ok]	[p'ok]	[p'ok]	∅	[p'øʷkʷ]	[p'økʷ] [p'økʰi]
11/1999. CARO	[k'ari]	∅	[k'ari]	∅	[k'arʷ]	[k'ari]
12/2000 BARATO	[b'ɛratʰi]	[b'ɛr'at]	[b'ɛr'at]	∅	[b'ɛr'atʷ]	[b'ɛr'atʰi]
85/2004. CENTAVO	∅	[sẽt'avʃ]	[sẽt'av]	∅	[sẽt'avʷ]	∅
115/2067. ANO	[ãn]	[ẽn]	[ãn]	[ãnʷ]	[anʷ]	[ãn]
2031 aquilo	∅	[ɛk'il]	[ɛk'il]	∅		[ɛk'il]

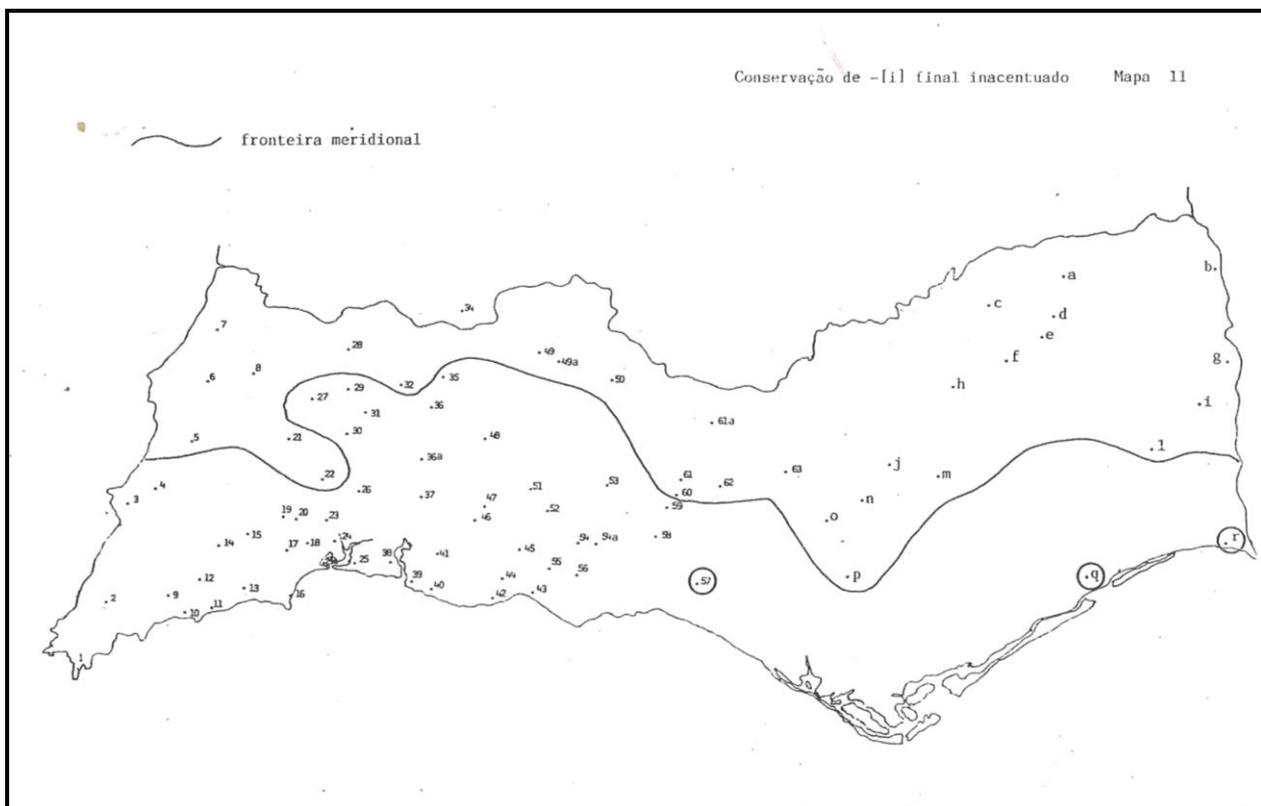
Fonte: Base de dados do ALEPG, 2015.

4.4.2.3.2.2 Breves considerações sobre a vogal átona final [ɨ]

Embora o trabalho de Segura da Cruz (1987) focalize o sistema vocálico acentuado, a autora observa também alguns aspectos do vocalismo não acentuado que se mostraram pertinentes para definição do sistema vocálico do Barlavento.

A vogal [ɨ] final, nos dados de Segura da Cruz (1987), em pesquisa que propõe estabelecer a fronteira dialetal do Barlavento do Algarve, apresenta-se como um traço fonético cuja realização antecede o apagamento da vogal como destaca: “Não é difícil admitir que fosse -[ɨ] o timbre da vogal final, antes desta ter apocopado no Barlavento”. (SEGURA DA CRUZ, 1987, p. 72). A autora adverte que a realização de -[ɨ] atravessa o Algarve no sentido longitudinal, isolando o litoral do interior, como mostra a Figura 18.

Figura 18 – Área de conservação de [ɨ] final inacentuado, segundo dados de Segura da Cruz (1987)



Fonte: Segura da Cruz, 1987.

Fica evidente que as áreas mais ao ocidente do Barlavento³⁶ algarvio, onde há o predomínio de [ɪ], são áreas em que ocorrem casos de apagamento, documentados nos estudos e nos atlas.

A respeito do [ɪ] átono, Brissos (2012, p. 67), em estudo sobre o Sueste da Beira, alude a um parentesco entre a linguagem dessa região e a linguagem das regiões do Barlavento do Algarve, São Miguel e Portalegre, destacando o seguinte aspecto: “A redução muito frequente que em toda a região a vogal sofre, enquanto não nasal ou nasalizada, em posição pré-tónica interior [...]. Essa redução, não sujeita a contextos fonéticos, dá-se sobretudo na evolução para a vogal neutra, mas também pode ocorrer elisão total [...]”.

Isto posto, observa-se, no Quadro 16 que, quando [ɪ] não sofre apagamento, transforma-se numa vogal neutra muito reduzida.

³⁶ Tendo em vista a exposição da terra aos ventos predominantes do oeste, Barlavento algarvio compreende toda a sub-região que vai de Faro ao Cabo de São Vicente (Ocidente); Sotavento compreende toda a sub-região que vai de Faro ao Rio Guadiana (Oriente).

Quadro 16 – Ocorrências do apagamento da vogal final [i] no banco de dados do ALEPG em regiões de Portugal continental e insular

ALEPG						
Portugal Continental				AÇORES		
Questionário	Praia da Salema	Vila do Bispo	Alvor	Nordeste	Rabo de Peixe	Mosteiros
Forma ortográfica	Forma fonética			Forma fonética		
28/0275 PEIXE	[p'ej]	[p'ej̃]	[p'ej]	∅	[p'ej]	[p'ej]
70/0626 FOME	[f'om]	[f'om]	[f'om̃]	[f'om̃]	[f'om]	∅
5/0847. COUVE	[k'ov ⁱ]	[k'oṽ]	[k'ov]	[k'öv]	[k'öv] [k'ø'v]	[k'øjv]
7/0850. ALFACE	∅	[ɛlf'as]	[ɛlf'as]	[ɛlf'as]	[ɛlf'as ⁱ]	[ɛlf'as]
1/0877. TOMATE	[tm'at]	[t'm'at]	[tum'at]	[tum'at]	[tumat ⁱ]	[t'umat ^h] [t'imat ^h]
59/1548. CHAVE	[ʃ'av ⁱ]	[ʃ'aṽ]	[ʃ'av]	[ʃ'av]	[ʃ'av]	[ʃ'av]
61/1769. TARDE	[t'ərð]	[t'ard]	[t'ard]	∅	[t'ard ⁱ]	[b'øɐtard]
81/1934 NOVE	[n'ɔv]	[n'ov]	[n'ɔv]	∅	[n'ɔv]	[n'ɔṽ]
80/1937. DOZE	[d'oz]	[d'oz]	[d'öz]	∅	[d'owz ⁱ]	[d'oz̃ ⁱ] [d'uz ⁱ]
83/1938 TREZE	[t'rez]	[tr'ez]	[tr'ez]	∅	[tr'ez]	[tr'ɛz̃ ⁱ]
84/1939 CATORZE	[kæt'orz]	[kæt'oz]	[kæt'orz]	∅	[kæt'orz]	[kæt'ørz̃]
2029 AQUELE	[ɛk'eɫ]	[ɛk'el]	[ɛk'el]	∅	[ɛk'ɛɫ]	[ɛk'el]

Fonte: Base de dados do ALEPG, 2015.

Nota-se que, para todos os vocábulos enumerados nos Quadros 15 e 16, há ocorrências de apagamento registradas nas localidades selecionadas. Os dados revelam que o apagamento é uma característica tanto do português continental, mais ao Sul, quanto do português dos Açores.

4.4.2.3.3 Apagamento das vogais átonas finais [ɪ] e [ʊ]: o que dizem os dados do ALEPG

Considerando o levantamento para a verificação do apagamento, em que se tomou como base o banco de dados do ALEPG, foram quantificados 279 dados, sendo 212 palavras com a vogal [ʊ], e 55 com a vogal [ɪ]. Das 212 palavras que potencialmente possuem a vogal [ʊ], 144 são de apagamento, correspondendo a um percentual de 68%, e 32% são realizadas segundo a norma de prestígio. Dentre as 67 palavras verificadas para a vogal [ɪ], 82% são de apagamento e 18% são realizadas com a presença da vogal final, ainda que reduzida, o que nas palavras de Brissos (2012, p. 69) é considerada “realização como vogal neutra”. (cf. Tabela 1).

Tabela 1 – Distribuição da presença/ausência de [ɪ] e [ʊ] finais no *corpus* a partir do banco de dados do ALEPG

Variável dependente	Vogal [ɪ]		Vogal [ʊ]	
	Ocorrência/Total	%	Ocorrência/Total	%
Presença	12/67	18	68/ 212	32
Ausência	55/67	82	144/212	68
Total	67	100	212	100

A Tabela 1 revela que, embora a vogal [ɪ] demonstre um menor valor absoluto em número de ocorrências, é possível perceber que essa vogal favorece majoritariamente a realização do apagamento nas localidades, com 82% de realizações. Observa-se que a sua correspondente [ʊ] também demonstra alto índice de favorecimento, alcançando um percentual de 68% de realizações.

4.5 CONFRONTO DE DADOS: O APAGAMENTO DAS VOGAIS ÁTONAS FINAIS [ɪ] E [ʊ] NO PORTUGUÊS DO BRASIL ESTARIA RELACIONADO AO QUE SE OBSERVA AO SUL DE PORTUGAL E NOS AÇORES?

O fenômeno do apagamento foi largamente observado em Portugal por diversos autores como uma característica peculiar do falar pertencente ao Barlavento do Algarve. Uma tentativa de explicação para esse fato linguístico foi sinalizada por Carrancho (1969) que menciona a hipótese dessa oscilação da vogal em posição final ser decorrente da rapidez de fala ou do acento que recai sobre a palavra.

Também Maia (1975) apresenta explicação para a perda da vogal final em território algarvio. Para esta autora, a perda da vogal pode ter sido o resultado da influência moçárabe, que ao longo dos séculos convergiu para esta região. A autora explica ainda que a perda da vogal final é uma particularidade desse idioma, conforme esclarece em seu estudo:

Particularidade dos idiomas moçárabes é também a perda de *-u* final que ainda hoje caracteriza a quase totalidade do território algarvio. De facto, o hábito de em árabe se apocopar a vogal final das formas românicas que entravam nessa língua, já que os substantivos masculinos árabes terminavam em consoante, deve ter-se transmitido aos idiomas moçárabes. Efectivamente, os glossários latino-árabes apresentam frequentemente – embora nem sempre – moçarabismos com omissão da vogal *-o* [u]. (MAIA, 1975, p. 124)

Embora vários autores tenham sugerido possíveis explicações para o apagamento na língua, a verdade é que esse fenômeno, apesar de ser uma realidade tanto no português do Brasil quanto no português de Portugal, consiste em uma variação cujos contornos ainda estão por explicitar.

Encontra-se, neste trabalho, a distribuição do apagamento da vogal átona em áreas do Brasil e de Portugal. Através de uma retomada histórica tentou-se traçar o percurso desse fenômeno de Portugal até o Brasil. Para tanto, consultaram-se atlas linguísticos dos dois países, teses, dissertações e diversos artigos publicados. Trabalhos esses, que mesmo não tendo o apagamento como foco, deu destaque a esse fenômeno.

Tomando por ponto de partida Leite de Vasconcelos (1896) e estendendo-se até as pesquisas mais recentes, como a de Brissos (2012), a debilidade da vogal átona final e o seu consequente desaparecimento são constantemente referenciados. É possível que o apagamento observado em áreas brasileiras seja proveniente de colonizadores das regiões ao Sul de

Portugal. Lindley Cintra (1983), apesar de contestado posteriormente, já mencionara essa hipótese para justificar o fato de encontrar uma série de características fundamentais do português do Brasil coincidindo com os falares continentais do Sul. Nesse aspecto, ressaltando a necessidade de se fazer um estudo pormenorizado da história do fenômeno em Portugal e no Brasil, Lindley Cintra (1983) observa:

Perante o facto de o português do Brasil assim como o das ilhas atlânticas, coincidir, no que diz respeito a uma série de características fundamentais, com os falares continentais do Sul, opondo-se aos do Norte, a primeira hipótese que ocorre, já várias vezes se apresentou e é a mesma que ocorreu a grande parte dos linguistas que se ocuparam dos factos paralelos do espanhol da América: na colonização do Brasil teriam predominado numericamente homens do Sul de Portugal. (LINDLEY CINTRA, 1983, p. 32)

Os dados apresentados neste estudo corroboram a hipótese de que o apagamento observado em diferentes áreas brasileiras pode estar associado àquele observado em Portugal e trazido pelos colonizadores. Não resta dúvida de que o processo de apagamento faz parte da realidade linguística brasileira, não como um fenômeno generalizado, mas como um processo que se manteve em determinados pontos do país, como mostram as pesquisas realizadas na Bahia e em Minas Gerais e confirmadas nos atlas linguísticos publicados.

4.6 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O apagamento das vogais átonas finais, tanto no português do Brasil quanto no português de Portugal, tem sido documentado através do registro tanto nos atlas linguísticos publicados quanto nos estudos resumidos nesta pesquisa. No Brasil, ainda que escassa, a descrição desse fenômeno conta com pesquisas que revelam o apagamento como uma variação que faz parte da realidade linguística do país. Em Portugal, apesar de não ter sido o foco principal em nenhum dos estudos consultados, o apagamento das vogais finais [i] e [u], encontra-se registrado tanto no continente, com predomínio na parte centro-meridional do país, quanto nos Açores cujas pesquisas documentam que o dialeto de São Miguel apresenta um sistema vocálico consideravelmente diferente daquele do português padrão europeu. O estudo comparativo da variedade brasileira e portuguesa evidencia que o apagamento de vogais átonas finais em áreas brasileiras pode estar relacionado ao que se observa em Portugal, trazido pelos colonizadores.

5 METODOLOGIA

Neste capítulo, serão especificados os procedimentos metodológicos que nortearam a prática da investigação científica. Obedecendo aos pressupostos da Sociolinguística Variacionista, Geolinguística e da Fonologia Prosódica será descrito o percurso seguido para o tratamento dos dados. Com base na Geolinguística, serão utilizadas cartas linguísticas na exposição dos resultados. Do ponto de vista acústico, serão selecionadas frases fonológicas para observar evidências de que o apagamento das vogais átonas finais estaria associado ao ápice da curva entoacional.

Através dos fatores linguísticos e extralinguísticos selecionados previamente, buscou-se avaliar que fatores interferem na realização de uma determinada variante em detrimento da outra. Buscar esses fatores que podem estar controlando o processo de variação é o que almeja este estudo. Nas seções seguintes estão descritas as etapas metodológicas utilizadas nesta pesquisa.

5.1 *CORPUS* PARA A ANÁLISE GEOSOCIOLINGUÍSTICA

A amostra, que serviu de fonte de dados para este trabalho, foi constituída de forma controlada, através de características sociais previamente definidas. A opção por uma amostra estratificada em faixa etária e sexo se deve ao fato de que, segundo Labov (2008 [1972]), ordenar os contextos sociais em algum tipo de hierarquia, dentro do universo pesquisado, pode diminuir a chance de enviesamento dos resultados.

O *corpus* utilizado nesta pesquisa constitui-se a partir da realização de inquéritos nas localidades selecionadas pelo pesquisador. O trabalho parte dos dados linguísticos de quatro comunidades de fala, sendo duas localizadas na Bahia – Bom Jesus da Lapa e Macaúbas – e duas localizadas no Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais – Almenara e Itaobim –, com vistas a estabelecer um confronto entre as duas áreas para observar diferenças na fala.

A análise quantitativa teve como base uma amostra de fala espontânea composta por 32 inquéritos no total, sendo oito em cada localidade. Os sujeitos da pesquisa são nascidos e residem nos respectivos municípios e filhos de pais também da área. Os dados coletados para esta pesquisa são oriundos de meios urbanos e destinam-se a analisar a variação sob o ponto de vista sociocultural das cidades.

As ocorrências obtidas para este estudo foram selecionadas a partir das respostas válidas dos informantes ao Questionário Fonético Fonológico (QFF) e aos relatos e

comentários aos temas para discurso semidirigido, coletados a partir de entrevistas realizadas nas comunidades pela pesquisadora.

5.2 AS ENTREVISTAS

Sabe-se que as entrevistas são procedimentos indispensáveis à investigação sociolinguística. Labov (2008 [1972], p.137) destaca que “As entrevistas individuais face a face sempre serão necessárias para o volume maior de fala bem gravada de que precisamos para um estudo detalhado da fala de dado indivíduo”. Nesse sentido, a pesquisa de campo revela-se como um eficiente meio para colher os dados sobre os quais se desenvolverá a investigação científica; entretanto, não se deve esperar encontrar o vernáculo em uso propriamente dito, já que a fala monitorada é muito mais formal do que as situações mais informais. Por mais que o informante demonstre estar à vontade, ele vai usar sempre um estilo mais monitorado do que usaria nas conversas descontraídas, como salienta Labov (2008 [1972]):

No corpo principal de uma entrevista, onde se pede e se dá informação, não se deve esperar encontrar o vernáculo em uso. Por mais que o falante nos pareça informal ou à vontade, podemos sempre supor que ele tem uma fala mais informal, outro estilo, no qual se diverte com os amigos e discute com a mulher. (LABOV, 2008 [1972], p. 244)

Diante disso, durante a coleta de dados, houve uma grande preocupação com a questão do paradoxo do observador que, na concepção de Labov (2008 [1972], p. 244), consiste em “observar sistematicamente a fala das pessoas, durante uma entrevista para descobrir como elas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas”. Levando em consideração a necessidade de superar esse problema, foram utilizadas algumas estratégias para romper os constrangimentos da situação de entrevista formal. Assuntos que despertassem fortes emoções nos informantes foram organizados em forma de temas para discurso, tais como: acontecimentos marcantes na vida, histórias de família, nascimento de filhos. Incluíram-se também comentário sobre programas de televisão, descrição de atividade ocupacional e um relato não pessoal. Tudo isso com o propósito de coletar um discurso mais espontâneo que distanciava o informante da fala monitorada e se aproximava do vernáculo.

A entrevista representa significativa oportunidade de interlocução entre informante e entrevistador, por isso, requer uma atenção especial do inquiridor no sentido de valorizar essa relação. É importante criar algumas estratégias para diminuir a tensão gerada nessas situações,

como observa Isquierdo (2004, p. 51) “é recomendável que o pesquisador procure estabelecer uma relação de empatia com o informante e tenha sensibilidade suficiente para abstrair aspectos de sua realidade cotidiana”. Nesse sentido, procura-se estabelecer um clima de confiança e cordialidade na condução das entrevistas para conseguir o máximo de espontaneidade durante a realização do inquérito.

As entrevistas foram realizadas, quando possível, na própria residência do informante, exceto nos casos em que o ruído externo inviabilizou a sua realização. Nesses casos, as entrevistas foram realizadas em ambientes distintos, tais como: sala da prefeitura da cidade, auditório da escola e refeitório do hotel. Buscava-se sempre um ambiente adequado, visando uma qualidade melhor de gravação.

Todas as entrevistas foram feitas com o consentimento livre do informante. A eles foi informada a natureza do trabalho e que eles poderiam se recusar a participar da entrevista, se quisessem. Todas as entrevistas foram precedidas do preenchimento da Ficha do Informante (APÊNDICE A), que é dividida em três partes: a primeira continha dados sobre a localidade, a segunda, dados pessoais do informante, e a terceira, informações do entrevistador sobre o próprio informante e o ambiente do inquérito. A primeira e a segunda parte eram preenchidas antes da entrevista; a terceira, após a realização do inquérito. Também foi garantido ao informante que os dados de fala coletados seriam utilizados de forma confidencial. Após a entrevista, era solicitada ao informante a assinatura de um documento de autorização para uso dos respectivos dados de fala na pesquisa científica (APÊNDICE B).

Para minimizar a interferência do entrevistador, contou-se com o auxílio de uma pessoa da comunidade³⁷ que serviu de ponte entre o informante e o entrevistador, agendando previamente os encontros, após contato inicial, como sugerem Ferreira e Cardoso (1994):

O contato com os informantes, a depender da região e do conhecimento que deles se possa, previamente, ter, é de toda conveniência que seja feito por intermédio de terceiro, conhecedor de ambos – inquiridor e informante pretendido – para que se evitem possíveis desconfiças e suspeitas sobre a natureza do trabalho. (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 34)

As entrevistas foram gravadas em formato áudio digital (WAV) com gravador, modelo IC RECORDER, ICD-PX312, SONY em data e horário combinados antecipadamente. Recolhidos os dados, as entrevistas eram passadas para o computador e gravadas em CD,

³⁷ Agradecimentos especiais a James Jesuino, em Almenara; Aldilene, em Itaobim; Ivoneide, em Bom Jesus da Lapa; e Gilvan, em Macaúbas, pelo suporte constante durante a pesquisa de campo.

devidamente etiquetados. Na seção seguinte, serão descritos os tipos de questionários utilizados na pesquisa.

5.3 OS QUESTIONÁRIOS

A elaboração de questionários é uma das fases mais importantes e difíceis na preparação de uma pesquisa. Desde o início dos estudos dialetais, as pesquisas feitas pelos pesquisadores eram guiadas por um questionário e davam como resultados uma base comum de dados linguísticos. Como observam Chambers e Trudgill (1994), a vantagem mais imediata do questionário é assegurar que o resultado de todas as entrevistas realizadas na pesquisa sejam comparáveis.

Considerando as orientações de Ferreira e Cardoso (1994), os questionários que se destinam a uma investigação científica devem ser elaborados levando em consideração os objetivos que se pretende atingir, vislumbrando a possibilidade de observar de forma mais completa a variedade desejada. Esse questionário precisa conter uma série de perguntas permitindo o levantamento de características específicas, e também deve contemplar um tipo de pergunta que possibilite ao informante deixar-se documentar num discurso mais amplo e mais longo. Além disso, através do questionário é possível obter uma maior homogeneização do comportamento dos inquiridores no sentido de formular, com menor grau de diferenciação, as mesmas questões a diferentes informantes.

Tendo em vista que o foco da investigação deste trabalho continua sendo o mesmo proposto na dissertação intitulada *Apócope das vogais átonas [i] e [u] em duas localidades do Centro Sul Baiano: Beco e Seabra* (ROLO, 2010), cujo objetivo era apurar o desaparecimento das vogais átonas finais [ɪ] e [ʊ] nas localidades em estudo, consideraram-se para esta investigação os dois tipos de questionários: o questionário fonético-fonológico (QFF), elaborado inicialmente com 108 perguntas, acrescentando-lhe alguns ajustes, ampliando-o para um total de 115, e um questionário tipo discurso semidirigido, no qual, através de quatro temas apresentados ao informante, se observam elocuições mais espontâneas, destituídas do grau de tensão e formalidade que, muitas vezes, se encontram presentes nas respostas às indagações do inquiridor em outros trechos da entrevista.

Ao QFF pautado no modelo do questionário do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) foram acrescentadas imagens para cada questão com o objetivo de facilitar a resposta esperada do informante. As entrevistas eram iniciadas sempre pelo discurso semidirigido, pois

se acredita que, nesse modelo de questionário, o informante fica menos tenso. Partia-se sempre de uma conversa contextualizada para inserir, gradualmente, os temas planejados. O modelo de questionário fonético-fonológico utilizado nesta pesquisa encontra-se integralmente apresentado no APÊNDICE C.

Na constituição do QFF, levou-se em conta contexto fonológico que antecede à vogal final (cf. 5.6.2.1), assim, as perguntas foram construídas de modo que fosse possível a obtenção de respostas em que estes contextos estivessem presentes.

Os temas para o registro do discurso semidirigido tiveram como eixo norteador os temas, propostos pelo questionário do ALiB (COMITÊ..., 2001). O modelo desse tipo de questionário encontra-se apresentado no APÊNDICE D, contendo os seguintes temas:

- i. relato sobre acontecimentos marcantes na vida do informante;
- ii. comentário sobre programa de televisão de que ele mais gosta;
- iii. descrição da atividade ocupacional;
- iv. relato de um fato que tenha acontecido com um amigo ou conhecido.

5.4 OS INFORMANTES

Lembrando o que dizem Ferreira e Cardoso (1994, p. 27), “o perfil dos informantes, de quem se quer apurar os dados, convém ser claramente delineado com vistas a estabelecer um verdadeiro controle das variáveis”, sendo assim, esse foi traçado com o objetivo de manter sob controle um conjunto de fatores durante a entrevista e estabelecer comparações e confrontos de resultados.

O perfil dos informantes procura atender a questões espaciais, selecionando-se indivíduos naturais da comunidade pesquisada e de pais também da mesma área. Ao lado desses itens, mantiveram-se sob controle as características do aparelho fonador e o grau de espontaneidade da elocução.

Na seleção dos informantes, foram considerados os seguintes fatores:

- Faixa etária: foram selecionados locutores estratificados em duas faixas etárias:
 - Faixa I (18 a 30 anos)
 - Faixa II (50 a 65 anos).
- Sexo:
 - Foram selecionados 32 sujeitos, sendo 16 homens e 16 mulheres.
- Localidade: foram selecionados 8 informantes em cada localidade.
 - Bom Jesus da Lapa-BA

- Macaúbas-BA
- Almenara-MG
- Itaobim-MG

Quanto à escolaridade, tencionava-se considerar para este estudo o ensino fundamental incompleto para todas as categorias. No entanto, não foi possível, pois, nas localidades nem sempre foram encontrados informantes da faixa 1, apenas com fundamental incompleto, tendo sido necessário considerar-se, então, estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Nesse sentido, observa-se que a escolarização é uma tendência mais presente na geração jovem do que na antiga, com o predomínio maior entre as mulheres do que entre os homens.

Os Quadros 17 a 20 apresentam a estratificação da amostra nas localidades de Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim, respectivamente.

Quadro 17 – Estratificação da amostra em Bom Jesus da Lapa

Faixa etária	Sexo	Informante	Idade	Profissão
Faixa I	Homem	CDS30	30	Montador de antena parabólica
		MSR18	18	Ajudante de pedreiro
	Mulher	MMB20	20	Prendas domésticas
		RVS23	23	Empregada doméstica
Faixa II	Homem	ALS59	59	Pintor
		MGC65	65	Guarda noturno
	Mulher	VPS51	51	Empregada doméstica
		NPG50	50	Auxiliar de serviços gerais

Quadro 18 – Estratificação da amostra em Macaúbas

Faixa etária	Sexo	Informante	Idade	Profissão
Faixa I	Homem	AOR18	18	Lavrador
		SJA23	23	Estudante
	Mulher	DOR23	23	Lavradora
		MFL18	18	Doméstica
Faixa II	Homem	TSS59	59	Lavradora
		MFS63	63	Prendas domésticas
	Mulher	FBM56	56	Vigilante
		JS66	66	Motorista

Quadro 19 – Estratificação da amostra em Almenara

Faixa etária	Sexo	Informante	Idade	Profissão
Faixa I	Homem	EST23	23	Auxiliar de máquinas
		MJS23	23	Atendente de hotel
	Mulher	WBA26	26	Manicure
		RMS25	25	Doméstica
Faixa II	Homem	JSS60	60	Porteiro de escola
		JDF51	51	Lavrador
	Mulher	EAM50	50	Merendeira
		SLS56	56	Serviços gerais

Quadro 20 – Estratificação da amostra em Itaobim

Faixa etária	Sexo	Informante	Idade	Profissão
Faixa I	Homem	ESC27	23	Auxiliar de máquinas
		GAS30	23	Atendente de hotel
	Mulher	WRS27	26	Manicure
		AGL19	25	Doméstica
Faixa II	Homem	AGN57	60	Porteiro de escola
		MMA52	51	Lavrador
	Mulher	NGB58	50	Merendeira
		LSP55	56	Serviços gerais

Os sujeitos informadores foram selecionados levando em consideração o fato de serem pessoas nascidas nas respectivas comunidades e de refletirem, espontaneamente e com muita fidelidade, a fala popular da localidade, pessoas que tivessem viajado pouco e que não tivessem se ausentado da localidade por mais de dois anos.

Vale salientar que os informantes tinham contato com os meios de comunicação através do rádio, do celular e do aparelho televisor, que funciona através de rede gratuita ou mediante antena parabólica.

Apresenta-se, a seguir, uma breve descrição dos informantes que participaram da pesquisa. Por questões de organização, em cada localidade, primeiro serão descritos os informantes da faixa 1, seguidos dos informantes da faixa 2.

5.4.1 Os informantes em Bom Jesus da Lapa

Informante 1: (CDS30), homem, 30 anos, estudante da EJA (Eixo V)³⁸. Começou a trabalhar muito cedo. É montador de antena parabólica e nas horas vagas trabalha de mototáxi. Solteiro, mora com a família. Gosta de TV e tem preferência pelos noticiários. Gosta de ouvir música no celular e, às vezes, lê o jornal da cidade. Natural de Bom Jesus da Lapa e filho de pais da localidade. Demonstrou grande espontaneidade e teve uma postura cooperativa durante o inquérito.

Informante 2: (MSR18), homem, 18 anos, estudante da EJA (Eixo V). Trabalha como ajudante de pedreiro, auxiliando no acabamento da obra, no assentamento de piso e na preparação da massa. Solteiro, mora com os pais que são lavradores. Gosta de assistir TV e tem preferência por esportes. Às vezes ouve rádio e prefere programas de música. Filho de pais da localidade, nunca saiu da cidade por mais de um mês. Mostrou-se bastante ativo durante a entrevista e demonstrou grande espontaneidade da elocução.

Informante 3: (MMB20), mulher, 20 anos, estudante da EJA (Eixo V). Solteira e mora com os pais. Trabalha durante o dia e estuda à noite. Exerce a função de vendedora numa barraca de roupas bem próxima da gruta. Nos meses de agosto e setembro, quando a romaria se intensifica, costuma faltar à escola, o que gera desânimo e até desistência. Sempre morou na localidade. Gosta de televisão e tem preferência pelas novelas. Filha de pais lavradores

³⁸ Corresponde à Educação Fundamental: 7ª e 8ª série (cf. BAHIA, 2011)

também da localidade. Mostrou-se muito tímida no início, mas durante a entrevista cooperou bastante com o pesquisador.

Informante 4: (RVS23), mulher, 23 anos, estudante da EJA (Eixo V). Solteira, mora com os padrões e gosta de viver lá. Exerce a função de empregada doméstica. Antes, exercia a função de babá. Gosta de TV, preferencialmente novelas e programas de auditório. Gosta de ouvir música no celular. Às vezes ouve rádio. Filha de pais da localidade e que nunca saíram da localidade. Mostrou-se tímida durante a entrevista, com uma elocução fraca, entretanto manteve uma postura cooperativa durante toda a entrevista.

Informante 5: (ALS59), homem, 59 anos, estudou até a 4ª série (atual 5º ano do ensino fundamental). Casado, mora em residência própria com a mulher e os filhos. Começou a trabalhar muito cedo. Exerce a função de guarda noturno e durante o dia trabalha como pintor para complementar a renda. Gosta de ver televisão, principalmente o “Jornal Nacional” para se atualizar e acompanhar o que está acontecendo no país. Seu trabalho não está diretamente ligado à romaria, mas reconhece que são três meses de intenso fluxo de romeiros para aquela região. Filho de pais já falecidos, que moravam na localidade. Mostrou grande espontaneidade na elocução, o que colaborou com a realização inquérito.

Informante 6: (MGC65), homem, 65 anos, estudou até a 4ª série (atual 5º ano do ensino fundamental). Casado, mora com a família na localidade. Nunca teve vida boa. Muita disposição para trabalhar. Quando pequeno, vendia lenha que era trazida no carro de boi. Com a estiagem, perdeu uma roça inteira. Viajou para São Paulo. Sofreu muito. Retorna a Bom Jesus da Lapa meses depois. Gosta dos noticiários da TV para ficar informado. Fica triste com os políticos, pois acredita que o país tem “pernas para andar e asas para voar”. Filho de pais já falecidos, que moravam na localidade. Mostrou grande espontaneidade na elocução, muito vivo e manteve uma postura cooperativa durante a entrevista.

Informante 7: (VPS51), mulher, 51 anos, estudou até a 2ª série (atual 3º ano do ensino fundamental). Casada, possui 5 filhos e 4 netos. Além disso, adotou um casal de crianças cujos pais haviam falecido. É empregada doméstica e nas horas vagas faz salgados para padarias e lanchonetes. Gosta de assistir TV, preferencialmente novelas. Acredita que a novela mostra a realidade, mas “há momentos que ensina o que não deve”. Ouve rádio todos os dias, enquanto prepara as suas encomendas. Filha de pais lavradores e que sempre

moraram na localidade. Mostrou-se inicialmente tímida, pouco à vontade, entretanto, manteve uma postura cooperativa durante o inquérito.

Informante 8: (NPG50), mulher, 50 anos, estudou até a 4ª série (atual 5º ano do ensino fundamental). Casada, viveu com o companheiro por 18 anos antes do casamento. Envolveu-se com atividades da igreja e sentiu a necessidade de oficializar aquela união. Possui quatro filhos e sete netos. Todos residentes em Bom Jesus da Lapa. Trabalha como auxiliar de serviços gerais. Gosta de cozinhar. Para aumentar a renda familiar, faz marmitas nas horas vagas. Cada dia prepara um prato diferente. Gosta de TV, principalmente para assistir aos programas religiosos como a Canção Nova e a Rede Vida. Gosta de música que ouve com frequência através do aplicativo do celular. É natural de Bom Jesus da Lapa e os pais sempre moraram na localidade. Demonstrou espontaneidade na elocução e colaborou bastante com a entrevista.

5.4.2 Os informantes em Macaúbas

Informante 9: (AOR18), homem, 18 anos, estudante da EJA (Eixo V), solteiro, mora com os pais. Trabalha na roça. O dia é sofrido e a seca castiga. Antes trabalhava numa pousada da cidade. Gosta de TV. Prefere os noticiários e se diverte com os desenhos, principalmente o “Pica-pau” e o “Chaves”. Gosta de música. Sonha com a casa própria e um carro. É natural da localidade e filho de pais também da localidade. Mostrou-se inicialmente muito tímido, mas teve uma postura cooperativa durante inquérito.

Informante 10: (SJA23), homem, 23 anos, estudante da EJA (Eixo V). É cego. Considera a escola um desafio. Usa o *notebook* nas aulas. Colou as letras em braile nas teclas do *notebook* para facilitar. Tem aulas de braile uma vez por semana. Gosta de acessar o computador e possui um aplicativo próprio através do qual acessa os programas. Tem e-mail e perfil no *Facebook*. Mora com a mãe e vai com ela para a escola de moto. Não falta aula. Faz as provas no computador ou oral mesmo. Reconhece quando a professora erra no quadro. A relação com a turma é boa. Todos cooperam com ele. Gosta de TV, assiste aos noticiários, preferencialmente o “Jornal Hoje” e o “Fantástico”. Seu passatempo maior é ouvir música. Não tem emprego ainda. Fica em casa e ajuda a mãe nos afazeres domésticos. Mostrou-se perspicaz durante a entrevista e demonstrou grande espontaneidade da elocução. Teve uma postura cooperativa durante o inquérito.

Informante 11: (DOR23) mulher, 23 anos, estudante da EJA (Eixo V). Solteira, mora com os pais. Não tem filhos. Já trabalhou na roça antes. Agora está desempregada. Durante o dia cuida dos afazeres domésticos, à noite vai para a escola. Não gosta de TV, dificilmente assiste alguma coisa. Gosta muito de rádio. Prefere o programa de Fernando Silva porque tem músicas bonitas. Nasceu e foi criada na localidade. Filha de pais que sempre moraram na localidade. Participa de diversões como as manifestações folclóricas e a festa de São João da cidade com suas comidas e bebidas típicas. Mostrou-se um pouco tímida no início, mas teve uma postura bastante cooperativa no decorrer da entrevista.

Informante 12: (MFL18), mulher, 18 anos, estudante da EJA (Eixo V). Solteira, filha de pais lavradores da localidade. Mora com a mãe e irmãos. Perdeu o pai subitamente, vítima de hepatite. Possuía nove irmãos. Morreram cinco ainda pequenos. Não trabalha fora, como os outros irmãos, mas ajuda nos afazeres domésticos, varre, limpa a casa, cuida das crianças. Gosta de TV, principalmente do programa de Sílvio Santos. Assiste a novelas quando pode. Gosta de ouvir rádio para se distrair e de participar de manifestações folclóricas. Participa da festa junina da cidade que considera a festa mais atraente da cidade com muitas barracas e comidas típicas. Participou da entrevista com pouca espontaneidade. Fala pouco e limitou-se a responder ao que foi perguntado. Teve uma postura pouco cooperativa durante o inquérito.

Informante 13: (TSS59), mulher, 59 anos, estudante da EJA (Eixo IV³⁹). Viúva, mora em casa própria, teve nove filhos, todos casados e empregados. Trabalhou duro na roça para ajudar a criar os filhos. Trabalhava na enxada, machado, foice. Passou um período quebrando pedra com marreta para fazer brita. Ganhava por lata. Depois trabalhou colhendo semente de capim. Ganhava por lata também. Fazia tudo isso porque não tinha outra coisa para fazer e não era fácil criar os filhos. Por fim trabalhou 18 anos em um restaurante da cidade até o dia em que se aposentou. Passava o dia todo no restaurante. Enquanto isso os filhos mais velhos cuidavam dos mais novos. Agora, aposentada, voltou a estudar à noite. Gosta de TV, assiste aos noticiários e às novelas quando está em casa. Sempre morou na localidade. Mostrou-se bastante cooperativa e espontânea durante a entrevista.

³⁹ Corresponde à Educação Fundamental: 5ª e 6ª série (cf. BAHIA, 2011)

Informante 14: (MFS63), mulher, 63 anos, estudante da EJA (Eixo IV). Não se casou. Cuidou da mãe até morrer aos 99 anos. Teve uma vida marcada pelas perdas. Perdeu uma filha com 1 ano e 4 meses, “hoje estaria completando 44 anos”, relembra emocionada a informante. Foi muito rápida a doença. Estava indo a pé para o hospital quando ela morreu. Há três anos perdeu um irmão vítima de bala perdida. Tem uma vida sofrida. Trabalhou muito tempo na roça. Apanhava algodão. Teve um problema na mão. Hoje é aposentada por invalidez. Decidiu entrar na EJA para se atualizar. Gosta de TV, prefere os noticiários para ver o que se passa no país. Gosta de fazer as atividades domésticas ouvindo música no rádio. Sempre morou na localidade. Carinhosa, fala espontaneamente e teve uma postura cooperativa durante a entrevista.

Informante 15: (FBM56), homem, 56 anos, estudou até a 4ª série (atual 5º ano do ensino fundamental). Casado, sempre morou na localidade com a mulher e filhos. Desempenha a função de vigilante da prefeitura. Ingressou no cargo através de concurso. Gosta de TV, preferencialmente noticiários porque atualiza as pessoas. Está desanimado com os rumos da política brasileira. Não acredita mais nos políticos. Gosta de ouvir rádio todos os dias. Filho de pais lavradores também da localidade. Demonstrou grande espontaneidade e teve uma postura cooperativa durante a entrevista.

Informante 16: (JSS66), homem, 66 anos, estudou até a 1ª série (atual 2º ano do ensino fundamental). Separado, teve sete filhos com a mulher. Hoje mora só. Perdeu um filho recentemente. Bebia muito, adoeceu e morreu muito rápido. Tinha 24 anos. Desempenha a função de motorista da prefeitura. Está sempre trabalhando, não tem hora e nem dia. Após 27 anos de trabalho como motorista da Prefeitura, já conhece todas as estradas e tornou-se respeitado por todos. Gosta de TV, prefere noticiários para ficar sabendo o que está acontecendo. Assiste ao “Jornal Hoje” todos os dias. Gosta de música e sempre viaja ouvindo rádio. Natural da localidade e filho de pais lavradores. Participou da entrevista com grande espontaneidade e manteve uma postura cooperativa durante o inquérito.

5.4.3 Os informantes em Almenara

Informante 17: (EST23), homem, 23 anos, estudante da EJA (Eixo V), solteiro, mora com os pais adotivos. Trabalha em uma loja de peças para máquinas. É um tipo “faz tudo” na loja. Gosta de música, de TV e possui boa fluência verbal. É integrado nas atividades sociais da

igreja cristã protestante. Foi criado pelos pais adotivos que sempre residiram na localidade. Mostrou-se bastante desinibido e conversador.

Informante 18: (MJS23), homem, 23 anos, estudou até a 7ª série (atual 8º ano do ensino fundamental). Interrompeu os estudos em função do trabalho. Solteiro, mora com os pais. Desenvolve suas atividades como recepcionista do hotel. Gosta de assistir televisão, principalmente programas ligados a “esporte”. Mostrou-se tímido e desconfiado no início da conversa, foi-se tornando mais desinibido no decorrer da gravação.

Informante 19: (WBA26) mulher, 26 anos, estudante da EJA (Eixo V), abandonou os estudos quando se casou para cuidar da casa e do filho e agora voltou a estudar. Casada, possui dois filhos. É manicure e faz unha em domicílio, quando os filhos estão na escola. Gosta de assistir televisão, principalmente programa de auditório e novelas. O pai morava na localidade e faleceu recentemente. Mostrou-se um pouco tímida, mas teve uma postura bastante cooperativa durante a entrevista.

Informante 20: (RMS25), mulher, 25 anos, estudante da EJA (Eixo V), interrompeu os estudos em função de gravidez. Casada, mora com o marido e os filhos no bairro de Planalto. Trabalha em serviços domésticos e na folga, como diarista. Gosta de assistir televisão, principalmente novelas. Os pais são lavradores e sempre moraram na localidade. Participou da entrevista com bastante espontaneidade e teve uma postura cooperativa.

Informante 21: (JSS60), homem, 60 anos, estudou até a 6ª série do ginásio (atual 7º ano do ensino fundamental). Casado, mora com a esposa e os filhos numa casa simples, no bairro de Santo Antônio. Sempre morou na localidade e exerce a profissão de porteiro de escola. Na verdade ele é um *faz tudo* na escola. Quando a entrevistadora chegou à escola para a entrevista, o informante tinha sido chamado para trocar uma lâmpada. É muito querido por todos. Acumula a profissão de agricultor nas horas livres. Gosta de ver TV, principalmente novelas. Mostrou-se bastante cooperativo e espontâneo durante a entrevista.

Informante 22: (JDF51), homem, 51 anos, estudou até a 4ª série (atual 5º ano do ensino fundamental). Casado, filho de Almenara, sempre morou na localidade com a mulher e os filhos. Diz que gosta da pecuária e cria algumas cabeças de gado em uma pequena propriedade. Possui um açougue no Mercado Municipal de Almenara e não está muito

satisfeito com a exigência da vigilância sanitária para regularização dos açougues. Argumenta que “o mercado é do povo, e, se o povo não vai, como é que pode vender?” À noite, explora a cantina de uma Faculdade para completar o orçamento. Gosta de ver TV e prefere os programas de auditório. Demonstrou grande espontaneidade e teve uma postura cooperativa durante a entrevista.

Informante 23: (EAM50), mulher, 50 anos, estudante da EJA (Eixo V). Casada, sempre morou na localidade com o esposo e os filhos. Desempenha as atividades de serviços gerais e merendeira na escola Tancredo em Almenara. Filha de pais agricultores e também da localidade. Gosta de assistir TV e prefere acompanhar os noticiários e as novelas. Gosta de ler as revistas da escola. A entrevista com essa informante aconteceu em dois momentos: a parte dos temas para discurso foi realizada em sua residência, mas chegaram visitas, e a parte do QFF foi realizada no dia seguinte, em uma sala reservada na escola em que trabalha. No início da entrevista estava tímida, mas teve uma postura bastante cooperativa durante a entrevista.

Informante 24: (SLS56), mulher, 56 anos, estudou até a 6ª série (atual 7º ano do ensino fundamental), abandonou os estudos para trabalhar. Viúva, mora com os filhos em residência própria. Desempenha a atividade de serviços gerais em uma escola. Nas horas de folga cuida de uma idosa. Filha de pai lavrador e mãe do lar que sempre viveram na localidade. Diz que gosta de ver o noticiário na TV, gosta de ouvir rádio e, quando sobra tempo, que gosta de assistir a novelas à noite. Demonstrou grande espontaneidade durante a entrevista, teve uma postura cooperativa durante o inquérito.

5.4.4 Os informantes em Itaobim

Informante 25: (ESC27), homem, 27 anos, estudou até a 2ª série (atual 3º ano do ensino fundamental). Começou a trabalhar muito cedo e abandonou os estudos em função da dedicação ao trabalho. Trabalha como instalador de forro PVC. Solteiro, mora com a irmã. Gosta de TV e tem preferência pelos programas de auditório. Gosta de rádio e ouve música enquanto trabalha. Filho de pais da localidade que eram lavradores de Itaobim. No início estava tímido, mas teve uma postura cooperativa durante o inquérito.

Informante 26: (GAS30), homem, 30 anos, estudou até a 7ª série (atual 8º ano do ensino fundamental). Casado, mora com a mulher e a filha em residência própria. Começou a

trabalhar muito cedo numa padaria e abandonou os estudos. Pela exposição longa à temperatura do forno, contraiu um problema nos ossos, por isso é aposentado por invalidez. Atualmente exerce a função de serviços gerais. Gosta de assistir TV, preferencialmente noticiário. Perdeu os pais muito cedo e foi criado pelos avós que também são filhos da localidade. Mostrou-se bastante ativo durante a entrevista e demonstrou grande espontaneidade da elocução.

Informante 27: (WRS27), mulher, 27 anos, estudou até a 6ª série (atual 7º ano do ensino fundamental). Solteira, tem uma filha e mora com os pais. Exerce a função de empregada doméstica e sempre morou na localidade. Gosta de televisão e tem preferência pelos programas de auditório. Filha de pais também da localidade, nunca saiu da cidade. Mostrou-se muito tímida e indiferente durante o inquérito.

Informante 28: (AGL19), mulher, 19 anos, estudou até a 3ª série (atual 4º ano do ensino fundamental). Solteira, mora com os patrões. Exerce a função de empregada doméstica. Gosta de TV, preferencialmente novelas e programas de auditório. Ouve rádio todos os dias. Trabalha ouvindo música. Filha de pais lavradores e que nunca saíram da localidade. Mostrou-se tímida durante a entrevista, entretanto manteve uma postura cooperativa.

Informante 29: (AGN57), homem, 57 anos, estudou até a 8ª série (atual 9º ano do ensino fundamental). Casado, mora em residência própria com a mulher e os filhos. Começou a trabalhar muito cedo. Exerce a função de motorista da Prefeitura. Em função do seu trabalho, viaja algumas vezes por períodos curtos para cidades vizinhas. Gosta de noticiários na televisão e sempre que possível os assiste. Filho de pais já falecidos, que moravam na localidade. Mostrou-se bastante tímido, mas colaborou com a realização inquérito.

Informante 30: (MMA52), homem, 52 anos, estudante da EJA (Eixo V). Divorciado, tem um filho e mora sozinho no bairro de Santo Antônio. Começou a estudar depois de adulto para incentivar o filho a estudar também. O que não adiantou, pois o filho acabou desistindo e o pai continua estudando. Exerce a profissão de guarda-noturno em uma empresa de ônibus. Gosta de TV, preferencialmente assiste aos noticiários. Sempre que tem oportunidade gosta de ler o jornal da cidade. Filho de pais lavradores e que sempre moraram na localidade. Mostrou grande espontaneidade na elocução e manteve uma postura cooperativa durante a entrevista.

Informante 31: (NGB58), mulher, 58 anos, estudou até a 4ª série (atual 5º ano do ensino fundamental). Viúva, mora em casa própria com os dois filhos. Exerce a profissão de servente escolar em uma escola pública de ensino fundamental da cidade. Demonstrou grande carinho pelos alunos, a quem os chama de “meus meninos”. Quando está em casa gosta de ver TV para se distrair. Viaja muito pouco. Às vezes vai a Belo Horizonte por motivo de saúde. Filha de pais lavradores e que sempre moraram na localidade. Respondeu as perguntas com desenvoltura e desinibição.

Informante 32: (LSP55), mulher, 55 anos, estudou até a 5ª série (atual 6º ano do ensino fundamental). Viúva, mora em casa própria. Possui quatro filhos, sendo que dois moram com ela e os outros dois moram fora a cidade. Exerce a profissão de costureira de onde obtém a renda para manter a família. É integrada socialmente. Viaja pouco. Gosta muito de TV, principalmente de noticiários para manter-se atualizada. Filha de pais lavradores e que sempre moraram na localidade. Demonstrou espontaneidade na elocução e colaborou bastante com a entrevista.

5.5 A CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS*

5.5.1 A realização dos inquéritos

A seguir são apresentadas, de forma sucinta, informações sobre como sobre a pesquisadora procedeu para realização dos inquéritos, em cada localidade.

Em Bom Jesus da Lapa, para o contato com o informante, contou-se com o apoio de uma professora da comunidade. A maioria dos informantes preferiu gravar suas entrevistas numa sala reservada, cedida pela escola, pois acreditavam que ali havia mais silêncio e eles não seriam interrompidos; alguns foram realizados no refeitório do hotel; e outros na própria residência do informante. Nessa localidade, optou-se por entrevistar estudantes da EJA na faixa I (18 a 30 anos) porque, nessa faixa etária, todos os informantes contatados tinham concluído o 9º ano do ensino fundamental regular. Além disso, o fato de Bom Jesus da Lapa ser uma cidade de forte tradição religiosa, com romaria secular ao Bom Jesus, atraiu muitos comerciantes oriundos de outras áreas, o que dificultou encontrar um informante com o perfil exigido pela pesquisa.

Em Macaúbas, o contato com os informantes também foi facilitado por uma professora. Novamente, houve a necessidade de considerar alunos oriundos da EJA. Obteve-

se também, na localidade de Macaúbas, a contribuição inestimável do professor Ático Vilas-Boas da Mota que recebeu a pesquisadora em sua biblioteca, fornecendo-lhe valiosas informações sobre o histórico da cidade, seus encantos e beleza, além de sugerir informantes para realização da entrevista. Os inquéritos foram realizados, em sua maioria, em locais distintos da residência do informante, devido aos ruídos e à qualidade de gravação que o trabalho exige. Foram utilizados como ambiente de inquérito uma sala reservada do Colégio Durval Soares Sales, o auditório Cultural e o refeitório da pousada.

Em Almenara, o primeiro contato com o informante foi intermediado pelo estudante do curso de Letras da Universidade de Montes Claros (UNIMONTES), James Jesuino de Souza. Alguns inquéritos foram realizados nos finais de semana, devido à dificuldade de os informantes encontrarem um horário de folga para a entrevista no decorrer da semana, em função de trabalho.

Em Itaobim, o contato com os informantes foi facilitado por uma professora da localidade. Foi utilizada, como ambiente de inquérito, uma sala na Secretaria de Obras da prefeitura da cidade e o refeitório do Hotel Benfica.

5.5.2 A transcrição dos inquéritos

Como previsto na Geossociolinguística, após a audição das entrevistas, procedeu-se à transcrição dos contextos que apresentavam as vogais [ɪ] e [ʊ] finais. A transcrição dos dados⁴⁰ coletados foi de natureza impressionística, baseando-se na percepção auditiva, e tomou como base as técnicas de transcrição utilizadas pelo Projeto ALiB. Dos questionários das duas localidades, foram transcritos apenas os trechos da fala dos informantes, excluindo a fala do entrevistador. A fala do informante foi transcrita grafematicamente e, para se ter um registro mais fiel do fenômeno, as palavras com presença ou ausência das vogais átonas finais [ɪ] e [ʊ] foram transcritas foneticamente. Para a transcrição fonética dos dados de fala foi utilizada a fonte do alfabeto internacional *SILDoulos IPA*. Veja-se o exemplo abaixo:

⁴⁰ Para fazer a transcrição dos dados de Almenara e de Itaobim, foram contratados os serviços da ex-bolsista do ALiB, Mara Raaby Cruz; e para os dados de Bom Jesus da Lapa e de Macaúbas, a ex-bolsista também do ALiB, Cláudia Santos de Jesus. Esse procedimento foi adotado para que a transcrição dos dados não fosse influenciada pela familiaridade da pesquisadora com o fenômeno em estudo na comunidade, que ficou a cargo da revisão das transcrições.

(03) “– Não, hoje [ˈoʒ] mesmo [ˈmezm], precisei panhá gado [ˈgad] no asfalto [asˈfawt], que tava no asfalto [asˈfawt]. Até hoje [ˈoʒ] não deu jeito ainda” (Almenara, inf. masc., f. 2).

Os casos de hesitação foram indicados com reticências. Exemplo:

(04) “Eu assisto [aˈsist] ... o da globo [ˈglob] é...(...)” (Almenara, inf. masc., f. 2).

As citações, quando ocorreram, foram transcritas entre aspas (“ ”) com a mesma fonte utilizada para a transcrição. Exemplo:

(05) “Não, eu tô fazeno [faˈzẽn] no que é meu.” (Almenara, inf. masc., f. 2).

Na transcrição dos temas para discurso semidirigido, foram consideradas as repetições em contextos iguais, até três vezes seguidas da mesma palavra. Vale ressaltar que esses casos não foram frequentes. Aconteceram poucas vezes e em momentos de muita espontaneidade do informante para reforçar o seu sentimento em relação à situação narrada, como se pode observar no exemplo 06 (Trecho da questão 01 do discurso semidirigido):

(06) “Quando ela puxô pra trás o cachorro [kaˈʃoxu] pelo rabo [ˈxabu], o cachorro [kaˈʃox] voltô a querê me mordê de novo [ˈnov]. (...) Ela voltô a pulá em cima do cachorro [kaˈʃoxu] pra não deixá o cachorro [kaˈʃoxu] me mordê. Uma cachorra tirô um cachorro [kaˈʃox] que só faltô me matá” (Almenara, inf. masc., f. 1).

Com vistas a um maior controle dos dados, as palavras de conexão foram desconsideradas neste estudo.

(07) “eu trabalho como [ˈkõm] diretor de divisão de obra” (Itaobim, inf. masc., f. 2)

(08) “só que você não deve esperá tudo pelo [ˈpelu] marido” (Itaobim, inf. fem., f. 2)

(09) “mas quando [ˈkwẽd] casava (...)” (Itaobim, inf. fem., f. 2)

Não foram consideradas neste estudo as palavras cujas sílabas finais são formadas pelas consoantes obstruintes + tepe (pr, tr, gr, fr, br, dr). Nesses casos, em geral ocorrem não

apenas o apagamento da vogal, mas também o apagamento do tepe, como se pode ver nos exemplos:

- (10) “Eles têm quatro [ˈkwat] filho, né?” (Itaobim, inf. masc., f. 1)
- (11) “trabalhá na casa dos oto [ˈot]” (Almenara, inf. fem., f. 1)
- (12) “Meu *sogro* [ˈsog]” (Itaobim, inf. masc., f. 2)
- (13) “Sofre [ˈsof], que é muito cobrada, né?” (Itaobim, inf. fem., f. 2)
- (14) “eu sempre [ˈsẽp] lembro [ˈlẽbru]...” (Almenara, inf. masc., f. 2)

5.5.3 O levantamento dos dados

Considerando como variável dependente o binômio ausência-presença da vogal átona final, foram retirados das entrevistas alguns casos que poderiam afetar de alguma forma as conclusões, pois fugiam do perfil traçado para a conduta da investigação, a saber:

a) o apagamento em contextos em que há ressilabação, como elisão e degeminação, como mostram os exemplos 15 a 20:

- (15) Ele era *muito apegado* [ˈmũjtapeˈgadʊ] (Almenara, inf. fem., f. 1) (Elisão)
- (16) Pra mim foi muito *forte assim* [ˌfõftaˈsĩ] (Almenara, inf. masc., f. 1) (Elisão)
- (17) Isso marcô *muito a minha* [ˈmũjtaˈmĩa] vida (Itaobim, inf. fem., f. 2) (Elisão)
- (18) Ele estava [ˌelisˈtava] com câncer no olho (Almenara, inf. fem., f. 2)
(Degeminação)
- (19) Fica atualizado [ˌfikatualiˈzad] com tudo (Almenara, inf. fem., f. 2)
(Degeminação)
- (20) *Hoje eu* [oˈzew] preciso fazê uma cirurgia (Itaobim, inf. masc., f. 1)
(Degeminação)

b) as palavras proparoxítonas, emitidas como paroxítonas, como se pode observar no exemplo (21):

(21) O gerente vem com *mecânico* [mɛ'kẽtʃ] (Itaobim, inf. masc., f. 2)

c) os casos de haplogogia⁴¹ como ilustram os exemplos (22) e (23):

(22) A gente tentava [a'ʒẽtẽ'tavə] puxá alguma coisa com ela (Itaobim, inf. fem., f. 1)

(23) Quando dava [k'wẽ'davə] cinco horas da manhã (Itaobim, inf. masc., f. 1)

d) as palavras terminadas em ditongo (inclusive quando o ditongo resulta da iotização do [ʌ]):

(24) Já doou tanta coisa pra Almenara: bairro, delegacia, *colégio* [kɔ'lɛʒ] (Almenara, inf. masc., f. 2)

(25) Hoje eu vô fazê a oitava *série* ['sɛɾi], né? (Itaobim, inf. masc., f. 2)

e) as palavras que sofrem o processo de iotização do [ʌ]:

(26) [...] do trabalho [tra'baj] dela (Itaobim, inf. fem., f. 2)

(27) O meu mais velho [vɛj] trabaia de mototaxi (Itaobim, inf. fem., f. 2)

5.6 AS VARIÁVEIS

Tal como foi investigado na dissertação (ROLO, 2010), a variável analisada é a presença ou ausência das vogais átonas finais [ɪ] e [ʊ], em situações reais de fala. Tendo em vista que a pesquisa quantitativa permite medir, com certa confiabilidade, a influência que outros fatores exercem sobre o fenômeno estudado, considerou-se, neste trabalho, a atuação de fatores linguísticos e extralinguísticos que pudessem favorecer ou restringir a variação.

5.6.1 A variável dependente

Nas comunidades em estudo, as vogais átonas finais alternam-se na realização da fala, configurando-se como um fenômeno variável. Sendo assim, os dados de língua falada reunidos neste estudo permitem a descrição de um fenômeno linguístico que tem como

⁴¹ Definida por Crystal (2008, p. 137) como “um termo usado para indicar a omissão de alguns dos sons que ocorrem em uma sequência de articulações semelhantes”.

variável dependente o grupo binário: presença *vs.* ausência das vogais átonas finais [ɪ] e [ʊ], conforme os exemplos abaixo:

(28) [ɪ] – Hoje [ˈoʒɪ] tá no meio da turma (Itaobim, inf. masc., f. 2)

(29) [∅] – Eu continuei até hoje [ˈoʒ] (Itaobim, inf. masc., f. 2)

(30) [ʊ] – Eu gosto [ˈgɔstʊ] de fazê e vendê (Almenara, inf. fem., f. 2)

(31) [∅] – Eu gosto [ˈgɔst] mais das novelas (Itaobim, inf. fem., f. 1)

Em síntese as variantes podem ser assim apresentadas:

Quadro 21 – A variável dependente

Variável	Variantes
Presença/ausência	[ɪ] ~ [∅]
	[ʊ] ~ [∅]

Tendo em vista que os contextos condicionadores mostraram-se diferentes para cada caso, os dados relacionados ao [ɪ] e ao [ʊ] são analisados isoladamente, em arquivos diferentes.

5.6.2 As variáveis independentes

Para explicar a variação e detectar os fatores atuantes no uso das variantes possíveis para a variável em questão, foram constituídos grupos de variáveis independentes, ligadas ao sistema linguístico em que o falante opera a escolha entre duas ou mais formas para expressar a mesma informação, e grupos de variáveis sociais associados às características dos falantes tais como sexo, idade, escolaridade, além das variáveis discursivas e geolinguísticas.

5.6.2.1 Variáveis linguísticas

Foram selecionados para a análise seis grupos de fatores linguísticos tanto para a vogal [ɪ] quanto para a vogal [ʊ], a saber: a consoante pré-vocálica, agrupada segundo o modo e a

zona de articulação, a vogal ou semivogal da sílaba antecedente, a dimensão do vocábulo, a classe morfológica da palavra e o contexto fonético seguinte que serão detalhados, a seguir:

GRUPO 1: Consoante pré-vocálica quanto ao modo de articulação

Sabe-se que o modo de articulação das consoantes tem a ver com o tipo de obstrução produzido durante a passagem da corrente de ar na produção de um segmento. Sendo assim, busca-se com este fator verificar que grupos de consoantes pré-vocálicas quanto à maneira de articulação são mais relevantes na aplicação da regra.

A variável consoante pré-vocálica quanto ao modo de articulação ficou assim composta:

- Oclusivas [p], [b], [t], [d], [k], [g]
 - (32) Sapo ['sap] (Itaobim, inf. masc., f. 1)
 - (33) Rabo ['xab]? (Itaobim, inf. masc., f. 1)
 - (34) Eu faço artesanato [ahteza'nat] (Almenara, inf. fem., f. 2)
 - (35) Eu ajudo [a'ʒud] na limpeza (Almenara, inf. masc., f. 2)
 - (36) É no parque ['pahk] de exposição (Itaobim, inf. fem., f. 1)
 - (37) Era meu amigo [ẽ'mig] de infância (Almenara, inf. masc., f. 2)

- Africadas palatais e oclusivas palatalizadas [tʃ], [dʒ], [tʃ], [dʃ]
 - (38) Ele tinha problema de diabete [dʃia'betʃi] (Itaobim, inf. fem., f. 2)
 - (39) E chegamo lá na cidade [si'dadʃi] (Almenara, inf. masc., f. 2)
 - (40) Morreu lá no hospital em Belo Horizonte [belõri'zõtʃ] (Itaobim, inf. masc., f. 2)
 - (41) Nenhum deles fez faculdade [faku'dadʒ] (Itaobim, inf. fem., f. 2)

- Fricativas [f], [v], [s], [z], [ʃ], [ʒ], [x], [h]
 - (42) Gauf ['gauf] (Almenara, inf. fem., f. 2)
 - (43) O povo ['pov] fala assim (Almenara, inf. fem., f. 2)
 - (44) um pedaço [pe'das] de sua unha” (Itaobim, inf. masc., f. 2)
 - (45) É perigoso [peri'goz] (Itaobim, inf. fem., f. 2)
 - (46) Eu acho [aʃ] bonito (Itaobim, inf. masc., f. 2)

(47) Depois que construiu a barrage [ba'xaʒ]. (Itaobim, inf. masc., f. 2)

(48) Morro ['moh] do Alemão (Itaobim, inf. fem., f. 1)

- Nasais [m], [n]

(49) eu arrumo [a'hũm] vasilha pra lavá (Itaobim, inf. masc., f. 1)

(50) Começa brincano [brĩ'kẽn] termina brigano [brĩ'gẽn] (Itaobim, inf. fem., f. 2)

- Tepe [r]

(51) Meu pai era fazendeiro [fazẽ'der] (Almenara, inf. masc., f. 2)

- Laterais [l], [ʎ]

(52) Ele é montador de cavalo [ka'val] (Itaobim, inf. fem., f. 1)

(53) O aparelho [apa'reʎ] custa catorze mil reais (Itaobim, inf. masc., f. 1)

GRUPO 2: Consoante pré-vocálica quanto à zona de articulação

Sabe-se que a zona de articulação é o lugar no trato vocal que é definido a partir da posição do articulador ativo em relação ao articulador passivo. Desta forma, optou-se por controlar esse grupo com o intuito de averiguar quais consoantes favorecem o apagamento quanto ao ponto de articulação.

A variável consoante pré-vocálica quanto à zona de articulação ficou assim composta:

- Bilabiais [p], [b], [m]
- Labiodentais [f], [v]
- Dentoalveolares [t], [d], [s], [z], [n], [l], [r]
- Alveopalatais [tʃ], [dʒ], [tʃ], [dʒ] [ʃ], [ʒ], [ʎ]
- Velares [k], [g], [x]

Tendo em vista que o exemplo ilustra o fenômeno e que as consoantes encontram-se devidamente exemplificadas na descrição do grupo 1, optou-se por não exemplificá-las novamente neste grupo.

GRUPO 3: Vogal ou semivogal da sílaba antecedente

Mesmo não tendo sido relevante na análise das localidades de Beco e de Seabra (ROLO, 2010), optou-se por controlar essa variável para averiguar se a realização das variantes é favorecida pelo ambiente vocálico que precede a sílaba átona final, agrupando-a, segundo a sua classificação articulatória: posteriores [ʊ], central [a] e anteriores [ɪ], separando em grupos distintos as orais e as nasais ou nasalizadas.

- Vogais posteriores orais: [ʊ], [o], [ɔ]

(54) [ʊ]: Fizero de tudo [ˈtʊd] pra salvá (Itaobim, inf. masc., f. 1)

(55) [o]: Ela morreu depois de meu esposo [esˈpoz] (Itaobim, inf. fem., f. 2)

(56) [ɔ]: Adoro [aˈdɔr] jornal (Almenara, inf. fem., f. 2)

- Vogais posteriores nasais: [õ], [ũ]

(57) [õ]: Foi parar longe [ˈlõʒ] (Almenara, inf. fem., f. 2)

(58) [ũ]: Eu arrumo [aˈhũm] a cozinha (Itaobim, inf. fem., f. 1)

- Vogais anteriores orais: [e], [ɛ], [ɪ]

(59) [e]: Ele [ˈel] não tá aqui (Almenara, inf. masc., f. 1)

(60) [ɛ]: Bebia direto [dˈiˈrɛt] (Itaobim, inf. fem., f. 2)

(61) [ɪ]: Era meu amigo[ɐˈmɪg] de infância (Almenara, inf. masc., f. 2)

- Vogais anteriores nasais ou nasalizadas: [ẽ], [ĩ]

(62) [ẽ]: E ela vende [ˈvẽd] revista (Itaobim, inf. fem., f. 2)

(63) [ĩ]: cinco [ˈsĩk] quilômetro (Almenara, inf. masc., f. 2)

- Vogal baixa, central [a], [ã]
- (64) Lavá eu lavo [ˈlav] (Itaobim, inf. masc., f. 1)
- (65) Tava com o coração grande [ˈgrãd] (Almenara, inf. fem., f. 2)

GRUPO 4: Dimensão do vocábulo em que ocorre a variável

Busca-se, com a seleção desse fator, verificar a influência do número de sílabas do vocábulo em que se encontra a variável na ocorrência do apagamento.

- Dissílabo
- (66) Fizero de tudo [ˈtud] pra salvá (Itaobim, inf. masc., f. 1)
- Trissílabo
- (67) Nisso eu acabo [aˈkab] também (Almenara, inf. masc., f. 2)
- Polissílabo
- (68) Foi envelhecendo [ĩvɛʎɛˈsɛn] (Almenara, inf. masc., f. 1)

Não foram considerados os monossílabos, porque não há ocorrência de apagamento neste grupo.

GRUPO 5: Classe morfológica

A inserção desse grupo refere-se à classe morfológica dos vocábulos em que se encontra a variável estudada e obedece aos parâmetros da gramática tradicional, tendo por base Cunha e Cintra (2013 [1984]). Optou-se por controlar pronomes substantivos, como em “Aí descobriu tudo [ˈtud]”. (Almenara, inf. masc., f. 2), e pronomes adjetivos, como em “esse [ˈes] tempo que ela tava aqui” (Itaobim, inf. fem., f. 2).

Incluem-se também a forma *a gente*, como pronome de primeira pessoa do plural e codificada como pronome substantivo de acordo com a classificação tradicional, conforme mostram os exemplos (74 e 75):

- (74) “a gente [aˈʒɛt] vai sabê como é que tá lá” (Itaobim, inf. masc., f. 2).
- (75) “a gente [aˈʒɛt] já era mulequim” (Itaobim, inf. masc., f. 1).

Além dos pronomes, consideram-se as seguintes classes:

- Substantivo

(69) O encarregado [ʔkaxɛ¹gad] passa pra mim (Itaobim, inf. masc., f. 2)

- Adjetivos

(70) Eu sou efetivo [efe¹tʔiv] na prefeitura (Itaobim, inf. masc., f. 2)

- Verbo

(71) Chego [ʔʃeg] lá, bronca na certa (Itaobim, inf. masc., f. 1)

- Numeral

(72) Eu tinha vinte cinco [ʔʃiku] vacas (Almenara, inf. masc., f. 2)

- Advérbio

(73) Eu incostava perto [ʔpeht] do portão (Almenara, inf. masc., f. 1)

GRUPO 6: Contexto fonético seguinte

Esse fator refere-se ao segmento fônico inicial do item seguinte ao vocábulo de que se destaca a vogal átona final. A inserção desse fator deu-se em função da necessidade de observar se o contexto seguinte poderia afetar a realização das variantes observadas. Foram considerados os seguintes contextos:

- Consoante

(76) era motivo [mo¹tʔiv] de preocupação (Itaobim, inf. fem., f. 2)

- Vogal (Conforme os casos destacados no item 4.6.1, só se consideram para esse estudo as vogais sem ressilabação)

(77) Aí o mercado [meh¹kad]... o trabalho acaba, né? (Almenara, inf. masc., f. 2).

- Ausência de segmento fônico

(78) “Não vai pro rio, que água não tem cabelo [ka¹beɫ].” (Itaobim, inf. masc., f. 1)

5.6.2.2 Variáveis sociais

Tendo em vista que os fatores sociais não funcionam da mesma maneira em todas as comunidades, consideraram-se as variáveis sociais, faixa etária e sexo, a fim de observar a sua atuação sobre o apagamento nas comunidades em análise.

GRUPO 7: Sexo do informante

Sabendo que mulheres e homens fazem uso da língua de modos diferentes, busca-se, com a seleção desse grupo, verificar até que ponto há diferenças entre homens e mulheres quanto ao uso do apagamento na comunidade em estudo.

- Masculino
- Feminino

GRUPO 8: Faixa etária do informante

A inclusão desse grupo procura verificar de que forma a idade influencia o processo de apagamento. Foram consideradas duas faixas etárias, a saber:

- Faixa etária I: de 18 a 30 anos
- Faixa etária II: de 50 a 65 anos

5.6.2.3 Variáveis discursivas

GRUPO 9: Tipo de questionário

Através do controle desse grupo, pode-se observar o tipo de questionário que mais impulsiona a ocorrência do apagamento. No QFF, deu-se uma atenção especial ao campo semântico em que ficavam as questões para que se centralizasse em assuntos do dia a dia do informante tais como: produtos cultivados na lavoura, animais de estimação, feiras livres, utensílios domésticos, doenças locais. Utilizou-se também o recurso das gravuras, sendo assim, cada questão possuía uma gravura que era apresentada ao informante no momento da entrevista, caso ele não soubesse a resposta esperada para a questão.

Com o propósito de conseguir elocuições mais espontâneas, foram utilizados quatro temas para documentação de um discurso semidirigido sobre assuntos do cotidiano, os quais versavam sobre acontecimentos marcantes na vida do informante, programas de televisão, a atividade ocupacional e um relato de um fato que tivesse acontecido com outra pessoa.

5.6.2.4 Variáveis geolinguísticas

GRUPO 10: Localidade

Tendo em vista a situação histórico-geográfica das localidades, optou-se por controlar esse grupo para observar as diferenças existentes entre as quatro localidades quanto ao uso do apagamento: Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim.

GRUPO 11: Informante

Sabe-se que cada falante alterna entre todas as escolhas, mas no padrão geral há uma regularidade das variantes entre os indivíduos do grupo. A inserção desta variável na análise tem por objetivo testar a hipótese quanto à influência individual do informante no processo de apagamento. A caracterização do informante encontra-se nas seção 5.4.

5.7 O SUPORTE QUANTITATIVO

Com o avanço da tecnologia, em especial, o computador, desenvolveu-se um pacote de programas denominados *Varbrul*, criado por Cedergren e Sankoff, no início da década de 70 (GUY E ZILLES, 2007). O seu aprimoramento nos anos posteriores permitiu aos linguistas envolvidos no estudo da variação o acesso a métodos de análise estatística mais precisos. O pacote estatístico torna-se, então, essencial em um estudo variacionista quantitativo, fornecendo os pesos relativos com que cada fator linguístico e extralinguístico está correlacionado ao uso da variante.

Esse modelo procura elucidar as possibilidades linguísticas e é usado para explicar também os padrões quantitativos de uso dessas possibilidades através de um modelo matemático. Guy e Zilles (2007) explicam que a realização desta análise possibilita o estudo da variação linguística, permitindo ao pesquisador apreender sua sistematicidade, seu encaixamento linguístico e social e sua eventual relação com a mudança linguística. Pode-se ver que o objetivo final de qualquer estudo quantitativo em pesquisa dialetal não é produzir número, mas identificar e explicar fenômenos linguísticos.

Em 2001, surge o *Goldvarb 2001* que é um programa computacional que faz análise estatística dos dados e gera os pesos relativos com que cada fator linguístico e extralinguístico

está correlacionado ao uso de uma variante. O *Goldvarb 2001* é um instrumental de análise estatística, igualmente multivariada e com resultados equivalentes aos do *Varbrul*.

O peso relativo indica o efeito de um fator sobre o uso da variante investigada. O valor varia entre zero e um (0-1). O valor zero indica que determinada variante nunca acontece quando o fator está presente; o valor um, pelo contrário, indica que a variante está sempre presente. O princípio geral da significância estatística é o de que os valores acima de 0,50 indicam uma ação favorecedora à realização da variante em foco; os valores inferiores, uma ação desfavorecedora; e os valores próximos a 0,50 apontariam para uma neutralidade do fator (GUY E ZILLES, 2007).

Além do peso relativo, é informado o nível de significância, que verifica as chances de a variável ter sido escolhida por mera flutuação estatística e não por uma diferença estatisticamente pertinente. Os valores mais próximos a zero (0,000) são considerados ideais, pois indicam uma certeza estatística de os valores gerados estarem adequados aos valores observados.

Sabe-se que a seleção de um modelo estatístico a ser utilizado dá-se em decorrência do objeto de estudo e das perguntas que se queira responder na pesquisa. Tendo em vista que a escolha entre duas alternativas discretas pode ser influenciada por características sociodemográficas ou pessoais do falante, fatores internos ou discursivos, neste trabalho pretendem-se investigar os fatores linguísticos, sociais, geolinguísticos e discursivos que favorecem ou restringem o apagamento das vogais átonas finais [ɪ] e [ʊ], nas comunidades de Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim. Para a análise serão feitas inferências e observações com base no *corpus* constituído para a pesquisa e verificados os valores quantitativos do modelo, as probabilidades e os pesos. Para a interpretação dos resultados deu-se prioridade aos resultados em peso relativo.

Reconhece-se a existência de outros modelos quantitativos, no entanto, levando em consideração que a seleção de um modelo estatístico dá-se, entre outros motivos, em decorrência do posicionamento teórico adotado, optou-se pelo auxílio do *Goldvarb 2001* para investigar os fatores linguísticos e extralinguísticos que favorecem ou restringem o apagamento das vogais átonas [ɪ] e [ʊ] em localidades da Bahia e de Minas Gerais selecionadas para esta pesquisa.

Pode-se observar que o programa *Goldvarb 2001* se configura como uma ferramenta poderosa para a análise da variação linguística. Sabe-se que todo método tem seu valor e sua aplicabilidade no estudo da variação, o que muda é o objetivo do estudo de cada pesquisador e

a sua inferência na análise dos resultados estatísticos. Quanto a isso, Naro e Scherre (2004), advertem:

Os resultados numéricos obtidos pelos programas só tem valor estatístico. O seu valor lingüístico é atribuído e interpretado pelo lingüista. A estatística é apenas um instrumento valioso que pode nos auxiliar a entender um pouco mais o comportamento dos fenômenos lingüísticos. (NARO; SCHERRE, 2004, p. 162)

Como se pode ver, a partir dos pesos relativos obtidos das rodadas, são feitas inferências, descreve-se a realidade observada e buscam-se justificativas ou explicações para o quadro encontrado. Como observam Guy e Zilles (2007, p. 104), a investigação não termina com a rodada, após a obtenção dos números calculados pelo programa, inicia-se a tarefa de “exclusiva responsabilidade” do pesquisador: “entender e explicar por que os fatos são como são”. A interpretação dos resultados constitui tarefa complexa porque depende não só dos resultados estatísticos, mas também das correntes teóricas que serviram de base para a concepção do trabalho.

5.8 CODIFICAÇÃO DOS DADOS

Concluídas as entrevistas e transcritos os inquéritos, procedeu-se à organização dos dados de maneira apropriada ao processo de codificação, atribuindo, então, códigos para a variável dependente e para as variáveis independentes, conforme exigido pelo programa estatístico.

Primeiramente, delimitou-se com precisão o fenômeno lingüístico a ser analisado, inventariando as variantes. Neste estudo, a variável dependente se constitui de duas variantes, logo, pode ser definida como variável binária e requer dois símbolos associados às suas possibilidades. Os símbolos + e - indicam presença *vs.* ausência das vogais altas finais [i] e [u] como se pode ver nos exemplos a seguir:

(79) [i] – perfume [peh'fũmi] (+) [Ø] – perfume [peh'fũm] (-)

(80) [u] – pedaço [pe'dasu] (+) [Ø] – pedaço [pe'das] (-)

Tendo em vista o pressuposto teórico de que a variação linguística não é aleatória, é fundamental identificar os grupos de fatores linguísticos, sociais, geolinguísticos e discursivos que favorecem ou desfavorecem o uso de uma ou de outra variante.

De posse dos arquivos de dados devidamente codificados, iniciam-se os procedimentos para o processo de análise estatística, tendo como ponto de partida a conferência e os ajustes do grupo de fatores.

5.9 CORPUS PARA A ANÁLISE ACÚSTICA

5.9.1 Aspectos teórico-metodológicos

O fenômeno do apagamento de vogais é, relativamente, pouco estudado na variação linguística do português do Brasil, mas existem trabalhos como, por exemplo, o de Bisol (1996), Ludwig-Gayer (2008), Oliveira A. J. (2006, 2012) que tratam do assunto. Em todos os casos, exceto Oliveira (2012), os autores focalizam o apagamento seguido de um segmento vocálico e atribuem o fenômeno aos processos de elisão ou degeminação. Nesta pesquisa, optou-se por restringir o objeto de análise ao processo de apagamento das vogais átonas [ɪ] e [ʊ] em sílabas CV em posição final de vocábulos paroxítonos, diante de consoante ou pausa, como em “Eu sô motorista, chego [ˈʃeg] cum carro e encosto [ˈɪnkɔst] lá”; “O gerente [ʒɛˈrẽt] vem com mecânico”.

Esta análise respaldou-se nos pressupostos teóricos de Nespor e Vogel (1986 apud BISOL, 2005) que trazem a noção de constituintes prosódicos com suas próprias regras e características e nas orientações de Bisol (2005) para segmentação dos constituintes prosódicos, especificamente os constituintes prosódicos frasais.

A frase fonológica insere-se na hierarquia prosódica composta por sete unidades (NESPOR E VOGEL, 2007): sílaba (σ) < pé (Σ) < palavra fonológica (ω) < grupo clítico (C) < frase fonológica (ϕ) < frase entonacional (I) < enunciado (U). Nessa hierarquia, a frase fonológica é delimitada através de noções sintáticas e congrega o grupo clítico propriamente dito e a palavra fonológica. Na unidade prosódica, exerce um papel particular a proeminência relativa com que o acento frasal está diretamente relacionado.

De acordo com as observações de Serra (2009) no português do Brasil, a frase fonológica tem sido considerado o domínio relevante para associação de tons ao contorno

entoacional. Sendo assim, nesta análise, considerou-se o domínio da frase fonológica (F) para examinar o apagamento das vogais átonas finais neste experimento.

Tendo em vista que a estrutura prosódica de algum modo condiciona a estrutura entoacional (SERRA, 2009), além de se manifestar através de fenômenos rítmicos, considerou-se também para esta análise a frase entoacional para verificar se o apagamento das vogais estaria associado à curva de Fo.

O estudo acústico, desenvolvido com o propósito de respaldar o apagamento, centra-se numa única localidade – Itaobim, Minas Gerais – com dois locutores, um do sexo masculino e outro feminino, ambos da faixa etária 2 (50 – 65 anos) e pouca escolaridade. A escolha de Itaobim foi determinada pelo fato de o falar desta localidade apresentar todos os traços de apagamento das vogais átonas finais [ɪ] e [ʊ], referenciados tanto nas pesquisas como também nos inquéritos linguísticos.

A opção por estudar o comportamento da curva melódica em relação ao apagamento com base em dados coletados de amostras de fala em Itaobim justifica-se pela constatação de que, nessa localidade, o processo de apagamento estaria associado ao ápice da curva melódica, coincidindo com uma escala de altura vocal ascendente. Além disso, a análise variacionista mostrou evidências de que, no falar de Itaobim, o apagamento estaria ocorrendo com pesos relativos mais elevados. Pode-se dizer que os falantes de Itaobim melhor caracterizariam o fenômeno em análise. Sendo assim, optou-se pelo estudo instrumental com dados de fala dessa localidade.

Esta análise pretende buscar evidências a respeito da ocorrência do apagamento em contextos de frases fonológicas a partir de análises espectrográficas dos enunciados. A hipótese a ser examinada, como já mencionada, tem como base o estudo de Furlan (1989) que apresenta a rapidez do ritmo de fala e a ênfase da tônica, caracterizadores do açoriano catarinense, como favorecedores da redução das vogais átonas finais. Desse modo, a hipótese a ser comprovada nesse estudo é a de que o apagamento das vogais átonas finais estaria associado ao ápice da curva entoacional com um certo alongamento da sílaba tônica anterior ao apagamento.

5.9.2 A amostra selecionada

Como *corpus* da pesquisa, foi utilizado um recorte de 3 minutos de gravação dos temas para discurso semidirigido de dois informantes, correspondentes aos inquéritos 17 e 18.

Tomou-se como base para este recorte, o discurso semidirigido por considerar que esse tipo de questionário haja mais espontaneidade na fala. Desprezaram-se os 20 minutos iniciais da entrevista a fim de garantir uma coleta mais natural possível da fala do informante. Além disso, acredita-se que nessa parte da entrevista o informante já esteja livre das tensões iniciais da entrevista, mais envolvido com o assunto e mais à vontade com o entrevistador, dispensando, assim, pouca atenção à fala.

Vale ressaltar que as gravações não foram feitas em estúdio acústico, decorreram de inquéritos realizados nas localidades para coleta dos dados.

Para análise dos dados, foram organizadas as seguintes etapas:

- Seleção do recorte de 3 minutos de dois inquéritos realizados para esta pesquisa.
- Recorte inicial de trechos contínuos de fala espontânea.
- Transcrição grafemática dos trechos de fala e fonética do fenômeno em análise.

- Delimitação de trechos de fala que compõem o *corpus* em constituintes prosódicos, considerando a frase entoacional (I) e a frase fonológica (ϕ). Os domínios que se encontram abaixo da frase fonológica, como o grupo clítico, pé e a sílaba não foram considerados.

- Seleção de 58 frases fonológicas, para analisar a relação entre a curva entoacional e o apagamento das vogais átonas finais [ɪ] e [ʊ] no experimento.

- Marcação do acento frasal.
- Análise da frequência fundamental (F_0).
- Análise da possível relação entre a altura da curva de F_0 e o apagamento.

- Submissão dos dados ao *software Praat 5.0*⁴² para verificação da presença versus ausência das vogais átonas finais [ɪ] e [ʊ] através dos espectrogramas. Ressalta-se que esse *software* também foi utilizado para investigar a interferência da curva entoacional na ocorrência do apagamento na localidade de Itaobim, a fim de observar se a presença ou a ausência do acento frasal estaria favorecendo ou não o apagamento.

No próximo capítulo, serão apresentados os resultados da análise dos dados sobre o apagamento das vogais átonas [ɪ] e [ʊ], que refletirão todo esse trabalho de coleta e permitirão uma análise que fluirá naturalmente dos dados coletados.

⁴² O programa de análise acústica PRAAT 5.0 foi desenvolvido por Boersma e Weenink e pode ser obtido gratuitamente através da página <www.praat.org>. Acesso em: 27 de abr. 2009. Salieta-se que, o acesso ao PRAAT 5.0 e o treinamento foram gentilmente possibilitados pela Profª Drª Vera Pacheco da Universidade do Sudoeste da Bahia (UESB), a quem devemos agradecimentos especiais.

6 ANÁLISE GEOSOCIOLINGUÍSTICA DOS DADOS

A análise aqui proposta pretende dar continuidade ao tema já desenvolvido na dissertação de Mestrado intitulada *Apócope das vogais átonas [i] e [u] em duas localidades do Centro Sul Baiano: Beco e Seabra* (ROLO, 2010), ampliando o campo investigativo do apagamento para quatro localidades, sendo duas mineiras, situadas no Vale do Jequitinhonha, – Almenara e Itaobim – e duas baianas, situadas no região central do Estado – Bom Jesus da Lapa e Macaúbas.

Sabe-se que o objetivo principal de uma análise variada não é produzir números, mas identificar e explicar fenômenos linguísticos. Sendo assim, cumpridas as tarefas preliminares a uma análise quantitativa, é chegada a hora de interpretar e explicar os dados da amostra coletada. Terminada a quantificação requerida pelo programa estatístico, apresenta-se, neste capítulo, a análise dos resultados obtidos para verificar a influência dos grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos, selecionados pelo programa *Goldvarb 2001*, na realização das variantes na fala das comunidades investigadas.

Em uma primeira tentativa de preparação dos dados para análise, fez-se uma rodada geral, em que foram testadas as vogais [ɪ] e [ʊ], conjuntamente, incluindo as quatro localidades, Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim, com o intuito de verificar o comportamento das variáveis quanto ao favorecimento da regra, obedecendo aos critérios traçados para esta análise. Adotou-se como aplicação da regra a ausência das vogais átonas finais [ɪ] e [ʊ], confrontando-a com os fatores linguísticos, sociais, discursivos e geolinguísticos.

Realizada essa primeira rodada, observou-se que foram eliminados os grupos das vogais finais e o sexo do informante, cujos respectivos valores apresentaram-se muito próximos. Feitos os ajustes, realizou-se uma nova rodada que teve como *input* 0,373 e foram selecionados, na ordem do programa: i. tipo de questionário; ii. diatopia; iii. contexto fonético seguinte; iv. consoante pré-vocálica quanto à zona de articulação; v. consoante pré-vocálica quanto ao modo de articulação; vi. faixa etária; e vii. vogais em contexto antecedente.

Nessa rodada, os fatores selecionados, em sua maioria, coincidiram com os estudos de Oliveira (2006, 2012). Além da eliminação do grupo das vogais átonas finais [ɪ] e [ʊ], chamou atenção, o grupo das consoantes pré-vocálicas quanto ao modo de articulação que se distinguem dos resultados encontrados por esse autor, cujo estudo revela as consoantes

laterais como favorecedoras do apagamento. Nessa rodada, as laterais não foram estatisticamente significativas, como se pode observar na Tabela 2.

Tabela 2 – Apagamento das vogais átonas finais [ɪ] e [ʊ], em função da consoante pré-vocálica quanto ao modo de articulação, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim

Modo de articulação	Apl./Total	%	P.R
Nasais	461/870	52%	0,55
Fricativas	643/1.949	32%	0,53
Oclusivas	1.218/2.763	44%	0,49
Africadas	144/362	39%	0,49
Laterais	245/664	36%	0,47
Tepe	68/293	23%	0,22
Total	2.779/6.901	40%	

Significância: 0,000 Input:0,373

Sendo assim, tendo em vista que outros estudos, como os de Oliveira (2006, 2012), já apontaram outros condicionamentos, inclusive o de laterais, justifica-se proceder a análise individualizada das vogais. Desse modo, a amostra da Bahia e de Minas Gerais, apresentada conjuntamente, exhibe os resultados obtidos (em peso relativo e/ou percentuais) para a vogal [ɪ] e para a vogal [ʊ] separadamente, conforme se observará, em rodadas posteriores.

Para a interpretação dos resultados, deu-se prioridade aos resultados em peso relativo, uma vez que, como observa Scherre (1996, p. 45), um modelo que trabalhe com pesos relativos ou probabilidades é mais adequado do que os que utilizam apenas percentagens, pois “ele quantifica a influência relativa de cada variável, atribuindo pesos devidos aos seus diversos fatores”.

Por fim, há uma seção na qual os resultados da análise das localidades da Bahia (Bom Jesus de Lapa e Macaúbas) e de Minas Gerais (Almenara e Itaobim) reunidos são comparados aos resultados de Beco, Seabra-BA, analisados por Rolo (2010). Esse confronto tem o propósito de observar o ambiente linguístico e extralinguístico em que ocorrem as variáveis, examinando semelhanças e diferenças em relação à aplicação da regra de apagamento para as vogais finais [ɪ] e [ʊ] nas localidades.

Quatro seções comporão este capítulo. Na primeira, será apresentada a distribuição das variantes. Na segunda, serão tratados apenas os fatores linguísticos e extralinguísticos que foram selecionados pelo programa *Goldvarb 2001* como estatisticamente relevantes para análise e interpretação dos dados obtidos para a vogal [u]. Na terceira seção, serão tratados os fatores linguísticos e extralinguísticos selecionados pelo programa estatístico para a vogal [i]. Na quarta seção, será apresentado o confronto dos resultados obtidos na análise do apagamento das vogais [i] e [u] em Minas Gerais e na Bahia com os resultados observados em Rolo (2010) na localidade rural de Beco, Seabra-BA.

6.1 DESCRIÇÃO E APRESENTAÇÃO GERAL DOS DADOS

A partir dos dados das vogais átonas finais, extraídos das 32 entrevistas realizadas nas localidades de Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim, foram submetidos à quantificação 6.901 dados, sendo 1.613 palavras que potencialmente possuem a vogal [i], correspondendo a 23% das ocorrências e 5.288 palavras que comportam a vogal [u], correspondendo a 77%, como se pode observar no cômputo geral dos dados na amostra:

Tabela 3 – Distribuição das ocorrências de [i] e [u] finais no *corpus*

Vogais átonas finais	nº de ocorrências	(%)
[i]	1.613	23%
[u]	5.288	77%
Total	6.901	100%

Tomando por base os resultados apresentados na Tabela 4 que permitem uma visualização geral da distribuição da variável no *corpus*, nas comunidades estudadas, pode-se observar que a atuação da regra de apagamento foi de 47% para a vogal [i] e 38% para [u].

Tabela 4 – Distribuição da presença/ausência de [i] e [u] finais no *corpus*

Variável dependente	Vogal [i]		Vogal [u]	
	Ocorrência/Total	%	Ocorrência/Total	%
Presença	855/1.613	53	3.265/5.288	62
Ausência	756/1.613	47	2.023/ 5.288	38
Total	1.613	100	5.288	100

Chama-se atenção, na Tabela 4, para distribuição das vogais [i] e [u] no *corpus*, pois apesar de a vogal [u] estar majoritariamente representada na amostra, é a vogal [i] que apresenta maior tendência ao apagamento, com 47% de apagamento no cômputo geral dos dados.

Na Bahia, as cidades selecionadas para análise estão localizadas em áreas contíguas. Bom Jesus da Lapa localiza-se na região centro-oeste, à margem do Rio São Francisco e Macaúbas, na Chapada Diamantina, região central do Estado. Em Minas Gerais, Almenara e Itaobim estão situadas no Vale do Jequitinhonha. A Tabela 4 demonstra a distribuição do apagamento nas localidades.

Tabela 5 – Distribuição do apagamento das vogais finais [i] e [u] por localidade na Bahia e em Minas Gerais

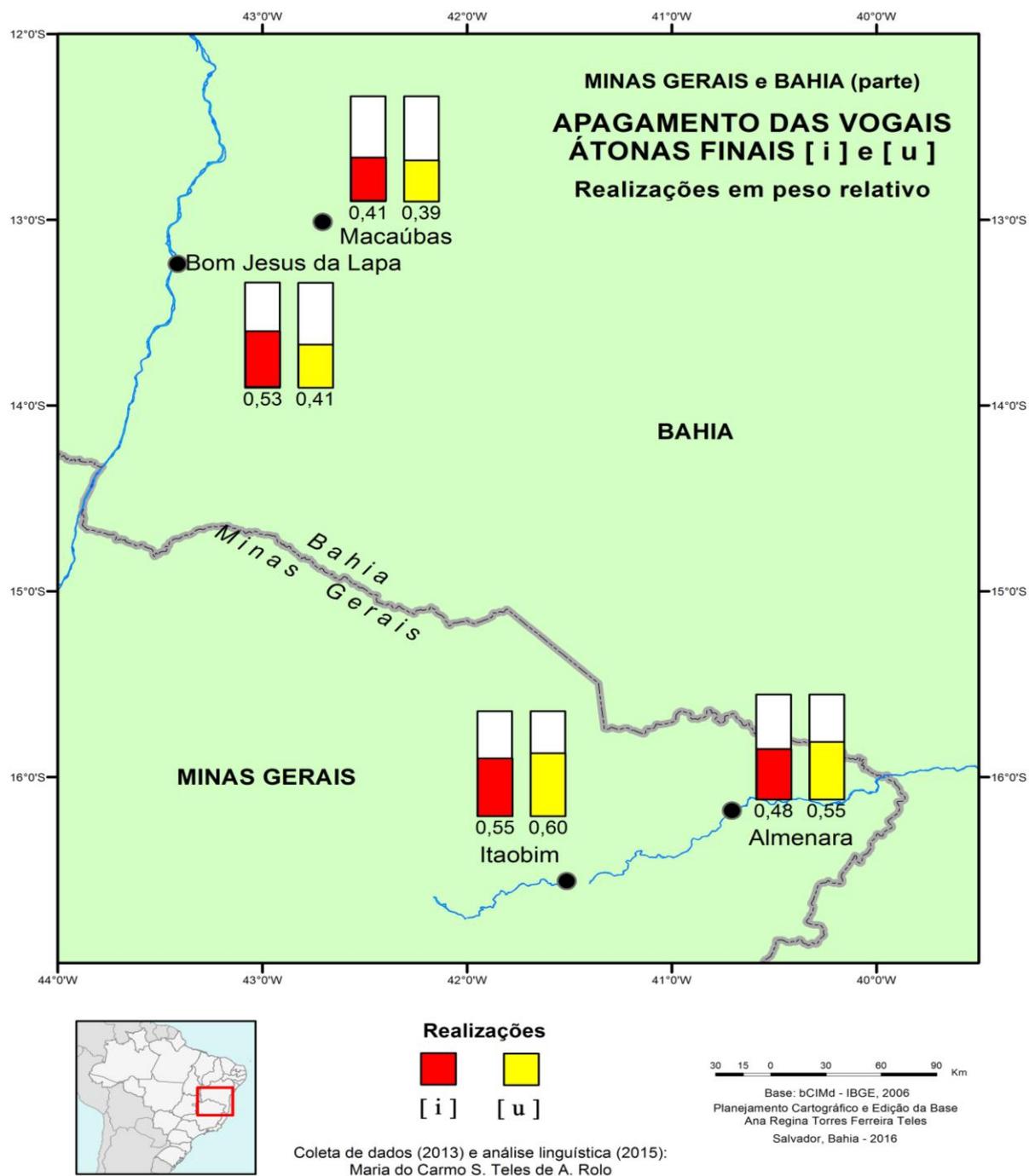
Variável dependente	BAHIA				MINAS GERAIS			
	Bom Jesus da Lapa		Macaúbas		Almenara		Itaobim	
	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%
Presença	983/1.489	66	1.108/1.624	68	1.061/1.874	57	970/1.914	51
Ausência	506/1.489	34	516/1.624	32	813/1.874	43	944/1.914	49
Total	1.489	100	1.624	100	1.874	100	1.914	100

Com base na Tabela 5, observa-se que os resultados se aproximam dentro de cada estado. Nota-se que a cidade de Bom Jesus da Lapa apresenta um índice de apenas 34% de apagamento e a cidade de Macaúbas apresenta um índice um pouco menor com 32% de frequência de uso. O apagamento verificado em Almenara (43%) se aproxima do índice de apagamento observado em Itaobim (49%), evidenciando que esse fenômeno não é a norma entre a maioria dos falantes das localidades.

Em Itaobim, os percentuais de uso do apagamento e de presença se aproximam, registrando-se 51% de presença e 49% de ausência do segmento fônico final. O apagamento verificado nas localidades mineiras, situadas às margens do Jequitinhonha, confirma a referência sobre a propensão de apagamento de vogais finais nessa área, observada por Corrêa (1998, p. 2) em seu estudo sobre os pronomes pessoais de 3ª pessoa “formas semelhantes (de apagamento) são igualmente observadas em outras regiões como o Vale do Jequitinhonha, Rio de Janeiro e dialetos da Ilha de Cabo Verde”.

A seguir, serão apresentados, conjuntamente, os resultados obtidos com a análise dos dados coletados nas localidades de Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim. Como já mencionado neste estudo, os dados de [i] e de [u] serão analisados separadamente, uma vez que, numa primeira rodada dos dados, observou-se que há contextos favorecedores diferentes para cada vogal. Prova disso é que as consoantes que favorecem o processo de apagamento da vogal [i] são diferentes das consoantes que favorecem o processo da vogal [u]. Os resultados para [i] e para [u], embora pouco distintivos, estão representados cartograficamente na Figura 19.

Figura 19 – Carta com a distribuição diatópica do apagamento das vogais átonas finais [i] e [u] em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim



Ao se examinarem os resultados apresentados na Figura 19, em que se permite uma visualização geral da distribuição da variável no *corpus*, pode-se observar que as duas vogais átonas finais apresentam valores muito próximos quanto ao uso do apagamento.

Vale ressaltar que, na descrição da análise das localidades, serão detalhados primeiro os resultados para a vogal [u] e os contextos favorecedores selecionados pelo programa. Em seguida, serão detalhados os resultados para a vogal [i] e seus respectivos contextos condicionadores.

Nesta análise, optou-se por uma ordem diferente da ordem de seleção feita pelo programa estatístico. A exposição das variáveis será distribuída em linguísticas e extralinguísticas informando-se, ao tratar de cada posição, a ordem de seleção feita pelo *Goldvarb 2001*. Acredita-se que essa forma de exposição beneficiará a constituição do texto que ficará mais organizado e coerente com o grupo de fatores.

6.1.1 Apagamento da vogal átona final [u] em localidades da Bahia e de Minas Gerais

Nas comunidades investigadas, como na maioria das áreas brasileiras, prevalece a pronúncia do [u] átono final em vez de [o]. Nesta análise, é o desaparecimento do som [u] final na realização da fala, tanto nas localidades baianas (Bom Jesus da Lapa e Macaúbas) quanto nas localidades mineiras (Almenara e Itaobim), que será a variante não-padrão tomada para análise.

Tendo em vista que o principal objeto de descrição dos variacionistas é a fala dos indivíduos como membros de uma comunidade linguística, pretende-se investigar, à luz da Sociolinguística Quantitativa, a presença ou ausência da vogal átona final [u] na fala das comunidades, bem como definir as condições que favorecem ou restringem a variação.

Neste esquema analítico, são considerados os dados coletados nas cidades de Bom Jesus da Lapa e Macaúbas (Bahia) e Almenara e Itaobim (Minas Gerais) em ocorrências cujo segmento fonético final é apagado tais como: *caroço* ~ [kə'ros], *sujo* ~ ['suʒ] e *mentiroso* ~ [mĩ'ti'roz].

Analisados os dados dos 32 inquéritos dos dois estados e das quatro localidades conjuntamente, depreenderam-se do *corpus* 5.288 palavras que potencialmente admitem a vogal [u] nas quatro localidades. Conforme se pode verificar na Tabela 6, dessas 5.288

ocorrências, 2.363 foram realizadas nas localidades da Bahia e 2.925 nas localidades de Minas Gerais.

Tabela 6 – Distribuição do apagamento da vogal átona final [u] por localidade na Bahia e em Minas Gerais

Variável dependente	BAHIA				MINAS GERAIS			
	Bom Jesus da Lapa		Macaúbas		Almenara		Itaobim	
	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%
Presença	810/1.129	72	881/1.234	71	812/1.435	57	762/1.490	51
Ausência	319/1.129	28	353/1.234	29	623/1.435	43	728/1.490	49
Total	1.129	100	1.234	100	1.435	100	1.490	100

Na Bahia, das 1.129 realizações coletadas em Bom Jesus da Lapa, 319 foram realizadas segundo a norma não-padrão da língua, correspondendo a um percentual de 28% de ausência da vogal final. Em Macaúbas, das 1.234 realizações coletadas, 353 foram de apagamento, correspondendo a um percentual de 29%. Observa-se que esse percentual não foi estatisticamente significativo no cômputo geral dos dados, sendo também muito próximo entre as duas cidades.

Em Minas Gerais, conforme se pode verificar na Tabela 6, das 2.925 ocorrências para a vogal [u], 1.431 foram realizadas na localidade de Almenara e 1.490 na localidade de Itaobim. Em Almenara, foram realizadas 623 ocorrências, segundo a norma não-padrão da língua, correspondendo a um percentual de 43% de ausência da vogal final. Em Itaobim, foram realizadas 728 ocorrências, correspondendo a um percentual de 49% de apagamento.

Os dados foram submetidos ao programa *Goldvarb 2001* para uma análise mais controlada das ocorrências.

Preliminarmente, foi realizada uma rodada para ter uma ideia geral dos efeitos de todos os fatores codificados para a vogal [u] nas localidades, obedecendo aos critérios traçados para este estudo. Tendo submetido os dados ao programa de análise estatística e obtidas as primeiras informações sobre as frequências brutas, verificou-se a necessidade de modificações e ajustes nos grupos. Resolvidos os problemas e buscando verificar os contextos

favorecedores do apagamento da vogal final [ʊ], foram selecionados pelo programa estatístico oito grupos de fatores, sendo cinco linguísticos, um discursivo, um social e um diatópico.

É oportuno ressaltar que, apesar de integrar os grupos de variáveis independentes escolhidos para esta análise, a classe morfológica, cujo propósito de inclusão era checar a possibilidade de determinadas classes de palavra conterem em certos contextos favoráveis ou desfavoráveis à aplicação da regra, não se revelou estatisticamente significativa nas análises. Observou-se que em todas as localidades as ocorrências estavam mais restritas ao contexto de consoante antecedente do que à própria classe. Feita uma análise específica dessas classes no *corpus*, constatou-se que, quando a classe dos advérbios era selecionada como maior favorecedora do apagamento na localidade, comprovava-se que as consoantes antecedentes favorecedoras, nessa mesma rodada, eram as oclusivas, com os advérbios *muito* ['mũjt], *perto* ['pɛht] e *cedo* ['sed] liderando os processos.

Chama-se atenção também para o caso das nasais que, quando favorecedoras, a classe dos verbos se destacava e palavras como *falano* [fa'lɛn], *brincano* [brĩ'kɛn] e *brigano* [brĩ'gɛn] eram mais propensas ao apagamento. Quanto às consoantes laterais, quando selecionadas, verificava-se que os pronomes *ele* ['el], *aquele* [a'kel] dentre outros, eram representativos. Observou-se que, nestes casos, notados em Rolo (2010) e comprovados neste estudo, a força da consoante em contexto antecedente à vogal final parece ser maior do que a força da classe morfológica no favorecimento do apagamento. Isto leva a crer que o favorecimento não está associado à classe, e sim, ao contexto consonântico que precede à vogal final. Por isso optou-se por retirar a classe morfológica das rodadas.

É importante lembrar que, antes da análise conjunta das localidades, foi realizada uma análise criteriosa envolvendo as localidades de cada estado com o intuito de observar a atuação das variáveis no favorecimento da regra. Os resultados obtidos revelaram que os grupos de fatores que condicionam a regra na Bahia eram muito próximos daqueles verificados para Minas Gerais, não se observando, portanto, comportamento significativamente distinto quanto ao favorecimento da aplicação da regra. As variáveis linguísticas que motivavam o apagamento das vogais [ɪ] e [ʊ] tanto em localidades baianas quanto mineiras seguiam as mesmas tendências na atuação da regra. Além disso, a rodada geral, reunindo as quatro localidades, confirma, em sua maioria, os resultados das rodadas realizadas por estado.

A exposição para a vogal [u], será direcionada a partir das seleções feitas pelo programa *Goldvarb 2001* na quantificação dos dados, obedecendo à ordem de cada grupo, observando o tipo de variável linguística e extralinguística.

A primeira rodada teve como *input* 0,340, o que é explicável, tendo em vista o fato de que, em regra, esse número deve ser igual ou muito próximo do percentual que corresponde ao número total de aplicação da regra que, neste caso, é de 38%. Os grupos de fatores selecionados na ordem do programa foram:

- i) tipo de questionário;
- ii) diatopia;
- iii) consoante pré-vocálica quanto ao modo de articulação;
- iv) dimensão do vocábulo;
- v) contexto fonético seguinte;
- vi) consoante pré-vocálica quanto à zona de articulação;
- vii) faixa etária;
- viii) vogal/semivogal da sílaba antecedente.

Salienta-se que a diatopia continuou sendo o segundo grupo na ordem seleção, quando cruzada com o sexo e com a faixa etária; alcançou o primeiro lugar, na ordem do *Goldvarb 2001*, quando cruzada com o tipo de questionário.

Nas próximas subseções, serão apresentados os pesos relativos de aplicação da regra que é a ausência da vogal átona final [u] em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim. Examinam-se, a partir dos cálculos das frequências e pesos relativos fornecidos pelo programa estatístico, os ambientes linguísticos e extralinguísticos que presidem a escolha dos informantes por uma das formas em variação.

6.1.1.1 Variáveis linguísticas selecionadas pelo Goldvarb 2001

Dentre os oito grupos de fatores selecionados com possível atuação no uso das variantes pelo *Goldvarb 2001*, cinco desses grupos de fatores são linguísticos e serão discutidos na seguinte ordem:

- i) a consoante pré-vocálica quanto ao modo de articulação;
- ii) a dimensão do vocábulo;
- iii) o contexto fonético seguinte;
- iv) a consoante pré-vocálica quanto à zona de articulação;

v) a vogal/semivogal da sílaba antecedente.

6.1.1.1.1 Consoante pré-vocálica quanto ao modo de articulação

As consoantes pré-vocálicas foram agrupadas quanto ao modo de articulação em seis fatores: oclusivas, africadas, fricativas, nasais, tepe e laterais. Este grupo foi selecionado em todas as rodadas. A consoante pré-vocálica foi o 3º grupo selecionado pelo programa.

Apresentam-se, a seguir, os resultados gerais da ausência da vogal final [u], com as frequências e os pesos relativos, em função da consoante pré-vocálica quanto ao modo de articulação em ordem decrescente de valores em pesos relativos obtidos:

Tabela 7 – Apagamento da vogal átona final [u], em função da consoante pré-vocálica quanto ao modo de articulação, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim

Modo de articulação	Apl./Total	%	P.R
Fricativas	478/1.369	34%	0,60
Nasais	430/739	58%	0,57
Oclusivas	941/2.407	39%	0,47
Laterais	106/482	21%	0,38
Tepe	68/291	23%	0,24
Total	2.023/5.288	38%	
Significância: 0,000		Input: 0,340	

O contexto de consoantes fricativas pré-vocálicas teve alta representatividade no favorecimento do apagamento nas comunidades em análise. Os resultados apresentados acima revelam as fricativas como as condicionadoras do processo de apagamento da vogal átona [u], com 0,60 de peso relativo. A aplicação da regra pode ser observada em realizações do tipo: “*Desejo* [de'zeʒ] de estudar”, “*Pescoço* [pes'kos]”, “Sou *efetivo* [efe'tiv] na prefeitura”, “*É mentiroso* [mĩ'ti'roz]”.

O favorecimento de fricativas na aplicação da regra ajusta-se às observações de Brissos (2012) em estudo que expõe elementos para o conhecimento da história linguística do Sueste da Beira, em Portugal. Em relação ao apagamento de [u], observada em inquéritos do ALEPG, o autor destaca:

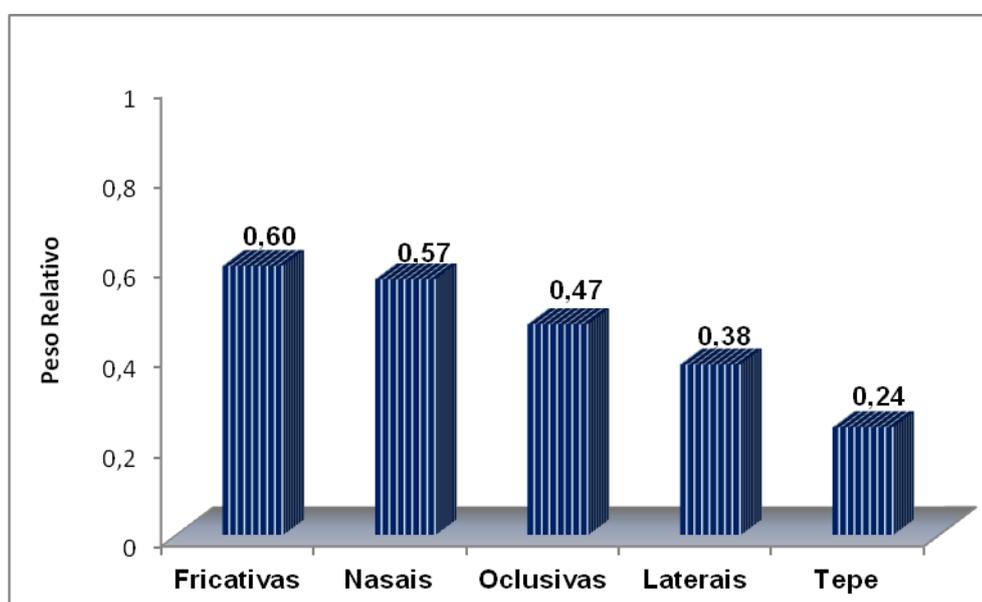
É de notar paralelamente que se tem de ser um pouco exigente com este fenômeno, pois como é sabido, realizações esporádicas de neutralização ou desaparecimento do [u] átono final também na Norma, que não tem verdadeiramente o traço, se verificam (sobretudo em contexto propício, como depois de fricativa, cujo forte caráter de continuidade potencia o fenômeno). É aliás muito conhecida dos falantes do português como língua segunda a marcada fraqueza intrínseca dessa vogal na língua. (BRISSOS, 2012, p. 69)

Outro grupo de consoantes favorecedoras do processo de apagamento nas localidades são as consoantes nasais, com 0,57 de peso relativo, que podem ser observadas em ocorrências tais como *chamano* [ʃẽ'mɐ̃n], *fulano* [fu'lã̃n], *menino* [mi'nĩ̃n], *hino* [ʔĩ̃n], *gritano* [gri'tẽ̃n]. Embora essa possibilidade não tenha sido testada, é importante notar que a frequência com que o apagamento ocorre no gerúndio pode levantar a hipótese de que esse tempo verbal estaria interferindo no apagamento das vogais.

As consoantes oclusivas (0,47) e laterais (0,38) desfavorecem a aplicação da regra. O tepe alcançou apenas 0,24 de peso relativo. Essas consoantes tiveram um peso relativo abaixo de 0,50, logo não serão comentadas detalhadamente nesta análise. Elas constituem dados importantes para comparações futuras, envolvendo o todo da pesquisa.

Os dados das consoantes pré-vocálicas favorecedoras do apagamento da vogal final [u], quanto ao modo de articulação, também podem ser visualizados no Gráfico 1.

Gráfico 1 – Apagamento da vogal átona final [u], em função da consoante pré-vocálica quanto ao modo de articulação, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim



Significância 0,000

6.1.1.1.2 Dimensão do vocábulo

Através da seleção desse fator, busca-se verificar a influência do número de sílabas do vocábulo em que se encontra a variável no favorecimento do apagamento. Analisaram-se, neste estudo, contextos de dissílabos, trissílabos e polissílabos com o propósito de observar se o número de sílabas tem alguma influência na aplicação da regra. A dimensão do vocábulo foi o 4º fator selecionado pelo *Goldvarb 2001*. A Tabela 8 mostra a distribuição do apagamento da vogal [u] de acordo com o número de sílabas.

Tabela 8 – Apagamento da vogal átona final [u], em função da dimensão do vocábulo, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim

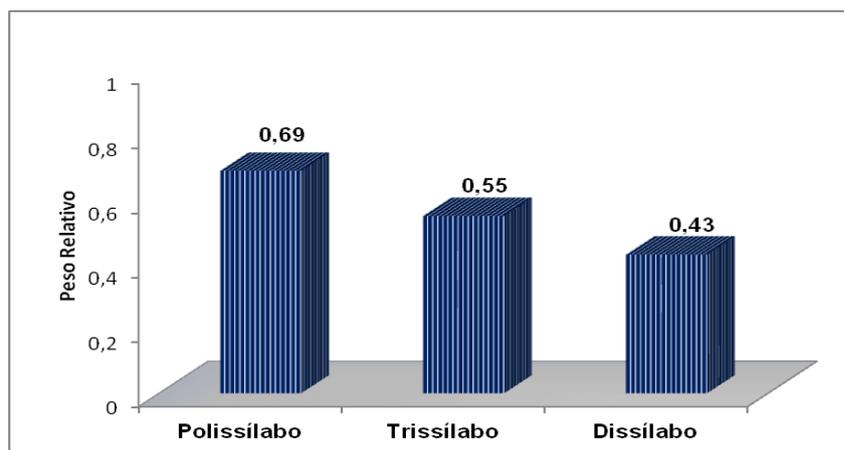
Dimensão do vocábulo	Apl./Total	%	P.R
Polissílabo	265/452	58%	0,69
Trissílabo	781/1.940	40%	0,55
Dissílabo	977/2.896	33%	0,43
Total	2.023/5.288	38%	

Significância: 0,000 Input:0,340

Os resultados mostram que o apagamento da vogal [u] é estatisticamente condicionado pelos vocábulos com maior número de sílabas. As palavras polissílabas, como *acontecimento* [akõtesi'mêt], *emprestado* [ĩpres'tad], *assassinado* [asasi'nad] têm maior probabilidade de terem a vogal final apagada. Com um peso relativo de 0,69, os polissílabos condicionam majoritariamente a aplicação da regra, seguidos dos trissílabos com 0,55. Os dissílabos desfavorecem o apagamento com 0,43. Percebe-se que, nesse grupo, vocábulos menos extensos têm mais probabilidade de terem a vogal final pronunciada.

O Gráfico 2 ilustra esse resultado.

Gráfico 2 – Apagamento da vogal átona final [u], em função da dimensão do vocábulo, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim



Significância: 0,000

6.1.1.1.3 Contexto fonético seguinte

Este grupo de fatores buscou verificar se a natureza do contexto seguinte à vogal poderia exercer alguma influência no processo de apagamento da vogal final [u]. Para este estudo, analisaram-se os contextos seguidos de consoante, pausa e vogal sem ressilabação. O contexto fonético seguinte foi o 5º grupo selecionado pelo programa estatístico. A rodada apresentou os seguintes resultados para o este grupo:

Tabela 9 – Apagamento da vogal átona final [u], em função do contexto fonético seguinte, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim

Contexto fonético seguinte	Apl./Total	%	P.R
Consoante	893/1.273	70%	0,61
Pausa	1.124/3.986	28%	0,46
Vogal sem ressilabação	6/29	20%	0,15
Total	2.023/5.288	38%	

Significância: 0,000

Input:0,340

Os resultados apresentados na Tabela 9 indicam que o apagamento da vogal átona final [u] é favorecido apenas quando o contexto é seguido de consoante, com 0,61 de peso relativo. Nesses contextos, há uma maior probabilidade de ocorrer casos de apagamento como

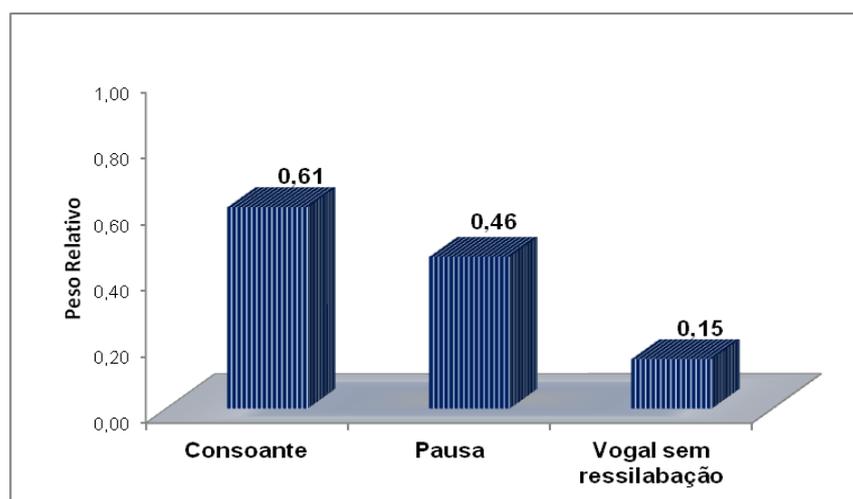
se pode observar no exemplo: “*Vivo* [ˈviv] do *emprego* [ˈpɾɛg] de prefeitura”, “Meu *menino* [miˈnĩn] caçula”.

Vale ressaltar que esses contextos são seguidos de consoantes diferentes entre si, o que os faz distinguir dos contextos de haplogogia. O contexto não seguido de segmento não apresenta efeito estatisticamente significativo. A vogal sem ressilabação desfavorece a aplicação da regra.

Os resultados apresentados para o contexto fonético seguinte remetem aos de Oliveira (2012, p. 227) que observa em seu estudo que o contexto seguinte seguido de consoante ou pausa tem uma tendência ao apagamento da vogal, desde que a vogal seja alta: “[...] dado um contexto seguinte consonantal ou pausa, há uma tendência ao apagamento da vogal, desde que a vogal seja alta”.

O Gráfico 3, a seguir, ilustra a influência do contexto seguinte na aplicação da regra.

Gráfico 3 – Apagamento da vogal átona final [u], em função do contexto fonético seguinte, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim



Significância: 0,000

6.1.1.1.4 Consoante pré-vocálica quanto à zona de articulação

Optou-se por controlar esse grupo de consoante, agrupando-o quanto à zona de articulação, com o intuito de observar se o ponto de articulação da consoante representa alguma influência na aplicação da regra.

As consoantes pré-vocálicas foram agrupadas quanto à zona de articulação em cinco fatores: bilabiais, labioentais, dentoalveolares, alveopalatais, velares. Este foi o 6º grupo selecionado pelo programa.

Apresentam-se, na Tabela 10, os resultados gerais da ausência da vogal final [u] em função da consoante pré-vocálica quanto à zona de articulação em ordem decrescente de valores em pesos relativos obtidos:

Tabela 10 – Apagamento da vogal átona final [u], em função da consoante pré-vocálica quanto à zona de articulação, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim

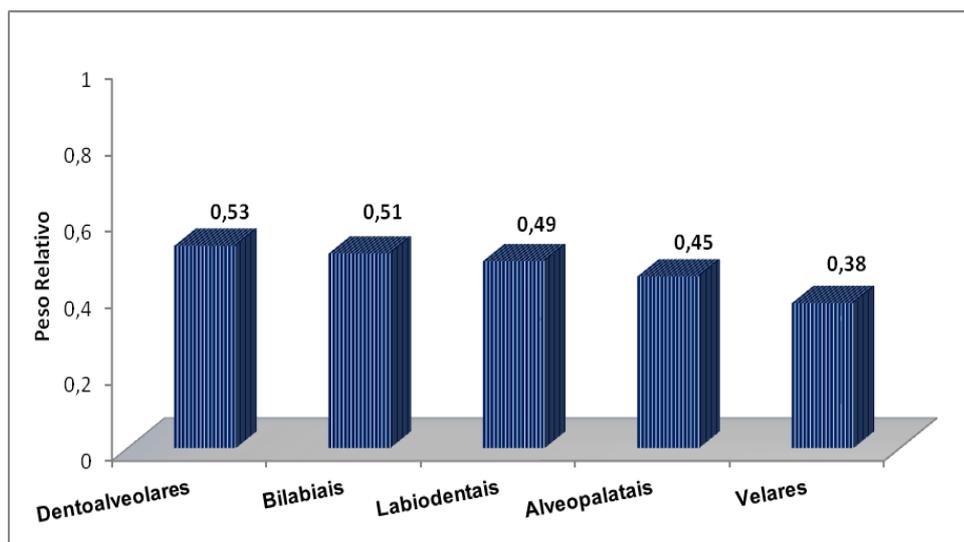
Zona de articulação	Apl./Total	%	P.R
Dento-alveolares	1.386/2.937	47%	0,53
Bilabiais	195/661	29%	0,51
Labiodentais	90/289	31%	0,49
Alveopalatais	152/587	25%	0,45
Velares	200/814	24%	0,38
Total	2.023/5.288	38%	

Significância: 0,000 Input:0,340

Os resultados apresentados na Tabela 10 fornecem indícios de favorecimento para as consoantes dentoalveolares, quanto à zona de articulação. Essas consoantes, embora próximas da neutralidade, favorecem a aplicação da regra com 0,53 de peso relativo. Palavras como *soldado* [sɔw¹dad], *goleiro* [go¹ler], *pedaço* [pe¹das], *fazeno* [fa¹zên], *mentiroso* [mẽt¹roz], *palhaço* [pa¹kas], *amarelo* [amar¹el] estão propensas ao apagamento.

Esses resultados podem ser melhor visualizados no Gráfico 4.

Gráfico 4 – Apagamento da vogal átona final [u], em função da consoante pré-vocálica quanto à zona de articulação, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim



Significância: 0,000

Embora o grupo de consoantes dentoalveolares apresente um valor próximo do ponto neutro é o único que revela alguma importância quanto à zona de articulação no favorecimento da regra de apagamento.

Tendo em vista o apagamento do segmento vocálico após a consoante, necessário se faz analisar com muito cuidado a situação dessa consoante na sílaba, uma vez que ela perdeu o seu elemento básico e caracterizador. Quanto a isso, Segura da Cruz (1987) fornece pistas para uma possível explicação. Em nota, a autora demonstra certa cautela quanto à situação da consoante que passa a figurar como último segmento.

A apócope das vogais $[-\text{ə}]$ e $[-\text{u}]$ põe problemas ao nível da divisão silábica que exigiria um estudo específico no sentido de determinar se a consoante, deixada em posição final, mantém um valor silábico ou, pelo contrário, é integrada na sílaba anterior. (SEGURA DA CRUZ, 1987, p. 93)

A verdade é que esse é um ponto que demandaria mais tempo para ser explicado. Somente uma análise mais avançada, utilizando os recursos da fonética experimental, poderia averiguar a situação da consoante da sílaba final e fornecer pistas no sentido de se aperfeiçoar o entendimento do fenômeno.

6.1.1.1.5 Vogal/semivogal da sílaba antecedente

Optou-se por controlar essa variável para averiguar se a realização das variantes é favorecida pelo ambiente vocálico que precede a sílaba átona final. Para analisar este fator, as vogais foram separadas em grupos distintos: orais e nasais; e agrupadas, segundo a sua classificação articulatória, em posteriores, central e anteriores. Nesta rodada, este foi o 8º grupo selecionado pelo *Goldvarb 2001*. A seguir serão apresentados os resultados gerais para a vogal [u] em função da vogal da sílaba antecedente:

Tabela 11 – Apagamento da vogal átona final [u], em função da vogal da sílaba antecedente, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim

Vogal da sílaba antecedente	Apl./Total	%	P.R
Vogal nasal central [ẽ]	270/429	62%	0,60
Vogais orais posteriores [u], [o] [ɔ]	434/1.158	37%	0,52
Vogais orais anteriores [i], [e], [ɛ]	532/1.486	35%	0,49
Vogal oral central [a]	457/1.375	33%	0,49
Vogais nasais anteriores [ĩ], [ẽ]	289/742	38%	0,44
Vogais nasais posteriores [ũ], [õ]	41/98	41%	0,36
Total	2.023/5.288	38%	

Significância: 0,000

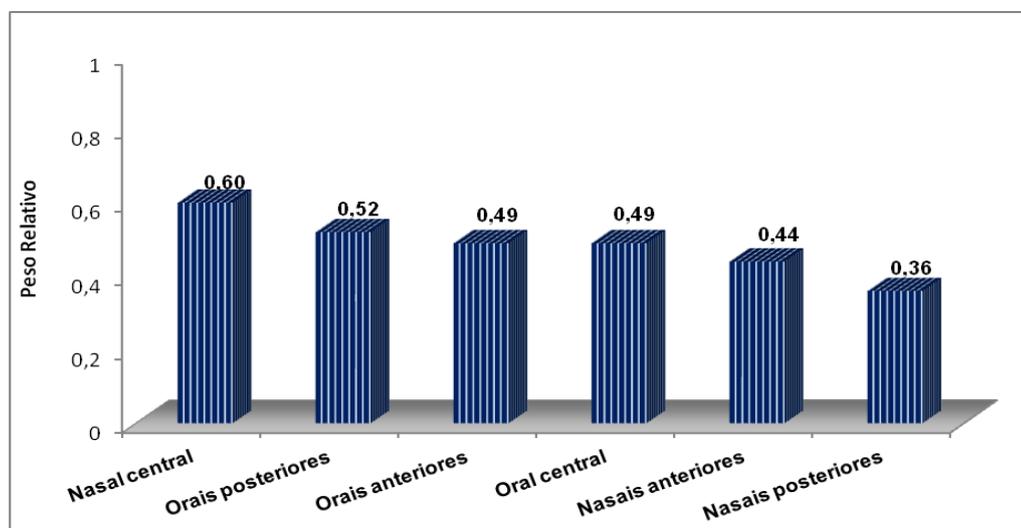
Input:0,340

Os resultados apontam como estatisticamente significativa, no condicionamento do apagamento, a vogal nasal central [ẽ] com 0,60 de peso relativo. Vocábulos como *fulano* [fu'lẽn], *cano* ['kẽn], *frango* ['frẽg] e *andano* [a'dẽn] estariam mais propensos ao apagamento. As vogais orais posteriores apresentam valor próximo à neutralidade com 0,52 de peso relativo, não configurando, por conseguinte, representatividade estatística com relação à aplicação da regra. As outras vogais não favorecem o apagamento.

Nota-se que, as nasais, no contexto de consoante pré-vocálica para a vogal [u], foram apontadas como favorecedoras do processo. É provável que, neste caso, a força da consoante pré-vocálica da nasal esteja atuando com maior força no favorecimento do apagamento do que a vogal da sílaba antecedente como mostram os exemplos: *brincano* [brĩ'kẽn], *brigano* [brĩ'gẽn] e *dizeno* [di'zẽn].

Esses resultados podem ser visualizados no Gráfico 5:

Gráfico 5 – Apagamento da vogal átona final [u], em função da vogal da sílaba antecedente, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim



Significância: 0,000

6.1.1.2 Variáveis extralinguísticas selecionadas pelo Goldvarb 2001

Dentre os grupos de fatores extralinguísticos selecionados com possível atuação no uso das variantes, três grupos de fatores foram escolhidos pelo programa estatístico: em primeiro lugar, o tipo de questionário que integra as variáveis discursivas. Este fator revelou-se o mais importante no favorecimento da regra de apagamento. Em seguida, a diatopia que compõe as variáveis geolinguísticas e que foi o segundo grupo selecionado pelo programa e por último, a faixa etária que faz parte do grupo das variáveis sociais e foi o 7º grupo na seleção do *Goldvarb 2001*.

A seguir, serão apresentados os resultados das variáveis extralinguísticas, organizadas de acordo com o tipo de variável: sociolinguística, discursiva e geolinguística.

6.1.1.2.1 Faixa etária do informante

A variável faixa etária tem sido mostrada como fator de grande importância nos estudos da variação linguística, sendo, em geral, considerada como um dos fatores indicadores do fenômeno de mudança implantado na comunidade.

Tendo em vista que esse estudo segue uma perspectiva que se convencionou denominar de *tempo aparente*, o qual observa o comportamento linguístico dos falantes em diferentes faixas etárias, esse grupo foi estabelecido para verificar se nas comunidades em estudo o fator faixa etária tem funcionado como condicionador da variação, seja atuando só ou relacionado a outro(s) fator(es).

Os resultados apresentados na Tabela 12 mostram que os falantes da faixa II de todas as localidades reunidas realizam mais apagamentos, conforme se pode observar:

Tabela 12 – Apagamento da vogal átona final [u], em função da faixa etária, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim

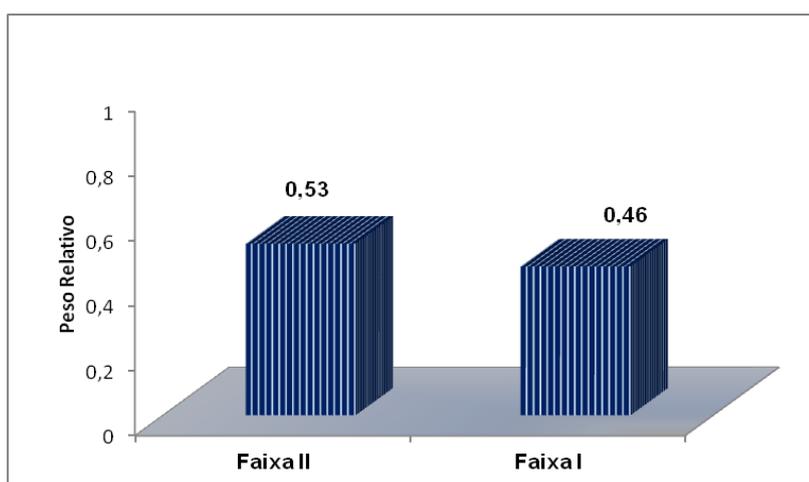
Faixa etária	Apl./Total	%	P.R
Faixa II	1.156/2.763	41%	0,53
Faixa I	867/2.525	34%	0,46
Total	2.023/5.288	38%	

Significância: 0,000 Input:0,340

Os dados da Tabela 12 indicam que os mais idosos do grupo tendem a realizar mais apagamentos do que os mais jovens nas localidades, embora o peso relativo de 0,53 para a faixa II esteja muito próximo do ponto neutro. A faixa I desfavorece a aplicação da regra com 0,46 de peso relativo.

Esses resultados podem ser visualizados no Gráfico 6:

Gráfico 6 – Apagamento da vogal átona final [u], em função da faixa etária, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim



Significância: 0,000

6.1.1.2.2 Tipo de questionário

Sabe-se que os membros de uma comunidade de fala possuem um repertório linguístico que pode variar dependendo, dentre outros fatores, do contexto de fala em que se encontram e do tipo de questionário que utilizam.

Em todas as rodadas, o tipo de questionário foi o primeiro fator selecionado pelo programa. Isso reflete a importância que esse fator apresenta na aplicação da regra pelos informantes das localidades. Os resultados podem ser verificados na Tabela 13:

Tabela 13 – Apagamento da vogal átona final [u], em função do tipo de questionário, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim

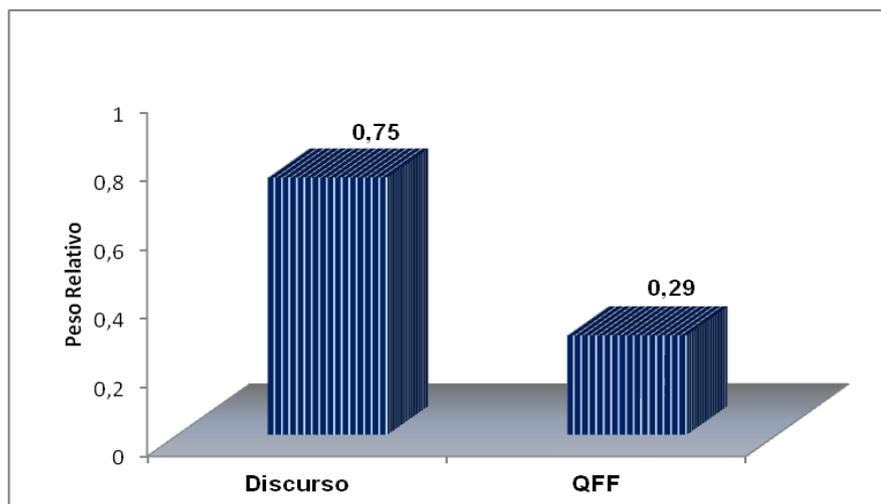
Tipo de questionário	Apl./Total	%	P.R
Discurso semidirigido	1.559/2.375	65%	0,75
Questionário fonético-fonológico	464/2.913	15%	0,29
Total	2.023/5.288	38%	
Significância: 0,000		<i>Input:0,340</i>	

Os resultados apresentados na Tabela 13 revelam que o discurso semidirigido é o fator que mais favorece o apagamento da vogal átona [u] tanto em termos percentuais quanto em termos de peso relativo. Esse resultado reforça os postulados de Labov (2008 [1972]) de que na fala espontânea os informantes prestam menos atenção ao que é dito e aproximam-se mais do vernáculo.

Observa-se que o discurso semidirigido apresenta um valor de 0,75 de aplicação da regra, demonstrando um acentuado favorecimento do apagamento em função do grau de espontaneidade da fala. O contrário pode ser observado no Questionário Fonético-fonológico, com apenas 0,29 de peso relativo. Este desfavorecimento se deve a um maior monitoramento da fala em razão das perguntas e das respostas esperadas.

No Gráfico 7, pode-se visualizar a distribuição do apagamento quanto ao tipo de questionário.

Gráfico 7 – Apagamento da vogal átona final [u], em função do tipo de questionário, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim



Significância: 0,000

A concentração do apagamento no discurso semidirigido indica algum nível de estigmatização em relação à variante utilizada pelos falantes nas localidades. Em todas as localidades, o tipo de questionário revelou uma acentuada diferença entre o discurso monitorado e a fala espontânea. Esse resultado reflete uma variação estilística que, segundo Labov (2008 [1972], p. 313), são “as alternâncias pelas quais um falante adapta sua linguagem ao contexto imediato da fala”. Essas formas linguísticas, de acordo com a avaliação social, como observa Labov (2008 [1972]), são classificadas como estereótipos, formas marcadas socialmente, que recebem forte estigmatização; marcadores que são variantes que apresentam uma distribuição social e uma diferenciação estilística, estando abaixo no nível de controle consciente do falante; estes, quando entram na consciência social, se convertem em um estereótipo; indicadores que não são sequer comentadas ou reconhecidas pelos falantes nativos.

Desse modo, levando em conta a classificação de Labov (2008 [1972]), se poderia considerar o apagamento, nas localidades em análise, como um estereótipo, uma vez que fica evidente que o falante evita as formas apocopadas no discurso mais monitorado, revelando, assim, certa consciência da variação. Infelizmente, a ausência de testes de reação subjetiva dificulta esta classificação como marcadores ou estereótipos.

6.1.1.2.3 Diatopia

Sabe-se que a questão diatópica é muito importante no estudo de natureza geolinguística, uma vez que o interesse maior está na distribuição espacial das variantes e também no estudo de natureza sociolinguística, pois cada comunidade linguística pode reagir de forma distinta às mesmas variáveis linguísticas e sociais.

Com a diatopia, postula-se verificar em que comunidade analisada a tendência ao apagamento é mais acentuada. A diatopia revela variação. Este foi o 2º grupo na ordem de seleção do *Goldvarb 2001*.

A variação diatópica foi verificada nas localidades baianas e mineiras, como se pode observar na Tabela 14:

Tabela 14 – Apagamento da vogal átona final [ʊ], em função das localidades

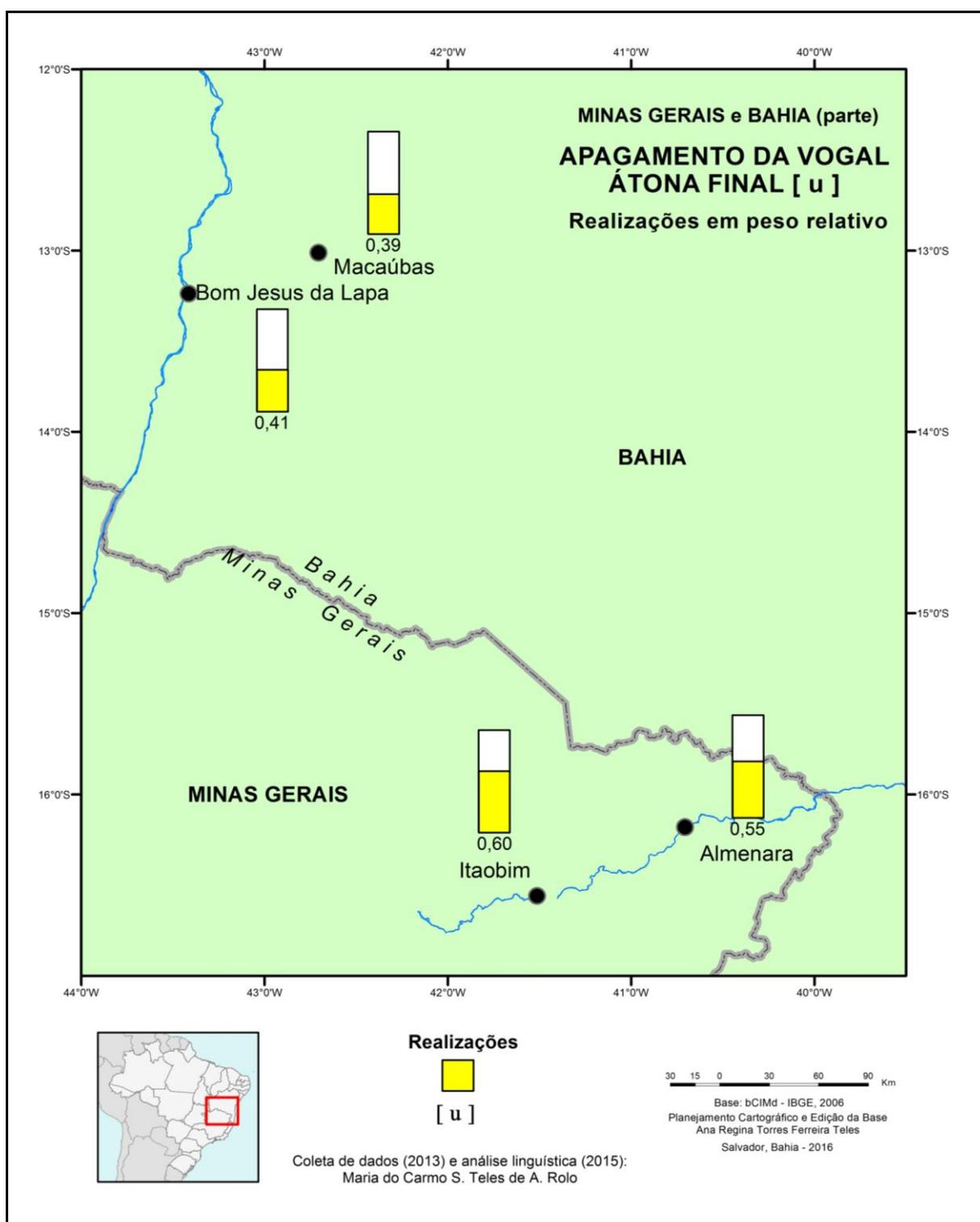
Localidades	Apl./Total	%	P.R
Itaobim	728/1.490	48%	0,60
Almenara	623/1.435	43%	0,55
Bom Jesus da Lapa	319/1.129	28%	0,41
Macaúbas	353/1.234	28%	0,39
Total	2.023/5.288	38%	

Significância: 0,000 Input:0,340

Os resultados apresentados na Tabela 14 mostram que as localidades mineiras são favorecedoras do apagamento, sendo Itaobim com 0,60 e Almenara com 0,55 de peso relativo. As localidades baianas revelam-se desfavorecedoras do processo com 0,41 de peso relativo em Bom Jesus da Lapa e 0,39 em Macaúbas.

A Figura 20 representa cartograficamente esses resultados.

Figura 20 – Carta com a distribuição diatópica do apagamento da vogal átona final [u] em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim



Na próxima seção, serão analisados os cruzamentos com a diatopia com o intuito de observar o comportamento da variável na amostra. Optou-se por realizar três rodadas

suplementares, controlando o cruzamento deste fator com os grupos sexo, a faixa etária e o tipo de questionário, na tentativa de delinear o papel que esses fatores exercem no favorecimento do apagamento em cada localidade.

6.1.1.2.4 Diatopia e sexo do informante

Tendo como propósito examinar o papel dos fatores sociais no favorecimento do apagamento nas localidades, realizou-se uma rodada suplementar para observar o cruzamento entre a diatopia e o sexo dos informantes. Tendo como *input* 0,339 e significância 0,000, nesta rodada, o cruzamento foi o segundo grupo selecionado pelo programa.

A Tabela 15 explicita esses resultados:

Tabela 15 – Apagamento da vogal átona final [u], em função da diatopia e do sexo, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim

Localidades	Masculino			Feminino		
	Apl./Total	%	P.R	Apl./Total	%	P.R
Itaobim	358/699	51%	0,66	370/791	46%	0,55
Almenara	271/723	37%	0,45	352/712	49%	0,63
Bom Jesus da Lapa	155/582	26%	0,38	164/547	29%	0,41
Macaúbas	174/579	30%	0,43	179/655	27%	0,36
Total	2.023/5.288	38%				

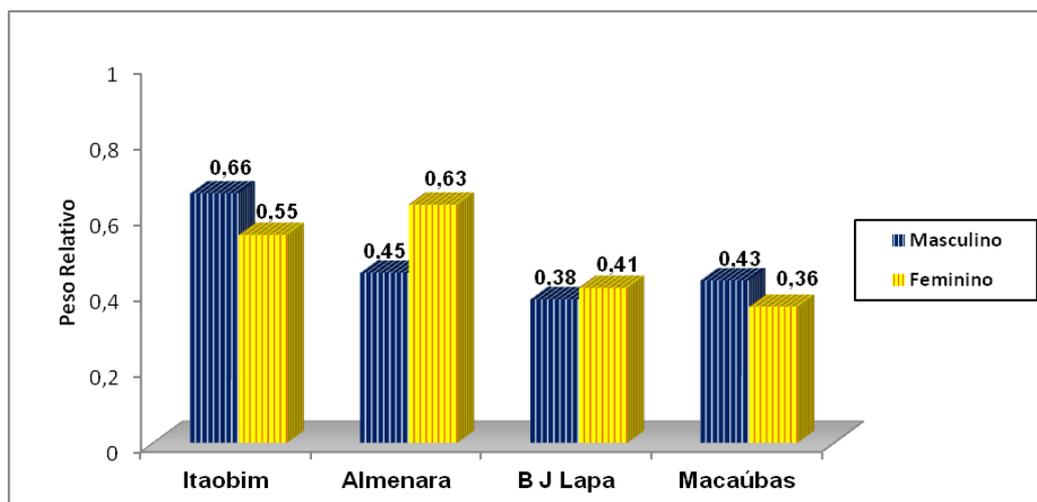
Significância: 0,000

Input:0,339

Os resultados apresentados na Tabela 15 indicam que o apagamento concentra-se nas localidades mineiras. Em Itaobim, o apagamento acontece independente do sexo dos informantes. Destaca-se o papel do sexo masculino que favorece a aplicação da regra com 0,66 de peso relativo, enquanto o sexo feminino favorece com 0,55. Em Almenara, as mulheres é que estão à frente do processo de apagamento com 0,63 de peso relativo. Os homens desfavorecem a regra com 0,45. Na Bahia, homens e mulheres não alcançam representatividade significativa quanto à aplicação da regra, pois apresentam valores muito próximos e a direção do apagamento parece ser a mesma os dois grupos.

Esses resultados podem ser visualizados no Gráfico 8.

Gráfico 8 – Apagamento da vogal átona final [u], em função da diatopia e do sexo, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim



Significância: 0,000

6.1.1.2.5 Diatopia e faixa etária do informante

Tendo como propósito examinar a atuação da faixa etária no comportamento do apagamento em cada localidade investigada, realizou-se uma segunda rodada suplementar para observar o cruzamento entre os grupos diatopia e a faixa etária do informante. Tendo como *input* 0,339 e significância 0,000, o cruzamento foi o 2º grupo selecionado pelo programa. Os resultados estão apresentados na Tabela 16.

Tabela 16 – Apagamento da vogal átona final [u], em função da diatopia e da faixa etária, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim

Localidades	Faixa I			Faixa II		
	Apl./Total	%	P.R	Apl./Total	%	P.R
Itaobim	303/649	46%	0,62	425/841	50%	0,59
Almenara	296/770	38%	0,44	327/665	49%	0,65
Bom Jesus da Lapa	98/506	19%	0,32	221/623	35%	0,48
Macaúbas	170/600	28%	0,41	183/634	28%	0,38
Total	2.023/5.288	38%				

Significância: 0,000

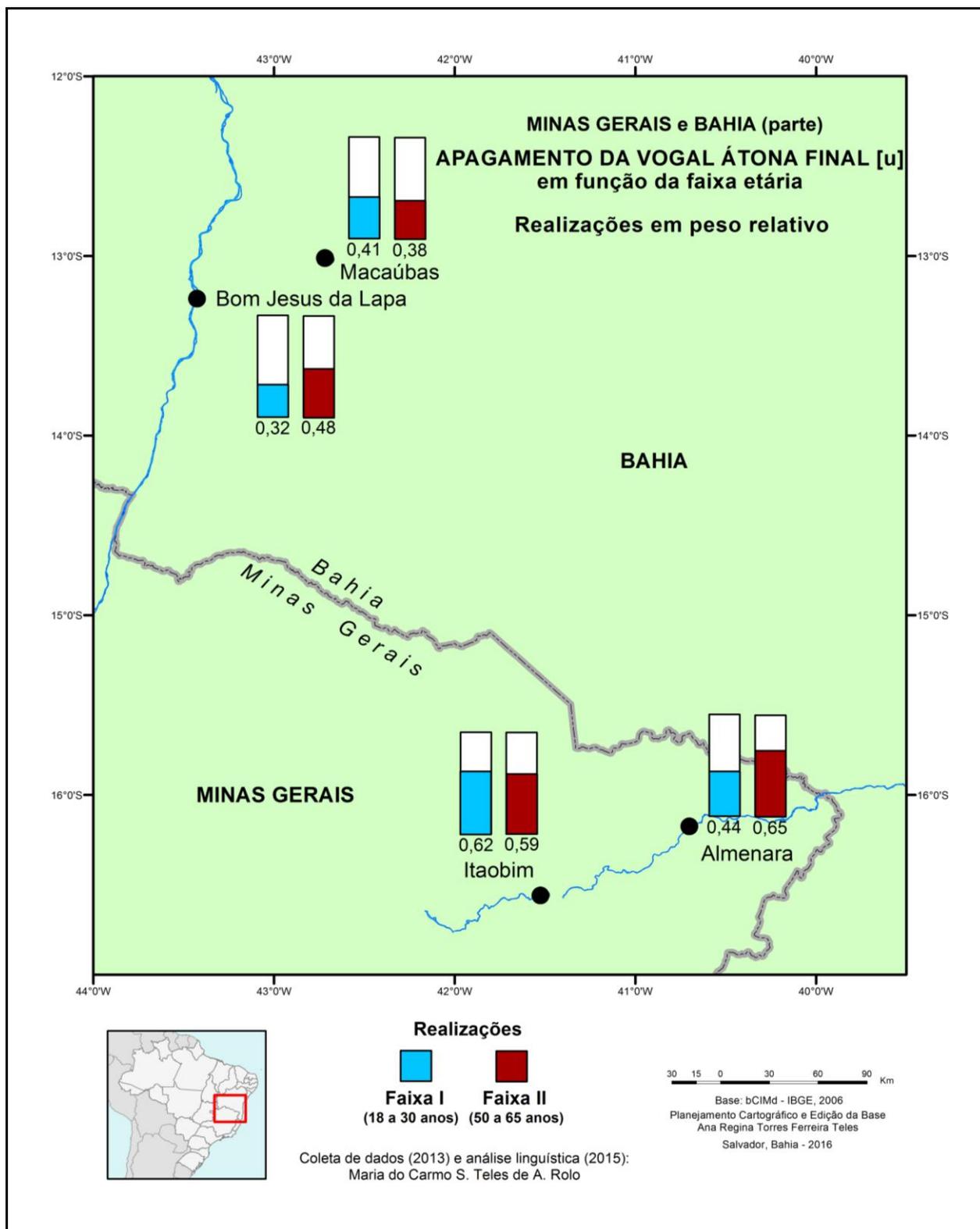
Input:0,339

Os resultados da Tabela 16 mostram que, em Minas Gerais, o apagamento da vogal [u] está concentrado na faixa II. Em Itaobim, há uma diferença reduzida entre a faixa I (0,62)

e a faixa II (0,59), não se observando diferenças acentuadas entre as faixas. Em Almenara, o apagamento está concentrado também na faixa II, atingindo o mais alto índice, com 0,65 de peso relativo; a faixa I desfavorece a regra, com 0,44 de peso relativo. Nas localidades baianas, o apagamento não alcança representatividade significativa. Os valores tanto para faixa I quanto para a faixa II estão abaixo do ponto neutro que é 0,50 e, por conseguinte, desfavorecem a regra de apagamento.

Na Figura 21, encontra-se a representação cartográfica dos resultados para o cruzamento das variáveis diatopia e faixa etária.

Figura 21 – Carta com a distribuição diatópica e diageracional do apagamento da vogal átona final [u], em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim



6.1.1.2.6 Diatopia e tipo de questionário

Tendo em vista que o tipo de questionário foi selecionado pelo programa como o fator mais importante na análise da vogal [u], optou-se por fazer o cruzamento desse fator com a diatopia para se ter uma ideia da influência dessa variável discursiva no processo de apagamento nas localidades.

Chama-se atenção que, nessa rodada, o cruzamento foi o primeiro grupo selecionado pelo *Goldvarb 2001*, tendo como *input* 0,330 e nível de significância 0,000. Os resultados estão apresentados na Tabela 17.

Tabela 17 – Apagamento da vogal átona final [u], em função da diatopia e do tipo de questionário, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim

Localidades	Discurso semidirigido			QFF		
	Apl./Total	%	P.R	Apl./Total	%	P.R
Itaobim	549/760	72%	0,81	179/730	24%	0,43
Almenara	467/700	66%	0,76	156/735	21%	0,38
Bom Jesus da Lapa	267/399	66%	0,77	52/730	7%	0,14
Macaúbas	276/516	53%	0,68	77/718	10%	0,20
Total	2.023/5.288	38%				

Significância: 0,000

Input:0,330

Os resultados mostram que a variável tipo de questionário é realmente muito importante para o estudo do apagamento nas localidades. É relevante destacar que o tipo de questionário marca com alguma precisão o lugar do apagamento nesse estudo. O discurso semidirigido revelou-se como o lugar propício para manifestação do fenômeno do apagamento.

Todas as localidades, da Bahia e de Minas Gerais, selecionadas para este estudo, têm no discurso favorecimento do apagamento com maior força. Em Itaobim, Minas Gerais, esse fator atinge 0,81 de peso relativo, enquanto o QFF o desfavorece, com 0,43; em Almenara, o discurso favorece a aplicação da regra de apagamento, com 0,76 de peso relativo e o desfavorece, com 0,38. Nas localidades da Bahia, verifica-se que, em Bom Jesus da Lapa, o discurso semidirigido alcança 0,77 de peso relativo, enquanto o QFF, com 0,14, desfavorece. Em Macaúbas, observa-se um favorecimento de 0,68, diferente do valor registrado para o QFF cujo peso relativo é de 0,20.

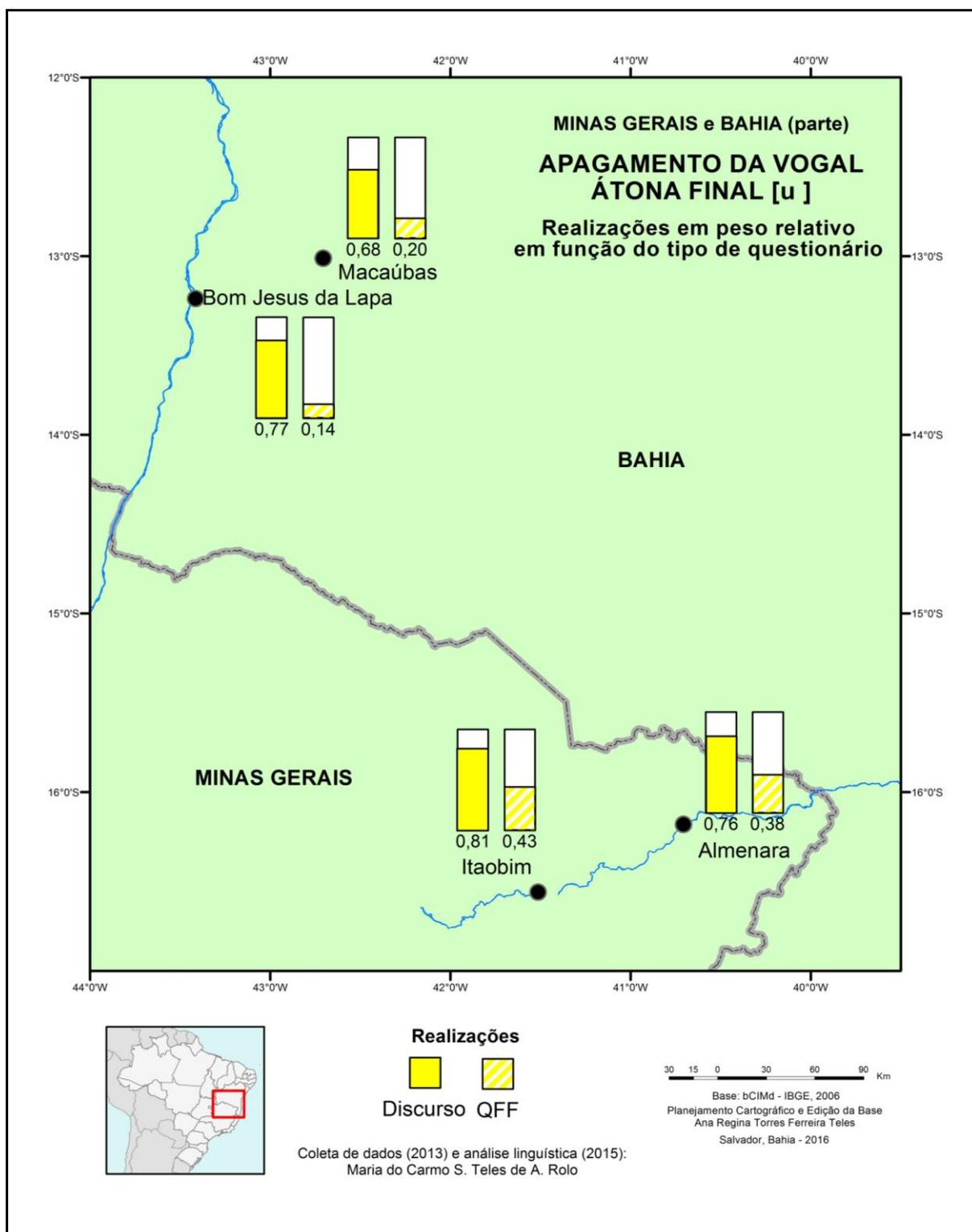
Os resultados revelam que o apagamento nas localidades concentra-se no discurso semidirigido. Nesse tipo de discurso, os falantes prestam menos atenção à fala, conseqüentemente apagam mais a vogal final, confirmando o que diz Labov ([1972] 2008, p. 287) “o vernáculo, no qual se presta o mínimo de atenção à fala, nos dá o retrato mais sistemático da estrutura linguística”. Observa-se que, em todas as localidades, as formas apocopadas são evitadas no Questionário Fonético-fonológico, tipo de questionário em que há uma tendência maior ao monitoramento da fala, talvez por conta da própria tensão do falante no momento da entrevista.

Quanto aos valores obtidos entre os dois tipos de questionários nas localidades, observa-se que, na Bahia, em que se verifica uma maior diferença entre os pesos relativos, nota-se um indício de maior estigmatização quanto ao uso do apagamento, com falantes evitando as formas apocopadas no discurso mais monitorado. É provável que esses falantes tenham mais consciência do fenômeno, evitando assim, o apagamento, como salienta Labov ([1972] 2008, p. 287) “Em toda comunidade existem falantes que têm mais consciência do que outros das formas prestigiosas de falar e cujo comportamento é mais influenciado pelos padrões externos de excelência”. Nas localidades mineiras, em que se observa uma menor diferença entre os pesos relativos, há indício de menor estigmatização em relação ao fenômeno em estudo.

Considerando os resultados expostos, nota-se que, no discurso mais monitorado, como é o caso do Questionário Fonético-fonológico utilizado nas entrevistas, o informante presta mais atenção à fala, evitando as formas com apagamento. No discurso semidirigido, o falante é levado a discorrer sobre temas com os quais se envolve emocionalmente, deixando fluir a fala espontânea que, na concepção de Labov ([1972] 2008, p. 111) “se refere ao padrão usado na fala excitada, carregada de emoção, quando os constrangimentos de uma situação formal são abandonados”. Nesse tipo de discurso, o falante presta menos atenção à fala e, portanto, deixa fluir o vernáculo, como se pode observar nos altos valores obtidos para o discurso semidirigido, em todas as localidades.

Na Figura 22 encontra-se a representação cartográfica dos resultados para o cruzamento das variáveis diatopia e tipo de questionário.

Figura 22 – Carta com a distribuição diatópica do apagamento da vogal átona final [u] e o tipo de questionário, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim



Visualiza-se muito bem na Figura 22 a distribuição do tipo de questionário pelas localidades. Percebe-se com clareza que o discurso semidirigido apresenta valores relevantes

nas localidades da Bahia e de Minas Gerais, destacando-se como o tipo de questionário que mais favorece a regra.

6.1.1.3 Algumas considerações – vogal átona final [u] em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim

Em linhas gerais, os resultados da análise dos dados de fala coletados nas localidades de Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim para verificar o apagamento da vogal [u] podem ser resumidos assim:

1) Quanto ao modo de articulação, destacaram-se as fricativas (0,60) e nasais (0,57) como maiores favorecedoras da aplicação da regra.

2) Com respeito à dimensão do vocábulo, os resultados mostraram que o apagamento da vogal [u] é estatisticamente motivado pelos vocábulos com maior número de sílabas como os polissílabos, com peso relativo de 0,69, seguidos dos trissílabos, com 0,55 de peso relativo.

3) Os resultados referentes ao contexto fonético seguinte evidenciaram que o contexto seguido de consoante é o mais favorável ao processo de apagamento da vogal [u] nas localidades, com 0,61 de peso relativo.

4) Concernente à consoante pré-vocálica quanto à zona de articulação, nota-se que as dentoalveolares são as consoantes que atingem alguma importância nesse grupo, com 0,53 de peso relativo na aplicação da regra.

5) Os resultados obtidos para as vogais revelam a vogal nasal central como maior favorecedora do processo, com 0,60 de peso relativo.

6) Do ponto de vista sociolinguístico, são apresentados os resultados dos fatores como faixa etária e sexo. Os dados revelaram que o apagamento nas localidades está concentrado na faixa II, com peso relativo de 0,53. Embora com peso relativo próximo à neutralidade, esse resultado parece apontar uma tendência de mudança nas comunidades, visto que as gerações mais novas (faixa I – 0,46) demonstram um comportamento que as distancia um pouco das gerações mais velhas.

7) A variável sexo tornou-se estatisticamente significativa quando associada à localidade. Em Itaobim, homens (0,66) e mulheres (0,55) favorecem a aplicação da regra. Em Almenara, as mulheres estão à frente com 0,63; os homens desfavorecem a regra, com 0,45. Nas localidades baianas, o sexo não alcança representatividade significativa.

8) A variável discursiva revelou-se como o fator de maior importância nesta análise pela sua representatividade significativa. Dentre as variáveis discursivas observadas, o fator que mais beneficiou a aplicação da regra foi discurso semidirigido. O apagamento está concentrado no discurso semidirigido, com peso relativo de 0,75, o que pode ter sido em função do grau de espontaneidade da fala. O QFF desfavorece a regra, com 0,29 de peso relativo.

9) Tendo em vista o cruzamento do tipo de questionário com a localidade, observou-se que, em todas as localidades investigadas, o tipo de questionário exerceu grande importância para o fenômeno em estudo. Tanto nas localidades mineiras, Itaobim (0,81), Almenara (0,76), quanto nas localidades baianas, Bom Jesus da Lapa (0,77) e Macaúbas (0,68), o discurso semidirigido mostrou-se estatisticamente representativo no favorecimento da regra.

10) A variação diatópica foi verificada em todas as localidades. Em Itaobim e Almenara, áreas de Minas Gerais, o apagamento atingiu representatividade significativa alcançando 0,60 de peso relativo, em Itaobim, e 0,55, em Almenara. Nas localidades da Bahia, Bom Jesus da Lapa e Macaúbas, os dados não foram significativamente representativos.

6.1.2 Apagamento da vogal átona final [ɪ] em localidades da Bahia e de Minas Gerais

Nas comunidades investigadas, como na maioria das áreas brasileiras, prevalece a pronúncia do [ɪ] átono em vez de [e] em posição final de vocábulos. Tanto em localidades baianas (Bom Jesus da Lapa e Macaúbas) quanto em localidades mineiras (Almenara e Itaobim), verificou-se o desaparecimento da vogal átona final [ɪ] na realização da fala, tornando, assim, pertinente conhecer e descrever os fatores que os condicionam.

Nesta seção, serão descritos os resultados dessa vogal final [ɪ], analisando a variação mediante um tratamento estatístico que busca medir o peso de cada grupo de fatores favorecedores ou inibidores da aplicação da regra variável.

Neste esquema analítico, são considerados os dados coletados nas cidades de Bom Jesus da Lapa e Macaúbas, na Bahia, e Almenara e Itaobim, em Minas Gerais, em ocorrências tais como: *aquele* [a'kel], *leite* ['let], *tomate* [tũ'mat] e *saudade* [saw'dad].

Analisados os dados dos 32 inquéritos das localidades conjuntamente, depreenderam-se do *corpus* 1.613 palavras que, potencialmente, comportam a vogal [ɪ]. Conforme se pode

verificar na Tabela 18, dessas 1.613 ocorrências, 750 foram realizadas nas localidades da Bahia e 863 nas localidades de Minas Gerais.

Tabela 18 – Distribuição do apagamento da vogal átona final [ɪ] por localidade

Variável dependente	BAHIA				MINAS GERAIS			
	Bom Jesus da Lapa		Macaúbas		Almenara		Itaobim	
	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%
Presença	173/360	48	227/390	58	249/439	57	208/424	50
Ausência	187/360	52	163/390	42	190/439	43	216/424	50
Total	360	100	390	100	439	100	424	100

Na Bahia, das 360 realizações coletadas em Bom Jesus da Lapa, 187 foram realizadas segundo a norma não-padrão da língua, correspondendo a um percentual de 52% de ausência da vogal final. Em Macaúbas, das 390 realizações coletadas, 163 foram de apagamento, correspondendo a um percentual de 42%.

Em Minas Gerais, conforme se pode observar na Tabela 18, das 439 realizações observadas em Almenara para a vogal [ɪ], 190 foram realizadas segundo a norma não-padrão, correspondendo a 43% de ausência da vogal. Em Itaobim, das 424 realizações, 216 ocorrências foram de apagamento, correspondendo a um percentual de 50% de ausência da vogal final.

Os dados foram submetidos ao programa estatístico para uma análise mais controlada das ocorrências.

Para se ter uma ideia geral do efeito de todos os fatores codificados para a vogal [ɪ] foi realizada a primeira rodada conjunta, reunindo todos os dados de Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim, obedecendo aos critérios traçados para esta análise. Tomou-se como valor de aplicação da regra a ausência da vogal átona final [ɪ], confrontando-a com os fatores linguísticos, sociais, discursivos e geolinguísticos escolhidos.

Realizada a primeira rodada geral dos dados contendo a vogal [ɪ], observou-se que houve muitos *knockouts*⁴³ e, conseqüentemente, a necessidade de modificações nos grupos. No grupo da consoante pré-vocálica quanto ao modo de articulação, observou-se que o tepe sofreu *knockout*. Constatou-se que não houve ocorrência de apagamento para esse fator que foi, então, retirado das rodadas.

No grupo da consoante pré-vocálica quanto à zona de articulação, houve a necessidade de alterar a configuração do grupo de fatores para resolver o problema da não convergência⁴⁴. Como dizem Guy e Zilles (2007), existem certas configurações de grupo de fatores em que o algoritmo não consegue convergir, necessitando alterar a configuração desses grupos, evitando, assim, a falta de convergência. Optou-se por agrupar as consoantes velares e as alveopalatais na tentativa de resolver este problema. Realizou-se uma nova rodada e, ainda assim, não se conseguiu a convergência. A rodada só obteve convergência com o agrupamento das consoantes (bilabiais, labiodentais, alveopalatais e velares) em um único grupo (outras consoantes) que passou a compor o grupo com as dentoalveolares.

Como foi comentado nesse estudo, apesar de a classe morfológica integrar os grupos de fatores escolhidos para esta análise, com o objetivo de checar a possibilidade de determinadas classes de palavra conter certos contextos favoráveis ou desfavoráveis à aplicação da regra, esse grupo não se revelou estatisticamente significativo nas análises para a vogal [ɪ]. Optou-se então por retirá-lo das rodadas.

Feitos os agrupamentos, as reuniões e exclusões de fatores não significativos, realizou-se uma nova rodada de acordo com os fatores selecionados pelo programa. Os grupos considerados estatisticamente relevantes nesta nova rodada, que teve como *input* 0,465, são, na ordem sugerida pelo programa:

- i. consoante pré-vocálica quanto ao modo de articulação;
- ii. vogal/semivogal da sílaba antecedente;
- iii. consoante pré-vocálica quanto à zona de articulação;
- iv. faixa etária;

⁴³ *Knockout* é uma terminologia usada pelo GOLDVARB para se referir a um determinado fator que apresente 0% ou 100 % de aplicação da regra num dado momento da análise, quaisquer que sejam os outros fatores presentes. Os *Knockouts* são resolvidos por meio de amálgamas ou exclusão de fator ou grupo inteiro de fatores. (GUY; ZILLES, 2007, p.158)

⁴⁴ Convergência do algoritmo refere-se aos valores mais adequados para modelar esse conjunto de dados, ou seja, o modelo melhor que mais se aproxima dos dados observados, usando os parâmetros e equações incorporados no programa. A não convergência é quando o algoritmo não chegou aos melhores valores para modelar esse conjunto de dados. (GUY; ZILLES, 2007, p. 198).

- v. contexto fonético seguinte;
- vi. dimensão do vocábulo;
- vii. localidade.

Vale ressaltar que a diatopia ficou em 4º lugar quando cruzada com a faixa etária e com o tipo de questionário. Quando cruzada com o sexo, a diatopia ficou em último lugar na ordem do programa.

Tomando como base a ordem de seleção feita pelo programa *Goldvarb 2001*, serão discutidos os resultados obtidos na ordem em que as variáveis foram selecionadas, dentro de cada grupo, observando o tipo de variável linguística e extralinguística. A ordem de seleção pelo programa será informada em todas as posições.

Serão apresentados os pesos relativos de aplicação da regra que é a ausência da vogal átona final [ɪ] em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim. Nas próximas subseções, examinam-se, a partir dos cálculos das frequências e pesos relativos fornecidos pelo programa estatístico, os ambientes linguísticos e extralinguísticos que presidem a escolha dos informantes por uma das formas em variação.

6.1.2.1 Variáveis linguísticas selecionadas pelo *Goldvarb 2001*

Dentre os sete grupos de fatores selecionados com possível atuação no uso das variantes, foram escolhidos pelo *Goldvarb 2001* cinco fatores linguísticos que serão apresentados para discussão dos resultados na seguinte ordem:

- i) consoante pré-vocálica quanto ao modo de articulação;
- ii) vogal/semivogal da sílaba antecedente;
- iii) consoante pré-vocálica quanto à zona de articulação;
- iv) contexto fonético seguinte;
- v) dimensão do vocábulo.

6.1.2.1.1 Consoante pré-vocálica quanto ao modo de articulação

Controlar este fator, que foi sempre o primeiro selecionado para a vogal [ɪ], significa observar até que ponto a natureza do segmento que antecede a variável influencia o processo de variação. As consoantes pré-vocálicas mostraram-se como grandes motivadoras do processo de apagamento da vogal [ɪ].

Feitas as alterações necessárias, realizou-se a primeira rodada, que teve como *input* 0,465, cujos resultados estão detalhados na Tabela 19, obedecendo à ordem pelo valor em peso relativo:

Tabela 19 – Apagamento da vogal átona final [ɪ], em função da consoante pré-vocálica quanto ao modo de articulação, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim

Modo de articulação	Apl./Total	%	P.R
Oclusivas	277/356	77%	0,74
Laterais	139/182	76%	0,69
Africadas	144/362	39%	0,47
Nasais	31/131	23%	0,39
Fricativas	165/580	28%	0,32
Total	756/1.611	46%	

Significância: 0,008

Input: 0,465

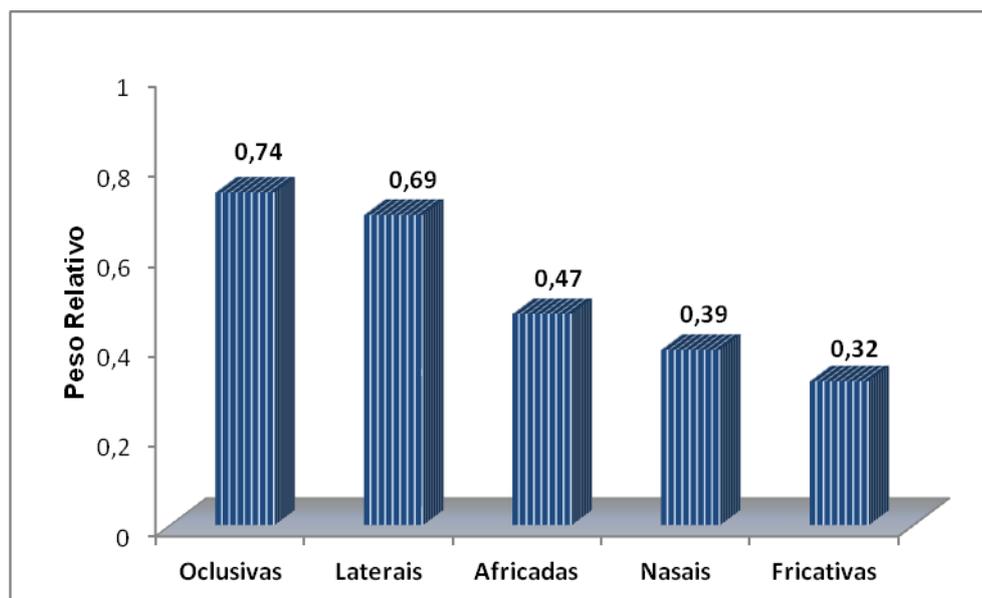
Os resultados apresentados na Tabela 19 revelam a importância que o grupo tem no processo de apagamento. Examinando os dados apresentados nessa tabela, é possível perceber que as consoantes oclusivas tiveram o mais alto índice de aplicação da regra, com 0,74 de peso relativo. Realizações como em *leite* ['let], *tomate* [tũ'mat] e *saudade* [saw'dad] possuem grande possibilidade de terem a vogal final apagada.

Nota-se que as consoantes laterais favorecem a aplicação da regra com 0,69. Palavras como *ele* ['el], *dele* ['del] e *aquele* [a'kel] estão propensas ao apagamento nas localidades.

Registra-se que as consoantes laterais já se encontram documentadas em estudos realizados em Minas Gerais (CORRÊA, 1998; OLIVEIRA A. J. 2006), associada ao frequente apagamento da vogal final no pronome pessoal *ele* (também quando precedido de preposição em *nele*, *dele*) e do demonstrativo *aquele*, inclusive quando precedidos de preposição, como em *naquele* e *daquele* como se observa nas realizações *ele* ['el], *dele* ['del], *aquele* [a'kel], *naquele* [na'kel] e *daquele* [da'kel].

Os dados das consoantes pré-vocálicas quanto ao modo de articulação condicionadoras do processo de apagamento em [ɪ] em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim podem ser visualizados no Gráfico 9:

Gráfico 9 – Apagamento da vogal átona final [ɪ], em função da consoante pré-vocálica quanto ao modo de articulação, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim



Significância: 0,008

6.1.2.1.2 Vogal/semivogal da sílaba antecedente

A inclusão deste fator teve como propósito observar se a variação poderia ter alguma associação com a vogal da sílaba que antecede a vogal final. Tendo em vista a análise, as vogais foram separadas em grupos distintos (orais e nasais) e agrupadas segundo a sua classificação articulatória (posterior, central e anterior). Esse foi o 2º grupo selecionado pelo programa estatístico. Nesta rodada, que teve *input* de 0,465, são apresentados os seguintes resultados para este fator:

Tabela 20 – Apagamento da vogal átona final [ɪ], em função da vogal da sílaba antecedente, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim

Vogal da sílaba antecedente	Apl./Total	%	P.R
Vogal oral central [a]	174/302	57%	0,61
Vogais orais anteriores [ɪ], [e], [ɛ]	302/562	53%	0,60
Vogais nasais anteriores [ĩ], [ẽ]	147/243	60%	0,49
Vogal nasal central [ɛ̃]	38/86	44%	0,41
Vogais nasais posteriores [ũ], [õ]	31/116	26%	0,37
Vogais orais posteriores [ʊ], [o] [ɔ]	64/304	21%	0,28
Total	756/1.613	46%	

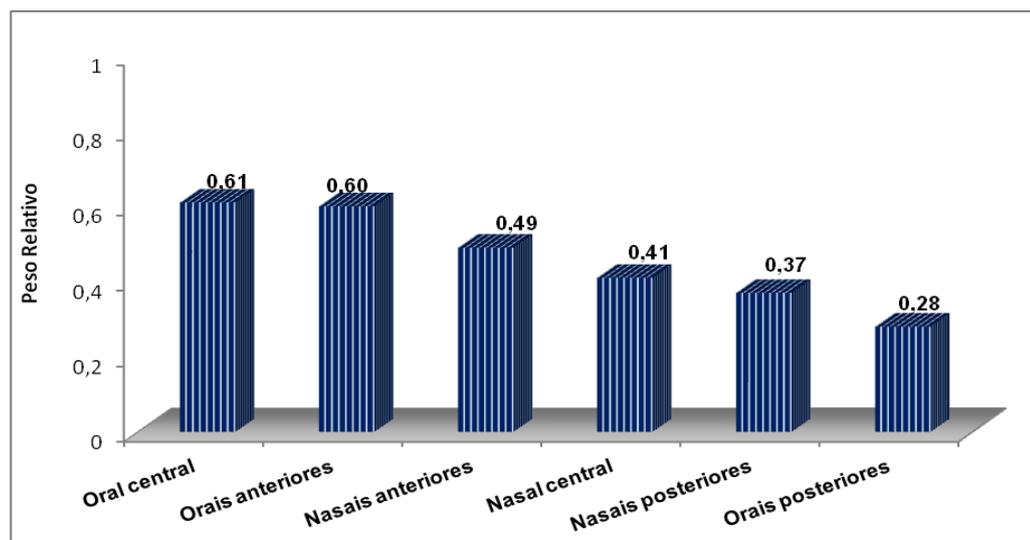
Significância: 0,008 Input: 0,465

Como se pode ver na Tabela 20, a vogal oral central favorece com maior força o apagamento da vogal [ɪ], com 0,61 de peso relativo. Vocábulos como *cidade* [si'dad], *destaque* [dis'tak] e *tomate* [tũ'mat] podem ter a vogal final apagada.

As vogais orais anteriores favorecem a aplicação da regra, com 0,60 de peso relativo. Realizações como, por exemplo, *ele* ['el], *dele* ['del], *aquele* [a'kel] e *naquele* [na'kel] tenderiam ao apagamento. É possível que o fator condicionador do apagamento não seja a vogal, mas a consoante antecedente que, neste caso, é a lateral. As outras vogais do grupo desfavorecem o processo.

No Gráfico 10, encontram-se representados os resultados da atuação da vogal da sílaba antecedente sobre a regra:

Gráfico 10 – Apagamento da vogal átona final [ɪ], em função da vogal da sílaba antecedente, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim



Significância: 0,008

6.1.2.1.3 Consoante pré-vocálica quanto à zona de articulação

As consoantes pré-vocálicas foram agrupadas quanto à zona de articulação em cinco fatores: bilabiais, labioentais, dentoalveolares, alveopalatais e velares. Entretanto, houve alguns problemas com a convergência no início das rodadas, que foram resolvidos mediante ajustes apropriados. Depois de diversas tentativas, só foi possível efetuar as rodadas com o agrupamento das consoantes, ficando, assim, o grupo de consoantes pré-vocálicas quanto à zona de articulação, configurado em dois fatores: dentoalveolares e outras consoantes (bilabiais, labioentais, alveopalatais e velares). Desse modo, o agrupamento para o [ɪ] ficou diferente do agrupamento para o [ʊ]. Este foi o 3º grupo selecionado pelo programa.

Os resultados da rodada encontram-se demonstrados na Tabela 21, tendo como *input* 0,465 e significância 0,008.

Tabela 21 – Apagamento da vogal átona final [ɪ], em função da consoante pré-vocálica quanto à zona de articulação, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim

Zona de articulação	Apl./Total	%	P.R
Dentoalveolares	479/736	65%	0,59
Outras consoantes	277/877	31%	0,42
Total	756/1.613	46%	

Significância: 0,008

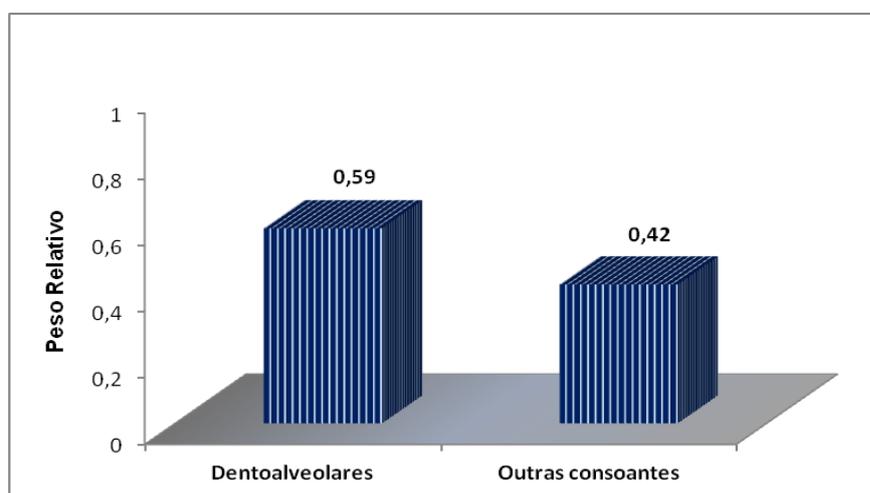
Input: 0,465

Os resultados apresentados na Tabela 21 demonstram que as consoantes que realmente têm representatividade estatística no apagamento da vogal átona final [ɪ] são as dentoalveolares, com peso relativo de 0,59. Nas localidades, realizações como *acidente* [asi'dễt], *ele* [ˈel], *aquela* [aˈkɛl], *alface* [awˈfas], *idade* [iˈdad] e *tomate* [tũˈmat] são mais propensas ao apagamento. As demais consoantes desfavorecem a aplicação da regra.

É relevante destacar que as consoantes dentoalveolares são apontadas também como principais favorecedoras do apagamento na análise da vogal [ʊ]. Esse é o único grupo de variáveis linguísticas que revela o mesmo fator como maior favorecedor de [ɪ] e de [ʊ] na aplicação da regra. Ressalta-se a força das consoantes [t, d, s, z, n, l, r] no processo de apagamento.

O Gráfico 11 ilustra esses resultados.

Gráfico 11 – Apagamento da vogal átona final [ɪ], em função da consoante pré-vocálica quanto à zona de articulação, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim



Significância: 0,008

6.1.2.1.4 Contexto fonético seguinte

Optou-se por controlar este grupo com o intuito de verificar se o contexto seguinte à vogal poderia exercer alguma influência no processo de apagamento. Para este estudo, analisaram-se os contextos seguidos de consoante, pausa e vogal sem ressilabação. Salienta-se que o contexto seguido de vogal sem ressilabação sofreu *knockout*, tendo sido retirado da rodada. Este foi o 5º grupo a ser selecionado pelo programa estatístico.

Os resultados apresentados na Tabela 22 demonstram a influência do contexto fonético seguinte no processo de apagamento em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim.

Tabela 22 – Apagamento da vogal átona final [ɪ], em função do contexto fonético seguinte, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim

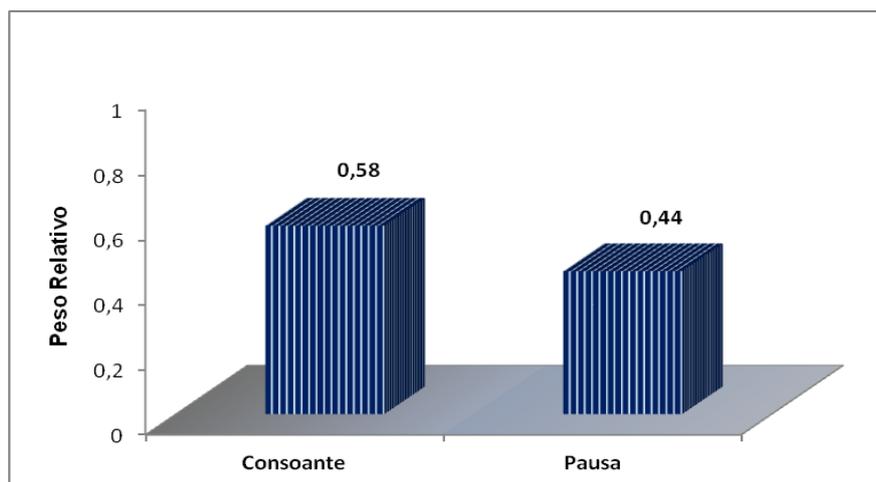
Contexto fonético seguinte	Apl./Total	%	P.R
Consoante	368/584	63%	0,58
Pausa	387/1.019	37%	0,44
Total	756/1.613	46%	
Significância: 0,008		Input:0, 465	

Os resultados apresentados na Tabela 22 indicam que o contexto fonético seguido de consoante tem interferência no processo de apagamento, com 0,58 de peso relativo. Verifica-se a apagamento em contextos consonantais como: “[...] *quartoze* [ka'toz] tiro”; “[...] *cidade* [si'dad] grande”, “*Acontece* [ɐkõ'tes] que...”. “*agora ele* [el] já saiu”. O contexto seguido de pausa, com 0,44 de peso relativo, desfavorece a regra.

Observa-se que essa relevância do contexto seguinte consonantal, no favorecimento do apagamento, encontra-se documentado em Oliveira (2012, p. 227) em seu estudo sobre a cidade de Itaúna-MG, no qual o autor constata para todos os processos analisados, inclusive o processo de apagamento, que no contexto seguido de consoante “há uma tendência ao apagamento da vogal, desde que a vogal seja alta”.

Os resultados da atuação do contexto seguinte sobre a regra podem ser visualizados no Gráfico 12.

Gráfico 12 – Apagamento da vogal átona final [ɪ], em função do contexto fonético seguinte, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim



Significância: 0,008

6.1.2.1.5 Dimensão do vocábulo

Analisaram-se, neste estudo, contextos de dissílabos, trissílabos e polissílabos com o propósito de observar se o número de sílabas tem alguma influência na aplicação da regra. Este foi o 6º grupo na ordem de seleção do programa. A Tabela 23 mostra a distribuição do apagamento da vogal [ɪ] de acordo com o número de sílabas do vocábulo.

Tabela 23 – Apagamento da vogal átona final [ɪ], em função da dimensão do vocábulo, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim

Dimensão do vocábulo	Apl./Total	%	P.R
Trissílabo	230/405	56%	0,61
Polissílabo	101/190	53%	0,50
Dissílabo	425/1.018	41%	0,45
Total	756/1.613	46%	

Significância: 0,008

Input: 0,465

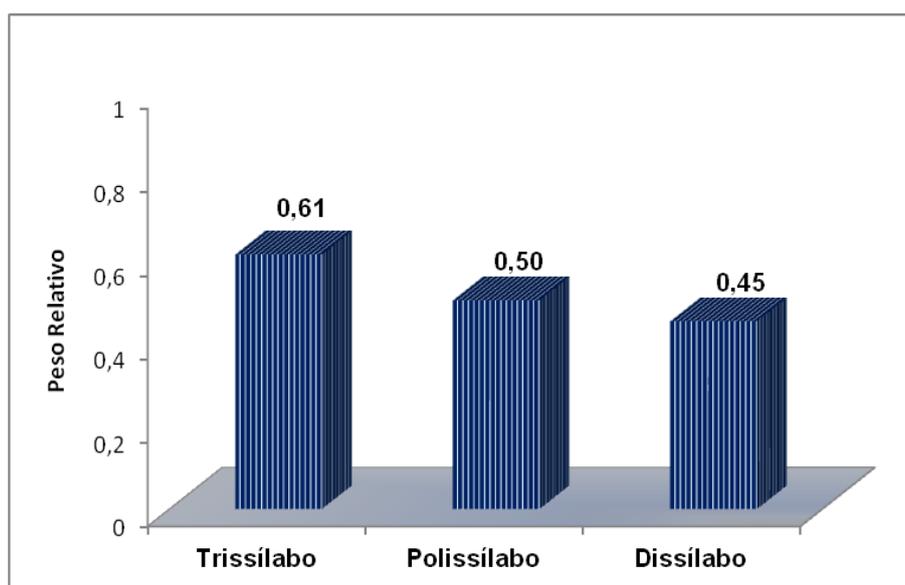
Esperava-se que os vocábulos com maior número de sílabas favorecessem mais a aplicação da regra como em *antigamente* [ãt'i'ga'mẽt], *felicidade* [felisi'dad] e *matogrocense* [matogro'sẽs]. Os resultados da Tabela 23, no entanto, mostram uma configuração diferente. O apagamento da vogal [ɪ] é estatisticamente condicionado pelos vocábulos trissílabos, com

peso relativo de 0,61 em realizações como *aquele* [a'kel], *alface* [aw'fas], *idade* [i'dad], *daquele* [da'kel] e *bastante* [bas'tt̃t]. Os polissílabos aparecem logo depois com 0,50 de peso relativo, não exercendo, portanto, significado estatístico algum com relação à aplicação da regra, já que tal valor está na neutralidade. Os dissílabos, com 0,45, desfavorecem a regra.

Uma investigação preliminar já ajuda a esclarecer. Levantamento realizado no banco de dados com o intuito de observar o comportamento dos polissílabos revelou que esses vocábulos em sua maioria estavam restritos a: *sensualidade*, *elefante*, *oportunidade*, *Belo Horizonte*, *ajudante*, *universidade*, *definitivamente*, *principalmente*, *antigamente*, *praticamente*, *presidente*, *dezesete*, *matogrocense*, *faculdade*, *importante*, *inadimplente*, *interessante*, *restaurante*, *hepatite*, *velocidade*, *mobilidade*, *transparente*, *amanhece*, *maturidade*, *dificuldade* e *claridade*. Nota-se a predominância das oclusivas [t] e [d] em contexto antecedente à vogal final. Neste caso, é provável que a consoante pré-vocálica esteja atuando com maior força para a queda da vogal do que o número de sílabas.

Esse resultado pode ser visualizado no Gráfico 13:

Gráfico 13 – Apagamento da vogal átona final [ɪ], em função da dimensão do vocábulo, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim



Significância: 0,008

6.1.2.2 Variáveis extralinguísticas selecionadas pelo Goldvarb 2001

Dentre os grupos de fatores extralinguísticos selecionados com possível atuação no uso das variantes, dois foram escolhidos pelo programa estatístico: a faixa etária, que integra

o grupo das variáveis sociais e foi o quarto grupo na seleção do *Goldvarb 2001*, e a diatopia, que compõe as variáveis geolinguísticas, correspondendo ao último na seleção do programa estatístico. O tipo de questionário foi excluído pelo *Goldvarb 2001*. Optou-se, então, pela formação de novas variáveis relacionando esse grupo à diatopia.

A seguir, serão apresentados os resultados das variáveis extralinguísticas, organizadas de acordo com o tipo de variável: sociolinguística e geolinguística.

6.1.2.2.1 Faixa etária do informante

Esse grupo foi o 4º selecionado pelo *Goldvarb 2001*.

Os dados mostraram que os falantes da faixa II realizam mais apagamentos tanto na Bahia quanto em Minas Gerais, conforme se pode observar na Tabela 24.

Tabela 24 – Apagamento da vogal átona final [ɪ], em função da faixa etária, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim

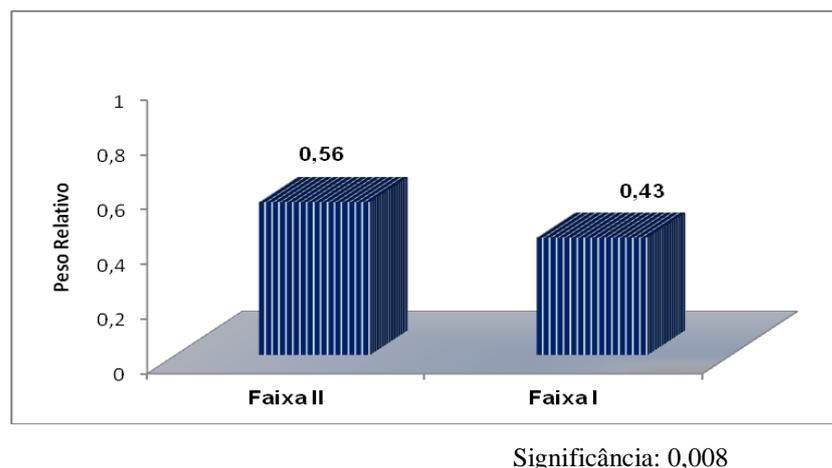
Faixa etária	Apl./Total	%	P.R
Faixa II	470/871	53%	0,56
Faixa I	286/742	38%	0,43
Total	756/1.613	46%	

Significância: 0,008 Input: 0,465

Pode-se observar, na Tabela 24, que os falantes da faixa II são aqueles que realmente estão à frente do processo de apagamento nas localidades, com 0,56 de aplicação da regra. Os dados demonstram que esse grupo de fatores tem importância fundamental para o estudo, uma vez que é um grupo indicador de mudanças nas localidades. Na perspectiva do tempo aparente, nota-se a predominância dos mais velhos sobre os mais jovens que, com 0,43 de peso relativo, desfavorecem a regra de apagamento.

Os resultados da faixa etária estão ilustrados no Gráfico 14.

Gráfico 14 – Apagamento da vogal átona final [ɪ], em função da faixa etária, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim



A variável faixa etária, no estudo de Oliveira (2012, p. 267), considerando as três vogais finais [ɪ], [ə], [u], não se mostrou estatisticamente significativa, não se observando diferença alguma entre as faixas, o que significa que não há indício de mudança na localidade, mas uma provável variação estável como salienta o próprio autor: “a ausência de significância para a variável faixa etária para todos os processos analisados pode ser interpretada como um indício de que não há um processo de mudança linguística em progresso [...]. Trata-se provavelmente de um caso de variação estável”.

6.1.2.2.2 Diatopia

Através da diatopia pretende-se verificar em qual das comunidades analisadas o apagamento ocorre com maior força. Este foi o último grupo na seleção do programa estatístico. Os resultados encontram-se demonstrados na Tabela 25.

Tabela 25 – Apagamento da vogal átona final [ɪ], em função das localidades

Localidades	Apl./Total	%	P.R
Itaobim	216/424	50%	0,55
Bom Jesus da Lapa	187/360	51%	0,53
Almenara	190/439	43%	0,48
Macaúbas	163/390	41%	0,41
Total	756/1.613	46%	

Significância: 0,008 Input: 0, 465

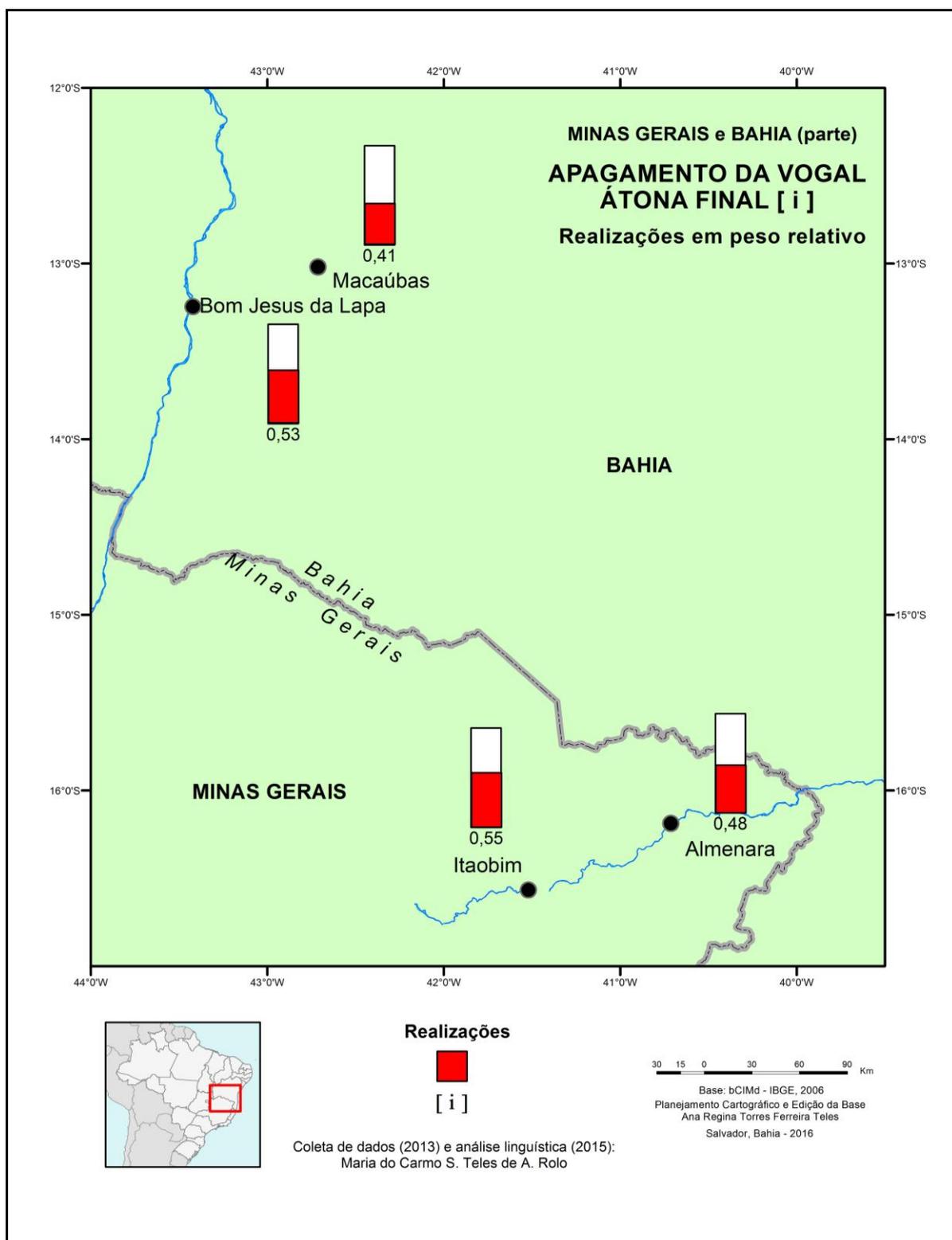
Os resultados apresentados na Tabela 25 indicam que a localidade de Itaobim, em Minas Gerais, continua à frente do processo de apagamento também para a vogal [ɪ]. Com 0,55 de peso relativo, essa localidade revela a mais alta concentração do fenômeno.

Os dados revelam a cidade de Bom Jesus da Lapa, na Bahia, como a segunda maior favorecedora do processo, com 0,53 de peso relativo. A diferença é reduzida e beira a neutralidade; entretanto, percebe-se uma tendência à realização de apagamento na localidade que está situada no Alto sertão da Bahia, à margem do Rio São Francisco.

Em Minas Gerais, Almenara desfavorece a regra, com 0,48 de peso relativo. Macaúbas, na Bahia, é a localidade que apresenta o mais baixo peso relativo. Com 0,41, essa localidade desfavorece a regra.

Na Figura 23, encontra-se a representação cartográfica dos resultados para a distribuição diatópica do apagamento da vogal [ɪ] em localidades da Bahia e de Minas Gerais.

Figura 23 – Carta com a distribuição diatópica do apagamento da vogal átona final [i], em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim



6.1.2.2.3 Diatopia e sexo do informante

Os resultados apresentados fazem parte de uma rodada suplementar com o intuito de examinar o cruzamento entre o sexo e a diatopia, uma vez que esse grupo não foi selecionado pelo programa individualmente. Nessa rodada, que teve como *input* 0,465, o cruzamento foi o 6º grupo selecionado pelo *Goldvarb 2001*.

A Tabela 26 apresenta os resultados, considerando o cruzamento entre as localidades e o sexo:

Tabela 26 – Apagamento da vogal átona final [ɪ], em função da diatopia e do sexo, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim

Localidades	Masculino			Feminino		
	Apl./Total	%	P.R	Apl./Total	%	P.R
Itaobim	100/194	51%	0,57	116/230	50%	0,56
Bom Jesus da Lapa	91/183	49%	0,52	96/177	54%	0,55
Almenara	85/220	38%	0,42	105/219	47%	0,53
Macaúbas	75/176	42%	0,43	88/214	41%	0,39
Total				756/1.613	46%	

Significância: 0,006

Input:0,465

Os resultados da Tabela 26 delineiam um quadro do apagamento que destaca as mulheres no favorecimento da regra na maioria das localidades. Em Itaobim, praticamente não há distinção entre homens e mulheres quanto à aplicação da regra. Os valores estão muito próximos. Homens estão à frente do processo de apagamento, com 0,57 de peso relativo, e as mulheres, com uma pequena redução no peso relativo, lideram o processo com 0,56.

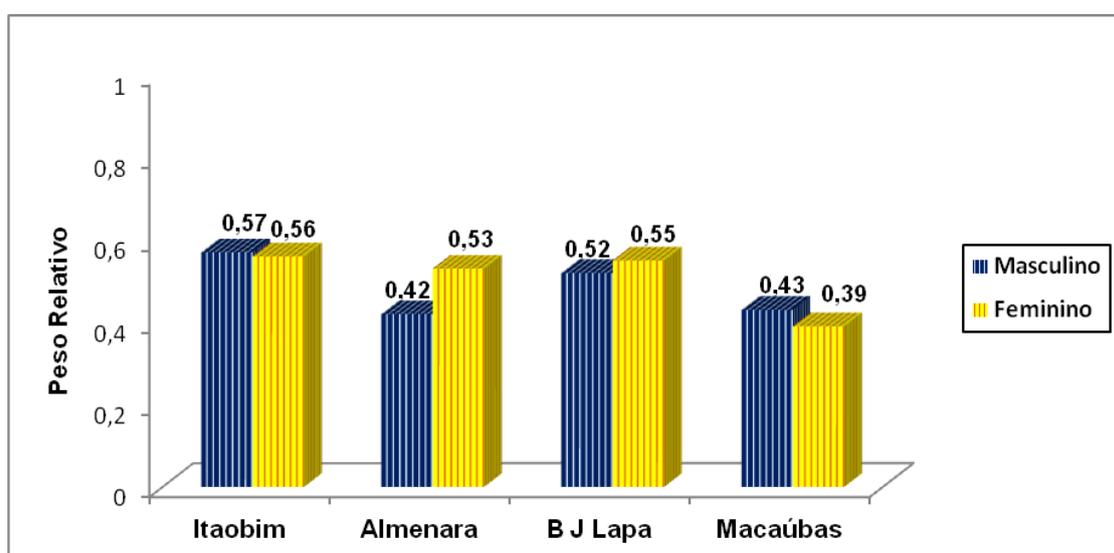
Em Almenara, as mulheres apresentam valor próximo à neutralidade, com 0,53 de peso relativo, e tendem a realizar mais apagamentos do que os homens. A fala masculina apresenta um comportamento que desfavorece a aplicação da regra com 0,42 de peso relativo.

Em Bom Jesus da Lapa, observa-se pequena diferença entre informantes masculinos e femininos, encontrando-se nos femininos (0,55) pesos relativos mais elevados do que nos masculinos (0,52), próximo à neutralidade, revelando uma tendência e não um condicionamento da regra.

Em Macaúbas, tanto os informantes masculinos quanto os femininos não alcançam representatividade estatisticamente significativa. Na localidade, homens (0,43) e mulheres (0,39) estão desfavorecendo a regra.

Não se pode perder de vista que o papel das mulheres no processo de variação e mudança linguística ainda gera muitas discussões, não sendo possível estabelecer afirmações precisas, como salienta Labov ([2008], 2008, p. 347) “[...] embora o comportamento das mulheres deva desempenhar um importante papel no mecanismo da mudança linguística, as respostas no momento, não passam de especulações”.

Gráfico 15 – Apagamento da vogal átona final [ɪ], em função da diatopia e do sexo, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim



Significância: 0,006

Observa-se que não há grandes diferenças entre homens e mulheres no condicionamento da regra. Os dados apresentados no Gráfico 15 destacam a localidade mineira de Itaobim favorecendo um pouco mais o processo de apagamento tanto para homens quanto para mulheres, com uma leve tendência para os homens. Esse resultado, em Itaobim, ajusta-se aos de Oliveira (2012, p. 267) que, em pesquisa realizada em Itaúna, Minas Gerais, constata “a maior utilização de formas não-padrão pelos homens”.

6.1.2.2.4 Diatopia e faixa etária do informante

Os resultados apresentados fazem parte de uma rodada suplementar com o intuito de examinar o cruzamento entre a faixa etária e a diatopia. Nessa rodada, que teve como *input* 0,464, o cruzamento foi o 4º grupo selecionado pelo programa estatístico.

A Tabela 27 apresenta os resultados, considerando o cruzamento entre as localidades e a faixa etária.

Tabela 27 – Apagamento da vogal átona final [ɪ], em função da diatopia e da faixa etária, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim

Localidades	Faixa I			Faixa II		
	Apl./Total	%	P.R	Apl./Total	%	P.R
Itaobim	73/161	45%	0,54	143/263	54%	0,58
Almenara	81/239	33%	0,36	109/200	54%	0,61
Bom Jesus da Lapa	65/153	42%	0,50	122/207	58%	0,57
Macaúbas	67/189	35%	0,34	96/201	47%	0,48
Total	756/1.613	46%				

Significância: 0,000

Input:0,464

Os resultados da Tabela 27 demonstram que o apagamento da vogal [ɪ] está majoritariamente concentrado na faixa II. Na localidade mineira de Itaobim, o apagamento concentra-se nas duas faixas. Na faixa II, é mais significativa, com 0,58 de peso relativo, enquanto a faixa I apresenta 0,54.

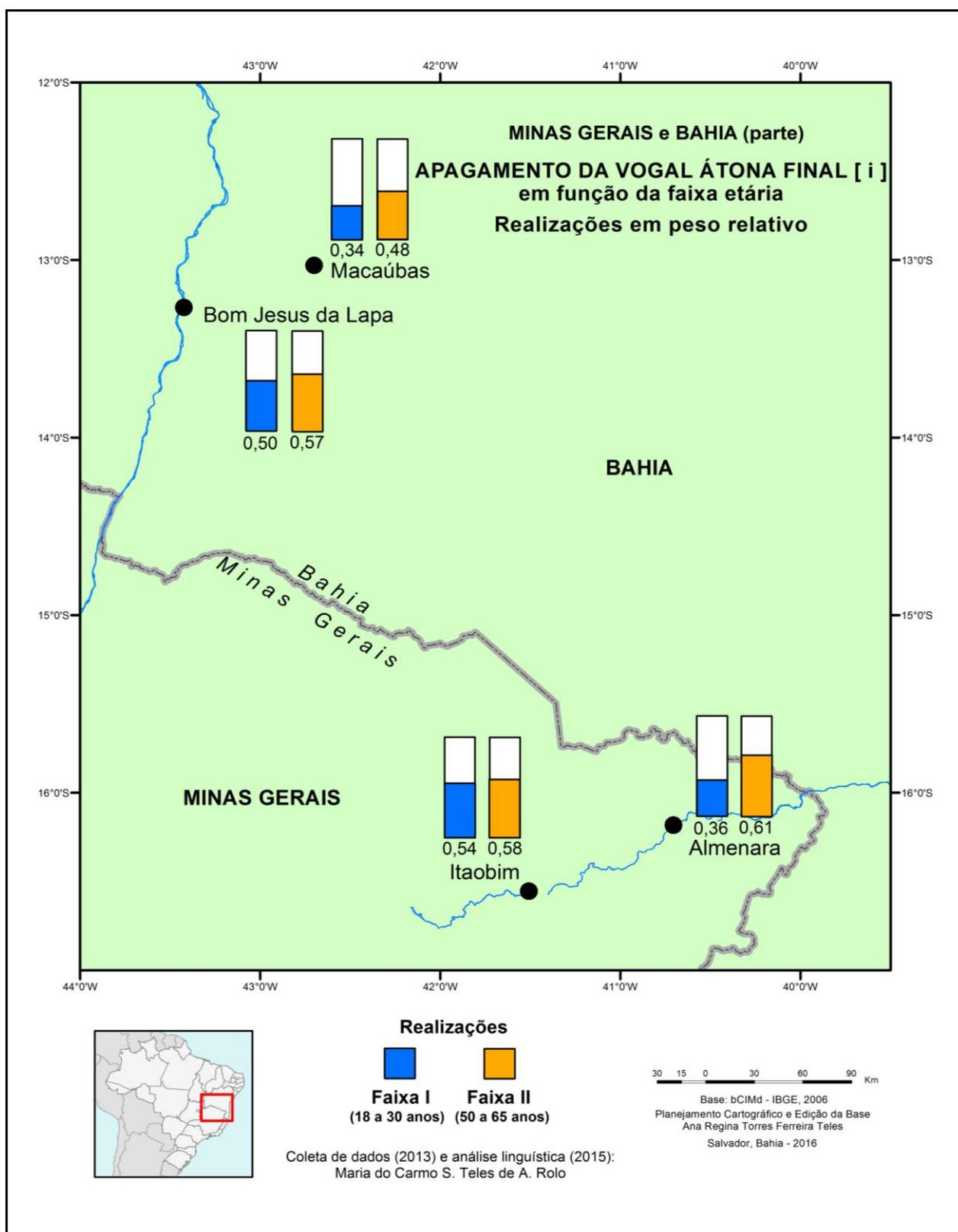
Em Almenara, a faixa II está à frente do processo, com 0,61 de peso relativo. A faixa I desfavorece a aplicação da regra de apagamento, com 0,36.

Em Bom Jesus da Lapa, a faixa II revela-se favorecedora do processo de apagamento, com 0,57 de peso relativo. A faixa I apresenta valores na zona da neutralidade, com 0,50.

Em Macaúbas, o apagamento não é estatisticamente significativo em nenhuma das faixas etárias. Os valores obtidos tanto para a faixa I (0,34) quanto para a faixa II (0,48) desfavorecem a aplicação da regra na localidade. Vale ressaltar que, mesmo quando a localidade não apresenta valor estatisticamente significativo, observa-se uma tendência na faixa II na direção do favorecimento da regra.

Na Figura 24, encontra-se a representação cartográfica dos resultados para o cruzamento das variáveis diatopia e faixa etária.

Figura 24 – Carta com a distribuição diatópica e diageracional do apagamento da vogal átona final [i], em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim



6.1.2.2.5 Diatopia e tipo de questionário

O tipo de questionário, apesar de ter-se revelado como o fator mais importante na análise da vogal [u], não foi selecionado pelo programa para a vogal [ɪ]. Em todas as tentativas de rodadas realizadas, esse grupo de fatores foi constantemente eliminado, pois os valores apresentavam-se muito próximos.

Os resultados expostos fazem parte da rodada suplementar com o intuito de examinar o cruzamento entre a localidade e o tipo de questionário, uma vez que esse grupo não foi selecionado pelo programa individualmente. Nessa rodada, que teve como *input* 0,463, o cruzamento foi o 4º grupo selecionado na ordem do *Goldvarb 2001*.

A Tabela 28 apresenta os resultados, considerando o cruzamento:

Tabela 28 – Apagamento da vogal átona final [ɪ], em função da diatopia e do tipo de questionário, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim

Localidades	Discurso semidirigido			QFF		
	Apl./Total	%	P.R	Apl./Total	%	P.R
Itaobim	163/271	60%	0,57	53/153	34%	0,54
Almenara	141/287	49%	0,46	49/152	32%	0,51
Bom Jesus da Lapa	146/201	72%	0,62	41/159	25%	0,43
Macaúbas	132/229	57%	0,47	31/161	19%	0,32
Total				756/1.613	46%	

Significância: 0,006

Input:0,463

A Tabela 28 indica que é no discurso semidirigido que os falantes estão mais propensos a realizarem o apagamento da vogal [ɪ]. Novamente pode-se observar as localidades de Itaobim e Bom Jesus da Lapa à frente do processo de apagamento. Em Itaobim, a realização do apagamento independe do tipo de questionário. O falante parece não ter consciência da variação, por isso não monitora o discurso. O fato é que se observa uma pequena redução no valor do peso relativo entre os tipos de questionário utilizados pelos falantes de Itaobim. Os resultados mostram o discurso semidirigido, com 0,57 de peso relativo, e o QFF, tipo de discurso em que há um maior monitoramento da fala, com 0,54.

Cita-se uma diferença em relação aos resultados de Almenara que alcança 0,51 de peso relativo para o QFF, superando o discurso semidirigido que, com 0,46 de peso relativo,

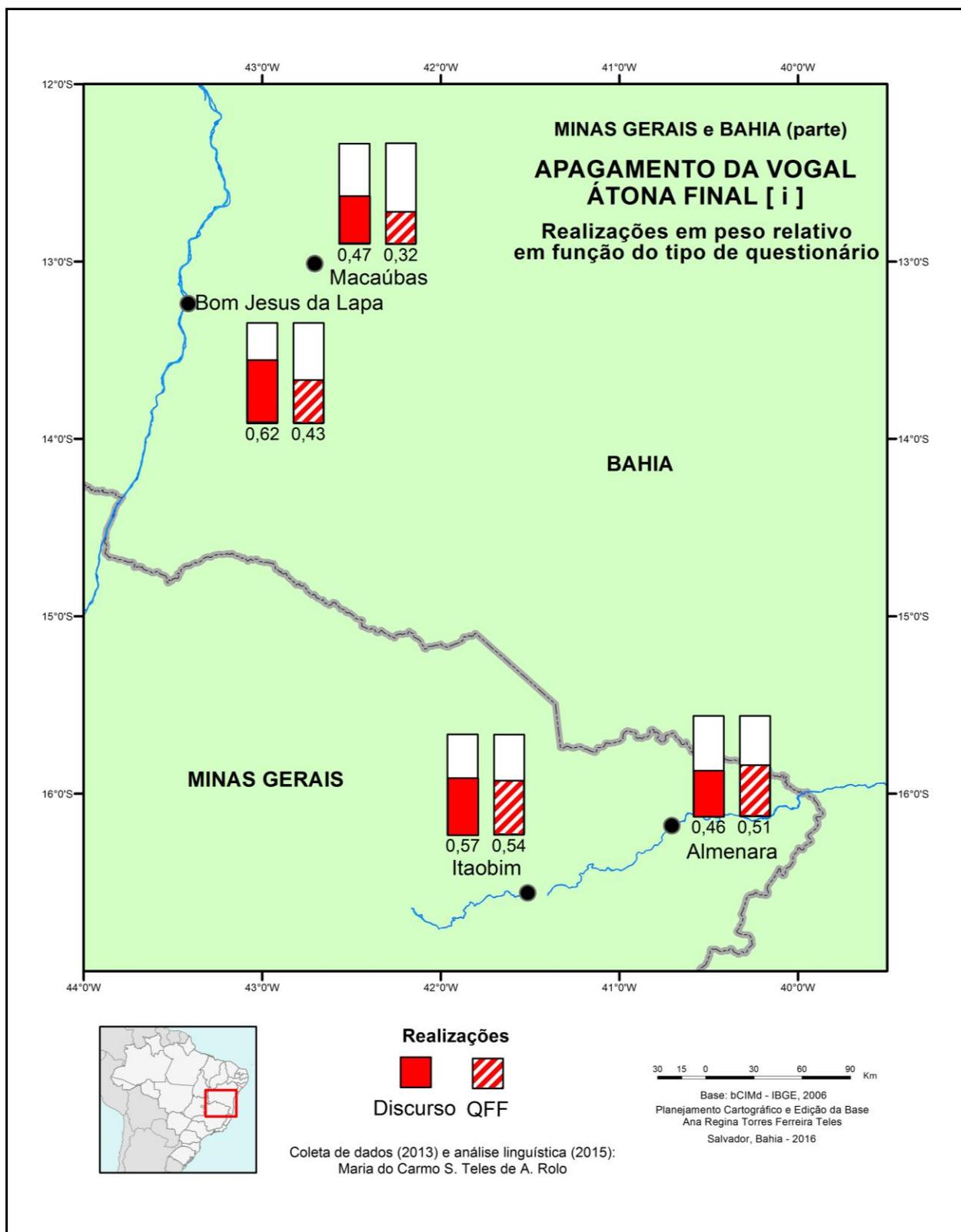
desfavorece a regra. É evidente que esse valor não representa favorecimento algum da regra, pois está muito próximo da neutralidade.

A cidade de Bom Jesus da Lapa revela um acentuado favorecimento do apagamento no discurso semidirigido com 0,62 de peso relativo. O QFF, desfavorece a regra com 0,43 de peso relativo.

Por fim, a localidade de Macaúbas, apesar de desfavorecer a regra tanto para o discurso (0,47) quanto para o QFF (0,32), apresenta certa tendência de favorecimento no discurso semidirigido.

Na Figura 25, encontra-se a representação cartográfica dos resultados para o cruzamento das variáveis diatopia e tipo de questionário.

Figura 25 – Carta com a distribuição diatópica do apagamento da vogal átona final [i] e o tipo de questionário, em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim



Observa-se, na Figura 25, que, em Minas Gerais, a diferença em pesos relativos dentro de cada localidade é menor do que a diferença observada dentro de cada localidade da Bahia. Possivelmente o fenômeno seja mais estigmatizado na Bahia, onde se observa um monitoramento no QFF maior do que em Minas Gerais.

Ressalta-se que em Bom Jesus da Lapa, na Bahia, o apagamento se aproxima daquele observado em Itaobim, Minas Gerais. Uma possível explicação para este fato pode ser o fato de Bom Jesus da Lapa estar localizada às margens do Rio São Francisco que já foi único sistema viário da região, como salienta Barbosa (1996, p. 36) “O sistema viário do Rio São Francisco, estrangulando-se o processo de integração sócio cultural da Região iniciado ainda na era das Bandeiras”.

6.1.2.3 Algumas considerações sobre o apagamento da vogal átona final [ɪ] em Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim

Em linhas gerais, serão retomados, nesta seção, apenas os pontos principais com as conclusões centrais acerca do condicionamento da variável nas localidades selecionadas para esta pesquisa: Bom Jesus da Lapa e Macaúbas, na Bahia; Almenara e Itaobim em Minas Gerais.

1) Com respeito às consoantes quanto ao modo de articulação, as oclusivas, com 0,74 de peso relativo favorecem com maior força o processo de apagamento, seguidas das consoantes laterais, com 0,53.

2) Com relação à vogal da sílaba antecedente, verifica-se um favorecimento maior da vogal oral central, com 0,61, e vogais orais anteriores, com 0,60 de peso relativo.

3) Os resultados obtidos para as consoantes quanto à zona de articulação revelam que são as dentoalveolares que realmente tem representatividade estatística no apagamento da vogal átona final [ɪ], com peso relativo de 0,59.

4) O contexto fonético seguido de consoante, com 0,58 de peso relativo, é o que mais favorece o apagamento da vogal [ɪ] nas localidades.

5) Quanto à dimensão do vocábulo, esperava-se que os polissílabos favorecessem a regra, no entanto, foram os trissílabos favorecedores com maior força, com 0,61 de peso relativo.

6) Das variáveis sociais estudadas, a variável sexo mostrou-se estatisticamente significativa apenas quando associada à localidade, revelando a distribuição do apagamento

nos dois sexos, com leve tendência para as mulheres. Os dados revelaram que o apagamento está concentrado na faixa II em todas as localidades. Pode-se dizer que esse resultado sinaliza uma mudança em curso com falantes mais velhos apagando mais a vogal átona final.

7) Quanto às variáveis geolinguísticas, os resultados mostraram que há uma maior concentração de apagamento em Itaobim, Minas Gerais, com 0,55 de peso relativo. Almenara, localidade em que o *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais* (EALMG), registra casos de apagamento, desfavorece a regra com 0,48 de peso relativo. Bom Jesus da Lapa, na Bahia, configura-se como área de apagamento, com 0,53 de peso relativo. Macaúbas, uma das localidades baianas em que há registros de apagamento no *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB), apresenta o menor índice, com 0,41 de peso relativo, desfavorecendo a regra.

8) Quanto às variáveis discursivas, foram observadas poucas diferenças em relação ao tipo de questionário utilizado. Em Itaobim, os falantes realizam o apagamento independente do tipo de discurso; tanto o discurso semidirigido (0,57) quanto o QFF (0,54) favorecem o processo. Em Bom Jesus da Lapa, o apagamento está concentrado no discurso (0,62); o QFF desfavorece a aplicação da regra (0,43). Em Almenara, os valores são muito próximos para o QFF (0,51) e para o discurso (0,46). Em Macaúbas, mesmo desfavorecendo a regra, o discurso apresenta pequena tendência ao apagamento.

6.2 APAGAMENTO DAS VOGAIS ÁTONAS FINAIS [ɪ] E [ʊ] EM BOM JESUS DA LAPA E MACAÚBAS (BA), ALMENARA E ITAOBIM (MG): CONFRONTANDO RESULTADOS COM OS DA LOCALIDADE RURAL DE BECO (BA)

Nesta seção, serão comparados, de forma sucinta, os resultados aqui obtidos, através da análise sincrônica de dados de fala espontânea coletados em localidades baianas (Macaúbas e Bom Jesus da Lapa) e mineiras (Almenara e Itaobim), aos do povoado de Beco, distrito de Seabra-BA, analisados em Rolo (2010), elencando-se semelhanças e diferenças.

Esse confronto toma por base os resultados apresentados na análise geral dos dados incluindo as quatro localidades conjuntamente: Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim, haja vista que essas localidades apresentam comportamento próximo quanto à atuação das variáveis no condicionamento da regra tanto na Bahia quanto em Minas Gerais, conforme pontuado no item 6 do capítulo de análise.

Levando-se em consideração os resultados encontrados por Rolo (2010), optou-se, então, por adotar o povoado de Beco como base para o confronto com os resultados obtidos na presente análise.

6.2.1 Apagamento da vogal átona final [u]: confrontando os dados obtidos da análise na Bahia e em Minas Gerais com os do povoado de Beco (ROLO, 2010)

Da análise realizada sobre o apagamento da vogal [u] em localidades da Bahia e de Minas Gerais, foram observadas algumas semelhanças e diferenças em relação aos contextos linguísticos e extralinguísticos que condicionam as variantes e que serão confrontados com o estudo de Rolo (2010).

Em Beco, das 1.744 ocorrências quantificadas para a vogal [u], 1.311 foram realizadas na forma não-padrão, correspondendo a um percentual de 75% de ausência da vogal final átona [u]. Enquanto que, nas localidades da Bahia e de Minas Gerais reunidas, foram quantificadas 5.288 ocorrências das quais 2.023 foram de apagamento da vogal [u], correspondendo a um percentual de 38%. Ressalta-se que, em Beco, realiza-se majoritariamente mais apagamentos do que nas localidades reunidas. Os dados mostram que o apagamento nessa localidade é característica local e pode estar associado às questões do povoamento.

Levando-se em consideração os resultados observados em Rolo (2010) e os dados obtidos nesta análise para as localidades da Bahia e de Minas Gerais, serão discutidos, a seguir, as semelhanças e diferenças observadas entre o povoado de Beco e as cidades de Bom Jesus da Lapa, Macaúbas, Almenara e Itaobim.

i. Consoante pré-vocálica

Em Beco, Rolo (2010) tomou para análise as consoantes pré-vocálicas individualmente, incluindo um grupo de consoante obstruinte + tepe, em realizações como: *sempre* ['sẽp], *coentro* ['kwẽt], *sofre* ['sɔf], *quadro* ['kwad] e *dentro* ['dẽt] em que se observa não só a queda da vogal, mas também do tepe. Além do grupo obstruinte + tepe, constatou-se que o apagamento da vogal [u] também é favorecido pelas consoantes [p, s, n, ʃ, v, d, f] e na ordem decrescente de valores, observam-se:

- grupo consonântico obstruente + [r] (0,68 p.r.)
- oclusiva bilabial surda [p] (0,64 p.r.)
- fricativa dento-alveolar surda [s] (0,63 p.r.)
- nasal dento-alveolar sonora [n] (0,61 p.r.)
- fricativa palatal surda [ʃ] (0,61 p.r.)
- fricativa labiodental sonora [v] (0,61 p.r.)
- oclusiva dento-alveolar sonora [d] (0,54 p.r.)
- fricativa labiodental surda [f] (0,53 p.r.)

Na análise das localidades da Bahia e de Minas Gerais, as consoantes foram agrupadas quanto ao modo e quanto à zona de articulação. Os resultados obtidos para cada agrupamento de consoantes podem ser observados a seguir:

Quanto ao modo de articulação, sobressaem como maiores favorecedoras da aplicação da regra, as consoantes:

- fricativas (0,60 p.r.)
- nasais (0,57 p.r.)

Quanto à zona de articulação, o destaque vai para as dentoalveolares que são as consoantes que atingem alguma importância nesse grupo, com 0,53 de peso relativo na aplicação da regra.

Observa-se que as consoantes selecionadas na localidade de Beco com representatividade significativa estão contidas, em sua maioria, nos agrupamentos realizados na presente análise (seja quanto ao modo, seja quanto à zona de articulação) como as fricativas, nasais e as dentoalveolares, razão que explica as diferenças de metodologias entre a tese e a dissertação. Cita-se uma diferença em relação à oclusiva bilabial surda [p] que não se enquadra em nenhum dos agrupamentos selecionados, entretanto, pode ser efeito do grupo obstruente, uma vez que o vocábulo *sempre* ocorreu com certa frequência no discurso dos informantes. Dessa forma, os pesos relativos revelam que as consoantes pré-vocálicas, agrupadas ou não, favorecem o apagamento da vogal [u].

ii. Dimensão do vocábulo

Quanto à extensão do vocábulo em que se encontra a variável, em Beco, esse grupo não se mostrou estatisticamente relevante para a pesquisa. Os valores eram muito próximos

entre dissílabos (42%), trissílabos (33%) e polissílabos (28%). Nessa localidade o número de sílabas não influencia no processo.

Nas localidades baianas e mineiras, os polissílabos revelaram-se como os maiores favorecedores da aplicação da regra de apagamento da vogal [u], com 0,69 de peso relativo. Em seguida, os trissílabos favorecem o processo, com 0,55. Esse resultado confirma a hipótese de que, nessas localidades, a extensão do vocábulo favorece o apagamento da vogal. Diferente do que acontece em Beco, em que o número de sílaba não interfere no processo.

iii. Contexto fonético seguinte

No que concerne ao contexto fonético seguinte, em Beco, o contexto seguido de consoante está mais propenso ao apagamento da vogal [u], com 0,55 de peso relativo. Nas localidades da Bahia e de Minas Gerais esse contexto favorece com maior força o apagamento, com 0,61 de peso relativo. Os resultados indicam que, dado um contexto consonantal, há uma tendência ao apagamento da vogal [u]. Ratificam-se, assim, os resultados observados em Oliveira (2012) que aponta o contexto seguido de consoante como favorecedor do apagamento.

iv. Vogal da sílaba antecedente

Em Beco, esse grupo não se mostrou relevante para a investigação. Através do arquivo de células gerado pelo *Goldvarb 2001*, percebeu-se que os valores para cada fator deste grupo, vogais anteriores (35%), central (39%) e posteriores (39%), eram muito próximos. Daí ter sido descartado pelo programa. Na análise da Bahia e de Minas Gerais, os resultados obtidos revelaram a vogal nasal central como a maior favorecedora do processo, com 0,60 de peso relativo.

v. Sexo do informante

Em Beco, a variável sexo destaca o papel dos homens no favorecimento da regra, com 0,66 de peso relativo, enquanto as mulheres a desfavorecem, com 0,32. Esse resultado coincide com os de Oliveira A. J. (2006, p.105) para a cidade de Itaúna-MG, que mostra o sexo masculino como condicionador do apagamento “[...] em Itaúna, os homens utilizam mais

as variantes mais inovadoras do que as mulheres”. Nas localidades da Bahia e de Minas Gerais, o sexo só foi selecionado associado à diatopia. Em Itaobim, o apagamento realiza-se independente do sexo do falante. O homem favorece a aplicação da regra de apagamento, com 0,66 de peso relativo; a mulher, com 0,55. Enquanto em Almenara, com 0,63 de peso relativo, é a mulher que favorece. Nas localidades da Bahia esse fator não desempenhou um papel importante como motivador do apagamento.

v. Faixa etária do informante

A influência da faixa etária, em Beco, demonstra uma tendência de mudança na comunidade. A faixa II lidera o processo de apagamento, com 0,64 de peso relativo. A geração mais jovem (0,32) demonstra um comportamento que a distancia da geração mais idosa. Observa-se que essa faixa etária desfruta de uma maior mobilidade e de maior acesso aos meios de comunicação, o que os faz evitar as formas apocopadas.

Na análise das localidades baianas e mineiras, a direção da influência quanto à faixa etária é a mesma observada em Beco. A faixa II favorece o processo de apagamento nas localidades, com 0,53 de peso relativo. Pode-se dizer, então, que os falantes da faixa II apresentam uma tendência à mudança nas localidades. Conforme esclarece Labov (2008 [1972]), os dados mais simples para se esclarecer a existência de uma mudança linguística são as gerações apresentarem características sociais comparáveis que representem estágios na evolução da mesma comunidade de fala. Sendo assim, compara-se a fala de pessoas mais idosas com a de pessoas mais jovens e tomam-se as diferenças entre elas como indícios de uma mudança linguística.

vi. Tipo de questionário

O tipo de questionário, em Beco, foi o fator mais importante e está em primeiro lugar na seleção do programa. O discurso semidirigido é o tipo de questionário que mais favorece o apagamento, apresentando um peso relativo de 0,58, e o QFF a desfavorece, com 0,36. Também nas localidades da Bahia e de Minas Gerais, o tipo de questionário foi o primeiro fator selecionado pelo programa *Goldvarb 2001*, no favorecimento da regra. Na análise dessas localidades, o apagamento da vogal [u] concentra-se com maior força no discurso semidirigido, com 0,75 de peso relativo. O QFF desfavorece com um peso relativo de 0,29.

Conforme comentado no item 6.1.1.2.2, essa diferença entre os tipos de questionário nas localidades pode indicar certa consciência do falante em relação ao processo de apagamento, uma vez que no discurso monitorado, em que se presta mais atenção à fala, o apagamento é evitado. Emergindo daí um estereótipo, conforme observa Labov (2008 [1972], p. 287), quando “um pequeno número de marcadores sociolinguísticos ascendem à consciência social, explícita, se torna um estereótipo”.

Em Beco, embora não se tenha também aplicado testes de reação subjetiva, admite-se que o apagamento se apresenta como um estereótipo, sujeito à coerção social.

vii. Diatopia

A diatopia manifesta variação. Os resultados revelam que o povoado de Beco favorece o apagamento, com 0,97 de peso relativo. O alto valor no favorecimento da regra mostra que o apagamento é um fenômeno característico da localidade. Nas localidades de Minas Gerais, registra-se o peso relativo mais alto em Itaobim, com 0,60 de aplicação da regra. Em Almenara, observa-se um peso relativo de 0,55. Na Bahia, obtêm-se valores mais baixos para ambas as localidades: Bom Jesus da Lapa apresenta 0,41 e Macaúbas 0,39.

Chama atenção o comportamento linguístico das comunidades selecionadas. Os resultados em pesos relativos das comunidades mineiras se aproximam mais dos índices observados em Beco do que os pesos relativos notados nas comunidades baianas.

6.2.2 Apagamento da vogal átona final [ɪ]: confrontando os dados obtidos da análise na Bahia e em Minas Gerais com os do povoado de Beco (ROLO, 2010)

Quanto aos resultados da análise empreendida sobre o apagamento da vogal [ɪ] em localidades da Bahia e de Minas Gerais, verificaram-se algumas semelhanças e diferenças em relação aos contextos linguísticos e extralinguísticos que condicionam as variantes e que serão confrontados com os resultados obtidos para o povoado de Beco em Rolo (2010).

Os dados mostram o povoado de Beco, como área característica do fenômeno. Das 793 ocorrências quantificadas para a vogal [ɪ], 651 foram realizadas na forma não-padrão, correspondendo a um percentual de 82% de ausência da vogal final átona [ɪ]. Nota-se que também na análise de [ɪ], o apagamento no povoado de Beco revela-se um fenômeno majoritário, exibindo um percentual muito alto de ocorrências. Nas localidades da Bahia e de

Minas Gerais, foram quantificadas 1.613 ocorrências, das quais 756 foram de apagamento da vogal [ɪ], correspondendo a um percentual de 46%. Ressalta-se que o apagamento em Beco é uma particularidade local, cuja origem está associada, provavelmente, ao contexto socio-histórico de sua formação.

Para a análise da vogal [ɪ], foram selecionadas pelo programa estatístico apenas dois fatores linguísticos com possível influência na aplicação da regra: a consoante pré-vocálica e o contexto fonético seguinte.

i. Consoante pré-vocálica

Quanto à consoante pré-vocálica, os dados revelaram que, em Beco, o apagamento da vogal [ɪ] é favorecido principalmente pela:

- consoante oclusiva dentoalveolar [t] (0,73 p.r.);
- consoante lateral alveolar sonora [l] (0,63 p.r)

Os resultados da Bahia e de Minas Gerais demonstraram similaridade em relação aos resultados observados em Beco, quanto aos grupos de fatores condicionadores da regra. As consoantes isoladamente identificadas em Beco como grandes favorecedoras estão contidas nos grupos que favorecem com maior força o apagamento nas localidades baianas e mineiras, mantendo, inclusive, a mesma ordem de favorecimento: oclusivas em primeiro lugar, com 0,74, seguidas das laterais, com 0,53, o que possivelmente justifica o agrupamento.

ii. Vogal da sílaba antecedente

Em Beco, a vogal da sílaba antecedente não foi selecionada pelo programa em nenhuma das rodadas realizadas. Na análise das localidades da Bahia e de Minas Gerais os resultados revelaram a vogal oral central como a maior favorecedora do processo, com 0,61 de peso relativo, seguida das vogais orais anteriores, com 0,60.

iii. Contexto fonético seguinte

O contexto seguido de consoante demonstrou grande favorecimento do apagamento tanto no povoado de Beco, quanto nas localidades reunidas. Nota-se que os valores em pesos

relativos para o condicionamento do contexto seguinte nas localidades são similares. Com 0,58 de peso relativo, o contexto seguido de consoante favorece o apagamento da vogal [i] tanto em Beco, quanto nas localidades da Bahia e de Minas Gerais, analisadas conjuntamente, o valor permanece o mesmo. Ressalta-se que o contexto seguido de consoante configura-se como um contexto em que a vogal final torna-se mais propensa ao apagamento.

iv. Dimensão do vocábulo

Concernente à extensão do vocábulo em que se encontra a variável, em Beco, esse grupo não revelou importância alguma no condicionamento da regra. É possível que no povoado o apagamento aconteça independente do número de sílabas do vocábulo. Nas localidades baianas e mineiras, são os trissílabos que favorecem o apagamento da vogal, com 0,61 de peso relativo. Os polissílabos encontram-se na zona de neutralidade, com 0,50 de peso relativo. Provavelmente a extensão do vocábulo exerça pouca influência no favorecimento da regra para a vogal [i].

v. Faixa etária do informante

Com relação à faixa etária, os pesos relativos revelam uma tendência de mudança implantada nas localidades. Em Beco, os valores são muito significativos, visto que os resultados mostram que a faixa II, com 0,67, exibe um comportamento que a distancia da faixa I, com 0,34, praticamente a metade do peso relativo para a sua correspondente faixa II. Da mesma forma, nas localidades baianas e mineiras, embora a diferença entre as faixas seja um pouco menor, a faixa II, lidera o processo com 0,56 de peso relativo, enquanto a faixa I o desfavorece com 0,43.

vi. Sexo do informante

Tanto em Beco quanto nas localidades da Bahia e de Minas Gerais, o sexo do falante não foi selecionado individualmente para cada localidade. Esse grupo só passa a ter representatividade associado à faixa etária. Em Beco, homens (0,74) e mulheres (0,62) da faixa II favorecem a regra de apagamento. No entanto, observa-se comportamento distinto na faixa I em que os homens continuam à frente do processo com 0,61 de peso relativo, mas as

mulheres jovens demonstram um comportamento que evita as formas apocopadas com apenas 0,08 de peso relativo e, conseqüentemente, usa mais as formas de prestígio.

Essa sensibilidade das mulheres às formas prestigiosas está prevista em Labov (2008 [1972], p. 281) que, a esse respeito salienta: “Na fala monitorada, as mulheres usam menos formas estigmatizadas do que os homens e são mais sensíveis do que os homens ao padrão de prestígio”. Neste caso, as mulheres conservam as formas de mais prestígio linguístico, evitando as formas com apagamento. Em Beco, os homens favorecem o apagamento da vogal [I], coincidindo com os resultados observados em Oliveira A. J. (2006, 2012) que constata o mesmo em seus estudos em Itaúna-MG.

Na Bahia, Bom Jesus da Lapa segue a mesma tendência observada em Beco, homens (0,57) e mulheres (0,56) favorecem o apagamento. Em Macaúbas, o sexo desfavorece o processo. Nas localidades mineiras, Itaobim segue a mesma tendência de favorecimento observada em Bom Jesus da Lapa com homens (0,57) e mulheres (0,56) liderando o processo de apagamento. No entanto, Almenara apresenta comportamento distinto com mulheres apresentando tendência, embora muito próximo da neutralidade, superior aos homens no favorecimento da regra de apagamento, com 0,53 de peso relativo, enquanto os homens desfavorecem com 0,42.

vii. Tipo de questionário

Quanto ao tipo de questionário, em Beco, o discurso semidirigido alcançou o mais alto índice de aplicação da regra de apagamento, com 0,95 de peso relativo. Também o QFF, onde se obtêm respostas mais monitoradas, apresentou um alto valor de apagamento, com 0,87 de aplicação da regra. É provável que esteja mais associado à localidade do que ao tipo de questionário.

Em Minas Gerais, Itaobim apresenta a mesma tendência de apagamento observado em Beco. Embora com pesos relativos mais baixos, os dois tipos de questionário favorecem o apagamento com 0,57 para discurso semidirigido e 0,54 para o QFF.

Em Bom Jesus da Lapa, na Bahia, apenas o discurso semidirigido segue a mesma tendência observada em Beco, favorecendo a regra com 0,62 de peso relativo, enquanto o QFF a desfavorece com 0,43. O que revela certa consciência do fenômeno por parte dos informantes, evitando as formas apocopadas no discurso mais monitorado.

Possivelmente, fatores históricos contribuíram para delinear esse quadro. A história do povoamento de Beco, conforme comentado neste estudo, está associada aos caminhos por onde passavam tanto as boiadas vindas do São Francisco quanto tropeiros, garimpeiros, negociantes em suas andanças em busca do ouro e diamantes provenientes de garimpos em direção ao Gerais, em Minas. Bom Jesus da Lapa desenvolvia forte ligação com Minas Gerais através do Rio São Francisco. É possível que essa intercomunicação tenha contribuído de alguma forma para a propagação do fenômeno nas localidades.

Almenara, área de Minas Gerais em que se encontram alguns registros de apagamento no EALMG, apresenta neutralidade, com 0,51 para o QFF, e 0,47 para o discurso, desfavorecendo a supressão. Macaúbas, na Bahia, área em que o APFB registra alguns casos de apagamento, os dois tipos de questionário o desfavorecem, com 0,47 para o discurso semidirigido e 0,32 para o QFF.

É relevante destacar que a comparação acima deve ser relativizada; entretanto a identificação das semelhanças e diferenças entre o povoado de Beco e as cidades da Bahia e de Minas Gerais é de fundamental importância em virtude de fornecerem pistas que ajudam a compreender a distribuição do apagamento na Bahia e em Minas Gerais, aperfeiçoando, assim, o entendimento do fenômeno.

7 ANÁLISE ACÚSTICA DOS DADOS

Nesta seção, será apresentada uma análise espectrográfica dos enunciados com o propósito de buscar evidências a respeito da ocorrência do apagamento em contextos de frases fonológicas. Três partes compõem esta seção: i) na primeira, encontra-se uma análise espectrográfica da presença e ausência das vogais átonas finais [ɪ] e [ʊ]; ii) na segunda, encontra-se a análise dos dados onde se investiga a interferência da curva entoacional na ocorrência do apagamento dessas vogais; iii) na terceira, são apresentadas algumas considerações sobre os resultados da análise acústica.

7.1 CARACTERIZAÇÃO ACÚSTICA DA VARIÁVEL: ANÁLISE ESPECTROGRÁFICA

Nas observações de Mateus et al. (1990, p. 138), “Espectrograma é o instrumento que fornece a visão mais globalizante das propriedades físicas dos sons da fala, permanecendo assim como um instrumento fundamental, auxiliar precioso para o estabelecimento de hipóteses”, assim sendo, os espectrogramas constituem-se como elementos essenciais de análise. Através da análise espectrográfica gerada pelo programa, pode-se perceber não só a presença, mas também a ausência de vogais átonas finais.

A caracterização acústica do fenômeno variável antecederá a análise dos dados com o propósito de respaldar o processo de apagamento das vogais átonas finais investigadas neste estudo. Primeiro, serão apresentados espectrogramas da fala natural, que permitem visualizar a presença e a ausência da vogal [ʊ], em seguida, serão apresentados espectrogramas da vogal [ɪ] para visualização da variável.

7.1.1 Presença e ausência da vogal átona final [ʊ]: análise espectrográfica

Apresentam-se, nas Figuras 26 e 27, espectrogramas da realização da palavra *caroço* na forma padrão e na forma não-padrão, na localidade de Itaobim. A Figura 28 refere-se ao espectrograma do trecho “*começa brincan (brincando) termina brigam (brincando)*” realizado por uma informante de Itaobim.

Figura 26 – Espectrograma da palavra *caroço* [ka'rosu] (Itaobim, inf. fem., f. 2)

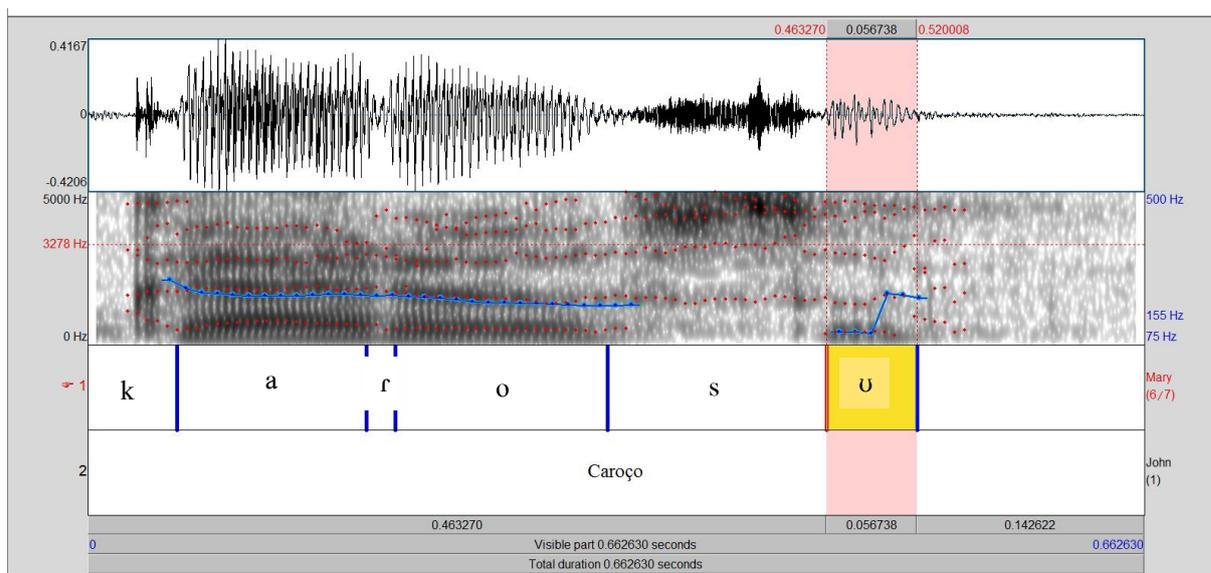
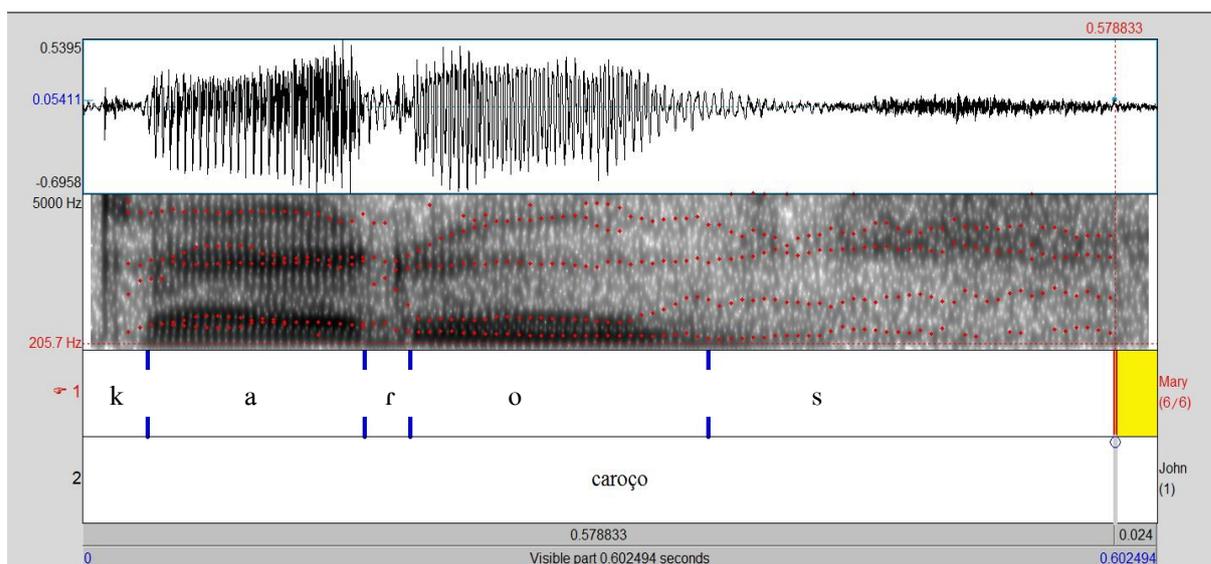


Figura 27 – Espectrograma da palavra *caroço* [ka'ros] (Itaobim, inf. masc., f. 2)

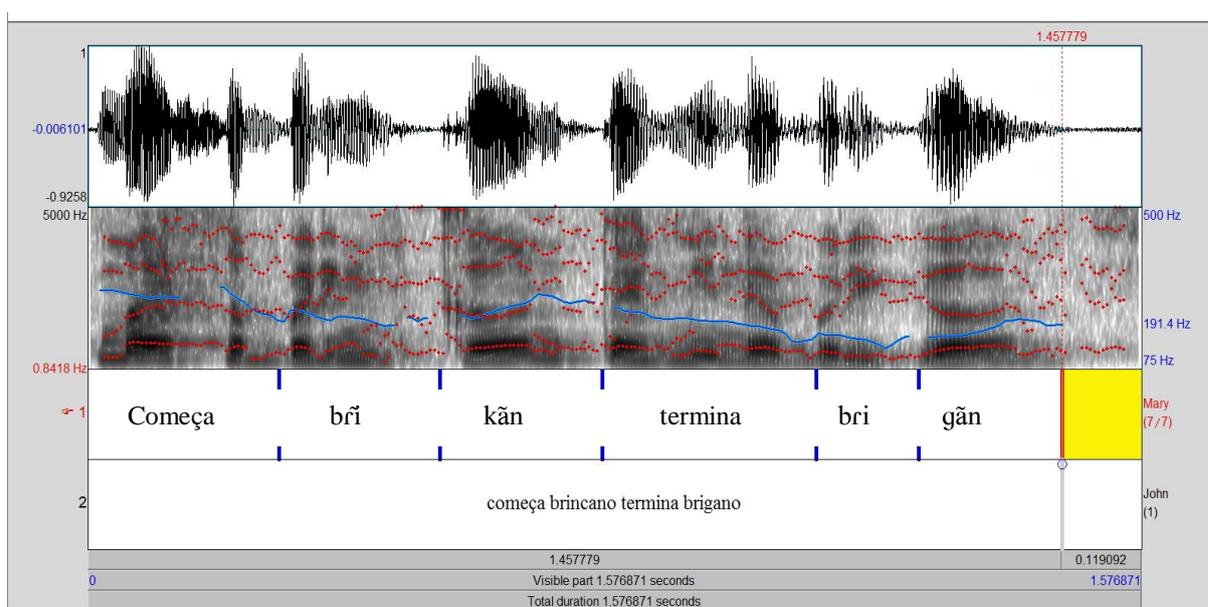


A partir da análise visual dos espectrogramas (Figuras 26 e 27), pode-se perceber a presença e a ausência da vogal final [u]. Na Figura 26, para realização da palavra *caroço*, o sinal acústico mostra com clareza a presença da vogal final [u]. Os formantes para esse segmento vocálico final apresentam valores absolutos de frequências que variam em torno de F1 388.805665 e F2 1359.468561. A Figura 27 mostra acusticamente o apagamento da vogal átona [u] em posição final absoluta. Observa-se que há apenas a fricção da consoante

anterior fricativa [s] na realização de *caroço* [ka'ros], sem vestígio acústico que possa levar a uma configuração formântica de uma vogal final. É possível visualizar ondas aperiódicas seguidas de ondas periódicas, típicas de vogais. Na Figura 27, não se observa ondas que marcam a presença da vogal [u].

Na Figura 28, é possível identificar o apagamento completo da vogal átona da sílaba final [u] na frase “começa *brincano* [bɾĩ'kã̃n] termina *brigano* [bɾi'gã̃n]”.

Figura 28 – Espectrograma da frase “começa *brincano* [bɾĩ'kã̃n] termina *brigano* [bɾi'gã̃n]” (Itaobim, inf. fem., f. 2)

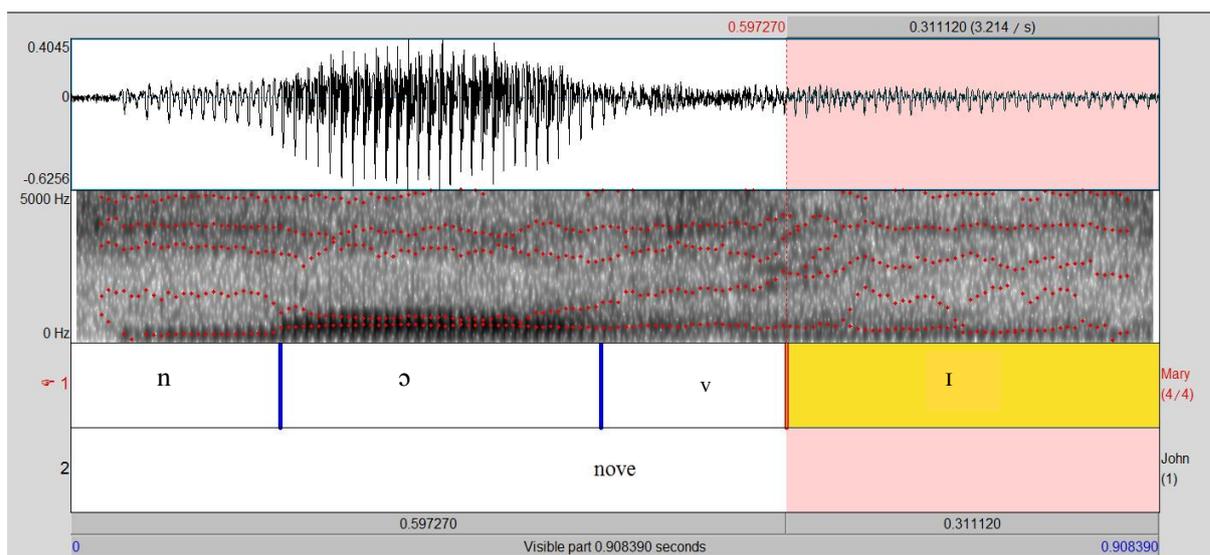


Analisando a Figura 28, é possível observar que, após o segmento [n] das realizações das sílabas finais [kã̃n] e [gã̃n], não se observam formantes característicos de segmentos vocálicos. Observa-se acusticamente o apagamento da vogal átona [u] em posição final em contexto seguido de consoante [bɾĩ'kã̃n] e em contexto seguido de pausa [bɾi'gã̃n]. É possível perceber que não se trata de uma impressão auditiva do fenômeno, mas sim, de uma ausência comprovada acusticamente e que é objeto de investigação desse estudo. Não se observa, portanto, a forma de onda, própria das vogais, e correspondente, neste caso, à vogal final [u].

7.1.2 Presença e ausência da vogal átona final [ɪ]: análise espectrográfica

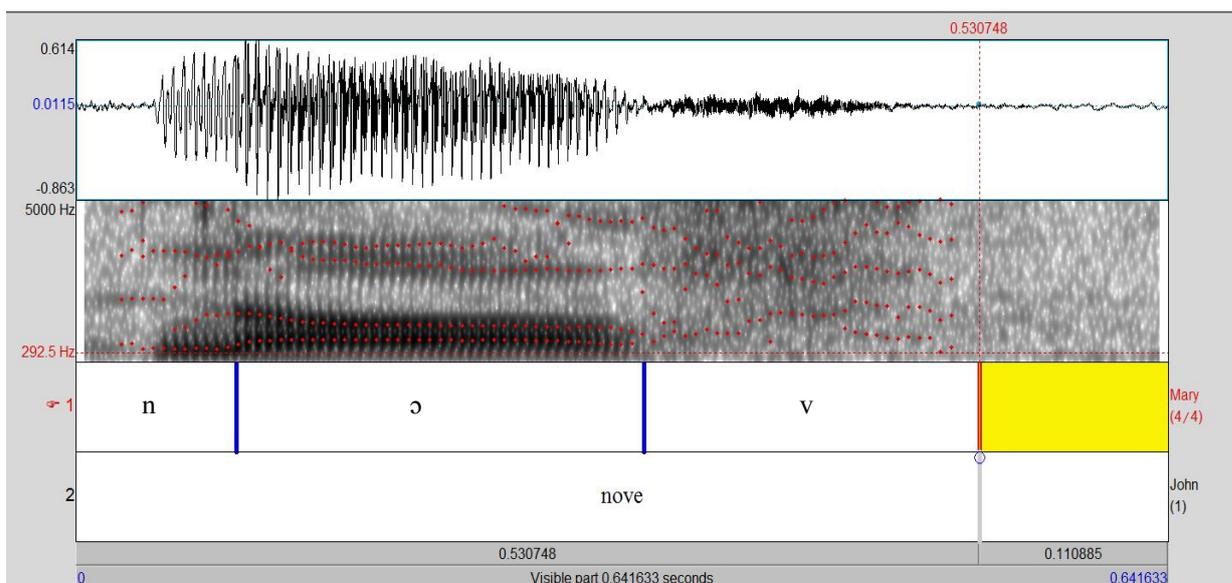
Apresentam-se, nas Figuras 29 e 30, espectrogramas das realizações da palavra *nove*: [ˈnɔvi] ~ [ˈnɔv] em Almenara, através dos quais podem ser visualizadas a presença e a ausência da vogal [ɪ] .

Figura 29 – Espectrograma da palavra *nove* [ˈnɔvi] (Itaobim, inf. masc., f. 2)



A estrutura acústica observada no espectrograma acima permite visualizar a presença da vogal final [ɪ]. Para realização da palavra *nove* [ˈnɔvi], o sinal acústico mostra claramente a presença de formantes que caracterizam a vogal final [ɪ] , apresentando valores absolutos de frequências que variam em torno de F1 375.538410 e F2 1098.064089 para esse segmento vocálico.

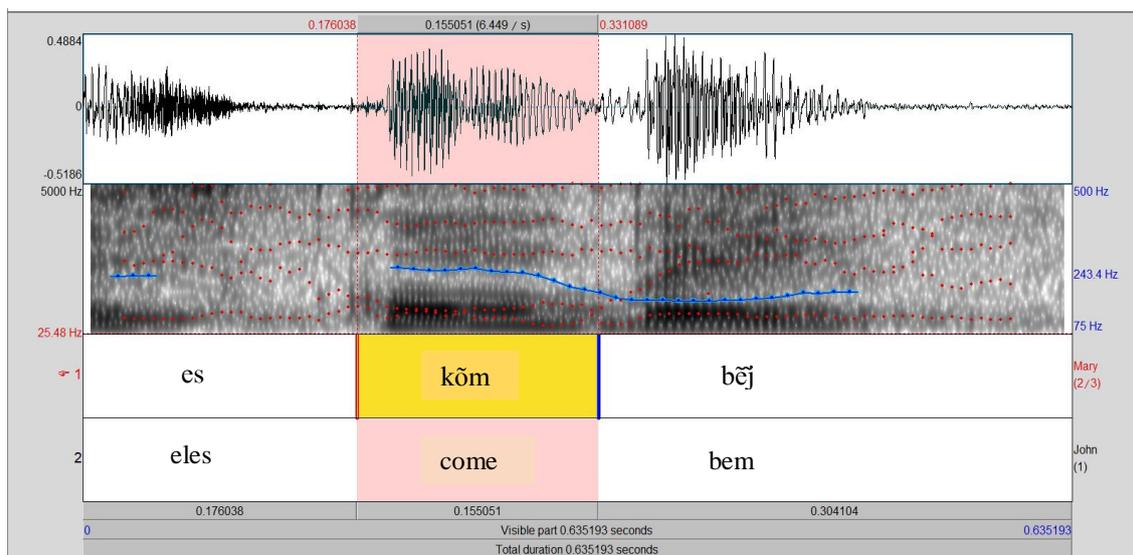
Figura 30 – Espectrograma da palavra *nove* [ˈnɔv] (Itaobim, inf. fem., f. 2)



A Figura 30 permite a constatação da ausência de formantes para a vogal [ɪ] em posição final absoluta. Observa-se, com certa facilidade, no espectrograma, a barra de sonoridade da fricativa labiodental [v] seguida de silêncio. Não há vestígio acústico, no espectrograma, que leve a uma configuração formântica para a vogal átona final [ɪ]. Pode-se visualizar, na Figura 29, ondas periódicas e aperiódicas que se propagam e ajudam a identificar a vogal [ɪ], que se apresenta um pouco alongada no espectrograma. Na Figura 30, já não se observa essa onda, dando a entender que não houve a realização da vogal final [ɪ].

A Figura 31 permite observar o apagamento completo da vogal [ɪ] na frase “*Es come bem*”.

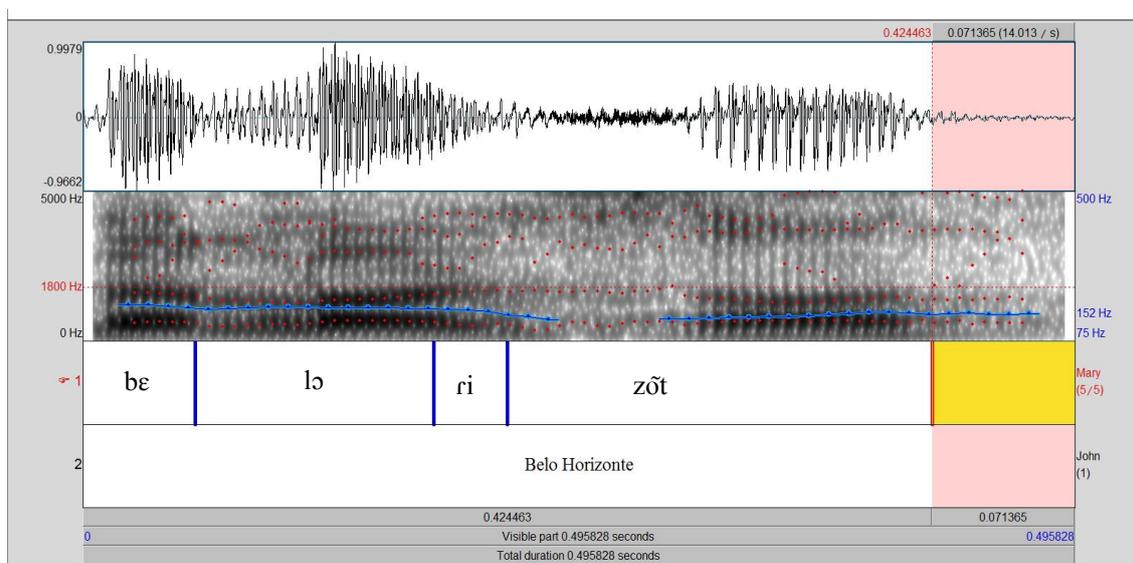
Figura 31 – Espectrograma da frase “*Es come [kõm] bem*” (Itaobim, inf. fem., f. 2)



Analisando a Figura 31, é possível notar que, não se observam vestígios acústicos que possam levar a uma configuração formântica de uma vogal final [ɪ].

O processo de apagamento da vogal átona ocorre, em grande parte dos casos, em contextos seguidos de pausa. A seguir, as Figuras 32 e 33 demonstram o apagamento da vogal nessa posição.

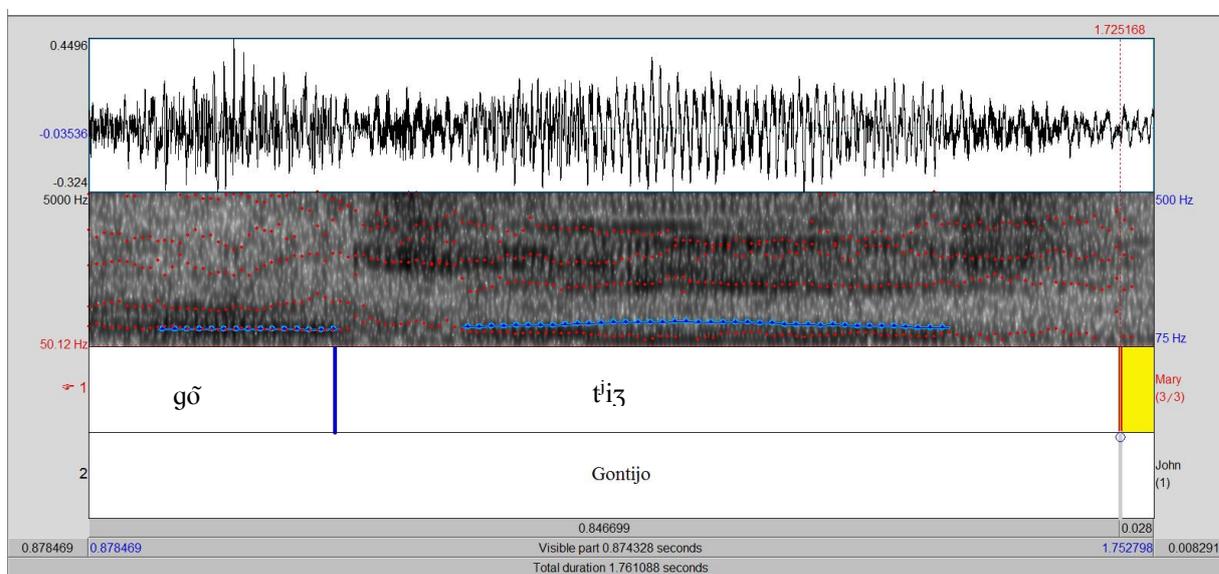
Figura 32 – Espectrograma de “*Em Belo Horizonte [belɔri'zõt]*” (Itaobim, inf. fem., f. 2)



A Figura 32 apresenta um exemplo do apagamento completo da vogal [ɪ] final em contexto de pausa. Observa-se, na imagem espectrográfica, um alongamento da vogal da

sílaba que antecede esse apagamento. Não se observam vestígios acústicos para formação da vogal final [ɪ].

Figura 33 – Espectrograma de “*Gontijo* [gõtʃiʒ]” (Itaobim, inf. masc., f. 2)



Analisando a Figura 33, percebe-se a realização alongada da vogal [ɪ] que antecede o apagamento da vogal átona final, mas não se observa uma configuração formântica para a vogal [ʊ] final.

7.2 A CURVA ENTOACIONAL EM CONTEXTOS DE APAGAMENTO DAS VOGAIS ÁTONAS FINAIS [ɪ] E [ʊ]

O acento frasal é o acento mais forte de uma sequência de palavras. Como observado em Collischonn (2007, p. 196), “este acento é caracterizado, no português, como – possivelmente – na maior parte das línguas, por uma variação na frequência fundamental, que destaca a sílaba acentuada em relação ao resto do enunciado”.

Tendo em vista que a sílaba que carrega o acento frasal é a mais proeminente dentre as sílabas acentuadas das palavras que constituem a frase, foram analisados, para este estudo, cinco enunciados contendo frases fonológicas cuja proeminência parece coincidir com maior evidência de apagamento na sentença.

Foram tomados para análise os seguintes exemplos extraídos do recorte feito nas entrevistas de dois informantes:

(1) [Começa brincano [brĩ'kẽn]]φ [termina brigano [bri'gẽn]]φ (NF58)

[x⁴⁵]φ [x]φ Frase fonológica
 [x]ω [x]ω [x] [x]ω Palavra fonológica
 [co me ça [brĩ 'kẽn]φ ter mi na [bri' gẽn]φ

(2) [Tem a São Geraldo [ʒɛ'rawdu]]φ [Gontijo [gõ'tiʒ]]φ (MM52)

[x]φ [x]φ Frase fonológica
 [x]ω [x]ω [x]ω [x]ω Palavra fonológica
 [Tem a são [ʒɛ 'raw du]]φ [[gõ 'tiʒ]]φ

(3) [e encosto [ĩ'kɔst] lá]φ (MM52)

[x]φ Frase fonológica
 [x]ω [x]ω Palavra fonológica
 [e [ĩ 'kɔst] lá] φ

(4) [morava] φ [em Belo Horizonte [,bɛlɔri'zõt]]φ (NF58)

[x]φ [x]φ Frase fonológica
 [x]ω [x]ω Palavra fonológica
 [morava] φ [[,bɛlɔri'zõt]]φ

No recorte selecionado, examinaram-se 58 frases fonológicas com o intuito de observar a presença *versus* a ausência das vogais átonas finais [ɪ] e [ʊ]. Dentre as frases analisadas, 41 delas apresentaram ausência da vogal final e 17 apresentaram presença. É importante notar que o apagamento, em sua maioria, estava associado à subida da curva melódica.

Vale-se aqui da análise acústica para observar os padrões entoacionais nas frases fonológicas. Notou-se que as frases que apresentavam ausência de vogal final possuíam uma curva melódica mais acentuada. Verificou-se ainda que onde a vogal final é apagada, a

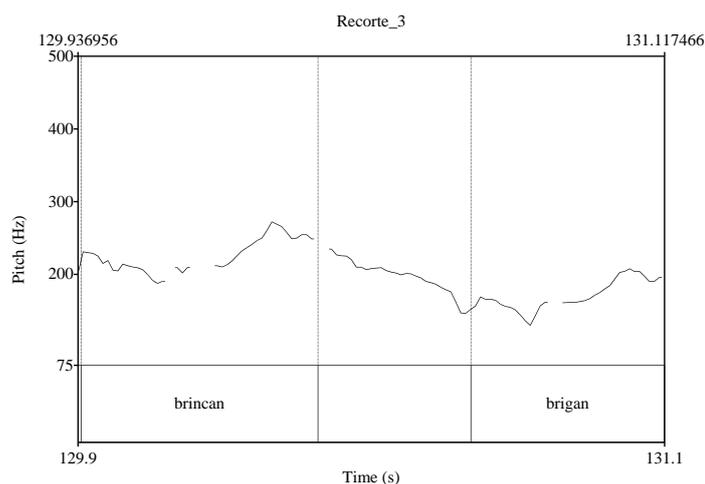
⁴⁵ Indica a sílaba mais proeminente.

frequência é mais alta e coincide com o acento frasal. Postos esses resultados em gráficos, visualiza-se a curva de F_0 mais alta depois da qual há uma tendência de o apagamento ocorrer.

O Gráfico 16, obtido através do PRAAT, representa as variações na frequência fundamental das frases, ditas por uma mulher:

(91) Começa brincano [brĩ'kẽn] termina brigano [brĩ'gẽn].

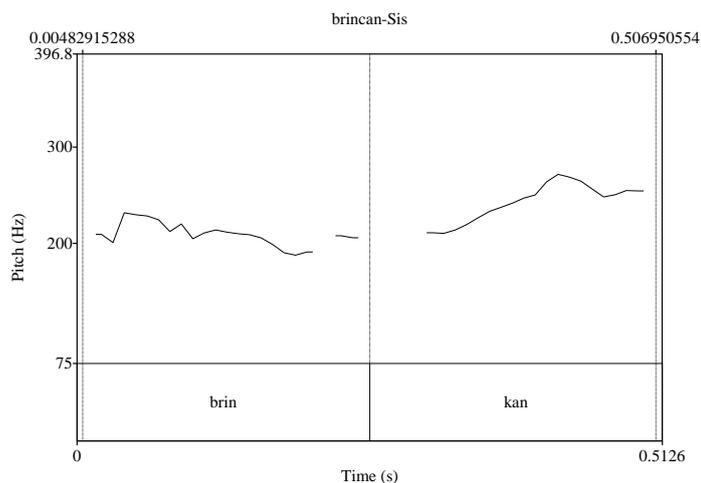
Gráfico 16 – Curva de F_0 em contexto de apagamento: [brĩ'kẽn] [brĩ'gẽn]



Analisando as duas frases fonológicas, representadas no Gráfico 16, é possível observar que o *pitch* começa baixo na primeira sílaba das duas palavras, diminui mais ainda e vai gradativamente aumentando em direção ao ápice do acento frasal. Esse contorno entoacional apresentou uma F_0 correspondente a 271 Hz para as duas frases depois do qual ocorre o apagamento da vogal.

O Gráfico 17 mostra uma análise individualizada da palavra prosódica *brincano* [brĩ'kẽn] de maneira que se possa ter uma visualização melhor do processo.

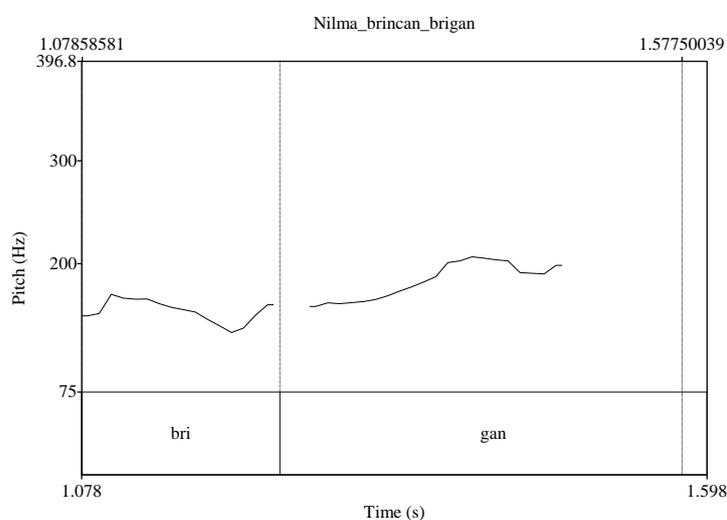
Gráfico 17 – Curva de F₀ em contexto de apagamento: [bɾi'kɐ̃n]



Na primeira frase, quando se detém apenas na análise de uma frase fonológica específica, “Começa *brincano* [bɾi'kɐ̃n]”, a curva entoacional torna-se mais nítida. A palavra fonológica “*brincano* [bɾi'kɐ̃n]”, começa com um *pitch* de 234 Hz [bɾi] e chega ao ápice na sílaba [kɐ̃n] quando atinge um valor máximo de 271 Hz. Depois do ápice ocorre o apagamento.

Esse processo pode ser observado também na análise da segunda frase fonológica “*brigano* [bɾi'gɐ̃n]”, melhor visualizada no Gráfico 18.

Gráfico 18 – Curva de F₀ em contexto de apagamento: [bɾi'gɐ̃n]

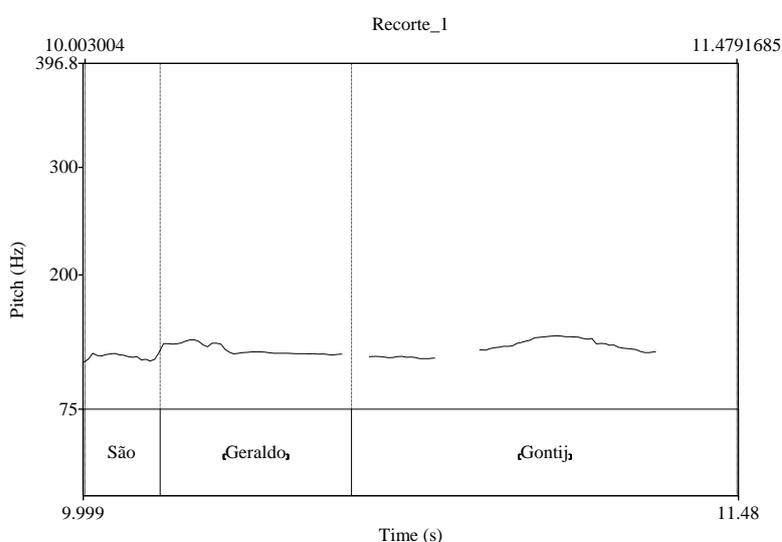


É possível verificar, no Gráfico 18, que a curva de F_0 referente à palavra prosódica “*bringano* [bri'gẽn]”, torna-se mais visível. Começa com um *pitch* mais baixo de 171 Hz em [bri] e atinge uma elevação máxima de 206 Hz na segunda sílaba [gẽn], depois do qual ocorre o apagamento da vogal.

Comportamento semelhante pode ser observado na análise do segundo grupo de frases fonológicas ditas por um homem:

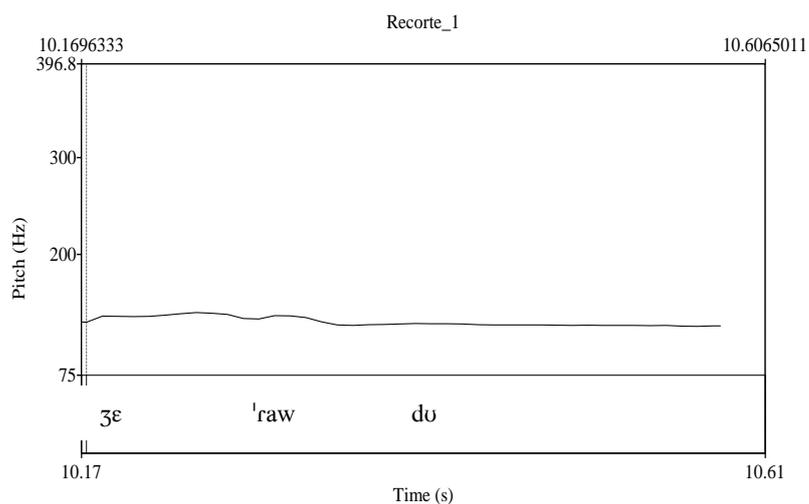
(92) [Tem a São *Geraldo* [ʒɛ'rawdʊ]]ϕ [Gontijo [gõ't'iʒ]]ϕ

Gráfico 19 – Curva de F_0 em contexto de apagamento: [ʒɛ'rawdʊ] [gõ't'iʒ]



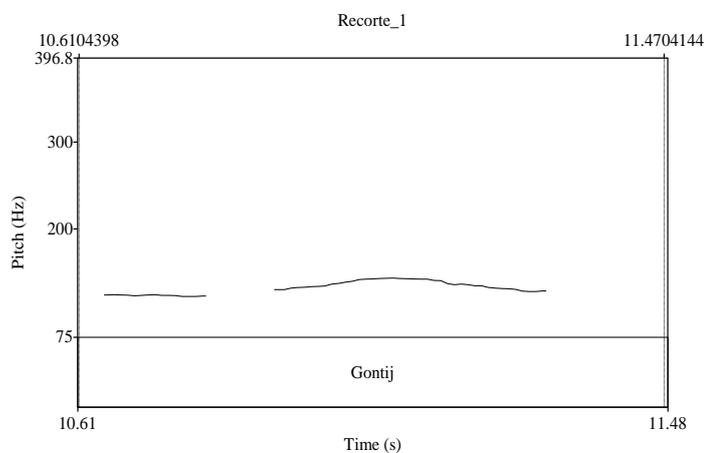
Analisando o Gráfico 19, pode-se observar que a curva mais alta de F_0 ocorre na palavra *Gontijo* [gõ't'iʒ] e alcança um *pitch* de 143 Hz com apagamento da vogal final. Na palavra *Geraldo* [ʒɛ'rawdʊ], onde não há apagamento, não se observa, praticamente, curva ascendente de F_0 .

Para melhor visualizar o processo, analisou-se individualmente cada uma das frases. A primeira, “Tem a *São Geraldo* [ʒɛ'rawdʊ]”, tem seus contornos delineados no Gráfico 20.

Gráfico 20 – Curva de F₀ em contexto de não-ocorrência de apagamento: [ʒɛ¹rawdɔ]

Analisando mais detalhadamente o Gráfico 20, não se observam evidências de apagamento na palavra *Geraldo*. É possível verificar que a curva de F₀ não sofre alteração em direção ao final da frase fonológica, apresentando *pitch* máximo de 127 Hz. A curva de F₀ encontra-se nivelada, sem estar ascendente.

Diferente comportamento é apresentado pela curva da frase *Gontijo* [gõ¹tʃiʒ], analisada individualmente, como se pode visualizar no Gráfico 21.

Gráfico 21 – Curva de F₀ em contexto de apagamento: [gõ¹tʃiʒ]

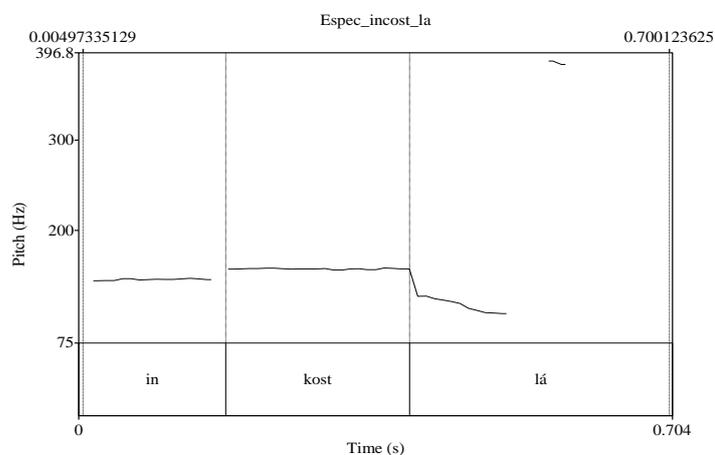
Neste gráfico, observa-se, a partir da análise acústica, o apagamento da vogal alta [u] na realização da palavra *Gontijo* [gõ¹tʃiʒ]. Esse apagamento parece estar associado ao ápice da curva de F₀ onde recai o acento frasal. É possível observar que o *pitch* começa baixo, na

primeira parte da frase [gõ], aumenta gradativamente até atingir o seu ápice [t'iɜ] quando ocorre o apagamento. Pode-se perceber claramente certo alongamento da vogal alta [i] da sílaba anterior ao apagamento, sugerindo um alongamento compensatório. Esse contorno entoacional atinge o máximo de 143 Hz depois do qual ocorre o apagamento.

A análise acústica da frase (93) comprova essa dinâmica da curva entoacional associada ao apagamento. O Gráfico 22 mostra a curva melódica da não-realização da vogal alta final [u] na frase fonológica dita por um homem.

(93) [e encosto [i'kɔst] lá]ϕ (MM52)

Gráfico 22 – Elevação da curva de F₀ em contexto de apagamento: [i'kɔst] lá



Analisando o Gráfico 22, observa-se que a curva entoacional associada ao acento frasal apresenta um valor de F₀ 158 Hz. Pode-se perceber claramente a curva do apagamento na frase. Observa-se que o *pitch* começa baixo, apresentando na primeira sílaba [i] uma frequência de 146 Hz, que aumenta na segunda sílaba [kɔst], chegando a uma frequência de 158 Hz, que é o ápice da curva, depois da qual se nota o apagamento da vogal.

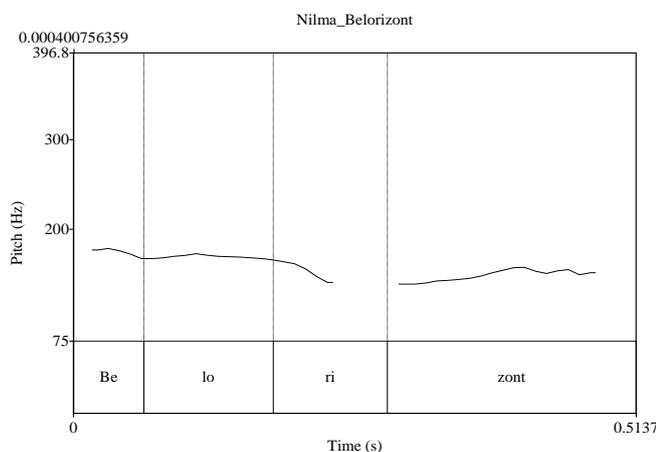
Visualiza-se um certo alongamento da vogal que está no ápice da curva e está sugerido na representação gráfica. Pode-se observar ainda que a curva cai visivelmente na última parte quando ocorre a realização monossilábica [lá] com uma frequência de 127 Hz, não se verificando, portanto, mudança de direção na curva entoacional que continua descendente.

Por último, apresenta-se o Gráfico 23, referente à frase fonológica que contém a palavra *Belo Horizonte*, realizada por uma mulher. Nesse Gráfico, visualiza-se a curva entoacional da realização da palavra *Belo Horizonte* [belɔri'zõt], extraída do exemplo (94),

onde se constata a ausência da vogal alta final e o seu efeito no acento frasal. A vogal átona final desaparece e a consoante oclusiva é realizada sem palatalização pela informante.

(94) [morava]ϕ [em Belo Horizonte [ˌbɛlɔriˈzõt]ϕ (NF58)

Gráfico 23 – Curva de F_0 em contexto de apagamento: [ˌbɛlɔriˈzõt]



Observa-se, no Gráfico 23, que a curva de F_0 apresenta um *pitch* máximo de 178 Hz. Esses dados parecem confirmar a hipótese defendida na presente tese de que o apagamento estaria ocorrendo com mais frequência depois do acento da frase fonológica, na subida da curva de F_0 .

Com a análise destas amostras, verificou-se uma possível relação entre o acento frasal e o apagamento das vogais átonas finais [ɪ] e [ʊ]: nesse ponto verifica-se certa tendência a um tom ascendente.

7.3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O estudo realizado oportunizou verificar que há uma associação entre padrões entoacionais e apagamento das vogais altas finais [ɪ] e [ʊ], em dados de fala de informantes da localidade de Itaobim-MG. Há fortes evidências de que esse apagamento está associado ao acento frasal da frase fonológica e que ocorre com maior frequência no ápice do contorno entoacional.

Sendo o acento frasal caracterizado por um aumento da frequência fundamental que destaca a sílaba acentuada em relação às demais do enunciado, os dados evidenciaram que,

em Itaobim, o apagamento ocorre com mais frequência no ponto em que há elevação da curva de F_0 , quando a frequência é mais alta.

Foi analisado, nesta seção, ainda que com poucos dados, um recorte da fala de dois informantes, sob os pressupostos da Fonologia Prosódica, com o propósito de observar se o apagamento estaria associado aos padrões entoacionais. Seria interessante montar um *corpus* específico para esta análise, com leitura de frases gravadas em laboratório para evitar ruídos e interferências, controlando melhor o fenômeno em análise. Entretanto, a adversidade estrutural da amostra não se tornou, minimamente, um obstáculo, uma vez que se procurou fazer o melhor uso do *corpus* escolhido na tentativa de clarificar o fenômeno em análise.

Para pesquisas futuras, considerando a especial relevância da Teoria Prosódica, lança-se a ideia de se realizar um experimento com uma amostra mais controlada de dados, observando alguns parâmetros acústicos tais como: duração e intensidade que permitiria o aprofundamento das análises e inferências, confirmando ou refutando as evidências apresentadas neste estudo.

8 APAGAMENTO DAS VOGAIS ÁTONAS FINAIS [ɪ] E [ʊ]: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho analisou o apagamento das vogais átonas finais [ɪ] e [ʊ] na fala espontânea de informantes de pouca escolaridade com base em dados coletados em duas cidades baianas – Bom Jesus da Lapa e Macaúbas –, e duas mineiras – Almenara e Itaobim –, utilizando-se os pressupostos da Sociolinguística Variacionista e da Dialetologia Pluridimensional Contemporânea.

Como se sabe, a língua está sujeita a variações, sejam elas no nível fonético, morfossintático, semântico-lexical ou melódico, que se movem e se misturam. Muitas influências antigas e recentes se acumulam e se embaralham, gerando formas de falar que, muitas vezes, entram em conflito com tantas outras. São variantes que se multiplicam, que se diferenciam e que se assemelham numa turbulência interlinguística constante. Tudo isso, como observa Eugênio Coseriu (1986), porque a língua efetivamente falada de um povo se acha em perene movimento com inovações que são impossíveis de se registrar em sua totalidade.

O presente estudo se propôs a fazer uma análise da variação na sílaba final átona da fala espontânea de falantes de localidades da Bahia e de Minas Gerais, para constatar diferenças com relação ao português considerado padrão. Tal análise busca verificar a presença (*projeto* [prɔ'ʒɛtu]) ou ausência (*projeto* [prɔ'ʒɛt]) das vogais átonas finais [ɪ] e [ʊ] em vocábulos paroxítonos, na realização de fala de quatro localidades, buscando identificar, descrever e definir as condições que favoreceram ou restringiram o apagamento.

Labov (2008 [1972]) defende que toda variedade linguística é também o resultado de um processo histórico próprio, considerando as particularidades de cada comunidade. Desse modo, este trabalho se propõe ampliar a investigação linguística do espaço geográfico, iniciado na dissertação de mestrado (ROLO, 2010), para as quatro localidades, acima explicitadas. Conforme exposto, foi possível notar que a história do povoamento da Chapada Diamantina contou com a presença de grande número de aventureiros mineiros que se dirigiram para essa região, trazendo consigo não só a coragem e a determinação, mas também suas influências linguísticas. Decorre daí, a intenção de observar se o apagamento apurado em Beco estaria ocorrendo em outras áreas da Bahia e de Minas Gerais.

Conforme explicitado, o povoamento da Chapada Diamantina está intimamente ligado ao ciclo do ouro e ao ciclo do diamante. As Lavras Diamantinas atraíram muitos

exploradores, principalmente paulistas e mineiros, que desbravavam o sertão em busca de riquezas. Como salienta Bandeira (1995), houve um deslocamento maciço de homens de todas as partes para a exploração do diamante em terras baianas. Da mesma forma, o povoamento do Vale do Jequitinhonha vincula-se à fase do ouro e se consolida no século XVIII com o ciclo do diamante, o que atraiu grandes contingentes para a região fascinados pelo metal precioso e pela possibilidade de fortuna fácil. Além disso, essas regiões conviviam com o desenvolvimento da pecuária, que se iniciou durante a mineração e teve grande representatividade no desbravamento das novas terras. Nota-se que a formação histórica das localidades se aproxima no tocante à exploração de recursos naturais e o deslocamento de rebanhos em que se via o gado curraleiro. A história revela que essas localidades, situadas em áreas estratégicas de passagem, tanto das boiadas oriundas dos currais do São Francisco quanto dos garimpeiros e viajantes, preservaram algumas marcas linguísticas, provenientes de alguns desses passantes que ali se instalaram.

Retomam-se aqui algumas questões deste trabalho, que nortearam a discussão: a) tendo em vista a debilidade da vogal átona final, a variação documentada na fala dos habitantes de Beco (ROLO, 2010) ocorre em outras áreas da Bahia (Bom Jesus da Lapa e Macaúbas) e em áreas de Minas Gerais, especificamente Almenara e Itaobim? b) com que extensão e frequência esse fato ocorre nas localidades? c) que contextos – linguísticos e extralinguísticos – regulam a escolha do falante? d) qual a importância do valor social das formas apocopadas (é estigmatizada, marca de formalidade ou informalidade)? e) está-se diante de uma variação estável ou de uma mudança em curso em cada localidade? f) o apagamento na Bahia e em Minas Gerais estaria relacionado àquele observado em Portugal e trazido pelos colonizadores?

A análise empreendida sobre o apagamento das vogais átonas [ɪ] e [ʊ] confirmou a hipótese de que há uma variação sistemática entre a presença e ausência dessas vogais, regulada por contextos linguísticos e extralinguísticos que atuam favorecendo ou não as variantes. Para verificar os fatores internos e externos que atuam sobre o fenômeno foram organizados dois esquemas analíticos: um para a vogal [ʊ] e outro para a vogal [ɪ]. Esse procedimento foi necessário devido à impossibilidade de esses arquivos serem rodados conjuntamente, em virtude de os contextos favorecedores serem diferentes.

Dentre os fatores linguísticos investigados, a consoante pré-vocálica revelou-se como a maior favorecedora do apagamento tanto para a vogal [ʊ] quanto para a vogal [ɪ], divergindo, no entanto, quanto ao tipo de consoante.

Os resultados da análise da vogal [u] demonstraram que o modo de articulação da consoante pré-vocálica é significativo no favorecimento da regra de apagamento. Revelaram-se como maiores motivadoras do apagamento as fricativas (0,60) e as nasais (0,57). Quanto aos resultados para a vogal [ɪ], observaram-se as consoantes oclusivas (0,74) favorecendo com maior força a regra de apagamento, seguidas das laterais (0,53). Ressalta-se que o apagamento em contexto antecedente de consoantes laterais já se encontra documentado em estudos realizados em Minas Gerais (CORRÊA, 1998; OLIVEIRA, 2006).

Quanto à zona de articulação, foram as consoantes dentoalveolares que favoreceram o processo de apagamento das vogais átonas finais, com 0,59 de peso relativo para a vogal [ɪ] e 0,53 para a vogal [u]. Vale salientar que esse peso relativo de 0,53 não configura grande representatividade estatística, mas demonstra uma tendência ao apagamento.

O contexto fonético seguido de consoante teve grande relevância no favorecimento da regra de apagamento nas localidades tanto para a vogal [u] (0,61) quanto para a vogal [ɪ] (0,58). Esse resultado ajusta-se aos resultados observados em Oliveira (2012) e Rolo (2010) em que o contexto consonantal favoreceu o apagamento.

No que tange à dimensão do vocábulo, os dados revelaram como favorecedores para a vogal [u] os vocábulos com maior número de sílabas, com polissílabos condicionando majoritariamente a regra, com 0,69 de peso relativo. No entanto, para a vogal [ɪ], ainda que se esperasse o condicionamento dos polissílabos, quem favoreceu a regra foram os trissílabos, com 0,61. Há indícios de que, neste caso, a consoante pré-vocálica esteja atuando com maior força do que o número de sílabas no apagamento da vogal final [ɪ]. Uma investigação preliminar mostrou que os contextos de polissílabos estavam restritos às palavras que continham predominantemente as consoantes oclusivas [t] e [d] antecedendo a vogal final, como em *dificuldade*, *velocidade*, *dezesete*, *antigamente* etc.

Os resultados obtidos para as vogais em sílaba antecedente revelaram, para a vogal [u], a nasal central como favorecedora do processo, com 0,60 de peso relativo. Enquanto para a vogal [ɪ] verificou-se um favorecimento maior da vogal oral central, com 0,61, seguida das vogais orais anteriores, com 0,60 de peso relativo.

Quanto aos fatores extralinguísticos, considerando as variáveis sociais, foi possível observar que o sexo pouco interfere no processo. Os valores em percentuais para o masculino (37%) e para o feminino (39%) foram muito próximos, não tendo sido selecionados pelo programa estatístico. No que diz respeito à faixa etária, os dados revelaram que o apagamento

está concentrado na faixa II em todas as localidades. Esse resultado sinaliza uma mudança em curso nos padrões linguísticos das localidades com falantes mais velhos apagando mais a vogal átona final.

Concernente às variáveis discursivas, o discurso semidirigido revelou-se como o tipo de questionário que favorece com maior força o apagamento das vogais [ɪ] e [ʊ] nas localidades. Provavelmente, esse favorecimento ocorre em função do grau de espontaneidade observado na fala, levando o informante a prestar menos atenção ao que é dito. É relevante destacar que, com relação à vogal [ʊ], observam-se acentuadas diferenças nos pesos relativos entre os dois tipos de questionários em cada localidade. Assim sendo, apresentam-se evidências de que o apagamento da vogal [ʊ], tanto na Bahia quanto em Minas Gerais, apresenta algum nível de estigmatização, com falantes evitando as formas apocopadas no discurso mais monitorado. Com relação ao apagamento da vogal [ɪ], os valores entre os tipos de questionário se aproximam, o que indica que o fenômeno é menos estigmatizado. Em Itaobim, inclusive, os dois tipos de questionário favorecem o apagamento da vogal [ɪ].

Tendo em vista que a perspectiva diatópica preocupa-se com a delimitação dos espaços e do reconhecimento de áreas dialetais, levando em conta não apenas a procedência geográfica dos indivíduos, mas também a preocupação com características sociais dos informantes e suas implicações no uso que fazem da língua, os dados revelaram apagamento em todas as localidades. Em Minas Gerais, para o apagamento da vogal [ʊ], registra-se o peso relativo mais alto em Itaobim, com 0,60, e em seguida Almenara, com 0,55. Na Bahia, Bom Jesus da Lapa e Macaúbas não alcançaram representatividade significativa. Os resultados para a vogal [ɪ] apresentam configuração diferente. Itaobim, Minas Gerais, revelou-se como área de apagamento, com 0,55 de peso relativo, e Bom Jesus da Lapa, na Bahia, com 0,53. Os resultados mostraram que Macaúbas (0,41), na Bahia, e Almenara (0,48), em Minas Gerais, apresentaram os mais baixos pesos relativos para a vogal [ɪ]. Observa-se que há apagamento nessas localidades, mas ainda em um nível muito distante da norma dos falantes.

Da análise realizada, observou-se que Itaobim, em Minas Gerais, é a localidade que mais se aproxima do povoado de Beco, na Bahia (ROLO, 2010). Ressalta-se que, nessa localidade, o apagamento obteve valores significativos, inclusive quanto ao tipo de questionário onde se observou um alto valor para a vogal [ʊ] (0,81) e um favorecimento tanto no discurso semidirigido (0,57) quanto no QFF (0,54) para a vogal [ɪ]. É possível, então,

supor que o apagamento seja uma característica da localidade, assim como ocorre em Beco, na Bahia.

É possível que fatores sócio-históricos tenham contribuído para essa intercomunicação de traços linguísticos. A história do povoamento de Beco, conforme comentado neste estudo, está associada aos caminhos por onde passavam tanto as boiadas vindas do São Francisco quanto tropeiros, garimpeiros e viajantes em suas andanças em busca de ouro e diamante provenientes de garimpos em direção ao gerais, em Minas Gerais. Itaobim está localizada em uma área que participa da história econômica brasileira a partir da descoberta do ouro e do diamante quando atrai grandes deslocamentos da população para a região, atraídos pela procura do metal precioso. Possivelmente, esses fatores tenham contribuído para a manutenção do fenômeno nas localidades.

Conforme exposto, o fenômeno do apagamento no Brasil se confirma nos atlas brasileiros (APFB, EALMG, ALERS) que documentam casos de apagamento em diferentes áreas do Brasil. A documentação do apagamento em outras áreas do Brasil, especialmente em Minas, como mostra o estudo de Oliveira (2006, 2012) e Viegas e Oliveira (2008) sobre o apagamento em Itaúna-MG, e o estudo de Rolo (2010) sobre o apagamento na Bahia confirmam o legado de grupos de colonizadores portugueses, especialmente açorianos, que, possivelmente, deixaram suas impressões linguísticas e socioculturais bem marcadas em regiões específicas onde se instalaram, atendendo às ordens da Coroa Portuguesa, como observa Pena (2012) “a Coroa Portuguesa declarou propriedade real não só toda a riqueza do subsolo como também as matas fechadas com os seus habitantes” (PENA, 2012, p. 24).

A história do povoamento da área registra como primeiros povoadores, em sua maior parte, os portugueses que, atraídos pela exploração aurífera, se deslocaram para aquela região e depois, desiludidos, fixaram residência na área. Tendo em vista que o apagamento é um fenômeno muito presente nos dialetos meridionais e insulares portugueses, conforme mostrou a pesquisa em Portugal, através da consulta ao Banco de dados do ALEPG, e do levantamento bibliográfico realizado, os resultados encontrados sustentam a hipótese de que o fenômeno do apagamento observado nas localidades baianas e mineiras pode estar relacionado ao que se observa em Portugal, tendo sido trazido pelos colonizadores.

Conjetura-se que esse processo tenha chegado até o Brasil e se propagado através da fala do colonizador, do bandeirante e do aventureiro que, na interação com índios e africanos, formavam uma sociedade mista de onde saíam numerosos fenômenos, dentre eles, o apagamento. Em Silva Neto (1979, p. 523), encontram-se registros da vinda de colonos para o Brasil provenientes de todos os pontos de Portugal: “A colonização do Brasil começa em

1532 com a vinda de povoadores oriundos de todas as partes de Portugal. Aqui chegados logo entraram em contato com os aborígenes, a quem se ligavam pelas necessidades da penetração na terra [...]”. É provável que os colonizadores que se instalaram nas áreas em estudo da Bahia e de Minas Gerais sejam provenientes do Sul de Portugal e dos Açores. Os dados históricos e bibliográficos comprovaram o fenômeno. No entanto, observa-se um vazio quanto à origem do colonizador.

Lindley Cintra (1983), apesar de contestado posteriormente, já mencionara essa hipótese para justificar o fato de encontrar uma série de características fundamentais do português do Brasil coincidindo com os falares continentais do Sul. Nesse aspecto, ressaltando a necessidade de se fazer um estudo pormenorizado da história do fenômeno em Portugal e no Brasil, Lindley Cintra (1983) observa:

Perante o facto de o português do Brasil assim como o das ilhas atlânticas, coincidir, no que diz respeito a uma série de características fundamentais, com os falares continentais do Sul, opondo-se aos do Norte, a primeira hipótese que ocorre, já várias vezes se apresentou e é a mesma que ocorreu a grande parte dos linguistas que se ocuparam dos factos paralelos do espanhol da América: na colonização do Brasil teriam predominado numericamente homens do Sul de Portugal. (LINDLEY CINTRA, 1983, p. 32)

Não resta dúvida de que o processo de apagamento faz parte da realidade linguística brasileira, não como um fenômeno generalizado, mas como um processo que se manteve em determinados pontos do país, como mostram as pesquisas realizadas na Bahia e em Minas Gerais e confirmadas nos atlas linguísticos publicados.

É possível concluir que esse é um fato característico de outras localidades, e só através de uma cobertura mais ampla dessas áreas e de um tempo maior para desenvolver a pesquisa, com recursos capazes de respaldar o fenômeno em sua totalidade, é que seria possível uma descrição consistente do apagamento da vogal átona [ɪ] e [ʊ]. O aprofundamento dos estudos poderá ampliar a explicação para a variação aqui apresentada, lançando mão dos recursos acústicos para um detalhamento fonético mais acurado.

As discussões sobre o tema foram enriquecedoras, mas não se esgotaram. Ao contrário, acredita-se ser necessário um estudo fonético mais pormenorizado sobre o fenômeno, com delineamento experimental apropriado, a fim de se fazer uma descrição mais completa do apagamento das vogais.

A análise acústica desenvolvida nesse trabalho tomou como base a Fonologia Prosódica (NESPOR; VOGEL, 1986 apud BISOL, 2005; NESPOR; VOGEL, 2007) e teve

como objetivo examinar se os padrões entoacionais exerciam alguma interferência no processo de apagamento das vogais [i] e [u] em dados de fala de informantes da localidade de Itaobim, Minas Gerais. Essa escolha deve-se ao fato de essa localidade apresentar o fenômeno do apagamento de forma mais consistente, com valores mais elevados em pesos relativos no favorecimento da regra.

Com base nessa análise, foi possível observar que o apagamento está associado ao acento frasal da frase fonológica e que ocorre com maior frequência após o ápice do contorno entoacional. Observou-se que as frases que apresentavam ausência de vogal final possuíam uma curva melódica mais acentuada e, onde a vogal final é apagada, a frequência fundamental é mais alta e coincide com o acento frasal.

É relevante sinalizar que seria interessante montar um *corpus* específico para esta análise, com leitura de frases que fossem gravadas em laboratório específico para evitar ruídos e preservar o sinal sonoro, utilizando um tipo de *corpus* controlado que permitiria uma comparação mais sistemática dos contextos de apagamento. Entretanto, no momento, este trabalho foi feito com base em dados de fala espontânea, coletados numa pesquisa maior realizada com o intuito de delimitar áreas dialetais de apagamento. Alguns caminhos de investigação futura se abrem aqui para uma sequência do trabalho, especificamente acústico, através da Fonologia Prosódica para se avançar no entendimento sobre o apagamento no Brasil.

Enfim, todo o esforço feito, as cansativas e prolongadas pesquisas, as caminhadas em busca de documentos históricos, as viagens em busca de informantes que representassem o falar característico da localidade, em geral um homem e uma mulher, que disponibilizassem seu tempo para que esta pesquisa se concretizasse; a busca de informações seguras, as demoradas conversas com pessoas das comunidades, tudo isso foi realizado com muita paciência e dedicação e muito entusiasmo, para que a história linguística no Brasil ganhasse mais uma fonte segura de informações. Sendo assim, espera-se que este trabalho tenha contribuído para o estudo fonético-fonológico previsto, avançando mais um passo no caminho para explicar os fatos de língua.

REFERÊNCIAS

- ABOUSALH, E. S. F. **Resolução de choques de acento no português brasileiro**: elementos para uma reflexão sobre a interface sintaxe-fonologia. 157 f. 1997. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas-SP, 1997.
- AGUILERA, V. A. **Atlas Lingüístico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 1994. 411 p. ilustradas.
- ALMEIDA, M.; CAMPOY, J. M. H. Metodologia para o estudo da variação: planificação inicial. In: _____. **Metodologia da investigação sociolingüística**. Málaga: Comares, 2005. p. 37-81.
- AMARAL, Amadeu. **O Dialeto Caipira**: gramática – vocabulário. São Paulo: ANHEMBI, 1955 [1920].
- ANTUNES, C. **Dicionário do dialeto rural no Vale do Jequitinhonha – Minas Gerais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- ARAGÃO, M. S. S.; BEZERRA DE MENEZES, C. P. **Atlas Lingüístico da Paraíba**. Brasília: UFPB/CNPq, Coordenação Editorial, 1984. 2 v.
- BAHIA. SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DA BAHIA. **EJA Educação de Jovens e Adultos**: aprendizagem ao longo da vida. Política de EJA da Rede Estadual. Secretaria da Educação. Bahia. 2011. p. 21
- BANDEIRA, R. L. S. **Chapada Diamantina**: história, riquezas e encantos. Salvador: Onavlis Editora, 1995.
- BANDEIRA, R. L. S. **A guerra dos coronéis e os garimpos na Chapada Diamantina**. 2 ed. Salvador: 2013.
- BARBOSA, A. **Bom Jesus da Lapa**: antes do Monsenhor Turíbio, no tempo de Monsenhor Turíbio, depois do Monsenhor Turíbio. Rio de Janeiro: Jotanesi, 1996.
- BERNARDO, M. C. R. Os sons do falar micalence. In: BERNARDO, M. C. R.; MONTENEGRO, H. M. **O falar micalense** (Fonética e Léxico). Viseu: João Azevedo Editor, 2003. p. 13-125.
- BERNARDO, M. C. R. **O falar da Bretanha**. 268 f. 1991. Tese (Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica) – Universidade dos Açores, Ponta Delgada, 1991.
- BESSA, J. R. F. (coordenador). **Atlas Lingüístico do Ceará**. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: Edições UFC, 2010. 2 v.
- BISOL, L. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 4 ed. rev. e ampl. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- BISOL, L. A neutralização das átonas. **Revista Letras**, Curitiba, UFPR, n. 61, especial, p. 273-283, 2003.

BISOL, L. Constituintes prosódicos. In: BISOL, L. (org.). **Introdução a estudos de Fonologia do Português Brasileiro**. 4 ed. rev. ampl. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p. 243-255.

BISOL, L. Sandi externo: o processo e a variação. In: KATO, M. (org.). **Gramática do Português Falado**. Campinas, SP: Editora UNICAMP; São Paulo: FAPESP, 1996. p. 53-97.

BOLÉO, M. P.; SILVA, M. H. S. **O Mapa dos Dialectos e Falares de Portugal Continental**. In: CONGRÈS INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE ROMANE, IX, 1959, Lisboa. Actas... Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1962. p. 85-116. Disponível em: <<http://38-yazikov-besplatno.ru/dl.php?id=93088>>. Acesso em: 27 mar. 2015.

BRANDÃO, S. F.; SANTOS, A. P. Comportamento das vogais médias postônicas não finais na fala fluminense. In: HORA, Dermeval (org.). **Vogais: no ponto mais oriental das Américas**. João Pessoa: Idéia, 2009. p. 159-204.

BRISSOS, F. **Linguagem do Sueste da Beira no Tempo e no Espaço**. 526 f. 2012. Tese (Doutorado) – Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, Gráfica de Coimbra, 2012.

CALLOU, D.; LEITE, Y. **Iniciação à fonética e à fonologia**. 9 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CÂMARA JR., J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 36 ed. Petrópolis: Vozes, 2004 [1970].

CÂMARA JR., J. M. **Dicionário de Lingüística e Gramática**: referente à língua portuguesa. 26 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007 [1964].

CÂMARA JR., J. M. **Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008 [1953].

CÂMARA JR., J. M. **Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1977 [1953].

CÂMARA JR., J. M. **História e Estrutura da Língua Portuguesa**. 3 ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1976 [1972].

CARDOSO, S. A. M. S. **Atlas Lingüístico de Sergipe II**. Rio de Janeiro, 2005b.

CARDOSO, S. A. M. Dialectologia e ensino-aprendizagem da língua materna. In: MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. (org.). **Documentos 2**: Projeto Atlas Lingüístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006. p. 97-107.

CARDOSO, S. A. M. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CARDOSO, S. A. M. In: MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M.; PAIM, M. M. T. (org.). **Documentos 3**: Projeto Atlas Lingüístico do Brasil. Vozes do X WORKALiB. Amostras do português brasileiro. Salvador: Vento Leste, 2012. p. 13-32.

CARDOSO et al. **Atlas Linguístico do Brasil**: volume 1. Introdução. Londrina: EDUEL, 2014.

CARRANCHO, M. L. S. S. **A Linguagem dos Pescadores de Lagos**. 153 f. 1969. Dissertação (Licenciatura em Filologia Românica) – Faculdade de Letras, Universidade Clássica de Lisboa, Lisboa, 1969.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. *La Dialectología*. Trad. de Carmen Morán Gonzalez. Madrid: Visor Libros, 1994.

CINTRA, L. F. L. **Estudos de Dialectologia Portuguesa**. Coleção Nova Universidade. Linguística. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1983.

COLLISCHONN, G. O acento em português. In: BISOL, L. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 4 ed. rev. e ampl. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p. 135-169.

COLLISCHONN, G. Proeminência acentual e estrutura silábica: seus efeitos em fenômenos do português brasileiro. In: ARAUJO, G. A (org.). **O acento em português**: abordagens fonológicas. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. p. 195-223.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas Lingüístico do Brasil**: questionário 2001. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2001.

CORDEIRO, C.; MADEIRA, A. B. A emigração açoriana para o Brasil (1541-1820): uma leitura em torno dos interesses e vontades. **Revista Arquipélago – História**, 2ª série, VII, 2003, p. 99-122.

CORRÊA, L. T. **A forma clítica de pronome pessoal no dialeto mineiro**: uma variante sociolinguística. 90 f. 1998. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.

COSERIU, E. **Sincronia, Diacronia e História**. O problema da mudança lingüística. Tradução de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1979.

COSERIU, E. **Introducción a la Lingüística**. Biblioteca Românica Hispânica. Madrid: Gredos, 1986.

COUTINHO, I. L. **Gramática Histórica**. 7 ed. rev. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976 [1938].

CRYSTAL, D. **Dicionário de Linguística e Fonética**. Tradução e adaptação [da 2ª ed. Inglesa rev. e ampliada, publicada em 1985], Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 6 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013 [1984].

FERNÁNDEZ, F. M. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. 2 ed. Atualizada. Barcelona: Ariel, 1998.

FERREIRA, C. et al. **Atlas Lingüístico de Sergipe**. Salvador: UFBA - Instituto de Letras/Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

FERREIRA, C.; CARDOSO, S. A. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

FERREIRA, M. B. et al. **Atlas Lingüístico-Etnográfico dos Açores – ALEAç**. v. 1: A criação de gado. Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa, Direção Regional da Cultura, Açores, Lisboa/Angra do Heroísmo, 2001.

FERREIRA, M. B. et al. Variação lingüística: perspectiva dialectológica. In: FARIA, I. H. (org.) **Introdução à Lingüística Geral e Portuguesa**. Lisboa: Caminho, 1996. p. 479-502.

F&F NACIF CONSULTORIA LTDA. Plano Diretor Participativo de Almenara. Almenara: Prefeitura Municipal de Almenara, 2007.

FURLAN, O. A. **Influência açoriana no português do Brasil em santa Catarina**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1989.

GOLDSMITH, J. Os Objectivos da Fonologia autosegmental. In: MATEUS, M. H. M.; VILLALVA, A. (orgs.) **Novas Perspectivas em Fonologia**. Laboratório de Fonética da Faculdade de Letras de Lisboa, Lisboa: 1985. p. 295-337.

GUY, G. R.; ZILLES, A. M. S. **Sociolingüística quantitativa**: instrumental de análise. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

IBGE. **Atlas das representações literárias de regiões brasileiras**. Sertões Brasileiros I. v. 2. IBGE, Coordenação de Geografia. Rio de Janeiro: IBGE, 2009.

IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em:
<<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/>>. Acesso em: 12 out. 2012.

IBGE. **Censo Demográfico 2000**. Disponível em:
<<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/>>. Acesso em: 12 out. 2012.

IBGE. **Contagem Populacional 1996**. Disponível em:
<<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/contagem/>>. Acesso em: 12 out. 2012.

IBGE. **Histórico dos municípios**. Bom Jesus da Lapa. [ca. 2007a]. Disponível em:
<<http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?codmun=290390>>. Acesso em: 12 mar. 2014.

IBGE. **Histórico dos municípios**. Itaobim. [ca. 2007b]. Disponível em:
<<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/minasgerais/itaobim.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2014.

IBGE. **Histórico dos municípios**. Macaúbas. [ca. 2007c]. Disponível em:
<<http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?codmun=290450>>. Acesso em: 12 mar. 2014.

IBGE. **Noções Básicas de Cartografia**. Povoado. [ca. 2007d]. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/cartografia/manual_nocoas/elementos_representacao.htm> Acesso em: 08 mar. 2016.

IBGE. **Histórico dos municípios**. Seabra. [ca. 2007e]. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/bahia/seabra.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2014.

ISQUERDO, A. N. Procedimentos metodológicos nas entrevistas definitivas: o entrevistador. In: AGUILERA, V. A.; MOTA, J. A.; MILANI, G. A. L. **Documentos I: Projeto Atlas Lingüístico do Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2004. p. 45-54.

KOCH, W.; KLASSMANN, M. S.; ALTENHOFEN, C. **Atlas Lingüístico-etnográfico da Região Sul do Brasil**. Porto Alegre; Florianópolis; Curitiba: UFRGS; UFSC; UFPR, 2002. 2v.

LABOV, W. **Padrões sociolingüísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LEITE DE VASCONCELOS, J. **Lições de Filologia Portuguesa**. 4 ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1959 [1911].

LEITE DE VASCONCELOS, J. Dialectos algarvios (Contribuições para o estudo da dialectologia portuguesa). **Revista Lusitana**, v. IV, p. 328-338, 1896.

LINS, W. **O médio São Francisco: uma sociedade de pastores guerreiros**. 3 ed. São Paulo: Nacional; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1983.

LOPES, C. R. S. Comportamento lingüístico de homens e mulheres com relação ao uso de nós e a gente. In: OLIVEIRA, M. T. I.; LOPES, R. S. (org.). **Sexo: uma variável produtiva**. v. 4. Estudos sobre a fala culta carioca. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ; Projeto NURC/RJ, 1995. p. 18-26.

LUCCHESI, D. História do contato entre línguas no Brasil. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (org.). **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 41-73.

LUCCHESI, D. **Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da lingüística moderna**. São Paulo: Parábola, 2004.

LUCCHESI, D. O conceito de transmissão lingüística irregular e o processo de formação do português do Brasil. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (org.) **Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história**. Rio de Janeiro, 7 letras, 2003. p. 272-284.

LUDWIG-GAYER, J. **Os processos de sândi externo: análise variacionista da fala de São Borja**. 194 f. 2008. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

MAGALHÃES, J. S. de. A redução vocálica no português brasileiro por diferentes modelos fonológicos. In: HORA, D. **Vogais: no ponto mais oriental das Américas**. João Pessoa: Idéia, 2009.

MAIA, C. A. **Os falares do Algarve** (Inovação e Conservação – com 32 mapas). Separata da Revista Portuguesa de Filologia. v. XVII, Tomos I e II. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Instituto de estudos Românicos, 1975.

MAIA, C. A. **História do Galego-Português**: Estado lingüístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI (com referência ao galego moderno). Coimbra: I.N.I.C, 1986.

MARROQUIM, M. **A língua do Nordeste**: Alagoas e Pernambuco. 4 ed. Maceió: EDUFAL, 2008 [1934].

MASSINI-CAGLIARI, G. **Acento e ritmo**. São Paulo: Contexto, 1992.

MATEUS, M. H. M. et al. **Fonética, Fonologia e Morfologia do Português**. Lisboa: Universidade Aberta, 1990.

MATTOS E SILVA, R. V. **O português arcaico**: fonologia. São Paulo: Contexto; Bahia: EDUFBA, 1991.

MATTOS E SILVA, R. V. Novos indicadores para os limites do português arcaico. **Revista da ABRALIN**, v. 1, n. 1 e 2, p. 259-268, 2004.

MATTOSO, K. **Ser escravo no Brasil**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1990 [1979].

MATZENAUER, C. L. Introdução à teoria fonológica. In: BISOL, L. (org.). **Introdução a estudos de Fonologia do Português Brasileiro**. 4 ed. rev. ampl. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p. 11-81.

MEDEIROS, M. C. **A Linguagem Micaelense em alguns de seus aspectos**. 552 f. 1964. Dissertação (Licenciatura) – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1964.

MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. In: _____. (org.) **Documentos 2**: Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006. p. 15-26.

MORAES, W. **Jagunços e Heróis**: a civilização do diamante nas lavras da Bahia. 4 ed. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia. 1991.

NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (org). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 145-177.

NASCENTES, A. **O Linguajar Carioca**. 2 ed. Rio de Janeiro: Organização Simões. 1953.

NAVARRO, T. et al. **Atlas Lingüístico de la Península Ibérica – ALPI**. Fonética I. Madrid: Conselho Superior de Investigaciones Científicas, 1962.

NESPOR, M.; VOGEL, I. **Prosodic phonology**. With a new foreword. Berlin/New York: Mouton de Gruyter. 2007. Disponível em: < <http://www.degruyter.com/view/product/36403>>. Acesso em: 16 jul. 2015.

NOLL, V. **O português brasileiro: formação e contrastes**. Traduzido por Mário Eduardo Viaro. São Paulo: Globo, 2008.

NUNES, J. J. **Compêndio de gramática histórica portuguesa**. Lisboa: Clássica Editora, 1930.

OLIVEIRA, A. J. **‘Comendo o final das palavras’**: análise variacionista da haplologia, elisão e apócope em Itaúna-MG. 296 f. 2012. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.

OLIVEIRA, A. J. **A variação em itens lexicais terminados em /l/ na cidade de Itaúna/MG**. 211f. 2006. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

OLIVEIRA, K. **Negros e escrita no Brasil do século XIX**: sócio-história, edição filológica de documentos e estudo linguístico. 2v. 471f. 2006. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, 2006.

OLIVEIRA, M. T. I. Homens e Mulheres: comportamento linguístico diferente? In: OLIVEIRA, M. T. I.; LOPES, C. R. S. (orgs.). **Sexo: uma variável produtiva**. v. 4. Estudo sobre a fala culta carioca. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ; Projeto NURC/RJ, 1995. p. 9-17.

OLIVEIRA, M. T. I.; LOPES, C. R. S. (org.). **Sexo - uma variável produtiva**. v. 4. Estudo sobre a fala culta carioca. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ; Projeto NURC/RJ, 1995.

PAGEL, D. F. Contribuição para o Estudo das Vogais Finais Inacentuadas em Português. **Caderno de Estudos Lingüísticos**, Campinas, SP, n. 25, p. 1-173, jul./dez., 1993.

PENA, P. A. P. **Um mergulho na história de Jequitinhonha**. Jequitinhonha: Editora Código, 2012.

PENA, P. A. P. **Sétima Divisão Militar a cidade de Jequitinhonha**. Belo Horizonte: PLURARTS, 2003.

PERINI, M. A. **Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial. 2010. 366 p.

PESSOA DE CASTRO, Y. Os falares africanos na interação dos primeiros séculos. In: MELLO, L. A. (org). **Sociedade, Cultura e língua**: ensaios de sócio e etnolinguística. João Pessoa: Sharin. 1990. p. 91-113.

RADTKE, E.; THUN, H. Nuevos caminos de la geolinguística románica: un balance. Tradução de Norma Díaz. In: _____. (orgs.). **Neue Wege der Romanischen Geolinguistik**,

Akten des Symposiums zur Empirischen Dialektologie (Heidelberg/Mainz, 1991). Kiel: Westensee, 1996. p. 25-49.

RAZKY, A. (org.) **Atlas lingüístico sonoro do Pará**. Belém: PA/CAPES/UTM, 2004. CD-ROM.

RIBEIRO, J. et al. **Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977.

RODRIGUES, A. D. As línguas gerais sul-americanas. **PAPIA: Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 6-18, 1996. Disponível em: <<http://abecs.net/ojs/index.php/papia/article/view/143/210>>. Acesso em: 05 nov. 2013.

ROLO, M. C. S. T. A. **Apócope das vogais átonas finais [i] e [u] em duas localidades do Centro Sul Baiano**: Beco e Seabra. 250 f. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

ROSSI, N. **Atlas Prévio dos Falares Baianos**. Rio de Janeiro: INL, 1963.

ROSSI, N. A Dialectologia. **Alfa**, Marília, n. 11, p. 89-116, 1967.

ROSSI, N. Dialectologia. In: **Enciclopédia Mirador Internacional**. Rio de Janeiro: Encyclopédia Britânica do Brasil, 1974. p. 3298-3304.

SÁ TELES, J. F. de. **As moagens e o ciclo econômico da cachaça na Várzea do Caldas**. Brasília: Escolas Profissionais Salesianas, 1990.

SÁ TELES, J. F. de. **Relembrações**. Memórias. Usos e costumes. Crônicas memorialistas. BUREAU. Salvador, 1994.

SANTOS, M. **Estradas reais**: introdução ao estudo dos caminhos do ouro e do diamante no Brasil. Belo Horizonte: Estrada Real, 2001.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. BALLY, C.; SECHEHAYE, A. (org.); RIEDLINGER, A (col.). Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidor Blikstein. 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].

SCHERRE, M. M. P. Pressupostos teóricos e suporte quantitativo. In: SILVA, G. M. O.; SCHERRE, M. M. P. (org.) **Padrões sociolinguísticos**: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 39-50.

SCOTT, A. S. V. As duas faces da emigração portuguesa para o Brasil (décadas de 1820 – 1930). CONGRESSO DE HISTÓRIA ECONÔMICA DE ZARAGOZA, Seção: Las Migraciones a América, 2001. Universidade do Minho. Portugal.

SEGURA DA CRUZ, M. L.; SARAMAGO, J. Variedades Dialectais Portuguesas. In: MATEUS, M. H. M. (org.) **Caminhos do Português**. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2001. p. 221-237.

- SEGURA DA CRUZ, M. L. **A Fronteira Dialectal do Barlavento do Algarve**. 393 f. 1987. Dissertação (Investigador Auxiliar) – Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa, 1987. v 1– Tese; v 2 – Cartas.
- SERPA, C. V. **A gente dos Açores**: identificação, emigração e religiosidade. Séculos XVI - XX. Lisboa: Prelo Editora, 1978.
- SERRA, C. R. **Realização e Percepção de Fronteiras Prosódicas no Português do Brasil**: fala espontânea e leitura. 2009, 241 f. Tese. (Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- SILBY, A.; ABNER, G.; MARTINS, T. (org.). **Gerais**: a realidade do Jequitinhonha. Belo Horizonte: Neoplan, 2011.
- SILVA, D. J. Vowel Lenition in São Miguel Portuguese. **Hispania**, v. 81. n. 1, p.166-178, mar. 1998.
- SILVA, D. J. The Persistence of Stereotyped Dialect Features among Portuguese-American Immigrants from São Miguel, Azores. **Journal of Portuguese Linguistics**, Arlington, p. 1-34, 2007.
- SILVA NETO, S. S. **Manual de Filologia Portuguesa**. 3 ed. Rio de Janeiro: Presença, 1977, p.77-78.
- SILVA NETO, S. S. **História da Língua Portuguesa**. 3 ed. Rio de Janeiro: Presença, 1979 [1952].
- SILVA-CORVALÁN, C. **Sociolinguística**: teoria y análisis. Madrid: Alhambra, 1988.
- SILVA, T. C. **Dicionário de Fonética e Fonologia**. Colaboradoras: Daniela Oliveira Guimarães e Maria Mendes Cantoni. São Paulo: Contexto, 2011.
- TARALLO, F. **A pesquisa sociolingüística**. 7 ed. São Paulo: Ática, 2005.
- TAVARES, L. H. D. **História da Bahia**. São Paulo: Ed. UNESP; Salvador: EDUFBA, 2001.
- TENANI, L. E. **Domínios prosódicos do português do Brasil**: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos. 2002. 317f. Tese de Doutorado em Lingüística. Campinas: LEL/UNICAMP, 2002.
- TEYSSIER, P. **História da Língua Portuguesa**. Tradução de Celso Cunha. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004 [1982]. 142 p.
- THEMA ASSOCIAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO. Plano Diretor de Desenvolvimento de Macaúbas. Macaúbas: Prefeitura Municipal de Macaúbas, 2007.
- THUN, H. et al. **Atlas lingüístico diatópico y diastrático del Uruguay (ADDU)**. v. 1. Kiel: Westensee Verlag, 2000.

VIARO, M. E. Semelhanças entre o português brasileiro e as variedades africanas e asiáticas. In: SILVA, L. A. (org). **A língua que falamos**: português: história, variação e discurso. São Paulo: Globo, 2005. p. 211-251.

VIEGAS, M. C.; OLIVEIRA, A. J.; Apagamento da vogal átona final em Itaúna/MG e atuação lexical. **Revista ABRALIN**, v. 7, n. 2, p. 119-138, jul/dez, 2008.

VITORINO, G. **Atlas Linguístico do Litoral Português**: fauna e flora (introdução a dialectometria e índices). Dissertação (Investigador Auxiliar) – Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa, 1987.

WEINREICH, W., LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad. Marcos Bagno. Rev. Téc. Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

APÊNDICE A – FICHA SOCIAL DO INFORMANTE

1. Informações sobre a comunidade

1. Nome oficial:
2. Nomes anteriores:
3. Nome dado aos habitantes:
4. Nome dado ao falar local:
5. Atividades econômicas predominantes:
6. Indústrias caseiras:
7. Sublocalidades:
8. Comunicações:
9. Dados sobre a infraestrutura da localidade:
10. Dados sobre a emigração:
11. Dados sobre a imigração:
12. Histórico sucinto da localidade:

2. Dados pessoais do informante

1. Nome: Alcunha:
2. Data de nascimento: Sexo: Idade:
3. Lugar em que nasceu:
4. Endereço:
5. Cidade:
6. Estado civil:
7. Naturalidade:
8. Com que idade chegou a esta cidade (povoado):
9. Domicílio e tempo de permanência na localidade:
10. Escolaridade: Outros cursos:
11. Naturalidade da mãe: do pai: do cônjuge:
12. Foi criado pelos próprios pais?
13. Em caso negativo, por quem foi criado?
14. Naturalidade da mãe adotiva? E pai adotivo?
15. Onde exerce a sua profissão? (descrição da área, bairro, cidade onde trabalha)
16. Outras profissões e ocupações:
17. Profissão do pai: da mãe: do cônjuge:
18. Tipo de renda individual: familiar:

2.1. Contato com os meios de comunicação

19. Assiste TV?

___ todos os dias ___ às vezes ___ nunca

20. Programas preferidos:

Tipo de transmissão:

21. Ouve rádio?

___ todos os dias ___ às vezes ___ nunca ___ parte do dia
 ___ o dia inteiro ___ enquanto viaja ___ enquanto trabalha ___ de madrugada

22. Programas preferidos:

23. Lê jornal?

24. Seções do jornal de que gosta de ler:

editorial esportes variedades seção cultural política
 página policial classificados matéria principal outra

25. Lê revista?

às vezes semanalmente mensalmente raramente nunca

26. Nome do tipo de revista de que gosta:

27. Qual a religião ou culto pratica?

28. Participação em diversões:

	Frequentemente	às vezes	raramente	nunca
Shows	_____	_____	_____	
Festas religiosas	_____	_____	_____	
Futebol	_____	_____	_____	
Esportes	_____	_____	_____	
Eventos folclóricos	_____	_____	_____	

3. Para preenchimento após a entrevista

29. Características psicológicas do informante:

tímido vivo perspicaz sarcástico

30. Espontaneidade da elocução:

total grande média fraca

31. Postura do informante durante o inquérito:

cooperativa não cooperativa agressiva indiferente

32. Grau de conhecimento entre o informante e o inquiridor:

grande médio pequeno nenhum

33. Interferência ocasional de circunstâncias:

sim não

34. Caracterização sumária do (s) circunstante(s):

35. Ambiente do inquérito:

37. Observações:

38. Nome do entrevistador:

39. Local e data da entrevista:

40. Duração:

APÊNDICE B – AUTORIZAÇÃO DO INFORMANTE**AUTORIZAÇÃO**

Autorizo, por solicitação de Maria do Carmo Sá Teles de Araújo Rolo, doutoranda da Universidade Federal da Bahia, a utilização dos dados coletados nesta entrevista para estudo sociolinguístico da fala da comunidade de _____ município de _____, Estado de Minas Gerais. A solicitante garante que a identidade dos informantes será preservada e serão utilizadas apenas as ocorrências observadas na fala do informante.

_____, ____/____/2012.

Assinatura

APÊNDICE C – ROTEIRO PARA ENTREVISTAS: QFF

QUESTIONÁRIO FONÉTICO-FONOLÓGICO (QFF)

1) TOMATE

Como se chama aquela fruta que se usa para preparar o molho vermelho do macarrão?

2) QUIABO

Como se chama aquela verdura gosmenta, compridinha de cor verde? (Foto)

3) GOMO

Como se chama a divisão natural da polpa de uma laranja/tangerina?

4) MOLHE

A planta está muito seca. Ela molhou ontem. Eu quero que você _____ hoje.

5) COUVE

Como se chama aquela folha verde que normalmente serve para acompanhar feijoada? (Foto)

6) CANO

Como se chama aquilo que fica dentro da parede e leva água até a torneira? (Foto)

7) ALFACE

Como se chama aquela folha verde e macia que serve para fazer salada? (Foto)

8) COENTRO

Como se chama aquela folhinha verde que se parece com a salsa? (Foto)

9) MUITO

Se uma pessoa chega ao ponto de ficar bêbada, dizemos que ela bebeu _____

10) POUCO

Se uma pessoa não fala quase nada, dizemos que ela fala _____

11) CARO

Um carro que tem seu preço maior que R\$500.000,00 é um carro _____

12) BARATO

Um objeto que vende em liquidação com um preço baixo é um objeto _____

13) ALTO

Um homem que possui mais de 1,90m é um homem _____

14) DINHEIRO

O que é que quanto mais se tem, mais se gasta? (foto)

15) MARIDO

Se um homem se casa com uma mulher, ele se torna o quê, dela?

16) CAROÇO

O que tem muito duro no centro da manga? (foto)

17) CACHO

O que se corta no pé de banana e põe para amadurecer? Quando a pessoa tem o cabelo comprido, prende ao meio e faz umas coisas assim (mostrar) na ponta, dizemos que ela fez _____ (foto)

18) ESPELHO

Como se chama aquele objeto que faz refletir a imagem das pessoas e coisas?

19) CACHORRO

Como se chama o animal doméstico que late?

20) GATO

Como se chama o animal doméstico que mia?

21) ELEFANTE

O animal grande que sempre se vê em circo e tem uma tromba assim?

22) SAPO

Como se chama aquele animal feio, que pula e tem a boca grande? (Foto)

23) RABO

O que o cachorro abana quando vê o dono?

24) CABO

O que tem preso nas panelas e serve para a gente segurar?

25) PORCO

Como se chama o animal de 4 patas, que tem um focinho assim (mostrar) e geralmente gosta de ficar na lama _____ (Foto)

26) MACACO

Como chama aquele animal esperto que tem quatro patas e adora comer banana?(Foto)

27) FRANGO

Que tipo de ave a gente compra os cortes congelados no mercado? (Foto)

28) PEIXE

O que se pesca nos rios e no mar?

29) MACHO

Quando uma vaca dá cria e o filhote não é fêmea é o quê?

30) CAVALO

Qual o animal que normalmente se usa para montar e tocar o gado?

31) CRAVO

Produto que é muito usado na culinária junina e que não é a canela, é o _____

32) BAGAGEIRO

Onde se põe as bagagens no ônibus antes da viagem?

33) GRILO

Como se chama o inseto saltador que aparece à noite e que canta assim (imitar)? (Foto)

34) PIOLHO

Como chama aquele inseto (bichinho) bem pequenininho que aparece de vez em quando na cabeça das pessoas e coça bastante?

35) GALINHEIRO

Um lugar onde vivem as galinhas é o _____

36) AMARRO

Quando você calça um tênis, para não pisar no cadarço o que é que você faz?

37) ENTERRO

Quando uma pessoa morre, a família faz o _____ ou

Uma cidade é dividida em áreas/regiões a que chamamos de _____ (BAIRRO)

38) PULO

Você está andando por um cominho estreito em um dia chuvoso. Surge uma poça d'água em sua frente. Para não pisar, o que é que você faz?

39) SENTADO

Existia apenas um banquinho vazio no semicírculo. Chegaram dois homens, mas um deles preferiu ficar em pé, para o outro ficar _____.

40) TEMPO

Uma pessoa fica mais velha, á medida que passa o _____ ou

Um homem foi ao Banco e esperou 3 horas para falar com o gerente. Pode-se dizer que ele esperou muito _____

41) FIADO

Um comerciante que só vende a dinheiro é por que ele não vende _____

42) DESPEJO

Se você está carregando um balde de água muito pesado e precisa despejar um pouco para ele ficar mais leve. O que você faz?

43) CARIMBO

Aquele objeto que costumamos carimbar papéis , chama-se _____ (Foto)

44) FINO

Normalmente o que se usa para tirar piolhos não é um pente grosso, é um pente _____

45) PRESENTE

Quando tem uma festa de aniversário e você é convidado, o que normalmente você levaria para os o aniversariante embrulhado em um papel?

46) GENRO

O pai da esposa é o sogro. E o marido, o que ele é do sogro?

47) SUJO

Um menino quando não quer tomar banho ele fica _____

Como está o pé do garoto?

48) CACHIMBO

Como chama aquela coisa assim comprida que as pessoas antigas colocavam fumo no ponta, acendiam e ficavam fumando ? (Foto)

49) BOLO

Quando tem um aniversário, depois dos parabéns você parte o _____

50) PALHAÇO

Como se chama aquele personagem bem engraçado do circo? (Foto)

51) JOGO DO BICHO

Como se chama aquela aposta que o cambista faz com base em animais para ganhar dinheiro?

52) BINGO

Aquele jogo que a gente compra uma cartela e vai marcando o número até preencher e ganhar. Como se chama?

53) BAFO

Pessoa que bebeu muita cachaça. Quando conversamos com ela sentimos um cheiro horrível. Então dizemos a ela: “Fulano, você está com um _____ de cachaça.

54) MESMO

Um homem só tem um paletó e usou na formatura do primeiro filho. Um mês depois é a formatura de seu segundo filho e ele não tem outro paletó para usar. Então ele usa o _____

55) HINO

Como chama aquela música bonita do Brasil que sempre canta antes do jogo na copa do mundo ou em jogos importantes?

56) PREFEITO

Como se chama a autoridade máxima de uma cidade?

57) POVO

Quem elege os nossos governantes?

58) MENTIROSO

Como se chama um homem que mente?

59) CHAVE

O que você põe no buraco da fechadura para abrir a porta?

60) PREGO

O que é usado para segurar um quadro na parede?

61) TARDE

Como chama a parte do dia que começa depois do almoço?

62) ALHO

O que normalmente é usado no tempero e tem uma cabeça cheia de dentes? (Foto)

63) GUARDANAPO

Durante as refeições, pra não limpar a boca com uma toalha, o que a gente usa?

64) GARFO

Qual o talher que se usa no almoço e faz par com a faca? (Foto)

65) BIFE

Como chama aquela carne fresca fatiada (normalmente alcatra) que a gente tempera e passa na caçarola já na hora do almoço? O que se faz com a carne fresca?

66) GOSTOSO

Uma feijoada bem preparada a gente diz que é muito gostosa e um bife bem preparado?

67) CHURRASCO

Como se chama aquela carne no espeto assada na brasa?

68) COELHO

Como se chama aquele animal que tem orelhas em pé e gosta de comer cenoura?

69) QUEIXO

Como se chama essa parte do corpo? (Mostrar o queixo) _____

70) FOME

Quando seu estômago começa a roncar é porque você está com quê?

71) COPO

O que normalmente se usa para beber água?

72) GALO

A fêmea do galinheiro é a galinha e o macho, como chama?

73) MOFO

Um pão que fica dentro de um saco amarrado por muitos dias, quando você abre percebe que ele está com umas manchas acinzentadas, nós dizemos que o pão está com quê?

74) DIABETE

Como chama aquela doença que a pessoa não pode comer açúcar de jeito nenhum?

75) OUVIDO

Quando você sente uma dor aqui (mostrar) é uma dor de quê? Ou como chama esta parte aqui (mostrar ouvido)?

76) NOJO

Como você sente quando vê uma coisa bem nojenta tipo vômito?

77) DOIDO

Que nome se dá a uma pessoa que, às vezes, precisa até ser internado em um hospício?

78) PERIGOSO

O que você acha de um lugar onde acontecem muitos assaltos?

79) DORME

A criança está com muito sono, então ela _____

80) DOZE

Uma dúzia são quantos ovos?

81) OITO, NOVE

Quais os números que vêm antes de dez?

82) TREZE 83) QUATORZE

Quais os números que vêm depois do doze?

85) CENTAVO

Como chama aquele valor que é menor que um real e é sempre em moeda ?

86) ESQUERDO

Este lado é o direito, e como chama este (mostrando) aqui?

87) CORPO

Quando está chovendo, a gente usa capa para proteger o quê?

88) CISCO

Como chama aquela coisinha pequenininha que cai no olho e fica incomodando?

89) UMBIGO

Como se chama aquele buraquinho que tem no meio da barriga? Ou o que é que cai do recém nascido com sete dias?

90) PESCOÇO

Como se chama esta parte aqui (mostrar pescoço)?

91) GRAMPO

O que as mulheres usam para prender os bobes no cabelo? Ou o que a gente põe no grampeador para grampear papéis?

92) CORAJOSO

Um homem que tem muita coragem _____?

93) LENÇO

O que as mulheres usam amarrado na cabeça ou em volta do pescoço para dar um charme?

94) DESEJO

Quando uma mulher grávida sente uma vontade muito grande de comer alguma coisa, dizemos que ela está com _____?

95) ESTOJO

O que normalmente se utiliza na escola para colocar lápis, borracha, caneta, régua etc?

96) PERFUME

O que se põe no corpo para ficar cheiroso?

97) MENINO

Quando nasce uma criança e não é menina é o quê?

98) PRIMO

O que você é do filho/a de seu tio/tia?

99) FILHO(S)

Na ausência dos pais quem recebe a herança?

100) BEZERRO

O filhote da vaca é um _____

101) EMPREGO

Para trabalhar e ganhar dinheiro é preciso procurar o quê? Quando uma pessoa foi mandada embora ela perdeu o quê?

102) PEDAÇO

Quando uma pessoa parte o bolo todo para comer, como chama cada fatia?

103) CHEFE

Há homens e mulheres que chefiam, no caso, se é um homem, ele é o quê?

104) NOVO

Quando a gente acaba de comprar um livro, dizemos que esse livro é _____

105) GREVE

Que nome se dá ao ato dos trabalhadores quando param de trabalhar por melhores salários?

106) RECIBO

Como se chama aquele papel que você assina para provar que recebeu alguma coisa?

107) SAPATEIRO

Como chama a pessoa que conserta sapato?

108) CALO

Se você usar um sapato muito apertado, como se chama aquela bolha de água que aparece no seu pé no outro dia?

109) GOLEIRO

Como se chama o profissional que fica no gol, durante uma partida de futebol?

110) CARRO

Como chama o veículo motorizado que possui rodas e serve para transporte de pessoas ou coisas?

111) FOGO

O que é que se botar a mão você queima?

112) FEIXE

Como chama o amarrado que se faz com lenha pra carregar nas costas?

113) SOLDADO

Como chamam aqueles homens de farda que vivem em um quartel? (Tem o tenente, o sargento e depois, o que vem?)

114) JARRO

Como se chama aquele objeto que serve para colocar flores e enfeitar a mesa?

115) ANO

Que nome se dá ao período de Janeiro a Dezembro? Ou ao período de 12 meses?

APÊNDICE D – ROTEIRO PARA ENTREVISTAS: TEMAS**TEMAS PARA DISCURSO SEMIDIRIGIDO**

- a) Relato sobre acontecimento marcante de sua vida (fatos ocorridos na infância, casamento, namoro, nascimento de um filho, etc)
- Você se lembra de algum fato que marcou sua vida? Alguma história de família?
 - Você se lembra de como foi a festa do seu casamento?
 - Se você acertasse na loteria, faria o quê, com tanto dinheiro?
 - Você tem filhos? Como foi o nascimento de seus filhos?
- b) Comentário sobre as perguntas de televisão de que ele mais gosta.
- Você gosta de assistir televisão? O que você acha dela? Quais são seus programas preferidos? Como são os programas? Por que você gosta desses programas?
- c) Descrição de sua atividade ocupacional.
- Vamos agora conversar um pouco sobre o seu trabalho. O que você faz? Você poderia me explicar como ele é? Eu queria que você falasse tudo, tudinho.
 - Já aconteceu alguma coisa alegre ou triste no seu trabalho? Como foi?
- d) Relato de um fato de seu conhecimento (de que tenha ouvido falar, que tenha ocorrido com um amigo).
- Você se lembra de algum fato marcante que tenha ocorrido com algum amigo (conhecido, parente, vizinho) seu?

APÊNDICE E – ALGUMAS TRANSCRIÇÕES: QFF DE BOM JESUS DA LAPA

QFF – Bom Jesus da Lapa (BJL, masc., f. 1)

- | | |
|----------------------|-----------------------|
| (001) | (013) |
| – Tomate [tu'matʃ] | – Alto [¹awtʰ] |
| (002) | (014) |
| – Quiabo [ki'abu] | – Dinheiro [dʲi'erʰ] |
| (003) | (015) |
| – Gomo [¹gõmu] | – Marido [ma'ridu] |
| (004) | (016) |
| – Molha [¹moʎʰ] | – Carçoço [ka'ros] |
| (005) | (017) |
| – É o couve [¹kovʃ]? | – Cacho [¹kaʃʰ] |
| (006) | (018) |
| – Cano [¹kẽnu] | – Espelho [is'peʎu] |
| (007) | (019) |
| – Alface [aw'fas] | – Cachorro [ka'ʃohu] |
| (008) | (020) |
| – Coentro [ku'ẽtʰ]. | – Gato [¹gatʰ] |
| (009) | (021) |
| – Muito [¹mũjtu] | – Elefante [ɛle'fẽtʃ] |
| (010) | (022) |
| – Pouco [¹pokʰ] | – Sapo [¹sapʰ] |
| (011) | (023) |
| – Caro [¹karʰ] | – Rabo [¹xabʰ] |
| (012) | (024) |
| – Barato [ba'ratʰ] | – Cabo [¹kabʰ] |

APÊNDICE F – ALGUMAS TRANSCRIÇÕES: TEMAS DE MACAÚBAS

TEMAS – Macaúbas (Mac., masc., f. 2)

De alegria a gente [a'hẽt] tem muita, a gente [a'hẽt] tem muita
 a gente [a'hẽt] faz um negoço [ne'gɔs], ganha dinhêro ['dĩ'erɔ]
 a gente [a'hẽt] fica alegre [a'legɾi], né?
 fez um negoço [ne'gɔsɔ], ganhô dinhêrinho
 o concurso [kõ'kuhs] também
 no dia que me deu o resultado [xɛzu'tad]
 trabalhano [traba'lẽn]
 teve o concurso [kõ'kuhs]
 vei o povo ['pov] de fora
 o prefeito [pre'feit] fez o concurso [kõ'kuhs]
 aí tinha os nome ['nom] de quem passô
 fulano [fu'lẽn], fulano [fu'lẽn], fulano [fu'lẽn]
 a morte ['mɔht] do meu pai
 foi cigarro [si'gahɔ]
 o médico falô que foi tabagismo [taba'zizm]
 continuô fumano [fu'mẽn]
 o médico mandô ele parar um tempo ['tẽpɔ]
 ficô seis ano ['ẽn] sem fumá
 num teve ['tev] jeito ['zejt]
 fumá logo ['log] também

APÊNDICE G – ALGUMAS TRANSCRIÇÕES: QFF DE ALMENARA

QFF – Almenara (Alm., masc., f. 1)

- | | |
|------------------------|--|
| (001) | – Alto [ˈawtu], né? |
| – Tomate [tõˈmatʃ] | (014) |
| (002) | – Dinheiro [dĩˈerũ] |
| – O quiabo [kiˈabu]? | (015) |
| (003) | – Marido [maˈridu] |
| – o gomo [ˈgõmu] | (016) |
| (004) | – Caroço [kaˈros] |
| – Molhe [ˈmɔli] | (017) |
| (005) | –No cacho [ˈkaʃu], né? O cacho [ˈkaʃu] |
| – Ah, o couve [ˈkowvi] | de banana. |
| (006) | (018) |
| – Cano [ˈkɛn] | – Espelho [isˈpeɫu] |
| (007) | (019) |
| – O alface [awˈfas] | – Cachorro [kaˈʃoɦu] |
| (008) | (020) |
| – Coentro [kuˈɛtu] | – Gato [ˈgatu] |
| (009) | (021) |
| – Muito [ˈmũjtu] | – Elefante [ɛlɛˈfɛtʃi] |
| (010) | (022) |
| – Pouco [ˈpoku] ? | – Sapo [sap] |
| (011) | (023) |
| – Caro [ˈkaru] | – É o rabo [ˈxabu] né? |
| (012) | (024) ((A propósito do QFF 023)) |
| – Barato [baˈratu] | – É o cabo [ˈkab]. |
| (013) | |

APÊNDICE H – ALGUMAS TRANSCRIÇÕES: TEMAS DE ITAOBIM

TEMAS – Itaobim (Ita., fem., f. 2)

Os menino não tem respeito [res'pejt] por ninguém.
 Sofre ['sɔf], que é muito ['mũjt] cobrada, né?
 Quer que menino [mĩ'n'in] **pass**e ['pasɪ],
 quer que menino aprende e o menino [mĩ'n'in] não quer nada.
 O cachorro [ka'ʃoh] quente eles gostam muito ['mũjt], né?
 cachorro [ka'ʃoh] quente ['kɛt]
 com suco ['suk] que es gosta.
 Arroz com frango eles gosta muito ['mũjt].
 Arroz doce ['dos] também, né?(...)
 Es come ['kõm] bem.
 É menino [mĩ'n'in] mais carente [ka'rɛt],
 mas es come ['kõm] bem.
 verdura, salada de tomate [tõ'mat],
 salada de alface [aw'fasɪ]
 com tomate [tõ'mat'i], né?
 a gente entrega junto ['zũt] com o prato ['prat].
 Já dá es descascada e tirada o tampo ['tãp].
 Duzentos e poucos menino esse ano [ẽn].
 Os menino [mĩ'n'in]? Es briga.
 Começa brincano [brĩ'kɛn] termina brigano [bri'gɛn].
 Leva um pa sala, bota de castigo [kas't'ig], né?
 Eu gosto ['gɔst] da minhas criança.
 Eu tem saudade [saw'dad] quand sai...
 Quando eles encontra com a gente ['zɛt] fora da escola, eles “ô tia, ô tia...”

APÊNDICE I – CHAVE DE CODIFICAÇÃO DO GRUPO DE FATORES

VARIÁVEL DEPENDENTE

1. Presença	+
Ausência	-

VARIÁVEIS INDEPENDENTES INTERNAS

2. A vogal final

Anterior [i]	i
Posterior [u]	u

3. Consoante pré-vocálica: Modo de articulação

Oclusivas (p, b, t, d, k, g)	O
Africadas (tʃ, tʃ, dʒ, dʒ)	A
Fricativas (f, v, s, z, ʃ, ʒ, x)	F
Nasais (m, n).....	N
Tepe (r)	R
Laterais (l, λ)	L

4 Consoante pré-vocálica: Zona de articulação

Bilabiais (p, b, m)	B
Labiodentais (f, v)	3
Dento-alveolares (t, d, s, z, n, l, r).....	D
Alveopalatais (tʃ, dʒ, ʃ, ʒ, λ)	P
Velares (k, g, x)	V

5. Vogal/semivogal da sílaba antecedente

Vogais/semivogais posteriores: [u], [o], [ɔ] [w]	U
Vogais/semivogais anteriores: [i], [e], [ɛ], [j]	X
Vogal baixa, central [a]	W
Vogais/semivogais nasais posteriores [ũ], [õ]	7
Vogais/semivogais nasais anteriores [ĩ], [ẽ] [j].....	8
Vogal nasal baixa [ã]	@

6. Dimensão do vocábulo

Dissílabo	2
Trissílabo	3
Polissílabo	4

7. Classe morfológica (pela gramática tradicional)

Substantivo	S
Adjetivo + Numeral	N
Verbo	V
Advérbio	9
Pronome (substantivo + adjetivo)	P

8. Contexto fonético seguinte

Consoante	C
Vogal sem ressilabação	V
Pausa (Ausência do segmento fônico)	P

9. Tipo de questionário

Questionário fonético-fonológico	Q
Discurso semidirigido	D

VARIÁVEIS INDEPENDENTES EXTERNAS

10. Sexo

Homem	H
Mulher	M

11. Faixa etária

Faixa 1 (18 - 30 anos)	1
Faixa 2 (50 – 65 anos)	2

12. Localidade

Macaúbas	#
B J Lapa	J
